

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

MESTRADO EM LETRAS: LINGUISTICA

POR UMA NOVA CLASSIFICAÇÃO DAS LINGUAS

NEOLATINAS

- Uma Visão Metodológica -

NEWTON SABBA GUIMARÃES

Florianópolis, inverno de 1986.

Santa Catarina, Brasil.

POR UMA NOVA CLASSIFICAÇÃO DAS LINGUAS

NEOLATINAS

- Uma Visão Metodológica -

NEWTON SABBA GUIMARÃES

Florianópolis, S.C.

POR UMA NOVA CLASSIFICAÇÃO DAS LINGUAS

NEOLATINAS

- Uma Visão Metodológica -

ESTA TESE FOI JULGADA E APROVADA EM SUA FORMA FINAL
PELO PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
LINGUISTICA.

Prof. Dr. Jean-Pierre ANGENOT
Orientador

Coordenador

BANCA EXAMINADORA:
.....
.....

Agradecimentos:

Muita gente colaborou para que este ensaio que aqui apresento chegasse ao final. Escrevi para várias entidades culturais no Brasil e no Exterior. Em nossa Pátria, pouca gente respondeu, mas no Exterior a receptividade foi boa. O Ministério da Informação do Haiti enviou-me muitos documentos em crioulo, o Prof. Rauta, da Universidad Real de Salamanca, enviou algumas achegas sobre o moldávio.

Como o desejo de escrever algo sobre a classificação das línguas românicas é antigo, vali-me da colaboração de dois espanhóis ilustres, ambos meus amigos pessoais, Don Leonardo Carré Alvarellos e Don Domingo Bejiga Corzo, aquele gallego e este catalão. Lamentavelmente nenhum dos dois chegou a ver o meu trabalho concluído: estão mortos, mas a gratidão fica aqui estampada. O moço e enérgico Presidente France Elbert René forneceu-me documentos sobre o seixelhense, e o meu bom amigo Antoine J. Maduro, de Curazao, sobre o papiamento. Agradecimentos são dados também ao poeta e tradutor papiamento, Don E. R. Goilo. A correligionários da nossa Comunidade Judáica Sefardita de Manaus devo alguns documentos sobre o haqítia e o ladino, assim como ao meu filho Isaac quem me trouxe de Jerusalém textos recentes do ladino.

Nada consegui sobre o mirandês: as autoridades portuguesas às quais me dirigi fizeram ouvidos de mercador e assim não pude estender o meu trabalho ao mirandês atual. Também da República da Moldávia nada consegui, apesar de meus insistentes apelos. O Desembargador Azarias Menescal de Vascomcellos, do egrégio Tribunal de Justiça do Amazonas, presenteou-me com alguns livros muito raros, do início da classificação das línguas românicas, obras que nem existem mais.

A Profa. Marta Furlanetto, da UFSC, devo algumas sugestões, assim como aos mestres ilustres Profs. Gladstone Chaves de Melo e Silvio Elia. O Prof. Jean-Pierre Angenot, meu orientador, foi de uma bondade e paciência inencontráveis.

A todos os agradecimentos. A esses amigos e conhecidos devo muito e a sua colaboração os leitores encontrarão no que existe de bom e original. Os erros e omissões são só meus.

O Autor.

Pour la princesse, avec la pensée
dans ce qu'un grand écrivain a dit: La
félicité ne se cherche pas. (Guimarães
Rosa, Tutaméia). J'ai cherché, j'ai
chassé la félicité.

Ainsi, pour la princesse, ce rêve.

Aqueles que sempre me acompanharam em bons e maus momentos: Minha mulher Arlete e meus filhos Isaac Newton e David Alexandre.

A meu Pai.

A minha Mãe (in memoriam)

E

(In memoriam) Desembargador João Rebello Corrêa,

(In memoriam) Juiz Luiz Augusto Santa Cruz Machado,

Desembargador Oyama César Ituassú da Silva,

Prof. Gladstone Chaves de Melo,

Prof. Arthur César Ferreira Reis,

Embaixador Milton Telles Ribeiro,

Prof. Aurelio Rauta, da Universidad Real de Salamanca,

(In memoriam) Don Leandro Carré Alvarellós, da Real Academia Gallega,

(In memoriam) Don Domingo Bejiga Corzo, da Catañunha,

e, ainda, com agradecimentos especiais,

Prof.^a Dra. Maria Marta Furlanetto, pela bondade que sempre demonstrou e pelas suas gestões amáveis, e

Prof. Dr. Jean-Pierre Angenot, pela compreensão e paciência com que, aliando sabedoria e humildade, me orientou.

Para os Prof.^s Drs. José Curi e Paulino Vandresen.

O A.

Este modesto ensaio sobre
a classificação das línguas românicas
é também dedicado

IN MEMORIAM

Ao General Park Chung-hee, Presidente da República da Coreia por duas décadas e um dos maiores estadistas asiáticos deste século. Na biografia que dele escrevi, Park Chung-hee - O Reformador da Coreia (Um perfil de coragem), afirmei que a sua amizade seria sempre honrada. Esqueci, então, de dizer que além da morte. Faço-o agora, retificando. Ao Presidente Park, pois, penhor de amizade em vida e na morte, e aos nossos sonhos de um mundo melhor, livre das ameaças comunistas que envilecem e tiranizam o mundo, como me dizia em nosso último encontro, no Palácio de Ch'ong Wa Dae, algum tempo antes do cobarde complô palaciano que lhe tirou a vida e privou a Coreia do seu maior filho e o mundo de um campeão da liberdade e a nós, da Liga Mundial Anticomunista, de um leader sério, honesto e firme.

E

Ao homem que, ao mesmo tempo que me ensinava os rudimentos da língua hebraica, me fazia acreditar nos princípios eternos do Judaísmo, meu avô Mordekhai Salomon Sabbá (Marcos Salomão Sabbá), súdito marroquino, mas que amou profundamente a Pátria de seu neto. Com ele aprendi que, no coração do homem, a Ira, o Ódio, a Vingança, a Mentira, a Calúnia, o Esquecimento, não devem achar albergue. Com ele aprendi que, no Judaísmo, bem mais do que um velho grupo étnico e uma religião que persiste erga omnes, há um perene estado de alma, que faz com que jamais percamos a fé, a confiança em algo, a esperança de que coisas boas sempre virão, e que o Judeu renasce das dores e das aflições, como a fênix das cinzas. Portanto, ao meu avô, a Reb Mordekhai, o piedoso, que me fez beber da fonte eterna do Judaísmo e aplacar tantas sedes em tantos momentos da vida.

O Autor.

P a l a v r a s

à guisa de desculpas:

"Durante todo esse tempo, enquanto espera que se cumpra a vontade de Deus, dedicou-se ao estudo da Filologia Portuguesa e deixou, pelas revistas da especialidade, artigos e observações, frutos talvez não de todo pecos de seu esforço, leitura e meditação.

Reconhece de bom grado as deficiências de tudo o que tem feito e ainda fará, se puder. A Filologia é ciência difícil e complexa, pois necessita das luzes que lhe emprestam as Ciências do Homem. Por isso mergulha frequentemente na História e na Etnografia e exige meditação sobre abundante material e variada bibliografia".

Serafim da Silva Neto nos "Ensaio de Filologia Portuguesa". São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956. p. 9.

"...NÃO PUDE DEIXAR DE DESISTIR DE IR ALEM DO QUE FUI.

NO QUE AQUI DIGO HA ERROS E FALHAS? MILAGRE SERIA, SE OS NÃO HOUVESSE; FIZ O QUE PUDE E O MELHOR QUE PUDE".

Com estas palavras o conhecido linguista e filólogo, Prof. Dr. Rodrigo de Sá Nogueira , abria o seu livro "Tentativa de Explicação dos Fenómenos Fonéticos em Português".

Tomo-as emprestadas para abrir o meu modesto ensaio sobre uma tentativa também, a de reclassificar as línguas neolatinas, projeto ao qual me devotei por muito tempo.

O Autor.

RESUMO

FAZ muitos anos, desde quando despertei para o estudo da Linguística e das línguas, a questão das classificações me preocupou muito. No que concerne às línguas neolatinas, o assunto parece ainda mais grave, porquanto as discrepâncias não são pequenas.

Na Introdução a "Por uma nova classificação das línguas neolatinas : uma visão metodológica", exponho, demoradamente, as razões da escolha e a metodologia seguida.

Tudo o que diz respeito à classificação das línguas românicas parece ser muito sujeito a constantes mudanças e incertezas. Não que a Filologia Românica esteja a dar os seus primeiros passos. Não. Ela já faz parte de um estudo nobre, tradicional mesmo e que se acha em todos os currículos universitários do mundo, mas mesmo os grandes linguistas e filólogos que deram atenção ao assunto, desde os comparativistas, a quem tanto deve a Linguística, até os atuais, estão em desacordo em quais são as línguas neolatinas. Aliás, o problema é mais recuado ainda: vai às origens do romance e a uma conceituação de Vulgarlatein. O que se estende afinal por latim vulgar? Tento, en vol d'oiseau, definir o que seja o latim vulgar, partindo da imprecisão da palavra vulgar, que muitos linguistas se recusam a considerar, aceitando-a apenas porque já faz parte da tradição e não há como aliá-la da Linguística Românica. Não é ponto pacífico, nem é fácil situar o latim vulgar e chegar ao desabrochar das línguas românicas. As teorias e opiniões são muitas e discrepantes.

Nos capítulos subsequentes estudo a localização dos dialectos que seriam importantes línguas nacionais, com a formação de novos Estados na Europa, e situo, igualmente, os dialectos latinos que, não obstante tão velhos e bem formados quanto o francês, o espanhol e o italiano, por exemplo, jamais ascenderam à posição de línguas nacionais. E aqueles que são suplantados, sufocados, diria melhor, pelas línguas de grande extensão. É um sério problema da geografia linguística e da sociolinguística.

Um ponto que sempre me pareceu por demais delicado: o da diferença entre um dialecto e uma língua. As fronteiras entre ambos são pequenas, pequeníssimas e ilusórias e o linguista D. B. Gregor no seu livro "Friulan - Language and Literature" se julga impotente para delinear-las. Quando considerar um dialecto uma língua? Que critérios adotar?

Apresento, na parte que proponho uma nova classificação, critérios mais acordes com o andar do nosso tempo, amparando-me sobretudo na sociolinguística. O critério da inteligibilidade é aí discutido, sem esquecer outros, como o político, que tanto valor tem na classificação de um dialecto que se torna língua nacional.

Ao mostrar algumas classificações mais conhecidas, discuto-as, comparando-as com outras mais recentes.

Entre as línguas neolatinas, umas parecem fadadas ao desaparecimento pelo decréscimo do número de falantes, o que é de lamentar profundamente. Como fazer para manter vivas essas línguas e dialectos se os próprios nativos lhes aplicam o golpe de morte? Outras são esmagadas por línguas oficiais, de maior cultura, veículos de importantes literaturas e gozando de tradição cultural. São tópicos estudados, dentro dos estreitos limites de um ensaio como este.

A minha proposta, como toda proposta nesse sentido, não é conclusiva e a considero passível de reestudo. Este é um tipo de pesquisa que se não esgota, a bibliografia é vasta, muito vasta e os estudiosos cada vez em maior número. Nas ciências humanas, como de resto em qualquer ciência, nada é definitivo. O que hoje é atual e vibrante, pode deixar de o ser amanhã, quando novas descobertas sejam feitas. Penso particularmente no futuro dos crioulos franceses e portugueses e com a ascensão do créole sychel-lois à categoria de língua nacional, aumenta, forçosamente, o número das línguas neolatinas. Outros seguirão a mesma marcha e a classificação das línguas românicas tende a aumentar ainda mais. Depois, o próprio nacionalismo dos povos jovens, as lutas regionais, o tradicionalismo cultural, encarregar-se-ão de elevar alguns dialectos à categoria de línguas oficiais ou semi-oficiais de Estados plurilíngues.

Quem sabe, desta tentativa de classificação poderão surgir outras. Ela quer ser apenas o sacudir de um assunto e, para isso, é que juntei uma boa bibliografia em várias línguas e dialectos, muitos textos que, pela primeira vez, são mostrados no Brasil e que me foram gentilmente cedidos pelos autores, com quem me carteei. São escritores de língua gasca, de bearnês, de mirandês, de judesmo, de sutsilvan etc. A antologia no final tem um intuito pedagógico, como as gramáticas de latim de outrora, que sempre traziam no fim do volume, depois das noções de métrica e de literatura da Roma antiga, uma crestomatia representativa dos mais conhecidos autores das diferentes fases literárias. E, por elas, muito aluno de latim despertou para as belezas de uma língua rica e que possuía uma pujante literatura digna de maiores estudos...

Ao citar alguns autores nacionais e estrangeiros e mostrar algumas discrepâncias e lapsos, não quer dizer que lhe não admiremos o trabalho feito. Nem se lhes quer corrigir nada, mas, partindo do que eles fizeram, à luz de novos conceitos linguísticos, acrescentar um pouco mais. Ninguém é dono de uma classificação linguística, nem é senhor absoluto de fatos linguísticos. Todos podem trazer a sua contribuição, as suas achegas, acrescentar mais uma pedrinha ao monumento da Linguística e da Filologia Românica que crescerá sempre, mas nunca estará concluído.

As observações finais de "Por uma nova classificação das línguas neolatinas - Uma visão metodológica", podem parecer ambiciosas, mas tudo não passa de uma tentativa de reclassificação. Ou, como frisei, de uma nova visão metodológica de uma velha questão.

R E S U M E N

HACE muchos años, cuando desperté para el estudio de la Lingüística y de las lenguas, me viene preocupando la cuestión de la clasificación de las lenguas. En lo que respecta a las románicas, el asunto me parece todavía más grave, pues las discrepancias no son pequeñas.

En la Introducción a "Por uma nova classificação das línguas neolatinas : Uma visão metodológica", expuse, detenidamente, las razones de mi elección del tema y la metodología seguida.

Todo lo que dice respecto a la clasificación de las lenguas románicas parece estar sujeto a cambios constantes e incertidumbre. No es el caso que la Filología esté a dar sus primeros pasos. No es eso. Ella hace ya parte de un estudio noble, tradicional mismo y se encuentra en todos los currículos universitarios del mundo, pero aunque si los grandes lingüistas y filólogos que han dado atención al asunto, desde los días de los comparativistas, a quienes tanto les debe la Lingüística, hasta los actuales, todos parecen estar en desacuerdo cuanto a las lenguas románicas. Mejor dicho, el problema vá más allá: va a los orígenes del romance y a una difícil definición de Vulgarlatein. Qué es lo que se entiende por latín vulgar? Un poco à vol d'oiseau procuro definir lo que sea latín vulgar, partiendo de la imprecisión de la palabra vulgar, que muchos lingüistas se recusan a considerar, aceptándola no más ya que hace parte de la tradición y no hay como alejara de la Lingüística Románica. No es punto pacífico, ni es fácil situar al latín vulgar y llegarse al nacimiento de las lenguas románicas. Las teorías y opiniones son muchas y discordantes.

En los capítulos siguientes estudio la ubicación de los dialectos que serían importantes lenguas nacionales, con la formación de nuevos Estados en Europa, y estudio, asimismo, los dialectos latinos que, viejos y bien formados como el francés, el español y el italiano, por ejemplo, no han tenido la suerte de estos y no han llegado jamás a la posición de lenguas nacionales. Y estudio los que son suplantados, sofocados, diría mejor, por las lenguas de gran extensión cultural. Es un serio problema de la geografía lingüística y de la sociolingüística.

Un aspecto que me ha parecido siempre muy delicado: el de la diferencia entre un dialecto y una lengua. Las fronteras entre los dos son muy pequeñas, e ilusorias, y el lingüista D.B. Gregor en su libro "Friulan - Language and Literature" se juzga impotente para trazarlas. Cuándo podremos considerar lengua un determinado dialecto? Qué criterios adoptar?

Presento, en la parte donde propongo una nueva clasificación, criterios más adaptados con la marcha de nuestro tiempo, apoyándome sobretudo en la sociolingüística. El criterio de la inter-inteligibilidad es allí discutido, sin olvidar a los otros, como el político, que tanto valor tiene en la clasificación de un dialecto que se hace lengua nacional.

Al presentar algunas clasificaciones más conocidas, las critico comparándolas con otras más recientes.

Entre las lenguas neolatinas, algunas parecen destinadas al desaparecimiento por la disminución del número de sus hablantes, lo que es de lastimar profundamente. Cómo hacer para mantener vivas esas lenguas y dialectos si los nativos les dán el golpe de muerte? Otras son aplastadas por las lenguas oficiales, de más grande cultura, vehículos de importantes literaturas y gozando de buena tradición cultural. Son puntos estudiados dentro de los estrechos límites de un ensayo como este.

Mi propuesta, como toda propuesta en ese sentido, no es conclusiva y la considero mismo susceptible de reestudio. Este es un tipo de investigación que no se agota, la bibliografía es muy amplia y los estudiosos de la ella en número cada vez más grande. En las ciencias humanas como, de resto, en cualquier ciencia, nada es definitivo. Lo que hoy es actual y vibrante, puede dejarlo de ser mañana, cuando nuevas investigaciones sean hechas. Pienso particularmente en el futuro de los criollos franceses y portugueses, y con la ascensión del criollo seychellois à la categoría de lengua nacional, aumenta, por fuerza, el número de las lenguas románicas. Otros criollos seguirán su marcha y la clasificación de las lenguas románicas tiende a crecer todavía más. Después el nacionalismo de los pueblos jóvenes, las luchas regionales, el tradicionalismo cultural, se encargarán de elevar otros dialectos a la categoría de lenguas oficiales o semi-oficiales en Estados plurilingües.

Quien sabe, de esta tentativa de clasificación de las lenguas otras podrán surgir. Ella quiere tan solamente sacudir un asunto y, por ello he adjuntado una copiosa bibliografía en varias lenguas y dialectos, muchos textos que por primera vez son presentados en Brasil, y que me han sido bondadosamente prestados por sus autores, con quienes me escribí. Son escritores de lengua gascona, bearnesa, mirandesa, de judesmo, sutsilvan etc. La pequeña antología en el fin del volumen tiene un interés pedagógico, como las gramáticas latinas de otro tiempo que traían siempre, en el fin del volumen, después de nociones de métrica y de literatura de la Roma antigua, una crestomatía representativa de los más conocidos autores de las diferentes fases literarias. Y, por ellas, mucho alumno de latín ha despertado para las bellezas de una lengua rica y que poseía una pujante literatura digna de los mejores estudios...

Al citar a algunos autores nacionales y extranjeros y hacer patentes algunas discrepancias y errores, no quise con eso decir que no les admiramos el trabajo hecho. Ni siquiera corregirlos, pero sí partiendo de lo que han hecho, a la luz de nuevos conceptos lingüísticos, añadir un poco más. Nadie es dueño de una clasificación lingüística, ni es señor absoluto de los hechos lingüísticos. Todos pueden traer su contribución, sus apuntes, acrecentar una piedra más en el monumento de la Lingüística y de la Filología Románica, que continuará a crecer siempre, mas que nunca estará terminado.

Las observaciones finales de "Por uma nova classificação das línguas neolatinas - Uma visão metodológica", pueden parecer ambiciosas, pero todo no vá allá de una tentativa de reclasificación. O, como he subrayado, de una nueva visión metodológica de una vieja cuestión.

INDICE

| | Pág. |
|---|------|
| Agradecimentos | |
| Dedicatória | |
| Palavras à guisa de desculpas | |
| Epigrafe | |
| Resumo | |
| INTRODUÇÃO | 1. |
| CAPÍTULO I - Do latim vulgar ao romance: uma longa caminhada.. | 6. |
| 1.1. O que é afinal o latim | 7. |
| 1.2. O que é afinal o latim. Continuação | 9. |
| 1.3. O latim vulgar. Implicações de uma denominação .. | 13. |
| 1.4. Os diferentes sermones latinos e uma busca de es- clarecimento do que vem a ser o latim vulgar..... | 15. |
| 1.5. Do latim vulgar ao romance | 19. |
| Notas e referências ao Capítulo I | 25. |
| CAPÍTULO II - Como se formaram e onde se encontram as línguas neolatinas | 31. |
| 2.1. Da expansão do latim e até onde ele chegou | 32. |
| 2.2. Onde o latim ficou e de onde foi varrido | 35. |
| 2.3. Os domínios linguísticos da România | 39. |
| 2.4. Antes da geografia linguística, algumas explica- ções metodológicas | 40. |
| 2.5. Por onde andam as línguas neolatinas | 44. |
| 2.6. Línguas românicas do Oriente e do Ocidente | 46. |
| Notas e referências ao Capítulo II | 52. |
| CAPÍTULO III- Algumas classificações das línguas neolatinas ... | 59. |
| 3.1. Filólogos, gramáticos e linguistas na classifica- ção das línguas neolatinas | 60. |

| | | |
|------|---|-----|
| 3.2. | A Romanística. Do seu início às primeiras classificações | 64. |
| 3.3. | Algumas classificações das línguas românicas e seus autores | 67. |
| 3.4. | Ainda algumas classificações das línguas românicas e seus autores | 72. |
| 3.5. | Outras grandes classificações | 78. |
| 3.6. | Classificações-padrões da Romanística | 81. |
| | Notas e referências ao Capítulo III | 89. |

CAPÍTULO IV

| | | |
|-------|---|------|
| | A classificação das línguas românicas no mundo luso-brasileiro | 96. |
| 4.1. | A classificação das línguas românicas e quem as fazia no Brasil e em Portugal | 97. |
| 4.2. | João Ribeiro, a filologia românica e a classificação das línguas neolatinas | 99. |
| 4.3. | Outras classificações brasileiras | 103. |
| 4.4. | Outras classificações brasileiras: Cândido Jucá (filho) e suas contribuições | 104. |
| 4.5. | Uílio Nogueira e a teoria do menor esforço ... | 107. |
| 4.6. | Outras classificações | 109. |
| 4.7. | Um professor de segundo grau que nos dá uma excelente classificação: Herbert Palhano | 111. |
| 4.8. | Um mestre da filologia no Brasil e sua classificação: Sousa da Silveira | 114. |
| 4.9. | A classificação de Marques Leite e o grupo linguístico luso-brasílio | 115. |
| 4.10. | E, afinal, as duas grandes classificações brasileiras: Silvio Elia e Gladstone Chaves de Melo | 119. |

| | Pág. |
|---|------|
| 4.11. E, encerrando o capítulo, a rápida passagem por dois mestres portugueses ---..... | 125. |
| Notas e referências ao Capítulo IV | 129. |
| CAPITULO V Tentativa (apenas) de uma nova classificação das línguas românicas | 134. |
| 5.1. Das dificuldades de uma nova classificação..... | 135. |
| 5.2. Das dificuldades de uma nova classificação: Os critérios | 139. |
| 5.3. Tentativa de apontar novos critérios para uma no va classificação das línguas neolatinas | 140. |
| 5.4. A grande divisão das línguas românicas | 142. |
| 5.4.1. O romeno, seus dialectos e sua posição dentro da România..... | 143. |
| 5.4.2. O moldávio ou moldavo, a mais nova língua orien- tal da România | 146. |
| 5.4.3. O dalmático, a única língua românica extinta ... | 148. |
| 5.4.4. O grande idioma do Oriente românico: o italiano. | 150. |
| 5.5. As línguas românicas do Ocidente | 153. |
| 5.5.1. O grupo sardo-corso em busca de uma posição na Ro mânia | 154. |
| 5.5.2. O grupo linguístico galo-italico, uma entrada ne- cessária | 159. |
| 5.5.3. O mapa geo-linguístico do reto-romanche e suas línguas independentes | 163. |
| 5.5.4. O francês, a grande língua românica da Civiliza- ção Ocidental | 170. |
| 5.5.5. Um grupo linguístico em choque: o franco-proven- çal | 176. |
| 5.5.6. A mais importante língua românica da Idade Média e aquela que teve a mais rica literatura: a pro- vençal | 181. |

| | Pág. |
|---|------|
| 5.5.7. No domínio das langues d'Oc uma língua injustiça da: o gascão..... | 187. |
| 5.5.8. O catalão, língua-ponte | 191. |
| 5.5.9. A grande língua imperial românica :a.espanhola . | 195. |
| 5.5.10. De uma língua coretesã a apagada e discutida língua regional:..o.gelego..... | 198. |
| 5.5.11. Da pequena Lusitânia para o mundo: o português.. | 203. |
| Notas e referências ao Capítulo V | 207. |
| Addendum ao Capítulo V. | |
| As línguas românicas de segunda geração | |
| - Algumas linhas sobre os crioulos | 214. |
| 5a.1. O que são crioulos | 215. |
| 5a.2. Qual a posição de um crioulo? | 218. |
| 5a.3. Os crioulos saídos das línguas românicas | 219. |
| Notas e referências ao Addendum ao Capítulo V .. | 226. |
| E, afinal, | |
| Algumas proposições para uma nova classificação. | 227. |
| Pequena antologia, sobretudo em verso, de trechos literários na maioria das línguas neolatinas e em vários crioulos | 232. |
| Et Deo gratias | 250. |
| Bibliografia utilizada no presente trabalho | 252. |

INTRODUÇÃO

Considerações gerais sobre a
Classificação das Línguas Neolatinas.
Alguns Linguistas e Filólogos e suas
Classificações.
A Metodologia Adotada.

"... conhecer-se-á bem que não é fácil, a quem só trabalha em obras alheias, fazer coisas muito perfeitas".

Descartes in Discurso sobre o Método.
Trad. de Miguel Lemos. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1952. p. 21/22.

"Eine Klassifizierung ergibt sich aus den Faktoren der Aehnlichkeit und Verschiedenheit. Aehnliche Sprachen fasst man zu Gruppen zusammen, und der Grad der Aehnlichkeit ermöglicht eine weitere Einteilung in Unter- und Obergruppen".

Dr. Heinz Wendt in Sprachen. Frankfurt/M, Fischer Bucherei KG, 1966. p. 178.

1. Considerações gerais sobre a Classificação das Línguas Neolatinas.

Há, na Pomanística, um problema que continua sem solução: o da classificação das línguas românicas. Quantas são elas? Quantos grupos linguísticos existem dentro da România? São línguas oficiais e seus dialectos ou sistemas linguísticos? Há verdadeiramente unidade entre as línguas reto-romanches para que elas sejam consideradas como uma única língua? E o franco-provençal? Estas e muitas outras perguntas que os romanistas se fazem continuam sem resposta e ainda ficarão por muito tempo, e o problema da classificação das neolatinas persiste. Talvez persista sempre, pela própria e trágica circunstância da vida do homem sobre a terra, a sua efemeridade, o seu passar como um lampejo, mas deixando em pós si, ao lado de boas coisas muitas coisas ruins: línguas se extinguirão, outras ressurgirão, umas poucas, outras bem que nascerão mas já mais afastadas da fonte original.

O número das línguas neolatinas chega a ser mesmo uma questão pessoal do linguista. Rohlfs estudou a vida inteira as línguas pirenaicas, como ele chama, e segundo ele não apenas o catalão, mas o gascão e o aragonês, são línguas autônomas, co-dialectos entre. Sílvia Elia, por exemplo, não reconhece o franco-provençal, não obstante ser isso quase matéria pacífica na România. Outros existem que ignoram o catalão, considerando-o mero dialecto do provençal, o que é um absurdo.

Velhas formas romances estão ameaçadas de morte, sem que nada se possa fazer: o ladino ou judesmo ou judeo-espanhol é cada dia mais esquecido pelas novas gerações de israelitas, em favor do hebraico ou de línguas de maior expressão internacional. Por outro lado os diversos idiomas reto-românicos perdem terreno para o alemão, como se lê na publicação oficial "Rötoromanisch - Gegenwart und Zukunft einer gefährdeten Sprache" (Lenzburg, Verlag Sauerländer Aarau, 1974) e em outros trabalhos recentes. O meglenítico é cada dia menos falado, enquanto milhões e milhões de pessoas falam, cada vez mais, o espanhol. O português do Brasil diferencia-se no interior de nossa Pátria cada dia mais do velho tronco de onde proveio e chega a formar um idioma dentro de outro. Breve, existirão problemas de diglossia no território brasileiro. O corso está afogado pelo francês, mas em compensação surgem novas línguas românicas de segunda geração como o maurício, o haitiano, o caboverdiano, o papiaumento, o seixelhense, para só citar alguns, o último tornado em data também recente a língua oficial da República de Seixelhas. Quantas são afinal as línguas românicas?

Os critérios para considerar uma língua autônoma são muitos e isso é o que vamos ver no desenrolar dos capítulos. Se o critério literário serve para muitas, para outras já não serviria, ágrafas que são. Enquanto isso, há dialectos com velhas tradições literárias e que os linguistas se recusam a incluí-los entre as línguas independentes.

São alguns dos problemas.

2. Alguns linguistas e filólogos e suas classificações.

Acreditamos que a Romanística tem de sofrer uma revolução, que lhe dê novos fundamentos. Si Friedrich Diez et Meyer-Lübke dixerunt, pronto, acabou-se e não se pode mais bolir em nada. As suas classificações, pioneiras e importantíssimas, ninguém o duvida, trouxeram a luz para um campo sombrio, terão sem o valor da primeira descoberta, mas desde então quantos estudos, quantas novas descobertas, quantas novas tentativas já se fizeram... Por que manter a classificação das línguas românicas estritamente unida ao pensamento dos dois máximos romanistas? Sou por uma nova classificação, ainda tímida, acrescentando-se as línguas já estudadas abundantemente, com muito documento escrito e mais ou menos aceitas por todos. E o que chamaria de uma reclassificação gradual metodológica. Repulsar o caboverdiano? Por que? Já existem livros e mais livros, ele começa a fixar-se como um dia o português começou a fixar-se.

São passadas em revista muitas classificações desde as dos primeiros romanistas até os mais modernos no Brasil. Estudamo-las com paciência em confronto com os trabalhos pioneiros e com as obras consagradas dos romanistas alemães.

Não se pense que classificar é apenas elencar. É uma questão muito séria e que requer muitos estudos, por vezes anos a fio. Como classificar uma língua românica?

E Greimas no seu Semiótica e Ciências Sociais (São Paulo, Editora Cultrix, 1981, p. 55) quem comenta:

"... sabemos que um dos critérios científicos principais, geralmente utilizado para dividir a latinitude em România Ocidental e România Oriental, é o critério morfológico: os dois modos distintos da formação do plural. No domínio galo-romano, a divisão das línguas faladas na Gália em langue d'oc e langue d'oïl baseia-se num critério fonético, ou seja, na oposição de a e e em sílabas acentuadas livres (canta vs chanter). Percebe-se que tais critérios são concepções atomistas, e que eles não estão situados no mesmo nível da estrutura linguística".

E sugere que se considere uma nova taxinomia e que se estudem novos critérios e categorias discriminatórias, além de se não poder desprezar a questão da área cultural. Seria a aplicação da sociologia das línguas, como Greimas insiste, mas não que da sociolinguística.

Há mil e mil critérios e nenhum linguista, por mais ortodoxo que seja, pode apegar-se a apenas um para tentar classificar as línguas românicas, ou quaisquer outras famílias de línguas, especialmente se elas têm sido muito estudadas e devassadas através dos séculos.

Greimas fala ainda do critério do sentimento linguístico (p. 54 da op. cit.).

Esse parece ter sido efetivamente muito forte. Um galego não dirá por exemplo que fala português, como um eslovaco não dirá que fala the ou um flamengo que fala holandês. Há um sentimento linguístico inato em cada falante, mesmo que se abstraia da questão do nacionalismo político, do apego à pátria, dos orgulhos e pruridos de raça e civilização: o Sentimento linguístico das mais fortes manifestações do homem.

São muitos os linguistas e filólogos estrangeiros e nacionais cujas classificações comentamos no primeiro, segundo, terceiro e quarto capítulos, se bem que sem mais detença para não fugirmos aos limites de uma dissertação. Notas são apenas a cada capítulo, com indicação precisa de tudo.

Também não discutimos se este ou aquele critério é o mais certo. Comentamos e fazemos indicações. Diga-se de passagem, nenhum grande linguista usou apenas um critério, se bem que a grande parte deles tenha manifestado simpatia pelo literário, influência, quicá, dos dias de Friedrich Diez, uma visão romântica de então e que prevaleceria. Mas há outros, inclusive a vontade do povo, essa Volkswillens tão invocadas pelos alemães.

3. A nossa proposição.

É antes uma proposição modesta, sem tentar praticamente épater le bourgeois. Desejamos apenas mostrar as discrepâncias dos autores no que concerne à classificação das línguas neolatinas. Muitas línguas têm sido detidamente estudadas no correr destes anos todos, desde os dias de Diez e de Meyer-Lübke. Há muita fundamentação teórica sustentada pelos linguistas modernos para que se considere o gascão, por exemplo, uma língua autônoma e não dialecto do provençal. O Governo das Seixelhas determina que uma comissão de linguistas estude o seixelhense, fixe-lhe a ortografia e faça uma gramática expositiva a uso dos alunos secundários, e torna-o depois a língua oficial do país, em substituição ao inglês e ao francês. Qual o critério adotado? Evidentemente o político, o nacionalístico, mas é bom que se pense que toda a população falava correntemente o seixelhense e escrevia o francês, quando escrevia, e que a inteligibilidade entre um falante de francês e um do créole era impraticável. O galego ostenta hoje uma literatura que cobre todos os campos da atividade intelectual e está reconhecido como língua regional. Na Gasconha publicam-se livros em gascão, há um teatro atuante nessa língua e o Estado o reconheceu como "langue régionale", por que tentar ignorá-lo em uma classificação moderna? O Moldavo é a língua oficial da Moldávia, uma república socialista dentro da URSS, os livros publicam-se nessa língua que, cada vez mais, se distancia do romeno, por que ignorar esse fato? Não quebra uma unidade que não é mais.

Assim, incluímos apenas as línguas sobre que já não há discussão nem dúvida. Queríamos poder levar adiante os estudos sobre o haítiano, esse velho espanhol levado para o Marrocos e Argélia e lá aguçado de árabe e bérbere.

mas encontrei bem poucos documentos a respeito, salvo um livro de difusão escrito por Abraham R. Bentes, Os Sefardim e a Hakitia (2a. ed., do autor, publicado por Mitograph Ed., em Belém, 1981), mas não é obra de linguista e não fornece os elementos de que se precisa para um trabalho de responsabilidade. Depois, o hakitia está a desaparecer e cada vez menos os judeus sefarditas marroquinos o falam, e com isso a dificuldade em se encontrarem documentos, torna-se ainda mais difícil-se fazer um estudo de pesquisa à distância.

A nossa modesta contribuição pois, essa Por uma Nova Classificação das Línguas Neolatinas - Uma visão metodológica, pretende sugerir algo, a busca de novos materiais e o interesse para o assunto apresenta uma boa bibliografia e sobretudo a vontade de se fazer algo que, se não é de aplicação prática serve para manter aceso o interesse pela România, que abandonamos em favor de novas preocupações. Por isso preferimos não falar de conclusões finais, mas de observações finais. O assunto não se esgota, nenhum assunto jamais se esgota por mais que a pretensão de alguns assim o pense. Quantas são as línguas românicas, perguntar-se-á ainda daqui a um século. E é Greimas, na sua obra citada (p. 54), quem nos dá uma resposta:

"Os linguistas não chegam a um acordo, por exemplo, quanto ao número de línguas românicas que a latini-
dade comporta; nesse caso, as diferenças de opinião
são consideráveis, indo de cinco a cinquenta e seis
(Klaus Heger). Deve-se dizer, aliás, que as autoridades administrativas também não compreendem o problema".

4. A metodologia adotada

É um trabalho de pesquisa bibliográfica apenas, um trabalho de gabinete, de consulta a muitas obras nacionais e estrangeiras e consultas e eventuais a eminentes linguistas, como Gladstone Chaves de Melo e Silvio Elia no Brasil; Dr. Aurelio Rauta para o romeno e o moldávio, Don Leandro Carré (muitos anos atrás), para o galego, além de consulta a universidades estrangeiras e mesmo ao Ministério da Educação do Haiti para o créole haitien, Ministério da Informação para o créole seychellois (que logo responderam), para o Ministério da Educação de Cabo Verde sobre o caboverdiano (que não respondeu) e outros órgãos e entidades como a Ligia Romontscha, que foi pródiga em dados e documentos sobre as línguas do grupo reto-romanche.

Uma paciente pesquisa seguindo-se por vários anos, cotejando livros, dados esparsos, estatísticas (estas envelheceram e não mais serviram), revistas e jornais. Conseguimos muita coisa, algumas realmente curiosas e interessantes, outras sem grande valor, o óbvio sobre o óbvio. Mas houve um retorno aos prazeres da Filologia, hoje tão abandonada, e da Linguística, pois não as concebemos separadas.

Enfim, um trabalho, modesto sim, mas bem intencionado em que a Filologia e Linguística caminharam de mãos dadas até às observações finais.

- C A P I T U L O - I -

DO LATIM VULGAR AO ROMANCE: UMA LONGA CAMINHADA

Problemas de Conceituação

"El latín vulgar es el latín vivo, el lenguaje que se hablaba espontáneamente, como vernáculo, en la vida ordinaria".

Grandgent, C.H. Introducción al Latín Vulgar. Trad. de Francisco de B. Moll. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952. p. 2.

"În urma celor arătate mai sus, latina vulgară poate fi definită ca un ansamblu de tendințe ale limbii vorbite, realizate, în timp și spațiu, după împrejurări: ea apare ca o limbă omogenă, foarte apropiată de limba oglindită în inscripțiile din epoca imperială".

Bossetti, Al. Istoria limbii Române. I. De la origini până în secolul al XVII-lea. Bucurește, Editura Științifică și Enciclopedică, 1978. p. 90.

1.1. O que é afinal o latim

Tem-se escrito muito sobre o latim vulgar e a sua importância na formação de novas línguas, suas continuações sob outras vestimentas. E o assunto parece inesgotável pois quanto mais se escreve, mais matéria a ser estudada surge. A começar da denominação, que muitos linguistas e filólogos não aceitam facilmente.

Existe algo de fantástico no nascimento, desenvolvimento e esplendor dessa língua que nada mais era do que uma entre tantas línguas itálicas. As línguas, como os povos, parecem ter um destino, algumas vezes brilhante e glorioso, outras medíocre e obscuro. Quando aquele povo de pastores e labregos que formavam dois grupos distintos, os úmbrios-sabélicos e os latinos, viviam na Itália central entre os etruscos e os gregos, estes tinham uma civilização muito adiantada e que ainda hoje causa admiração entre os estudiosos. As buscas arqueológicas, as fantásticas descobertas, as inscrições deixadas por povos que, mais tarde sumiram, deixando o campo livre à expansão latina, mostram que esses povos falavam línguas eudoeuropéias, se bem que existam dúvidas quanto ao etrusco, que linguistas de nomeada como Pauli, Schaefer e Bréal que o neguem, consoante lição de Oreste Nazari, que dedicou excelente obra aos dialectos itálicos.¹

Mesmo a denominação desses grupos linguísticos é sujeita a contradições e infundáveis discussões. O romanista Albert Malet, que foi agregado de história do Liceu Louis le Grand, na boa história resumida de Roma, ao descrever a região e os primitivos habitantes, diz que os primeiros invasores teriam sido os galos ou gauleses, procedentes do centro da Europa e constituíram o que se chamou de Gália Cisalpina. Ao sul desta, ficaram os etruscos, "pueblo misterioso cuya raza no es tan desconocida como la lengua que hablaban", diz Malet.² Na Campânia, na Calábria e na Sicília, ficaram os gregos que teriam vindo do Egeu. Os úmbrios-sabélicos e os latinos ficavam no centro. Todos esses povos, com exceção do etrusco sobre o qual pairam dúvidas, falavam dialectos itálicos. A dificuldade começa da denominação desses dialectos, porquanto alguns linguistas preferem falar de dialectos latinos, de uma parte, entre os quais se sobressai o falisco, e de dialectos osco-úmbricos de outra. Entre estes, haveria um grupo mais próximo do osco, que eram o marsio, o pelinho, o marrucino, o vestino, o sabino, o piceno etc. e que se chamariam de dialectos sabélicos, daí a denominação que alguns dão de dialectos úmbrios-sabélicos para o todo; já o volsco seria mais afim ao umbro. Eram muitos e muitos povos, pequenas agrupações que usavam muitíssimos dialectos e línguas e que seriam, mais tarde, já no tempo de Varrão (primeira metade do século primeiro antes de Cristo), engolidos pelo latim.

Linguistas alemães, como Friedrich Stolz e Albert Debrunner

na sua sempre mencionada e estudada obra "Geschichte der lateinischen Sprache" ³, preferem a denominação de latino-falisco para um grupo, e de osco-úmbrico para o outro, que é a mesma seguida por outro grande linguista, Hans Krahe, para quem

"Das sog. Italische ist die bedeutendste idg. Sprachengruppe der Appenninhalbinsel. In ihr pflegt man zwei sich in manchen Punkten recht nahestehende, in anderen aber auch stark voneinander abweichende Komplexe von Dialekten zusammenzufassen: einerseits das Latino-Faliskische, andererseits das Oskisch-Umbrische" - in Hans Krahe "Indogermanische Sprachwissenschaft", tomo I 5a. ed. Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1966. p. 19/20.

Esta denominação bipartite de dialectos faz-se sempre presente, isto é, todos os linguistas falam de dois grandes grupos de dialectos itálicos, mas não é, como tentamos mostrar, coincidente. P. Kretschmer, outro excelente romanista, admite que havia, efetivamente, distinção entre os dois grupos, daí a divisão metodológica, mas já não dá primazia ao osco ao denominar o primeiro grupo, mas vai aos dialectos sabêlicos, que ele une em um grande grupo umbro-sabêlico, dentro do qual se acharia o osco, enquanto que o outro grupo seria formado dos dialectos latino-faliscos.⁴ Kretschmer, ainda adotando uma denominação diferente da de Stolz na sua obra citada, segue-lhe as pegadas ao estudar rapidamente os mais importantes dialectos de ambos grupos, as que deixaram traços em inscrições, e discute se o samnita pertencia ao mesmo grupo que o osco.

De qualquer maneira, as diferenças entre os grupos citados eram muito importantes, bem maiores do que as existentes entre os diferentes dialectos gregos, como acentua Kretschmer.⁵ E também não padece dúvidas que todos eles eram da grande família indo-européia. E apesar de sua pequena extensão, esses dialectos itálicos, por sua vez, se subdividiam em outros dialectos, como os chama o mesmo Kretschmer, ou em diversos falares, como preferem outros, ou variações dialectais. O osco, por exemplo, possuiu vários, que desapareceram para "deixar passo à língua escrita".⁶ Este, pode ser considerado como o mais importante dialecto itálico depois do latim e o que persistiu mais tempo e foi mesmo falado em Pompéia até à destruição da cidade, no ano de 79 depois de Cristo, lembra Oreste Nazari. Contudo, ele desaparecera do uso oficial muito antes.

Os alfabetos usados eram derivados do grego e, com exceção do latino, eram escritos da direita à esquerda, como os idiomas semíticos.

Influência do púnico?

1.2. O que é afinal o latim. Continuação.

Vimos anteriormente que o latim era um dos dialectos itálicos e estava muito próximo do falisco. Estes por sua vez faziam parte de uma gigantesca família de línguas, oriundas de um hipotético tronco proto-indoeuropeu e que, por questões também de metodologia vem sendo dividida pela linguística em dois grandes grupos, e ainda tradicionalmente adotada: o grupo Satem, ao qual se ligariam as línguas eslavas, as bálticas, o albanês, o armênio, o iraniano, o indiano, o frigio, o trácio; e o grupo Kentum, constituído das línguas novilatinas, das germânicas, das línguas célticas, do grego, do ~~do~~ cário, do ilírio, do hitita. Na boa introdução à sua "Grammatik der polnischen Sprache", V. Falkenhahn e W. Zielke, assim explicam essa denominação:

"Die indoeuropäischen Sprachen werden in zwei grosse Gruppen - in die K e n t u m- und die S a t e m Sprachen eingeteilt. Diese Bezeichnungen kommen vom Worte fuer die Zahl 100, das im Lateinischen (eine Kentum Sprache) "centum" (spricht: "Kentum") lautete, im Altpersischen (eine Satem Sprache) aber "satem" - op. cit. p. 10.

Não era nem mais importante nem menos dos que os outros dialectos, mas graças ao seu povo trabalhador, forte, animoso, estava fadado o latim a vir a ser uma das línguas mais importantes da História da nossa civilização ocidental, deixando marcas que perdurarão enquanto existir o homem sobre a terra e dando origem a outras línguas, cuja classificação é o objeto deste ensaio.

O dialecto de Roma, dos rudes camponeses do Lácio, para repetir Malet ⁸, tinha um destino brilhante e, apenas alguns anos depois do estabelecimento da Realeza, começa a sua expansão, com as guerras e conseqüentes vitórias sobre os demais povos circunvizinhos de que Flávio Eutrópio, com uma vaidade algo ingênua, nos dá notícia no seu pequeno e celeberrimo "Breviarium Historiae Romanae, ab urbe condita usque ad Valentem et Valentinianum Augustos".⁹ Os romanos gostavam de guerrear, tinham muita fibra e tenacidade, provaram ser trabalhadores incansáveis e soldados valentes, indiferentes ao mau tempo, às dores, às provações. Tinham entranhado amor pela propriedade, que defendiam de todos os modos. Malet, a quem seguimos neste passo, tece-lhes grandes elogios.¹⁰

Com a expansão territorial, o latim enriquecia e avançava, completando a obra civilizadora dos romanos. Exercia também o seu império. Mais duradouro, mais penetrante.

É um fenômeno que tem acompanhado os povos imperiais e que, através das armas, impõem uma língua e uma cultura superior a povos dominados. Não basta que esses dominadores tenham a supremacia das armas para que imponham a sua língua: os mongóis, guerreiros por excelência, não lograram impor a sua língua aos povos vencidos, nem o fizeram mais tarde os seus herdeiros, os turcos, que dominaram extensas porções de terra sem, contudo, implantarem a sua língua, salvo ao norte de Chipre e em ilhotas linguísticas. Para que os vencidos adotem a língua do vencedor também não basta a superioridade cultural: os persas tinham uma adiantada civilização e a língua persa não conseguiu impor-se nos vastos territórios, satrapias e reinos vassalos. Os romanos, porém, como os gregos e, nos tempos modernos, os ingleses e franceses e espanhóis e portugueses, fincaram os estaios de romanização que perduraria, embora sob nova roupagem. Miscigenizavam-se com os povos vencidos, fascinavam-nos com o prestígio e o encanto de uma cultura muito avançada e uma língua já estabelecida e fixada.

Subjuga os povos itálicos e depois parte para maiores conquistas que chegam à África do Norte, Ásia e boa parte da Europa. Domina a Grécia mas, curiosamente, ficaria para sempre como sua serva cultural: as luzes da civilização helênica aluminiariam os orgulhosos senhores do mundo.

Alguns autores falam dessa influência latina pelo fato de ter sido a latina a única língua literária, aquela que chegou a um alto estágio de desenvolvimento literário e, por isso mesmo, capaz de influenciar decididamente os povos dominados. Acontece porém que os outros povos itálicos não chegaram a desenvolver as suas línguas próprias uma vez que foram dominados pelo expansionismo romano e anexados com violência por esse império que aos poucos se constituía. É bem provável que se as tribos que falavam o osco, por exemplo, tivessem tido a mesma tendência expansionista e tivessem tido tempo, a sua língua teria tido grande significado na península. Ora, o etrusco chegou a expandir-se, mas foi sustado pelo avanço dos romanos, e também pelas suas sérias desordens internas. O que nos chegou dos etruscos mostra que eles eram um povo de requintado gosto artístico, com muita sensibilidade para a escultura e que procuravam cultivar o mais que podiam a sua língua. Há espécimens de escultura etrusca que, até hoje, causam admiração e que deixam imaginar o que eles não teriam sido nos seguintes séculos se a estrela bética dos romanos não tem brilhado como brilhou.

Foi, na verdade, o arrojo e a belicosidade dos romanos que fez do latim uma língua imperial, o que fez com que um notável linguista moderno, Joshua Whatmough, comentasse a esse respeito:

"A very minor dialect of Indo-European, that of a small community settled not far from the mouth of the river Tiber at the city Rome and in its immediate vicinity, was spread, mainly by conquest, over large parts of Europe where, particularly in the west, it took permanent root and survives to this day" - auct. cit. in "Language - a modern

synthesis", New York, Mentor Books, 1 957. p.30.

Os grifos são nossos.

Não existe língua que seja superior, rica ou mais apta do que outras. Existe sim a aptidão de seus falantes em usarem-na convenientemente, enriquecendo-lhe o léxico, utilizando-a em suas manifestações literárias e dando-lhe prestígio que a torne estudada por outros. Ponha-se alguém a cultivar pacientemente um dialecto perdido entre as tribos saarianas, use-o e nele vaze as suas manifestações literárias, deixando e sugerindo que outros façam o mesmo, e, em algumas gerações, ele será rico, maleável, plástico, altamente refinado. Na história da linguística existem muitíssimos exemplos, não apenas o do grego e o do latim, mas, ainda em data recentíssima e bem próxima dos nossos dias, o exemplo do africâs (Afrikaans), que, de uma kitchen language, como era por ironia denominada pelos ingleses, se tornou uma fabulosa língua literária e o principal veículo de comunicação de uma nação forte e rica no continente africano e que tenta sobreviver e manter a sua civilização erga omnes, apesar da adversidade.

Tomando a Grécia como paradigma, os romanos, que não tinham a sensibilidade literária dos gregos, nem chegariam jamais a cultivar a filosofia e as belas letras como aqueles, foram, aos poucos, enriquecendo a sua língua. Ela se tornava o meio de comunicação de uma imensa e bem organizada máquina burocrática, que se estendia por muitos territórios onde se falavam inúmeras línguas e dialectos e que o latim, colocado em sua posição oficial, unia sob a égide de Roma, como ensina Charles Seignobos na sua "Histoire de la Civilisation Ancienne".¹¹ Para esse historiador, cuja erudição e imparcialidade no julgar os fatos históricos merecem respeito, a literatura latina como que se aproveita das conquistas de Roma e a língua latina vai suplantando todas as demais línguas do império.¹² Os novos vassallos esquecem as suas muitas línguas em favor da latina, o que não é muito exato. Houve casos e, muitos, em que o latim conviveu lado a lado com outras línguas, como os houve também em que o latim passou quase sem deixar traços, tão logo o império desmoronou.

Seja como for, o prestígio dos romanos impunha-se aos povos vencidos e conquistados não apenas pela força das armas, que era o primário, "mas que abarcava todos os traços da civilização helênica, que eles transpuseram e adaptaram", lembra Serafim da Silva Neto, em sua erudita "História da Língua Portuguesa",¹³ um dos maiores monumentos da filologia portuguesa em todos os tempos.

O prestígio guerreiro, a extraordinária organização administrativa, o corpo burocrático que era mandado às terras conquistadas, a cultura romana em suas muitas manifestações, os casamentos mistos, tudo fazia com que o latim fosse cultivado nessas áreas, usado como língua escrita e língua de Estado, e até mesmo utilizado como meio de ascensão das elites que existiam nesses países e que, por admiração ou interesses, se romanizavam mais ou menos profundamente.

Não cabe aqui discutir aspectos da língua latina erudita, aquela que os poetas e prosadores utilizavam e que fazem ainda o encanto dos latinistas, pois essa era uma língua sistematizada, como dizem os estudiosos do latim clássico, uma língua obediente às regras da gramática e que, sobretudo entre os filólogos alemães, é conhecida por das vornehme Latein, o latim refinado, o latim fino. O estudo e cultivo deste latim dava muito prestígio intelectual a quem o possuía, mas era, a bem dizer, uma língua artificial, fria e monolítica, bem distinta da outra forma, a viva, aquela que se transformava na boca de seus falantes, não somente na capital do Império, mas nas províncias e que ia sofrendo cada vez mais maiores influências, que alterava não apenas o léxico, que se enriquecia de novas contribuições, mas até mesmo a morfologia, que tinha abrandada a rigidez de sua sintaxe. É essa a que nos interessa particularmente, pois dela saíam as chamadas línguas românicas.

Esse outro latim, porém, tem dado origem a muita controvérsia pois não se tem chegado até hoje a uma conceituação preciso do que seja o latim dito vulgar. Nem sequer a denominação é pacificamente aceita e muitos linguistas ilustres se insurgem contra a denominação, pela sua imprecisão, assim como pelas conotações que traz consigo e que não respondem à realidade linguística. O que seria, afinal, o latim vulgar? Havia muitas formas de latim? Quantos tipos de latim eram usados, em Roma e nas diversas províncias imperiais? Pode-se falar de uma língua latina ou são muitas, mais ou menos distintas umas das outras?

Acredito que, por uma simples questão metodológica, têm os linguistas insistido com a denominação latim vulgar, dando a idéia de que existiam dois latins, um clássico ou escrito e outro coloquial. Mas a confusão, infelizmente, não fica nessa divisão simplista e vai bem mais além, pois a seguir se fala de um latim bárbaro, de um latim plebeu. Há os que falam de latim litúrgico e assim ad infinitum e toda essa complexa distinção das falas ou falares do latim, dá uma idéia errada de que existiam várias línguas latinas, verdadeiros co-dialectos de um tronco comum, o que não é verdade, nem tem fundamentação linguística. Trata-se, sim, de uma tentativa de exposição metodológica, possivelmente com o intuito de facilitar a compreensão de um assunto difícil, mas que, no fim das contas, vem tornar ainda mais complexa a exposição, especialmente quando se pergunta:

- O que era o latim?

Ou, então:

- De onde saiu a língua portuguesa?

Ou, tout court:

- O que era o latim vulgar?

São algumas questões que pretendemos, mesmo a vol d'oiseau, aclarar antes de passarmos às línguas novilatinas e sua complexíssima classificação, essa classificação que vem perturbando os linguistas, que fez com que filólogos escrevessem rios de artigos e que, diga-se logo, jamais foi questão pacífica no vasto campo da Linguística Românica. E talvez não o venha ser tão cedo.

Incorre, igualmente, em caturrice purística ao insistir na correção gramatical como um fato linguístico, posição hoje não mais seguida pela Linguística.

Contudo, Carlo Battisti adiantou-se a outros linguistas ao combater com severidade a denominação de latim vulgar e discutindo de modo brilhante a grande divisão dicotômica no latim: a língua literária e a língua falada, o que me parece um ponto de partida bem mais importante do que rotulações que podem ser uma facilitação metodológica, mas não são certamente muito precisas. O capítulo que ele dedica ao assunto é excelente sob todos os prismas (p. 20-23), para chegar a uma observação valiosa ao combater a expressão latim vulgar:

"In senso più ristretto, nell'uso del vocabolo nei manuali di filologia romanza, con "latino volgare" s'intende l'ultimo stadio unitario del latino parlato durante la crisi evolutiva che portò al passaggio al neolatino delle lingue romanze. Ma tale corrente, anche se si rafforza negli ultimi secoli dell'impero, matura in un lungo periodo di tempo, durante il quale agì il freno ritardatore della lingua ufficiale a carattere puristico e grammaticale, senza però che questo riuscisse a stroncare le tendenze evolutive della lingua parlata che affiorano particolarmente nel lessico e nella sintassi in conseguenza del livellamento di significati e di funzioni affini" - op. cit. p. 23.

A discussão é interminável e isso porque se continua e sempre a opor vulgar a clássico, como se aquela fosse um falar descuidado e de gente inculta, de colonos recém-dominados pelas armas romanas. A mais inteligente tentativa de explicação do problema é justamente a que opõe língua falada, ou coloquial, à língua escrita ou erudita, ou ainda língua literária, como preferem outros, entre eles Alecsandru Rosetti na sua obra monumental "Istoria Limbii Române - I: De la origini până în secolul al XVII-lea",¹⁷ que discutindo a opinião de A. Ernout, ensina que "vulgar se opune limbii literaturii beletristice".¹⁸ Rosetti prefere falar de língua latina de conversação corrente ou "latina vorbita", isto é, latina falada, e que equivaleria ao alemão Umgangssprache, em oposição a língua escrita, e condena a denominação de vulgar, porque "poate induce în eroare asupra caracterelor acestei limbi".¹⁹ Vale a pena a leitura desse linguista no que tange à língua latina vulgar por quanto ele nos traz uma grande cópia de informação e discute a questão, igualmente debatida, da falta de unicidade da língua vulgar, vez que, seja ela chamada de vulgar, popular, falada ou de conversação corrente, "cuprinde deci o serie de variații, potrivit împrejurărilor. De fapt, nu există texte scrise

in latina vulgară si nici autori care să fi scris în mod constient în latina vulgară; există numai texte latinestificare contin vulgarisme".²⁰

O mais importante para o linguista é saber situar bem a questão e evitar uma confusão que poderá ser nociva para um bom entendimento das origens neolatinas. Retenha-se, pois, que não existia uma língua latina vulgar, nem ninguém escrevia em latim vulgar uniformemente e os textos que chegaram até nós mostram uma grande mobilidade e que redundaria no aparecimento dos romances, mais tarde línguas românicas.

Contudo, se a oposição língua falada - língua escrita parece a mais coerente e que serviria melhor do que a de latim vulgar, como muito bem acentua Rosetti, não se pode ir contra uma tradição da filologia românica fortemente assentada nos arraiais da linguística européia. O melhor rumo metodológico é justamente o de tentar definir com cuidado os diferentes termos, para que se não façam as confusões apontadas pelos linguistas que não aceitam a denominação de latim vulgar.

1.4. Os diferentes sermones latinos e uma busca de esclarecimento do que vem a ser o latim vulgar.

Não é possível reconstruir o que fosse latim vulgar a partir das línguas românicas. Seria uma empresa quimérica, afirmou algures A. Ernout, citado por Rosetti.²¹ Não se pode falar também de uma unidade do latim vulgar: a sua mobilidade e o fato de ser falado por pessoas de diferentes níveis e lugares já são o bastante para que não existisse uma unidade lexical ou fonética. Por certo as influências regionais se fariam presentes e a maior prova dessas divergências são as línguas neolatinas. Os textos que chegaram até nós mostram essa diversidade e quando muito servem para que se tenha uma idéia de como era aquela língua e de quão dinâmica a sua evolução. Há hipóteses sobre esse proto-romance, mas isso não quer dizer que se possa fazer uma reconstituição.

Um erudito americano, C.H. Grandgent, que foi professor de Línguas Românicas na Universidade de Harvard, tentou uma amostragem do que seria o latim vulgar na sua obra "Introducción al Latín Vulgar",²² publicada em 1907 e que teve muita voga então. Ele tenta uma cronologia do latim vulgar, desde o avanço das conquistas romanas até o surgimento dos romances. Também ele procura dar uma explicação do que fosse o latim vulgar, que considera como "el lenguaje de las clases medias tal como se deriva del antiguo latín clásico".²³ E acrescenta:

"No es un vástago independiente del latín arcaico: no continua el sistema vocálico primitivo, sino el clásico; ni es el dialecto de los barrios bajos o de los campos: los gramáticos nos hablan de no pocos vulgarismos urbanos y rústicos que no se han

perpetuado en las lenguas románicas. Es distinto de la expresión estudiadamente pulida de la sociedad culta, del dialecto descuidado de los campesinos y de la jerga de los barrios bajos, aunque de todo ello participa" - op. cit. p. 20.

Como se pode notar, para Grandgent o latim vulgar era próprio da classe média, e isso quer dizer que tanto poderia ser falado por um habitante das cidades como dos campos, mas não se confundia com o falar dos camponeses, nem a jirja dos bairros pobres de Roma. A sua postura difere, portanto, da inicialmente citada de Carlo Battisti e também da posição assumida por Rosetti. Em um ponto porém eles estão de acordo, é que o latim vulgar se opunha ao latim literário, essa língua altamente artificial que, nos últimos anos da República e nos primeiros do Império, se separa mais e mais da linguagem usual. Mas o autor se esquece de dizer que essa língua culta e artificial não era falada e sim sempre escrita. Para bem dominá-la, era preciso que fosse cultivada desde muito cedo, alertava Cícero. É possível que as mais altas classes, a aristocracia, a nobreza e a alta administração, falassem um latim mais cuidado, evitando-se os peregrinismos, os barbarismos, as influências da linguagem dos muitos povos que formavam o Império Romano, mas não que falassem o latim qual o lemos nas obras de Cícero e outros clássicos.

Já o latim vulgar é o latim vivo, aquele que se falava. Mesmo um escritor como Tácito ou um poeta como Vergílio sem dúvidas que o falaria no recesso do seu lar ou com pessoas amigas, ou nas ruas de Roma. E neste aspecto o latim vulgar se afasta do latim baixo, com o que muitos fazem confusão. Este é posterior ao latim vulgar e jamais foi falado e não teve continuador: era apenas a língua dos doutos medievais, dos escritores que, através do latim, tinham um veículo de comunicação universal e que, na medida do possível seguia as regras do latim clássico, mas deixando ressurgirem cá e lá os vulgarismos do romance, isto é, as marcas das novas línguas em embrião. O baixo latim coincide pois com o surgimento do romance, e era, é bom repetir, uma língua escrita.

Pode-se considerar o latim vulgar como um latim plebeu?

Esta é outra das confusões geralmente feitas pelos estudiosos e que merece reparo.

Nem tampouco se pode misturar as expressões latim bárbaro e latim vulgar. Aqui, novamente, há uma grande distância no tempo e a célebre oposição dicotômica, latim falado e latim escrito. O latim bárbaro era também um latim escrito, o dos tabeliães, dos documentos jurídicos feitos pelos funcionários da Justiça e que, sendo muita vez nativo de terras onde o latim não era a língua da população, aprendia-o imperfeitamente e ao escrevê-lo, com sintaxe incorreta, salpicava-o de termos alheios à boa cepa latina. Não se confunde com o baixo latim, que era um latim de doutos, "el latín que escribían los doctos medievales siguiendo las reglas del latín clásico, pero dejando escapar numerosos vulgarismos", consoante lição de Víctor José Herrero.²⁴ É anterior ao baixo latim.

O prof. Artur de Almeida Torres nos "Estudos Linguísticos"²⁵ define o latim bárbaro como a "língua usada pelos tabeliões (sic), nos documentos oficiais: "Era um latim não só estropiado, mas também mesclado de palavras e expressões da língua falada!"²⁶

Se se houve muito bem ao definir o latim bárbaro, comete o engano que tantos outros linguistas têm cometido com referência ao latim vulgar, que ele considera como "falado pelas camadas inferiores da sociedade",²⁷ justamente ele que teve o cuidado de alertar o leitor para que não confundisse o latim clássico com o vulgar, o baixo com o latim bárbaro...

Em quanto a uma definição mais precisa, fico com o ensinamento de Serafim da Silva Neto, se bem que também ele insista, amparando-se em um trecho de "Brutus", de Cícero, em que falar o latim vulgar implicava em ignorância do latim clássico, o que não é verdade, segundo lição abalizada de Grandgent, de Kretschmer entre outros. Assim, reputo excelente, não obstante a ressalva feita acima, a divisão que ele traçou dos diversos sermões, frisando que "só há uma língua latina, isto é, um só material linguístico, mas vários sermões, várias execuções desse material".²⁸

Para ele existia uma

língua latina (material linguístico usado pela população da România para assegurar a compreensão).

Essa língua latina, a língua falada, a chamada Volkslatein ou Vulgaerlatein dos alemães, ou limba vorbită do linguista romeno Rosetti, já mencionado em páginas anteriores, se dividia em corrente (sermo usualis, cottidianus) e regional (peregrinitas).

A corrente era o sermo familiaris; sermo vulgaris, popularis ou plebeius; o sermo castrensis, nauticus etc.

A regional, um capítulo a ser desvendado pela arqueologia da sociolinguística, adquiria a cor local onde era falada e se chamava sermo hispaniensis, sermo gallicus, sermo africanus, sermo italicus etc.

Esse aglomerado de distinções específicas e que conhecemos sob o nome genérico de latim vulgar, se opunha, como ficou dito antes, ao latim literário, esse latim estanque, polido, refinado, mas frio. Faltava-lhe afetividade comenta Serafim da Silva Neto, o que não deixa de ser uma observação assaz ineterssante e que merece conhecida na íntegra:

"A língua escrita constituiu-se, precisamente, com caracteres opostos aos da língua falada. Esta era preponderantemente afetiva, naquela dominava o elemento lógico-gramatical; nesta era visível o amor à expressão concreta, naquela se procurava exprimir o abstrato; nesta os pensamentos eram traduzidos intensivamente, naquela se procurava obter a expressão discreta. A língua falada, que se faz acompanhar por gestos, por entonação de voz e pela variada expressão facial, é rica em exclamações, pleonasmos e repetições de toda a ordem. A língua escrita, que não

dispõe daqueles elementos, mas que se dirige a ausentes cujas reações não observa, é mais comedida. A língua falada é constituída de frases mais ou menos soltas, a que o falante com o contexto, dá sequência: por isso nela prepondera a coordenação. Na língua escrita, ao contrário, a expressão é mais complexa: há que entrosar as frases mais nitidamente, o que leva à maior frequência da subordinação. Finalmente, a língua falada, refletindo a expressão de pessoas cujo saber é tradicional e adquirido na dura escola da experiência, é rica em provérbios e dizeres sentenciosos.

Isso nos leva à evidência de que não há textos escritos em latim corrente. A língua escrita é um instrumento que se adquire penosamente, é uma técnica que exige o aperfeiçoamento de uma vida inteira" - in op, cit. p.109 usque p. 110.

O latim literário e o latim vulgar não eram exceções a essa oposição que vimos tratando desde o início entre o sermo eruditus, urbanus ou perpolitus, como se dizia do latim clássico e o falado, o sermo vulgaris, como era chamado de modo especial e que os linguistas tomaram para indicar o latim de onde sairiam as línguas românicas, de maneira imprecisa.

Resumindo, essa divisão dicotômica não significa que houvesse em Roma duas línguas distintas, que nada tivessem em comum, apressam-se em esclarecer os estudiosos do assunto, como Víctor José Herrero na sua obra "Introducción al estudio de la filología latina".²⁹ Não. Só que uma delas, a literária, tem algo de "mas petrificado y muerto",³⁰ enquanto que a falada, por ser falada, "está sujeta a variaciones, tanto en el espacio como en el tiempo".³¹

E desta língua viva, falada, sujeita a variações, afetiva, mutável, plástica, é que vão sair as línguas românicas, novilatinas ou neolatinas.

O Prof. Hans Krahe na sua "Geschichte der lateinischen Sprache", escrita em colaboração com o Prof. A. Debrunner, citada logo no início deste capítulo, dá-nos um quadro completo não apenas dos dialectos itálicos e do progresso do latim como uma língua especial desde a fundação de Roma até o seu esplendor, como lembra a influência que o grego teria tido na língua do Lácio e essa influência não se limita ao latim clássico, ao latim dos livros e das letras, mas vai além, ao latim falado, muito mais do que se possa imaginar. Acompanha o que ele denomina de "die Normalisierung der Sprache", ou seja, a normalização da língua e o começo da literatura romana, passando pelo engrandecimento da gramática e "die Entwicklung der Literatursprache", o desenvolvimento da língua literária, até ao latim vulgar, "das volkstuemliche Latein" ou "Vulgaerlatein", até chegar, no capítulo vii a uma tentativa de classificação das línguas românicas e que servirá de roteiro para o nosso ensaio.

1.5. Do latim vulgar ao romance

Uma vez especificado o que fosse latim vulgar, esse Vulgaerlatein, Volkslatein, em oposição ao latim literário, Literatursprache, e as dificuldades que se encontram nas rotulações muita vez imprecisas, as confusões que tais denominações geram, um autor de nomeada como é o Prof. Hans Krahe, na sua "Indogermanische Sprachwissenschaft" ensina que o latim é conhecido desde o século VI antes de Cristo através de inscrições e que, inicialmente um simples dialecto, graças ao poder imperial de Roma, tornar-se-ia uma língua universal ("Die wichtigste Sprache des Latino-Faliskischen is das Lateinische, urspruenglich nur die Mundart von Rom, die sich dann parallel mit der staatlichen Machterweiterung der Roemer schrittweise bis zur Weltsprache entwickelte" ³²).

Muito às pressas, Krahe diz que o posterior desenvolvimento do latim (que latim? Ele omite in casu qualquer especificação aqui), viria dar origem às línguas românicas.

Stolz e Debrunner, mais detalhados, além de excelente tentativa de explicação metodológica sobre o assunto, detêm-se no estudo do que chamam de uma pré-literária língua latina no capítulo sobre "Die Reste der aeltesten Sakral- und Gesetzessprache", ³³ analisando pedaços de inscrições e trechos das "Leges XII tabularum" e comentando "die aeltesten lateinischen Inschriften" como aquela muito conhecida dos eruditos latinistas,

Manios med vhevhaked Numasiod

= Manius me fecit Numerio,

e outras similares.

Estuda ainda o velho latim através de suas inscrições e textos mais importantes, das Altlateinische, para afinal chegar ao latim clássico, das klassische Latein, quando compara o desenvolvimento sintático, o enriquecimento lexical, os preciosismos e o caráter monolítico dessa língua escrita.

Com igual proficiência, Hans Krahe passa ao latim pós-clássico, das nachklassische Latein, estudando vários autores e a língua que usaram em obras desse período. É uma preparação para o leitor interessado no latim vulgar e sua futura fragmentação em línguas novilatinas. O capítulo em que o estuda, Das volkstuemliche Latein (Vulgaerlatein), é, sem favor, um dos melhores que tenho conhecido não apenas pelos esclarecimentos sobre o desenvolvimento da língua, como pela riqueza de documentos estudados.

O latim literário era uma língua sintética, com com cinco declinações que passarão a três no latim vulgar e as perderão ao se formarem as novilatinas, ficando delas resquício na língua romena. Mas não foi o vulgar esse "línguajar (sic) do populacho, da soldadesca, dos negociantes, classes essas eivadas de estrangeiros", como, sem base científica afirmou um dia Cândido Jucá (filho) ³⁴ ao estudar as origens do português.

E é esse latim vulgar que, no contacto de todos os dias com os vernaculares locais, se transforma a pouco e pouco em uma nova língua, que já não é o latim, mas que dele conserva o léxico e a estrutura gramatical em linhas gerais. As três distintas maneiras de falar que somente em Roma existiam (o *sermo cotidianus*, da denominação de Quintiliano e Cícero; o *sermo rustico*, a que Plauto chama de plebéia e Vergílio de pedestre; e a vernacula que seria, segundo Victor José Herrero, "una jerigonza de todos los idiomas y dialectos conocidos" ³⁵), quando levadas para as colônias e territórios conquistados, mais as outras modalidades do falar vulgar, sofriam influência das línguas e dialectos nativos, muita vez suplantando-os e até apagando-os de vez, mas também se alteravam profundamente. É verdade também que o *sermo nobilis* era cultivado diligentemente por muitos filhos das províncias e Sêneca, por exemplo, que passa por ter escrito excelente latim, não era romano. Não era preciso que um escritor tivesse nascido no seio de importante família patricia de Roma para que bem escrevesse o *sermo nobilis*, que era uma língua adquirida, penosa e pacientemente adquirida. Quando o *sermo nobilis* não era bem estudado e quem pretendesse utilizá-lo não era pessoa letrada afeita aos livros, o resultado era um latim estropeado, como o das pessoas que exerciam cargos administrativos ou judiciais de pequena relevância, como os tabeliães. Esse abismo, já o frisamos anteriormente, era maior se o tabelião - e cito apenas esse exemplo por ser dos mais corriqueiros e por terem deles ficado traços em documentos forenses - filho da localidade onde exercia as suas funções, tinha outra língua ou línguas. Quase que de modo inconsciente, ia misturando ao texto latino expressões e vocábulos peregrinos, ao mesmo tempo que afluía a rigidez da sintaxe latina. Assomavam os vulgarismos e peregrinismos do escritor nos pontos em que a sua instrução "no alcanzaba a dominar", ensina Grandgent. ³⁶

Depois do século VII d. de Cristo, o latim vulgar como que encerra o seu período de atividades, deixa de ser falado, mas não morre, como, de uma maneira equívoca, alguns escrevem: continua, renasce no romance e, mais adiante, nas línguas novilatinas que começam a se delinear.

Esse latim vulgar, que se transformaria em romance, apresenta algumas características bem próprias que o afastam do latim clássico e que, seguindo a lição de Grandgent, poderíamos enumerar:

1. O vulgar fazia-se cada vez mais flexível e explícito;
2. Há nele um enorme desenvolvimento de palavras modificantes e determinantes, tais como artigos e preposições;
3. É abundante o uso de prefixos e sufixos;
4. As flexões passam por uma grande modificação, em parte devida a causas fonéticas, mais, e principalmente, a causas sintáticas;
5. Sofre modificações cada vez mais fortes na pronúncia e muitas dessas mudanças podem ser atribuídas a uma tendência a eliminar os elementos das palavras que não são necessários para a sua identificação - assim

viridis e vetulus, por exemplo, passam a viridis e veclus;

6. Existe uma tendência marcada a assimilar sons adjacentes (assim, ipse é pronunciado isse, e o ditongo ai reduz-se a e);
7. Há um desejo de diferenciação, também, que leva a rebaixar um i em e, para fazê-lo mais diferente de i;
8. Na alteração da pronúncia surgem essas alterações sem causa conhecida, como salienta Grandgent que comenta porque o ditongo ai se converteu quase universalmente em e, enquanto que au, em latim, não se converteu em o, que "es un problema no resuelto todavía"³⁷

Esses fenômenos vão aparecer mais tarde como linhas isoglossas, ou rasgos-comuns à diferentes línguas neolatinas e muitas mudanças fonéticas e sintáticas que se verificarão nessas línguas, serão devidos à ação do substrato linguístico.

— Victor José Herrero, no seu livro "Introducción al estudio de la filología latina",³⁸ tantas vezes citado neste ensaio, apresenta outros rasgos característicos do latim vulgar e que merecem conhecidos:

1. No que tange ao léxico, quando o latim possuía dois vocábulos quase sinônimos, muitas vezes um deles prevalecia sobre o outro e o fazia desaparecer; assim, cors suplantou a atrium, quare a cur, caballus a equus, portare a ferre, totus a omnis, desiderare a cupere, perdere a amittere etc.
2. Uma palavra, por vezes, é substituída por outra que não se encontra nunca no latim clássico: anser foi substituída por auca, noverca por matraster, privignum por filiaster, caput por testa, crus por gamba, se bem que, lembra o autor, estas transformações não foram uniformes em todos os países;
3. Muitas palavras do latim clássico, sobretudo advérbios, conjunções e preposições, deixaram de empregar-se; por outro lado passou-se a fazer uso frequente de nomes compostos com valor expressivo;
4. Apareceram diminutivos com valor simples: oricla. Abusou-se então de formas pleonásticas formadas com partículas como itaque, ergo, nec non etiam, nec non et, non minus etiam, nec non quoque, ideo propter hoc, e muito frequentemente se fizeram também combinações como ac sic, atque ille, ecce hic, eccu iste;

5. A língua vulgar empregava os chamados verbos factotum, isto é, verbos que, por economia ou por preguiça mental, eram usados para tudo; daí termos verbos como facere, esse, mittere;
6. As elipses eram de emprego muito frequente, talvez pelos mesmos motivos dados acima;
7. A lei do menor esforço atuava com frequência na modificação lexical do latim vulgar.

As diferenças vão além: na morfologia poderíamos apontar, entre outras, características como:

1. Perdem-se os matizes de sentido ou de aspecto que podiam expressar-se mediante prvérbios, por carecerem estes do seu primitivo valor; ao mesmo tempo, perdem-se também as oposições de ordem fônica que existiam entre compostos e simples, ao generalizar-se o vocalismo do verbo simples por recomposição: consacrare ao lado de consecrare, commandare, tradare;
2. Aos poucos, elimina-se a forma plena neque pela sincope nec;
3. O demonstrativo is foi substituído por hic e ille. O autor que estamos a citar e em quem nos amparamos, comenta que segundo Stolz, este fenómeno se explica pelo valor deítico de hic e de ille, mas segundo Loeffstedt isso se deve antes à tendência de a língua popular eliminar as palavras demasiado curtas ou desprovidas de valor próprio. Víctor José Herrero, porém, acrescenta: "Por el contraio, se empleó iste con el valor de hic".³⁹
4. Usou-se o positivo com valor de comparativo e foram correntes as confusões e mudanças de género gramatical. Assim, muitos femininos e neutros passaram a ser usados como masculinos.

A sintaxe era afetada igualmente e as modificações são muitas e entre outras coisas tornaram-se características do latim vulgar:

1. Aparece o chamado nominativo denominativo no qual se põem muitos nomes próprios e apodos que, por sua função na frase, deveriam ir em outro caso: *quando vos dicitis latine hortus Sancti Ioannis*.

2. Ressuscita-se o nominativo absoluto, construção que, com o valor de ablativo absoluto, aparece já no latim arcaico e, esporadicamente, em escritores pós-clássicos como Salústio: *visa loca sancta omnia*.

3. Surge uma importante modificação, com o paulatino desaparecimento do genitivo, que é substituído por outras construções, sobretudo pelo ablativo com de e às vezes pelo dativo: *expers partis...* de nos - tris bonis; possessor de própria terra. Herrero ao estudar este fenômeno vai amparar-se em Meyer-Luebke, segundo quem "el genitivo dejó de ser popular, salvo en combinaciones fosilizadas, a comienzos del siglo III, pero se conservó en algunos pronombres, en muchas frases hechas, en voces del latín clerical y en ciertos nombres propios: *cuius, illius, illorum, lunae dies, de noctis tempore, est ministerii, angelorum*, y a veces aparece como complemento de un sustantivo elidido: *quadragesimarum (tempore), Sancti Iusti (ecclesia) = Santiuste, Sancti Quirici (ecclesia) = Sanquirce*; ⁴⁰
4. Na língua clássica o dativo servia de complemento indireto a verbos transitivos (e de complemento único a muitos intransitivos: *foveo, oboedio*, etc.) no latim vulgar vai perder essa posição sintática, que será substituída pelo acusativo com ad, e assim por *dare allicui litteras*, dizia-se *dare litteras ad aliquem*, que se estendeu a verbos intransitivos, e então por *nocet fratri*, disse-se *nocet ad fratrem*: essas construções se acentuarão muito na formação do romance, que elimina por completo o caso;
5. O ablativo e o acusativo fundiram muitos dos seus usos por se empregarem certas preposições com os dois casos. "A veces, observa Herrero, se usaban *cum* y *ab* con acusativo: *cum sodales suos, a caput, a vitia*, y en otras ocasiones la forma de ablativo se empleaba por acusativo: *ante sole, ad ecclesia*. En la Peregrinatio Egeriae el uso de *in* con ablativo en vez de acusativo, es tres veces más frecuente que el uso correcto de *in* más acusativo"; ⁴¹
6. O uso do presente pelo futuro, que tivera muito emprego no latim arcaico e que se torna mais restrito no latim clássico, desenvolve-se excessivamente no latim vulgar. O *pluscuamperfecto* usa-se com valor de perfeito, sobretudo nas formas *dixeram* e *fueram*;
7. O subjuntivo se substitui pelo indicativo ou pelo debeo mais infinitivo. Aparece com frequência o subjuntivo com valor de futuro e o indicativo com valor de imperativo;

8. A maioria dos verbos depoentes torna-se verbos ativos e muitos ativos (emendare, recreare) usam-se como reflexivos ou com valor médio;
9. Os verbos debeo e coepio com infinitivo usaram-se em lugar do perfeito com um valor pleonástico que depois se ampliou a outros verbos para dar-lhes matiz perifrástico: habeo se usou em forma impessoal para indicar a existência de algo: habebat autem... ad montem Dei... quatuor milia;
10. Fez-se também muito corrente a gemação intensiva com valor expressivo: lente et lente; unus et unus; bene bene; bonis bonis;
11. A paratáxis acupou com frequência o lugar das diferentes classes de subordinadas, e é fácil encontrá-la em vez de consecutivas, causais, condicionais, comparativas, finais e mesmo substituindo a orações de relativo;
12. Confundiram-se as noções de "lugar onde" e "lugar aonde", usando-se ubi por quo e ibi por eo.

E, depois de estudar estas características do latim vulgar e que o faziam tão diferente do latim clássico, Víctor José Herrero tece algumas considerações que copio na íntegra:

"Estas no son más que algunas de las desviaciones del latín clásico que se advierten como rasgos característicos del latín vulgar que, a pesar de los trabajos aislados y los manuales elementales sobre el mismo, todavía espera el gran arquitecto que levante con los materiales que se van acumulando el gran edificio del "latín vulgar", muy necesitado de una exposición clara, profunda y definitiva" - óp. cit. p. 142.

E estas "desviaciones" far-se-iam cada vez maiores e aquelas palavras rígidas encaixadas em uma sintaxe rígida que até pareciam saídas de mentes geométricas, plasmadas dentro de uma lógica que ainda hoje nos causa admiração profunda; aquelas expressões e frases compactas em que casos jogavam um papel altamente delimitador, perdiam a sua postura hierática e forte - misto de comando de soldados, pragmatismo de mercadores e comerciantes e raciocínio frio de filósofos - e se subtilizavam, apoiando-se em sufixos e prefixos cada vez mais abundantes e exprimiam, analiticamente, novos pensamentos, ideavam novas idéias para novas futuras nacionalidades, para novos povos saídos de um caldeamento racial como poucas vezes se vira e que seriam as línguas românicas, uma continuação numerosa do latim vulgar, não exatamente filhas de uma Muttersprache, expressão falha que muitos condenam, mas sim continuação de uma bela língua, o seguimento natural, os muitos rios de uma grande nascente!

Notas e referências ao

Capítulo I:

1. Nazari, Oreste. I dialetti italici. Grammatica, iscrizioni, versioni, lessico. Milão, Ulrico Hoepli, 1978. 364 p.

Do etrusco diz Nazari que essa língua

"... ci è conservata in circa 6000 iscrizioni, delle quali poche offrono un testo esteso di parole tra loro connesse, e il Corssen prima e ora il Deecke e il Lattes la ritengono del gruppo italico e intimamente affine alla latina, il Bugge per una língua indoeuropea a sè e affine all'armena, mentre altri come il Pauli, lo Schaefer, il Bréal negano o almeno dubitano ch'essa sia una língua indoeuropea" - op. cit. p.3.

O assunto parece ser muito complicado pois nem sequer se tem certeza, apesar de tantas pesquisas e estudos, da proveniência do povo etrusco e um conhecido etruscologista, Nino Boriosi, que nos deu um precioso ensaio sobre "La lingua etrusca senza più mistero" (Varese, Editrice Gaggi, 1977, 186 p.), escreve a este respeito:

"La questione della origine degli Etruschi è ancora fortemente dibattuta. Essi ci appaiono ancora circondati da un alone di mistero: quello delle origini, impostato sulla base della loro provenienza, ma più ancora quello della língua e della cronologia".

.....
"Ma tutti questi elementi non vanno oltre l'ambito delle congetture e delle deduzioni più o meno arbitrarie" - op. cit. p. 11.

E mais adiante, Boriosi avanta:

"La teoria di una comune origine degli Umbro-Etruschi, è la più plausibile, se si scarta l'idea di una provenienza degli Etruschi dalla Lidia, per la stretta parentela linguistica e la sede storica in cui i due gruppi prosperarono nel corso di lunghi secoli, fino dal costituirsi dell'ethnos italico nell'Età Preistorica" - ibidem p. 13.

As divergências são tantas que até o número de inscrições varia. Para citar apenas dois exemplos: Nazari aponta cerca de 6.000 inscrições e Boriosi vai mais além, apontando cerca de 9.000.

2. Malet, Alberto. Roma, com a colaboração de Carlos Maquet. Ed. refundida e melhorada de Narciso Binayán. Buenos Aires, Librería Hachette S.A., 1961. 189 p. Também esses autores tecem comentários muito interessantes sobre os etruscos, e depois de dizerem que eram um povo misterioso (p.8), falam das inscrições que, segundo eles, não eram

mais do que 2.000 nas quais

"... apenas han podido descifrarse veinte palabras a pesar de estar escritas en caracteres griegos (sic! É uma imprecisão essa porquanto os etruscos tinham a sua própria escrita muito semelhante à de outras línguas itálicas como o umbro, o osco, o sabélico!). Se cree que procedían de la región egea pero no se parecían a los griegos, ni a los latinos. Se dice de ellos, que eran hombres "rechonchos, bajos, obesos, vigorosos, con cara abultada, nariz corva, frente ancha y deprimida, color moreno y cráneo un poco aplastado y cubierto con una cabellera ondulada". p. 8.

Mais abaixo, acrescentam:

"La civilización de los etruscos, muy avanzada, se parecía mucho a la de los fenicios" - p. 9.

Como se vê, as discrepâncias são muitas.

3. Stolz, F. - Debrunner, A. - Schmid, W.P. Geschichte der lateinischen Sprache. (Sammlung Goeschén Band 492/492a). Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1966. 145 p.

4. Auct. cit. Introducción a la lingüística griega y latina. Trad. de S. Fernández Ramírez e M. Fernández-Galiano. Madrid, Instituto Nebrija, 1946. 254 p.

Ele escreve:

"En estos pueblos distinguimos por su lengua dos grupos de muy diferente extensión, el umbrosabélico y el latino-falisco" - p.212-213.

5. Op. cit. p. 214.

O trecho completo é o seguinte:

"Ante todo hay que observar con respecto a las relaciones dialectales dentro de la rama lingüística itálica que las diferencias entre los grupos umbrosabélicos y latino-falisco son relativamente muy importantes, mucho mayores, por ejemplo, que entre los dialectos griegos" - p. 214 (Os grifos são nossos).

6. Ibidem p. 214.

7. Falkenhahn, V. - Zielke, W. Grammatik der polnischen Sprache. Berlin, Volk und Wissen Volkseigener Verlag, 1957. 256 p.

8. Op. cit. p. 13.

9. Fl. Eutropii Breviarium Historiae Romanae ab urbe condita usque ad Valentem et Valentinianum Augustos. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1932. 128 p.

Eutrópio conta, com certa candura, das lutas entre os romanos, como ele prefere chamar, e os povos circunvizinhos nos dias da primeira expansão dos "rudes camponeses do Lácio". Os livros I e II são ricos desses dados e relatam desde as guerras entre volscos e romanos até as famigeradas guerras cartaginesas. Das guerras dos volscos, as primeiras que os romanos empreenderam duramente e que mostraram o que eles seriam mais tarde, conta Flávio Eutrópio:

"XIV. Sequenti anno Volsci contra Romanos bellum reparaverunt? et victi acie, etiam Coriolos civitatem, quam habebant optimam, perderunt" - op. cit. p. 15.

10. Op. cit. p. 13.

Entre outras coisas Malet diz:

Q... llegó a ser jurista y conquistador al mismo tiempo. Fué un propietario económico, duro para con los suyos y severo consigo mismo, cuyo placer más grande consistía en que le llamasen buen colono. Atento a las ganancias, fué hombre positivo y poco aficionado a las artes imaginativas. En todo fué paciente, obstinado y metódico. Estas cualidades le permitieron administrar el mundo como administraba sus bienes, y conservar las conquistas que hacía. Tenía la religión del orden, que adoró en sus dioses, y que respetó en sus leyes" - ibidem p. 13.

11. Seignobos, Charles. Histoire de la Civilisation Ancienne 3a.ed. Paris, Masson et Cie, Editeurs, 1902. Em três volumes, sendo o primeiro, e que mais de perto nos interessa, o que cobre o Oriente, a Grécia e Roma. Muitas apreciações de Seignobos envelheceram consideravelmente e devem ser lidas com cuidado, mas as suas observações sobre o avanço da civilização latina implantada, de início, pelas conquistas militares, merecem ser lidas e meditadas.

12. Ibidem, p. 273 - 274.

Aliás, esse historiador comenta, cheio de admiração, o avanço e influência da língua latina com estas palavras:

"...l'Occident tout entier s'est mis à parler latin. Le latin n'a pas été seulement la langue officielle des fonctionnaires et des grands personnages, comme l'anglais l'est de nos jours dans l'Inde: le peuple même le parlait plus ou moins correctement..." - p.274.

13. Silva Neto, Serafim. História da Língua Portuguesa. 2a. edição aumentada. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970. 651 p. Esta obra é um orgulho da cultura filológica brasileira. Contém dados extraordinários sobre o latim vulgar e a sua passagem para o romance. Leitura obrigatória para quem quiser saber da origem e desenvolvimento do romance português.

14. Battisti, Carlo. Avviamento allo studio del Latino Volgare. Bari, Leonardo da Vinci - Editrice, 1949. 349 p.

15. Op. cit. p. 23.

16. Op. cit. p. 23.

Battisti é dos que se insurgem contra a denominação de latim vulgar. Ele prefere falar de latim literário e latim falado, posição preferida igualmente por outros linguistas célebres, inclusive Grandgent.

No seu livro citado, Battisti destaca um capítulo especial sobre Lingua letteraria e lingua parlata, onde teoriza sobre "la profonda differenza fra lingua letteraria e lingua parlata" (p.20). É uma belíssima página de filosofia da linguagem e de teoria da estética da língua, de leitura muito proveitosa e merecem reflexão estas observações:

"Chi parla è pronto a sacrificare al bisogno di esprimere i suoi sentimenti la purezza della lingua, accettando anche espressioni banali, ma efficaci e spontanee, al posto di altre più nobili e magari più esatte, che lì per lì non sono a sua disposizione o che contribuirebbero ad allontanarlo dai suoi uditori. Dato che è condizione essenziale l'essere immediatamente compreso, il lessico sarà più limitato, perchè bisogna restringersi a parole che si fanno a portata di tutti. Perciò, secondo i casi, vi saranno dei notevoli sbalzi fra un'espressione urbana, accolta senz'altro dalla lingua scritta, anche se usuale nella dizione delle persone di alta e media cultura, fino ad una plebea, comune all'ambiente popolare delle persone incolte e ad una rustica, propria delle masse rurali e provinciali, che hanno interessi linguistici speciali imposti dall'ambiente conservativo, ritardatario della campagna e dei piccoli centri appartati" - p. 21.

O capítulo, repito, é excelente, todos os aspectos da estética da língua falada aí tratados.

17. Rosetti, Al. Istoria limbii Române. I) De la origini până în secolul al xvii-lea. 2a. ed. revizuită e aumentată. Bucureste, Editura Științifică și Enciclopedică, 1978. 936 p.

Esse trabalho do Prof. Rosetti é um dos maiores monumentos da linguística românica e da filologia romena. A erudição do autor é em verdade pasmosa e a bibliografia comentada que ele faz anteceder à primeira lição, um roteiro seguro para quem quiser saber muito não apenas dos românes e sua evolução, mas das influências linguísticas que o romeno sofreu desde o início de sua formação até hoje.

18. Ernout, A. cit. por Rosetti, op. acima mencionada, p. 87.
19. Op. cit. p. 86.
20. Op. cit. p. 86.
21. Op. cit. p. 91.
22. Grandgent, C.H. Introducción al Latín Vulgar. Trad. del inglés, adicionada por el autor, corregida y aumentada con notas, prólogo y una antología por Francisco de B. Moll. 2a. ed., Madride, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952. Esta edição é, frequentemente mencionada como Grandgent-B.Moll, pela excelente tradução feita pelo erudito linguista e gramático catalão. 384 p.
23. Op. cit. p. 20.
24. Herrero, Victor José. Introducción al estudio del a filología latina. 2a. ed. corregida y aumentada. Madrid; Editorial Gredos, 1981. p. 129.
25. Torres, Artur de Almeida. Estudos linguísticos. Rio de Janeiro, Fahupe, 1978. 160 p.
Este livrinho contém algumas informações boas, mas foi feito muito apressadamente e sem uma metodologia que ajudasse o leitor. O filólogo, dos mais ilustres, apenas boa bibliografia depois de cada capítulo e, ao estudar as línguas românicas, traz boa classificação, que discutiremos nos capítulos a seguir.
Dá idéia de que são artigos de jornal, de difusão e publicados em livros sem uma revisão acurada.
26. Op. cit. 115.
27. Op. cit. p. 115. Não é verdade que o latim vulgar fosse apenas falado pelas camadas inferiores da sociedade. Tanto foi falado pelas pessoas dos círculos seletos como pelos círculos inferiores, como ensina Paul Kretschmer na sua excelente obra cit. antes. Veja-se o capítulo que ele dedica ao latim vulgar, p. 241 e seguintes da obra mencionada.
28. Silva Neto, Serafim da. Op. cit. p. 109.
29. Op. cit. p. p. 127 e seguintes.

Herrero se insurge contra a denominação de latim vulgar e escreve:

"El término "latín vulgar" ha arraigado de tal manera en nuestros estudios de filología latina que, a pesar de su imprecisión y de lo discutido de su alcance, no puede ser ya fácilmente extirpado" - p.127.

30. Op. cit. p. 129.

31. Ibidem p. 129.

32. Krahe, Hans. Indogermanische Sprachwissenschaft. I. (Sammlung Goetschen Band 59). Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1966. p. 20.

33. Stolz-Debrunner-Schmid in op. cit. p. 68.

34. Jucá (filho), Cândido. Gramática Brasileira do Português Contemporâneo. 2a. ed. corrigida e ampliada. Rio de Janeiro, Epasa, 1945. p. 262.

35. Op. cit. p. 131.

36. Op. cit. p. 21.

37. Op. cit. p. 23.

38. Op. cit. p. 138 e seguintes.

39. Op. cit. p. 140.

40. Op. cit. p. 140 e 141.

41. Op. cit. p. 141.

__CAPITULO__ II __

COMO SE FORMARAM E ONDE SE ENCONTRAM AS LINGUAS NEOLATINAS

- Os problemas da Sociolinguística
e da Filologia Românica -

"La historia nacional y política de los pueblos aparece en constante acción y reacción frente a su evolución lingüística. La misma diferenciación dialectal se halla estrechamente ligada a las especiales circunstancias históricas en que se realiza, como son, por ejemplo, los estratos étnicos de la nación, las relaciones de comercio, de tráfico, la organización social, de tal modo que una teoría determinada a lo más que puede aspirar es a mostrarnos uno de los varios procesos que dan nacimiento a los dialectos, pero nunca a resolver un problema tan complejo y debatido como es el de la diferenciación dialectal. Lo mismo puede afirmarse a propósito de la creación de lenguas habladas por una comunidad de pueblos, como el latín vulgar en las provincias del imperio romano, o la Koiné hablada que se desarrolló en la época helenística y que fué la base de la lengua popular neogriega".

Kretschmer, P. Introducción a la Lingüística Griega y Latina. Trad. de S. Fernández Ramírez e M. M. Fernández-Galiano. Madride, Instituto Nebrija, 1946. P. 15 e 16.

2.1. Da expansão do latim e até onde ele chegou

Na primeira parte vimos que os soldados romanos levavam com as armas o latim a muitas partes por eles conquistadas. A seguir, quando se implantava o domínio de Roma, iam os mercadores, os colonos e aventureiros também interessados em ganharem dinheiro fácil, em comprarem terras baratas e em fazerem fortuna para depois voltarem aos pagos nativos. Exatamente como todo sistema de colonização, como foi feito pelos ingleses, pelos franceses, pelos espanhóis, portugueses e outros nos tempos atuais. No auge de suas conquistas, os romanos iam das ilhas Britânicas ao Egito, da Gália à Mauretânia, da Ilíria à Armênia maior e entre os povos sob sua férola encontravam-se brancos nórdicos, brancos mediterrâneos, semitas, hamitas e camitas, mouros e negros. No Império Romano falavam-se dezenas de línguas e dialectos e note-se que a nem todos se sobrepôs o latim. Houve terras onde o latim vulgar nem sequer deixou traços, em outras chegou a ter algum significado cultural, em outras agiu apenas como língua da administração e era usada apenas pelos homens que recebiam encargos administrativos do Imperador ou usada apenas nas relações entre os soldados, seus chefes e os colonos e mercadores que acompanhavam as hostes romanas ou que as seguiam, após fixada a águia romana, símbolo do novo domínio que se instaurava. Chegou a ser vastamente falado na África do Norte mas, com o passar dos tempos, foi varrida completamente essa língua que representava um império e substituída pelo árabe e pelos diversos dialectos berberes e tuaregues. Onde o latim vulgar perduraria seria em terras da Europa, em uma vasta extensão, esbarrando nos limites das línguas germânicas de uma parte e das línguas eslavas de outra. Ao sul, a Grécia resistiria ao impacto latino, possuidora de uma civilização ainda mais pujante e a pequena Albânia, parte da Ilíria do passado, resistiu também mas o seu léxico ficou aguçado de latinismos que, até hoje, lendo-se um texto em um dos dois grandes dialectos albaneses, o tosco e o guégui, se tem a impressão que o latim, tanto quanto o grego, estão muito presentes em tantíssimos vocábulos que uma ortografia seu tanto quanto exótica disfarça.

Mestre Sousa da Silveira, nas suas afamadas "Lições de Português",¹ referindo-se à vastidão do mundo romano, escreve:

"As origens de Roma são lendárias, mas parece que a princípio foi uma cidadela situada de modo favorável ao seu desenvolvimento. Organizou-se fortemente e estendeu a sua influência por larga superfície geográfica. Subjugou a Itália do Sul, a Sicília, a Sardenha e a Córsega, bem como a alta Itália, conhecida também pelo nome de Gália Cisal-

alpina. Tornou províncias romanas a Espanha (península Ibérica) e a Gália. Dominou a Récia, ao norte da Itália, e no Oriente a Ilíria, a Grécia (Acaia), o Nórico, a Panônia, a Dácia. Não lhe escaparam ao poder a Grã-Bretanha, o norte da África, a Ásia Menor e a Síria. Todo o Mediterrâneo ficou banhando praias romanas" - op. cit. p. 33.

E mais abaixo:

"Os romanos levaram a sua língua - o latim - para as províncias e em geral sob as duas feições que já examinámos: o latim literário, ensinado nas escolas, e o latim falado, que era o instrumento de comunicação dos colonos, dos comerciantes e dos soldados, e que, com a propagação da civilização romana, foi adotado pelas populações dos países conquistados" - ibidem p. 33.

Aí merece reparo a observação do ilustre mestre, porque, na realidade, o latim falado não foi adotado pelas províncias e suas populações mas por uma minoria que representava as elites desses países, e salvo na Europa, onde com o passar dos séculos daria origem a novas línguas, as neolatinas, nem todos os povos adotaram o latim. Quando muito utilizavam-no no contacto com os romanos, como uma espécie de língua de comércio, tal como acontece com inúmeros países da África de hoje que são dados como de língua inglesa ou francesa e, na verdade, apenas pequena parcela de suas populações o falam fluentemente, continuando a usar entre si os seus muitos dialectos. Como o latim era o instrumento de comunicação do vasto império é lógico que fosse ensinado em muitas escolas das províncias conquistadas e que se formasse uma elite romanizada que utilizava frequentemente e servia de elo de comunicação entre as autoridades imperiais e a sua própria gente. Na Judéia, por exemplo, a massa falava o aramaico, a nobreza e a classe sacerdotal ainda usava o hebraico entre si, e tinha no grego e no latim as línguas de comunicação com o mundo exterior na época da dominação romana, daí que os textos religiosos em hebreu mishnaico trazem empréstimos do aramaico, do persa e mesmo do grego, no seu léxico, mas não do latim, como ensina John F.A. Sawyer no seu livro "A Modern Introduction to Biblical Hebrew".² Os romanistas, fascinados pelo esplendor da civilização latina, algumas vezes exageraram a influência dessa civilização e da língua latina na sua valente corrida além das terras européias. Em certos aspectos, a influência grega foi muito mais profunda além-Europa e ficaram traços dela mesma em distantes países como o Afeganistão e partes da Índia. No Afeganistão, por exemplo, criaram-se tantos vínculos culturais com a civilização greco-macedônia que nem toda a força do islamismo

posterior e de invasões dos sakas e outros povos foi o bastante para apagar a beleza da marca helênica.³

Seja como for, mesmo que a extensão romana não tenha sido a que às vezes, levados pela admiração, acreditamos, ela foi muito vasta.

Em um livro de leitura obrigatória para todo estudioso da filologia românica, o "Le Origini Neolatine"⁴, do erudito Paolo Savj-Lopez, sempre citado, esse romanista não consegue dominar a sua profunda admiração pelos feitos romanos e pela extensão da România, isto é, do mundo sob influência da língua latina. O capítulo que dedica à conquista latina, já aí se referindo ao avanço da língua e a sua influência e não apenas ao avanço político dos romanos, é como se fosse capítulo de um romance fantástico, por que o leitor vai acompanhando a pouco e pouco o latim a se impor sobre dialectos bárbaros, fazendo com aquela língua de civilização um outro tipo de colonização, esta mais perdurável e da qual resultariam as modernas línguas novilatinas. Fala da antiga extensão imperial:

"Se lo confrontiamo, ripetto, con una carta geografica dell'Impero romano, comprendendovi anche quelle terre che furono al tutto di lingua latina, vediamo subito quanto sia grande il divario dei rispettivi confini. Delle antiche province imperiali, sono perdute la Britannia con la Caledonia (Scozia), quasi tutta la Germania inferiore e la superiore (a sinistra del Reno), oltre la parte di Germania che fu romana a destra del Reno; il più della Rezia, che comprendeva all'incirca Tirol e Grigioni, col paese dei Vindelici a nord-ovest, tra il Danubio e l'Inn; il Norico, compreso tra il Danubio a nord, l'Inn a ovest, le Alpi Carni che a sud, e chiuso a est da una linea quasi verticale che scende presso Vindobona (Vienna) in giù; la Pannonia, la quale corrisponde press'a poco alla presente Ungheria occidentale; gran parte dell'Illirico - denominazione che dall'indicare la sponda orientale dell'Adriatico con le terre adiacenti dell'interno si allargò a comprendere tutta la regione balcanica e la stessa Pannonia; - la Macedonia, tra l'Adriatico e l'Egeo, dove ben poco sopravvive di neolatino; la Grecia; la Tracia, tra l'Egeo e il Mar Nero; tutta l'Asia Minore, e più lontano la Colchide sull'estremo Mar Nero orientale, l'Armenia, l'Assiria, la Mesopotamia, l'Arabia. E finalmente l'intera costa settentrionale dell'Africa, dall'Egitto alla Mauritania" - op. cit. p. 11 e 12.

O avanço do latim pelas províncias conquistadas, não obstante língua de uma alta civilização, com o prestígio de uma literatura que se impunha e que possuía grandes nomes entre prosadores e poetas, nem sempre conseguiu sobrepujar dialectos bárbaros e ágrafos, não apenas entre orgulhosos povos berberes e tuaregues, como entre nações germânicas e célticas. Em outros casos, como na Península Ibérica, na Gália, na Península Itálica onde a romanização foi completa, havendo mesmo exemplos de superestrato, como sucedeu depois das Grandes Invasões, quando as línguas germânicas, introduzidas largamente na área de língua latina, acabaram por desaparecer, mas nem por isso deixando de exercer sobre o romance uma influência léxica e sintática que se não pode menospreçar, como lembram os autores do "Dicionário de Linguística", sob direcção de Jean Dubois.⁵ Quando a romanização era muito intensa, como no actual território português, até o substrato é escasso, quase inexistente.

2.2. Onde o latim ficou e de onde foi varrido

Como vimos antes, não foi em todos os territórios conquistados que o latim fincou raízes. Se há uma tendência de uma língua mais evoluída e de cultura mais avançada sobrepujar outra com a qual mantém estreito contacto, por muitos factores, tal como hoje acontece com o inglês na Escócia, onde Scots Gaelic cede lugar nos highlands à língua oficial, ou o caso do irlandês, que cada dia mais cede lugar ao inglês na Irlanda, apesar da protecção oficial que aquela língua céltica possui, também na história do latim houve casos semelhantes, de uma língua suplantar aquela com a qual mantinha contacto, mas, diferentemente dos exemplos dados, era o latim uma língua de grande civilização e que cedia passo a dialectos bárbaros, sem literatura e que só muito mais tarde, quando o Império Romano não era mais que cinzas, é que conheceram escrita. É um problema para os sociolinguistas, entre outros.

A romanidade tinha aspectos que causam até hoje estranheza aos estudiosos. As águias romanas adentraram profundamente na Síria, "estendendosi a terre che più tardi invase il deserto", comenta Savj-Lopez,⁶ deixaram fortificações que até hoje perduram, obras públicas romanas, estradas, mas no que diz respeito à língua, esta não teve quase nenhuma penetração e a grega foi mais forte, a ponto de grupos sírios, que adotaram o Cristianismo, adotaram também a língua, usando-a como veículo de sua liturgia. Alexandria mantém-se dentro do mundo helênico e quando os conquistadores romanos tomam o Egito, o latim não suplanta o grego, nem de leve consegue ter o mesmo prestígio.

Dominando a costa setentrional da África, os romanos implantaram a sua cultura ali e curiosamente, bem diferente do que acontecia no Egito ou na Síria, por exemplo, aquela parte do mundo torna-se "sede di una vasta e feconda fioritura latina", comenta Savj-Lopez⁷, e se

torna

"rica di commerci e di cultura, sede di scuole numerosissime, patria di scrittori pagani e cristiani, si da esser già nel II secolo d.C. un vivo centro letterario, la cui tradizione va da Apulejo a Tertulliano a S. Agostino, fu tra le terre imperiali su cui più profonda s'impresse l'orma latina" - op. cit. p. 19 e 20.

Contudo, essa romanidade se dispersou quando os bizantinos vieram com Justiniano a tomar o lugar dos vândalos e, no século VII, surge uma nova civilização, agressiva, arrasadora, forte, a árabe e sobre as ruínas do antigo império impõe a sua construção. A latinidade e a romanidade são varridas. Toda aquela vasta extensão passa a falar o árabe e dialectos berberes e tuaregues. Varreu-se aquela velha e rica civilização que não deixou traços linguísticos.

A Panônia e a Dácia sofreram influência romana, mas somente nesta última o latim se fixou, se bem que profundamente influenciado do substratum de línguas autóctones e das línguas vizinhas, eslavas. As províncias onde hoje se encontram os países germânicos e a Hungria (a Panônia ou parte dela), receberam uma forte contribuição lexical latina nos dias de dominação, isto é, desde de época remotíssima. Muitos dialectos germânicos receberam esse "influsso dovuto sia alla presenza dei Romani sul suolo germanico, sia al gran numero di Germani incorporati nelle milizie dell'Impero",⁸ ensina o citado mestre Savj-Lopez que se apressa em dizer que a romanidade "rimase in Germania superficiale e sporadica"⁹. E assim aconteceu em outros lugares onde os romanos imperaram.

Como se explica o fenômeno? Como se explica que uma língua de alta civilização não conseguisse se impor a muitos dialectos sem escrita, falados por violentos povos bárbaros cujo interesse principal era a guerra e a pilhagem?

Vem uma explicação de cunho antropológico, sobretudo. Ou etnológico. Os germânicos eram em tudo diferentes dos romanos e não se misturavam facilmente. Havia um extraordinário vigor étnico por parte dos alemães, costumes em tudo diferentes daquilo que os romanos conheciam e o resultado foi uma divergência muito grande. Muitos eram os dialectos germânicos mais ou menos próximos uns dos outros, mas muito diferentes do latim e havia ainda um orgulho acentuado dos povos germânicos, que se consideravam guerreiros por excelência, equiparando-se aos latinos ou acreditando-se até mesmo melhores. Eram bárbaros valentes que queriam conservar a sua valente barbárie, e ceder aos latinos eram atitudes que eles não aceitavam.

Paolo Savj-Lopez apresenta outra teoria, a de que havia um despertar de raças incompletamente domadas e romanizadas e como tais, iguais diferentes à força da língua e da civilização latina.

As invasões bárbaras fizeram o latim recuar. Nada resistia ao ímpeto daquelas hordas. As populações romanas das províncias renanas, da Alsácia, da Lorena recuaram. Em Flandres, os habitantes romanos foram trucidados pelos invasores. Na Panônia, onde se falava o latim após quarenta anos de conquista, ele recuou também. Essa boa parte da população romana se refugia na Itália, "ed il resto fu assorbito dagli invasori", ¹⁰ enquanto na ~~Ré~~cia um pequeno núcleo romano consegue escapar e manter-se na região mais alpestre. Ali manteriam o idioma de origem latina.

O mapa do império romano não vai conformar-se, séculos depois, ao mapa das línguas românicas. Será bem mais irregular, às vezes verdadeiras ilhas entre línguas de outras famílias linguísticas como é o caso do romeno espremido entre línguas eslavas (russo, ucraniano, servo-croata, búlgaro e esloveno) e o húngaro, e fazendo fronteiras com o moldávio, que é uma variante do romeno, mas falado em uma das repúblicas que constituem a URSS, a da Moldávia, e é escrito com alfabeto cirílico. Por outro lado, os dialectos e línguas germânicos vão ficar sempre em constante atrito com os dialectos saídos do latim. Na França, onde se encontram tantos remanescentes latinos, o flamengo vai apertando o cerco bem na região nordeste contra o francês, mas se sente acuado, pois o prestígio do francês em todo o território nacional é imenso e ameaça suplantar os demais idiomas regionais. No Luxemburgo o letzeburgesch é mais falado do que o francês, que é a língua oficial do Grão-Ducado. Na Suíça, os diversos dialectos suíço-germânicos fazem pressão contra o francês, o italiano, os dialectos reto-romanches. Na Bélgica, o vlaamsch, flamengo, sobrepassa aos poucos o wallon, dialecto em extinção, e mesmo o francês, segunda língua oficial do reino. Na Itália e na Espanha os dialectos demonstram extraordinária vitalidade, mas em regiões completamente bilingues a língua oficial tende a suplantar a língua nativa: o italiano contra o friulano e o sardo; o espanhol contra o galego e o catalão, se bem que existam excelentes movimentos regionalistas e que se tentem cultivar fortemente as línguas galega e catalã. Na França, o drama para os linguistas parece ser ainda mais grave, pois o francês toma terreno contra o corso na ilha da Córsega, contra o monegasco no Principado de Mônaco, contra o franco-provençal, contra o provençal, contra o gascão, contra o catalão. O português ameaça o mirandês.

Felizmente, o mapa dos dialectos latinos, das novas línguas saídas do latim, é extensíssimo fora da Europa e vai da América Central às ilhas do Caribe, da América do Sul à América do Norte, da África do Norte às costas da África ocidental, ilhas do Pacífico, trechos da Ásia e costas do Timor, ilhas do Oceano Índico e África Meridional, como veremos mais minuciosamente quando estudarmos a expansão do francês, do espanhol, do italiano, do português, do ladino ou judesmo.

Savj-Lopez observa:

"Così abbiamo accennato sommariamente il gran divario che passa tra i confini dell' 'impero romano e i limiti dell'attuale territorio neolatino. Ma questi, s'intende, non sempre son rimasti fissi

nel giro dei secoli: ch  anzi qua e l  non riesce difficile determinare abbastanza precisamente le oscillazioni, talvolta avvenute ancora in et  vicino alla nostra, e quasi sotto i nostri occhi" - op. cit. p. 20.

As correntes migrat rias constantes, com a partilha da África e outras partes do mundo entre as grandes pot ncias, com a criação de novos Estados a partir da I Grande Guerra, o mapa das línguas indogerm nicas estendeu-se por todos os rinc es da terra e, com isso, cresceu o das línguas neolatinas, pois os povos que as falam, como que seguindo uma fatalidade, vieram a ser os grandes colonizadores dos tempos modernos.

O espaço a ser ocupado pelas línguas neolatinas tende a ser ainda maior e, dessas línguas surgirão as românicas de segunda geração, cr oles que ascendem   posição de línguas oficiais, que se tornam instrumentos de novas literaturas em espaços antes ocupados pelo francês, o espanhol e o português, enquanto velhas línguas filhas diretas do latim tendem a desaparecer na Europa, velhos dialectos outrora cultivados por escritores regionalistas são abandonados pelas novas gerações, em uma contingência bem humana e que reflete a trajetória do homem sobre a terra: nasce, cresce, evolui, maduresce, envelhece e finalmente morre. Só que certas línguas, ao morrer como instrumentos de comunicação falada, dão origem a outras, enquanto algumas passam de vez, quase sem deixar traços.

Por todas essas vicissitudes   que a questão da classificação das línguas, não apenas das românicas, mas de quaisquer outras,   matéria de muita controvérsia e está sempre a ser alterada. Os linguistas que se dispuseram a classificar as línguas românicas em meados do século passado os primeiros, ainda encontraram um velho dialecto latino vivo, o dalmático, hoje extinto. O movimento nacionalista corso recusava-se a aceitar que o idioma predominante da ilha de Córsega fosse colocado apenas como um dialecto italiano, mas quando a ilha perdeu toda esperança de voltar a ser um Estado independente, a classificação também foi alterada e o que é bem pior, o corso foi perdendo terreno ao francês. Agora, com a oficialização das línguas regionais em França, com a proteção que o Estado tem dispensado às minorias linguísticas e aos diversos grupos étnicos, o corso passa, outra vez, a ser olhado como uma língua  parte, como veremos em outro capítulo. Um velho dialecto, muito velho, o wallon, ch gou a ser extensamente falado na Bélgica e cultivado literariamente, hoje se estiola aos poucos. Enquanto isso, o créole s ychellois, da pequena e tr stica República das Seixelhas, antes considerado um patois falado pelos habitantes mestiços e ignorantes, desprezado pelo funcionário colonial francês que são o usava com o seu criado ou com as gentes de baixa extração social é a língua nacional e oficial do Estado e começa a ser o instrumento de uma jovem e vibrante literatura.

2.3. Os domínios linguísticos da România.

Kurt Baldinger tentou com o seu livro "Die Herausbildung der Sprachräume auf der Pyrenäenhalbinsel"¹¹, uma síntese maravilhosa das origens das línguas faladas na Península Ibérica, saídas do latim vulgar, e dos muitos dialectos ainda existentes ali, e parte, como ele mesmo explica no prólogo¹², da singela comparação sincrónica de uma oração escrita nos três idiomas literários da Península até às complicadíssimas questões de substrato de uma época escura e muito recuada.

É um estudo de alta erudição e que enriquece a Romanística alemã, já de si tão extraordinariamente rica. Estuda os períodos de formação do catalão, que ele chama de uma língua-ponte, a sua expansão, assim como o galego-português, e tem o cuidado de não se deixar influenciar por outras classificações, que faziam, por exemplo, do catalão um simples dialecto do provençal. Ele segue vários critérios para classificar as línguas românicas na Península Ibérica e um deles é o da interinteligibilidade entre elas. Mas o que nos interessa mais de perto é a delimitação dos domínios do galego, do português, do castelhano e do catalão, bem mais precisa do que a apresentada por Albert Dauzat quem, no seu "L'Europe Linguistique"¹³, apresenta excelentes mapas delimitadores, que nos servirão de guia neste estudo, amparando-nos em Baldinger quando tratarmos da Península Hispânica.

Como veremos, os domínios linguísticos nem sempre coincidem com os domínios nacionais, daí a insustentabilidade da teoria alemã que, entre outros erros, advogava a língua como fator de nacionalidade. Claro que existem momentos históricos em que isso terá suma importância. Também vemos que raça e língua não se identificam e com muito maior ênfase vamos ver que essa teoria, tão a gosto dos alemães do passado e ainda hoje esporadicamente defendida por sonhadores do pan-germanismo, também não tem qualquer consistência e, na România, nesse vasto mundo de povos, raças e nacionalidades, salvo casos específicos, que serão estudados, os idiomas novilatinos vivem e são utilizados livremente por povos de diversas raças e origens e procedências, cultura e religiões, em uma assombrosa heterogeneidade.

Daí o cuidado que se deve ter em não se falar de raça latina, como com certa frequência se lêem nos livros de divulgação e na linguagem imprecisa dos articulistas de jornais. O mais correto seria dizer-se povos de língua latina ou neolatina e não povos latinos, quando nos referirmos aos povos que falam alguns daqueles dialectos saídos do latim vulgar ou nações e Estados que possuem como língua oficial um desses herdeiros e continuadores daquele latim que acompanhava as armas romanas.

Com essa busca de uma precisão metodológica será mais fácil o entendimento de uma classificação das línguas novilatinas.

2.4. Antes da geografia linguística, algumas explicações metodológicas.

Toda vez que se tenta uma classificação linguística, quando está em jogo uma classificação de línguas de uma família linguística tão importante como a românica, a eterna questão dialecto-língua logo surge e com as suas conotações. O que é um dialecto, o que é uma língua e quais as divisões entre eles são as primeiras indagações. O assunto não é assim tão simples e cabe hoje que a fronteira anterior entre língua e dialecto sumiu para sempre. Ela nem sequer é precisa. Pelo contrário, é nuançada, distante, simples, imprecisa ao mesmo tempo. O veneziano foi, outrora, no apogeu das viagens venezianas pelo mundo, quando era usado como instrumento de um teatro vivo e atuante, considerado um dialetto nobile e em vêneto Goldoni escreveu algumas de suas mais belas peças. Existem poemas em siciliano que gozariam de grande conceito no mundo se fossem traduzidos a línguas oficiais de repercussão internacional. Há poemas em corso como acredito poucos terão sido escritos em francês ou italiano e, nem por isso, o veneziano, o vêneto, o siciliano e o corso são considerados línguas independentes. Por outro lado, existe no interior do Brasil, no Xingu, um pequeno grupo indígena que fala o xavante estudado por glotólogos americanos e brasileiros. Salvo gramáticas pedagógicas, como o Summer Institute of Linguistics prefere chamar, e manuais e ou cartilhas para alfabetização, o xavante jamais produziu, que eu saiba, um único poema, uma peça de teatro ou romance e nenhum linguista se refere a dialecto xavante, mas sempre língua xavante. O que é, portanto, um dialecto? O que é uma língua?

O assunto é tão complexo, mas tão profundamente complexo que se têm escrito dezenas, centenas de livros a respeito sem que se chegue a uma conclusão.

Porzig, que escreveu um livro hoje de leitura obrigatória sobre metodologia linguística e insistentemente citado, "Das Wunder der Sprache. Probleme, Methoden und Ergebnisse der modernen Sprachwissenschaft",¹⁴ chega a ponto de estabelecer como critério o lado político, sem dúvidas muito e muito forte, para a separação entre dialecto e língua. Para ele todo dialecto com a evolução sócio-político-cultural chega a língua, e dá, como exemplo justamente o latim, que foi no início a simples língua de um pequeno povo do Lácio, mas não passava de um modesto dialecto indo-europeu como tantos outros, inclusive o olusco, o úmbrio, o volsco e outros, mas que, devido ao desenvolvimento dos romanos, às suas conquistas militares, ao desdobrar de uma nova civilização ali viria a tornar-se uma importante língua, a latina. E vai mais além, quando considera que essa língua jamais morreu, mas continuou nos dialectos românicos, mais tarde línguas românicas como o francês, o italiano, o espanhol etc. São apenas variações de uma língua comum, diz ele. O latim, segundo Porzig, é falado hoje em dia nas línguas neolatinas...

Evitaremos uma fronteira por demais precisa mas quando nos referirmos a dialectos latinos, por exemplo, ou línguas românicas, fá-lo-emos indistintamente, mas ao murciano ou ao marselhês, para citar apenas dois, sempre nos referiremos como dialectos, aquele de Múrcia, na Espanha e dentro portanto do domínio linguístico espanhol, e este, de Marselha, nos limites do domínio linguístico provençal.

Também cabe aclarar alguns aspectos que continuam a provocar aceras polémicas, como a de Estado e língua, língua e nacionalidade, língua e raça, língua e religião e outros igualmente conflitantes.

Um Estado nem sempre tem uma única língua, como nem sempre essa língua se originou nos limites geográficos desse Estado. Há casos, e não são poucos, de Estados que, tendo língua própria, depois de uma invasão ou domínio por um povo de cultura mais elevada, deixam de falá-la e adotam a outra, que passa à categoria de língua oficial, língua do Estado por conseguinte. Também não é o Estado o garante da existência de uma determinada língua, pois existem povos que não possuem um Estado e, contudo isso, insistem em preservar a sua língua. Da mesma forma, povos que, no decorrer do tempo, perderam a sua língua, adotando outra ou outras, voltam um dia à sua primitiva depois de se constituírem em Estado e o mais flagrante desses exemplos é o do hebraico.

Está certo que a língua, como queria o Dr. A. Hollenberg no seu livro "De natuurlijke inrichting der samenleving",¹⁵ é um fator de união espiritual e de ideais,¹⁶ dentro de um Estado, mas pode acontecer que povos falando a mesma língua mas pertencendo a Estados diferentes, não manifestem de modo algum essa unidade de espírito e de ideais, e os exemplos também se multiplicam pelo mundo.

A religião, que em alguns casos pode ser fator de unidade linguística, pode não o ser, e há ainda casos de países que possuem uma religião predominante e duas ou mais línguas. Na Albânia ortodoxos e muçulmanos falam a mesma língua nas duas variações dialectais, o tosko e o guego, enquanto belgas de língua flamenga e francesa são em grande parte católicos.

Um Estado pode ser plurilingual e manter extraordinária unidade de nacional, como a Suíça, ou ser plurilingual e ser nacionalmente fragmentado como a África do Sul. Por outro lado, uma língua oficial em um Estado plurilingual, nem sempre consegue a unidade nacional, mas tende a acentuar inclusive tendências separatistas como no caso Etíope ou no Zaire, ou na Nigéria, mas poderá ser fator de união como na França ou na China.

Um Estado onde se falam várias línguas, todas protegidas em suas respectivas regiões, mas onde a língua franca e oficial é uma de grande extensão e civilização como o francês ou o inglês, tende a suplantar as outras em suas próprias regiões de origem, fazendo-as desaparecer, como acontece na Grã-Bretanha e na França.

O Dr. Hollenberg no seu livro citado insiste muito em nacionalidade, Estado e língua e cita a França como um dos exemplos mais perfeitos de um Estado que tem uma só língua oficial, mas onde várias são ainda faladas e cultivadas, onde existe uma fragmentação dialectal assombrosa, mas onde de todos se sentem partes de uma única nação, onde existe um "zeer sterke eenheidsstaat, waar, ondanks de verscheidenheid van volkstammen, toch van een natie gesproken kan worden".¹⁷ Já essa unidade nacional seria menor na Espanha e cita os catalães, quando hoje, na verdade, o elemento regional mais discordante seria o basco.

Dauzat, em livro específico,¹⁸ aborda o assunto com brilhantismo e muita isenção, ainda que muitos dados já não sejam testáveis hoje, trinta e três anos depois de sua edição melhorada. Mostra a dificuldade que é tentar em síntese a história linguística da Europa e quão caprichosa é a geografia linguística. A România é, só na Europa, de uma complexidade sem par. Mas acontece que ela se expandiu muito e já surgiram línguas de segunda geração, o que complica ainda mais o mapa que se queira traçar do mundo de fala neolatina. E note-se que nem todos os dialectos saídos do latim são intensamente cultivados, o que faria mais fácil precisar-lhes os limites. Sugere então um dos critérios mais simples para que se possa distinguir um dialecto de uma língua - o de torná-lo literário. E um dos critérios, que vêm dos dias da linguística comparativista ou comparativa, mas que ainda servem, feitos os reparos devidos. Um tanto ingenuamente ele escreve:

"Toute langue littéraire est un dialecte qui, sous l'action combinée des écrivains et des orateurs, des grammairiens, des académies et autres groupements intellectuels, s'est enrichi et s'est affiné comme instrument de pensée" - op. cit. p. 6.

Mas a situação não é tão simples assim. Em certa época da história italiana, antes da unificação política, o milanês foi amplamente estudado, escreveram-se centenas de poemas e peças de teatro e chegou a ser usado como língua da corte ducal, e ainda que os milaneses falem do seu dialecto como "el bellissem lenguagg de Milan", e que poetas de voo universal como Carlo Porta houvessem escrito inúmeras obras nele, nenhum romanista, que eu saiba, o classificou como uma língua. O reto-romanche, quarta língua oficial da Suíça, é composto de vários dialectos rurais, como veremos em capítulo próprio e cada um deles tem a sua academia, os seus escritores que encarniadamente os cultivam, têm grande cópia de publicações literárias originais e traduzidas (até obras universais como "Le Petit Prince" estão traduzidas aos vários dialectos) e, nem por isso podem ser vistos como línguas à parte.

Na classificação das línguas românicas esses pontos mostrados até aqui se complicam muito, dado que, pela expansão de algumas delas, como

a francesa, a espanhola e a portuguesa, a questão do bilinguismo ou plurilinguismo, dos binômios raça e língua, nação e língua, Estado e língua oficial, língua e religião e outros tendem a aumentar e a complicar.

Na transplantação dessas línguas para distantes terras, em contacto com línguas autóctones e de imigração, elas sofrem modificações que vão de uma simples diferenciação de pronúncia, o sotaque, o dezo, a um enriquecimento lexical que vem engrossar o caudal lexical primitivo, mas diferenciando-os mais e mais, até alterações sintáticas e uma progressiva creolização. O francês de Nova Orleães, em especial aquele que os antigos descendentes de escravos utilizam, é bem diferente do francês de Paris e de outras partes da França, assim como o francês québécois também se distancia do francês padrão da mãe-pátria. O Prof. José de Almeida Pavão Jr., doutor em Filologia Românica e professor na Universidade dos Açores, com muitas estadas em Paris e bom conhecimento do francês parisiense, contou a quem escreve este ensaio que sentiu muita dificuldade em falar com o homem da rua em Quebec, nas vezes que ali foi. Certa feita, ouvindo inflamado discurso do Premier René Lévesque, o líder separatista do Parti Québécois, tivemos dificuldade em compreendê-lo na íntegra em muitos passos, não obstante a extraordinária fluência verbal e oratória desse político seduzirem qualquer auditório. No Haiti a diferença se torna tão acentuada que vai dar em uma rápida criolização, fazendo com que aquele país possua na verdade duas línguas, uma a oficial e falada pela minoria dominante composta quase que inteiramente de mulatos, e a outra, nacional, saída do francês mas dele bem diferente, o créole haitien, falado por cerca de noventa por cento da população.¹⁹

O mesmo fenómeno ocorreria com o português no Brasil, em África e no Oriente, e com o espanhol cujo ponto máximo de criolização parece ser o papiamentu, nas Antilhas Neerlandesas.

Na România a implicação língua e nacionalidade, língua e raça, é o que há de menos coincidente, em especial quando essas línguas foram levadas para fora da Europa. Veja-se o caso do Mundo Latino-Americano - uma denominação altamente imprecisa, mas que vingou! - onde do México ao Chile se continua a falar o espanhol, mas onde existem muitas nacionalidades distintas e por vezes rivalidades quase intransponíveis entre um e outro países. A situação é ainda mais delicada nas antigas colónias portuguesas em África, hoje repúblicas independentes nas quais o português, língua minoritária mas de pujante cultura, serve ao mesmo tempo de língua de união ou língua franca entre os muitos grupos étnicos que falam muitas línguas e dialectos, e serve de língua oficial, língua do Estado e ainda factor de nacionalidade. Daí o perigo em se falar de povos latinos quando em referência aos falantes de línguas românicas. É bem verdade que muitos ainda trazem em seu sangue boa parcela de miscigenação dos antigos romanos, mas a grande maioria é de povos estranhos ao ramo latino, nem nada tem a ver com o povo do Lácio.

2.5. Por onde andam as línguas novilatinas.

A geografia da România segue bem a variedade das línguas indogermânicas: elas estão em toda parte, em todos os continentes e não possuem, como certas famílias linguísticas como a sino-bitenana, a dravídica, a semítica, a camito-cushítica, a banto e outras para só citar as mais discutidas e conhecidas, um espaço geográfico mais ou menos definido. A geografia linguística da România é variada, variadíssima: ultrapassa o continente europeu, expande-se por toda a América do Sul, vai à América Central, chega à do Norte, abrange muitos países do Caribe, ilhas e ilhotas, vai à África do setentrião ao meridiano, chega às distantes ilhas do Pacífico e já esteve no Extremo Oriente onde ainda permanece pela imigração ou como línguas de cultura de povos que estiveram outrora sob domínio político de Estados europeus de línguas neolatinas como a França, Portugal e a Espanha; invade por momentos os cercados das línguas semíticas e hamíticas e se tornam, especialmente através do francês, umas línguas de comunicação e de refinamento das elites privilegiadas de Estados independentes da Ásia central como o Irã, o Afeganistão em um passado recente, antes do avanço extraordinário do inglês.

Note-se que me refiro aqui a geografia linguística no sentido que lhe dá Eugenio Coseriu no seu livro "O Homem e sua Linguagem"²⁰ e que vale a pena citar, para melhor entendimento, porquanto não nos referimos in casu a um método dialectológico e comparativo que pressupõe o registro de elevado número de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária, puro trabalho de campo em uma "rede de pontos de um determinado território"²¹ é sim aquela que

"pode ser entendida simplesmente como parte da geografia, precisamente como "geografia das línguas" (atuais, históricas ou pré-históricas). Com efeito, as línguas, isto é, as entidades nas quais a língua humana se realiza historicamente, ou melhor, as comunidades linguísticas que realizam concretamente em seu falar as entidades ideais chamadas "línguas", apresentam-se com extensão e limites no espaço terrestre e, portanto, podem ser registradas em mapas e constitui objeto da geografia: o estudo da distribuição das "línguas" (comunidades linguísticas) sobre a terra e das fronteiras entre elas enquadra-se na geografia política" - op. cit. p. 82.

Assim, a geografia linguísticas da România é extensa, muito extensa e variada, que vai de pequeninos países como o Principado de Mônaco e a República de San Marino, a Estados imensos como o Brasil e o México, de Estados onde existe praticamente uma língua nacional e uma ofi

cial, como Portugal e Estados plurilínguas como as ex-colônias portuguesas em África, de Estados homogeneamente europeus pela colonização e cultura como a Argentina a países quase que cem por cento negros, como a Guiné-Bissau, de Estados onde a religião católica é a dasvasta maioria da população como a Itália a países ortodoxos como a Romênia, ou com boa parcela de população muçulmana como a Guiné-Bissau e Moçambique, a países com populações protestantes minoritária ou majoritariamente como a Suíça, os Estados Unidos e a própria França; em que a língua novolatina é a única língua nacional e oficial, ou é uma das línguas do país como em Portugal, Brasil e Argentina de um lado, ou como na Suíça, em França, nos jovens países africanos de expressão portuguesa, na Guatemala, na Bolívia, no Peru, no Paraguai, de outro lado; onde a língua românica convive com uma língua não românica e às vezes nem indoeuropéia como no Quebeque, na Louisiana, na Bélgica ou em Macau, Timor português (hoje província indonésia sob o nome de Loro Sae), Moçambique, Cabinda, Angola, Tahiti, Nova Caledônia e outros lugares.

A geografia linguística e política da România é, portanto, das mais variadas que se possam imaginar. Línguas românicas servem de línguas oficiais a monarquias e repúblicas, regimes socialistas e capitalistas, ditaduras e democracias, presidencialismos e parlamentarismos, países altamente desenvolvidos do Primeiro Mundo, Estados socialistas do Segundo Mundo e jovens nações em desenvolvimento do Terceiro Mundo. Territórios coloniais e territórios independentes, ilhas e terras continentais, pequenas e vastas populações. Em uma palavra, um verdadeiro mosaico que, em certo ponto, segue as tradições que os romanos legaram, só que o mosaico atual é bem mais embaralhado.

Talvez com um pouco de exagero, ao falar da continuação do latim através das línguas românicas, um grande linguista, celtólogo acatado, J. Vendryes, em "Choix d'études linguistiques et celtiques"²², insistia em que o latim não está morto "puisque les langues romanes en sont aujourd'hui la continuation".²³ Não chegando a tanto, o que me parece, é de repetir, um pouco exagerado porquanto muita coisa mudou, muita mesmo; diria porém que a România em sua vastidão é uma continuação ampliada do mundo que a civilização romana legou ao mundo. Se não posso assentir que "le français et le latin ne sont qu'une seule et même langue"²⁴ como aquele linguista queria, não posso deixar de reconhecer que a ida do francês até uma distante ilha do Índico como as Seixelhas e ali formar uma nova língua como o créole sychellois é, não resta dúvida, mostra a vitalidade de um dialecto latino, uma certa continuação da expansão cultural que, um dia, em um passado já distante, aquele pequeno povo saído do Lácio teve. O mesmo se diga com a teimosa persistência de um dialecto latino que, na Bessarábia, cercado de povos de outras línguas, mantém na língua moldava a sua identidade latina, ou um crioulo português que, no Ceilão (hoje Sri Lanka) espremido entre as línguas singalesa e a tâmil, teimosamente sobrevive.

2.6. Línguas românicas do Oriente e do Ocidente.

Na terceira parte deste modesto ensaio, ao estudarmos algumas das muitas classificações, repassaremos alguns dos critérios que linguistas como H.A. Gleason, Jr. e outros vêm adotando para considerar quando um dialecto deve de ser considerado como língua separada, isto é, quando em uma lista de dialectos aparentados um ou mais devam ser vistos como línguas independentes. São tantos esses critérios que variam do político, e que tanto influência teria durante o Romaniztismo quando surgiram novas literaturas na Europa em dialectos que poucos haviam ouvido falar, no dealbar da linguística românica, então insistentemente chamada de filologia comparada.

Mas qualquer que seja o critério a ser adotado, salta à vista que existe desde Friedrich Diez com a sua "Grammatik der romanischen Sprache",²⁵ uma linha que vem sendo mantida pelos outros romanistas na esteira daquele mestre, a de que existem línguas românicas do Oriente e as do Ocidente.

Ainda que não existissem traços que as marcassem assim, românicas orientais e ocidentais, existiria a simples posição geográfica, que se não pode negar.

A geografia política encarregar-se-ia de ajudar a manter essa distinção, porquanto no que se convencionou chamar de Europa Oriental existem o romeno e o moldavo ou moldávio, e existiu outrora o dâlmato. Mas a situação não é tão simples assim, e ao moldavo, ao romeno e ao dâlmato se ajunta o italiano, que, com aqueles, apresenta traços bem marcantes e distintivos.

Há ainda uma divisão que subagrupa o grupo ocidental em dois ramos distintos, um norte-ocidental e outro sul-ocidental.

E a conhecida repartição geográfica, bem de acordo com o espírito da época em que foi delineada e que, sob certos aspectos, não deixa de trazer em si um critério predominantemente literário, como observou Silvio Elia na sua "Preparação à Linguística Românica".²⁶ Ao traçar Diez essa divisão, só teve em vista as línguas então escritas, ou que possuíam literaturas conhecidas, deixando de lado uma língua literária, o catalão, e anexando o galego ao português como se ainda formassem uma língua galaico-portuguesa. Ignorou o sardo e outros dialectos latinos, ou línguas novilatinas que, estudos posteriores, mostraram possuir bastante características que as indicavam a uma classificação na lista das línguas neolatinas.

Meyer-Lübke também não descarta a divisão de Diez, mas já acrescenta novas línguas à sua classificação.²⁷

Hoje a sociolinguística com os seus avanços pode ajudar muito para uma classificação ainda mais completa, com a descrição de línguas de segunda geração.

Quando os romanistas falam de línguas neolatinas do Oriente, porém, não se referem a nenhum país fora da Europa, daí haver muita confusão por parte do leitor não enfronhado nesses estudos. Walther von Wartburg, que retomou e precisou mais tarde a divisão dieziana no seu livro "Die Ausgliederung der romanischen Sprachbäume" ²⁸, lembra que a linha que divide a România Ocidental da Oriental, corta a Itália ao Norte e separaria essa parte norte-oriental de uma Itália linguística central e outra sulina, de acordo com os dialectos aí falados, e ligaria La Spezia, no Tirreno, a Rimini, no Adriático.

²⁹
Segundo Silvio Elia, na sua obra citada, os traços fonéticos mais importantes que separam as duas Românicas:

1. A perda do -s a Leste (Itália, Dácia, Moldávia);
2. Conservação do -s a Oeste (Récia, Gália, Ibéria);
3. Sonorização das surdas intervocálicas no Ocidente e conservação no Oriente;
4. Fricatização do c no grupo -ct no Ocidente com posterior palatalização e não fricatização no Oriente.

E, acrescenta o professor Elia:

"O sardo ocupa uma posição intermediária, pois embora conserve o -s final, não sonoriza as surdas intervocálicas (a não ser tardiamente em dialetos do Sul)" - op. cit. p. 122.

É claro que estes são traços característicos mais importantes, mas existem outros lexicais, morfológicos e sintáticos já estudados sebejamente por tantos romanistas. Entra em jogo ainda a questão do substrato, do superestrato e adstrato, questões de bilinguismo, de diglossia, questões de imposição que bem poderíamos chamar de políticas e que não vem a pelo em nosso ensaio que trata unicamente da classificação das línguas românicas a tuais partindo de leituras de diversos romanistas, sobretudo alemães e que não dedicamos tempo, paciência e erudição ao assunto, sempre controvertido.

O que nos importa saber é por que certos idiomas foram deixados de lado, se foram adotados certos critérios segundo os quais eles seriam guindados à condição de línguas românicas independentes. Por que deixar de lado, por exemplo, o franco-provençal, grupo linguístico de transição, como alguns linguistas fazem, e incluir o catalão, igualmente uma língua ponte, ou seja, uma língua de transição? Por que ignorar o friulano, se tal não se fez com o romanche? Por que modernos linguistas ignoram os idiomas românicos de segunda geração mesmo adotando critérios políticos segundo os quais eles seriam considerados línguas independentes já que o são de Estados, como o caso do seixelhense?

São pontos que tentaremos debater nos dois capítulos finais especialmente ao apresentarmos a nossa reclassificação.

Agora, em um passeio pelo mundo, apresentaremos sem minúcias e sem especificar as línguas, países onde se falam línguas românicas nos dias de hoje:

Na Europa:

Romênia, Moldávia, Itália, França, Espanha, Portugal, Andorra, Principado de Mônaco, San Marino, e suas dependências, províncias, ilhas, departamentos fora do território continental. Nesses países línguas neolatinas são línguas nacionais mesmo onde convivem com línguas não românicas, e oficiais. Na Bélgica, na Suíça e no Grão-Ducado de Luxemburgo são línguas de uma parte da população e co-oficiais juntamente com o flamengo, o alemão e o letzeburgesch.

Na América do Sul:

Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Todas oficiais.

Na América Central:

Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá. Todas oficiais.

Na América do Norte:

Canadá (oficial no Quebec) e co-oficial em todo o país. México. Partes dos Estados Unidos.

Nas ilhas do Caribe:

Cuba, Haiti, República Dominicana. Todas oficiais.

Em África: incluindo países vizinhos, do Oceano Índico:

Angola, Argélia (semi-oficial), Benin, Burkina Fasso, Burúndi, Cabo Verde, Camarões, Congo, Costa do Marfim, Gâmbão, Guiné-Conakry, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Ilhas Comoras, Madagascar, Mali, Marrocos (semi-oficial), Mauritânia, Moçambique, Níger, República Centro-Africana, Ruanda, Seixelhas, Senegal, Togo, Tunísia (semi-oficial), Zaire. Em todos estes países uma língua românica é oficial, sozinha ou lado a lado com uma língua nativa.

No Oriente:

Cambodja, Laos e Líbano, semi-oficiais.

E ainda nos seguintes territórios:

Antilhas Neerlandesas, Ceuta e Melilla, Gibraltar, Macau, Porto Rico, Timor (hoje Loro Sae).

Teve muita influência em países como as Filipinas, o Sri Lanka, o Vietnã, tendo decrescido muito em favor do inglês.

Quando estudarmos as grandes línguas românicas internacionais, cada país onde uma delas tiver real importância como língua secundária ou tenha tido no passado, será citado. E serão incluídos territórios ainda não independentes, mas onde uma língua românica serve como língua de cultura ou é a língua da administração colonial.

Como se vê, o domínio das línguas românicas é hoje muito vasto e cobre efetivamente todos os continentes. Em muitos dos países citados, uma língua românica, seja o francês, o português ou o espanhol, foi ali introduzida pela administração colonial e não chegou sequer a ser bastante difundida, mas quando o território se tornou independente, foi a adotada pelo novo governo como é o caso de Burkina Fasso, país da África ocidental, antes colônia francesa e que se chamou de Alto Volta. Nesse país, falam-se muitas línguas africanas da família linguística nígero-conguês, como o samo, o gurunsi, o lobi e o mossi, esta falada por grande parte da população e pelo grupo étnico mais importante, o dos mossi. O francês é, em Burkina Fasso, a única língua oficial e uma espécie de língua franca a unir tantas tribos e nações. Mesmo representando uma herança do colonialismo, foi a maneira encontrada pelos novos dirigentes para dar ao país uma língua de grande audiência e, ao mesmo tempo, que não pertence a nenhum dos grupos étnicos. O incentivo, por exemplo, ao idioma dos mossi poderia significar que se privilegiava esse povo o que poderia ocasionar cisões internas das mais graves, o que não é incomum em África em situações idênticas. O caso da República Centro-Africana, o ex-efêmero Império de Bokassa, é ainda mais sério porque nesse vasto território existe uma língua que, aos poucos, se estende por todas as tribos e etnias, seja como língua nativa seja como língua franca, mas os fundadores do jovem e estranho Estado temendo atritos tribais preferiram o francês para língua oficial. Em outros lugares, o idioma deixado pelo colonizador co-existe oficialmente com um idioma nativo ou até mais de um, como no Togo, pequeno país na África Ocidental e também ex-colônia francesa onde o francês, o euê e o cabié são oficiais. Na Tunísia e na Argélia o francês é amplamente difundido, mas perdeu para o árabe nativo o status de língua oficial. Na América do Sul, há casos interessantes em que uma língua românica convive com uma ou mais línguas ameríndias majoritárias, mas mantém o seu status oficial, como no Paraguai onde quase toda a população fala o guarani, língua nacional, e na Bolívia, onde o aymará e o quechua, entre outras línguas ameríndias são dominantes, mas nem por isso o guarani, o quechua e o aymará são co-oficiais com o espanhol. No Peru, um decreto do ex-ditador General Velasco Alvarado tornou o quechua oficial, lado a lado com o espanhol, um dos raros casos de Estado bilíngue em o Novo Mundo. No Canadá, uma língua românica tem status privilegiado em uma província, o Quebeque, onde é oficial e nacional, sendo oficial no restante da federação, ao lado do inglês. Nos Camarões, onde existem muitas línguas e dialectos africanos, alguns com velha tradição escrita como o bamoun e o douala, o francês reparte com o inglês a posição de língua de Estado e língua franca. No Camboja, depois da queda da monarquia, uma língua românica, o francês, perdeu a posição de co-oficial para o khmer, mas continua como a grande língua de civilização, usada ainda pelas elites administrativas, políticas e intelectuais do país. Em Moçambique, apesar

de tantos séculos de colonização européia, o português não conseguiu tornar-se uma língua nacional, onde línguas bantas, amplamente faladas pelas populações interioranas, são majoritárias, continuando porém o português como língua do Estado moçambicano, língua de cultura e língua franca, o mesmo acontecendo em Angola e na Cabinda e na Guiné-Bissau. Há casos ainda mais curiosos, de países onde há duas línguas românicas, sendo uma de segunda geração e a majoritariamente falada pelos nativos, como em Cabo Verde, onde grande parte da população caboverdiana fala crioulo, que é a língua nacional, mas não a oficial, reservando-se este status para o português. O mesmo acontece no Haiti com o crioulo que, não obstante protegido por decretos do ex-Presidente vitalício Jean-Claude Duvalier,³⁰ não é usado como idioma do Estado, posição ocupada pelo francês, falado por apenas dez por cento dos haitianos. Nas Seixelhas, caso único nos dias atuais, o francês, língua deixada pelo colonizador, cede passo ao crioulo seychellois, língua românica de segunda geração e falada por todos os seixelhenses, tornada língua oficial do jovem Estado por corajoso decreto do Presidente France-Albert René em 1981 e hoje a língua dos nascentes escritores nacionais.³¹

Em muitos dos novos Estados caribenhos, ex-colônias britânicas, como Dominica, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, onde a língua oficial é a inglesa, persiste uma língua românica de segunda geração, um crioulo com muita influência inglesa e léxico aguçado de elementos africanos.

Há casos interessantíssimos em que uma língua românica adotada como oficial, ajudou a manter intacto o novo Estado, como em Djibúti, em que duas grandes nações indígenas antagônicas, a dos issa e a dos afar, queria, cada uma, a sua como língua oficial. Sem nenhuma tradição escrita, tanto o issa como o afar trariam problemas para o país, onde persiste uma língua de grande extensão cultural e o instrumento de sua religião, o árabe, além do somali, de sua belicosa vizinha a Somália. O jeito que o Presidente Hassan Gouled Aptidon encontrou para evitar atritos foi manter o francês, a língua da antiga administração colonial, como a única do país, embora seja pouquíssimo falada pelas tribos do interior e apenas conhecida pela elite política, pelas pessoas educadas e, agora, pela nova geração.

Como se pode observar, por toda parte alguma língua românica é falada ou conhecida ou goza de status privilegiado. Tem havido porém casos em que ela não se firmou e vai cedendo rápido o passo a outra ou outras, como em Sri Lanka, onde um crioulo português está em vias de extinção, suplantado pelo cingalês e o tâmil, ou em Goa, onde o que restou da exuberante cultura portuguesa, desaparece aos poucos ante a força do inglês e do hindi, além do concâni e outros idiomas regionais. Em Timor onde o tetum é predominante e o português jamais penetrou completamente, a indonesização forçada desse território, mais o ensino obrigatório do baha-sa indonesia, apagam os vestígios de uma língua românica...

Eis, em rapidíssimas pinceladas, o quadro atual das línguas românicas esparramadas pelo mundo, a sua importância como instrumento de grandes civilizações, elemento agregador em certos casos, em outros o importante elemento político para manter Estados multilínguas, todas e - las temas de relevo para a sociolinguística, para a geografia político-linguística e para a filologia.

Ramos diversos de uma grande árvore, as línguas românicas cumpriram e cumprem uma missão civilizadora pelo mundo, como outrora os romanos e seu latim, o latim vulgar, esse que precisa de uma revisão em seu conceito como ensina Harri Meier nos seus "Ensaio de Filologia Românica",³² ou esse latim imperial como belamente o prefere chamar Paul Teyssier na sua "História da Língua Portuguesa".³³ Chegaram muito longe e deixaram as suas marcas, ficaram as suas improntas às vezes muito fortes, outras leves, mas ficaram. As línguas românicas continuaram a mesma marcha.

Só que foram muito longe, até os confins do mundo.

Capítulo II:

1. Silveira, Sousa da. Lições de Português. 8a. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1 972. 312 p.

Alguns romanistas exageram a influência do latim imperial junto às populações conquistadas. Salvo nos lugares já sabidos, em alguns territórios conquistados pelos romanos a romanização não foi bastante forte para suplantar a língua ou línguas existentes como no caso do ibero que, nas montanhas, resistiu, já tornado basco, o mais que pôde chegando até os nossos dias, como explica Albert Dauzat no seu livro "L'Europe Linguistique" (1953), às págs. 33. Impondo o latim à Gália, por exemplo, os romanos não conseguiram varrer os dialectos célticos, que resistiram até hoje e só recentemente eles cedem ante a pressão de uma língua internacional, o inglês. O latim não se implantou na Grã-Bretanha como comenta o mesmo Dauzat (op. cit. p. 50), como não aconteceu na África do Norte, onde chegou a ter um essor. Tendo dominado a Grécia, os romanos não conseguiram romanizar aquele país, bem pelo contrário, era o colonizado que emprestava luzes ao colonizador...

2. Apesar de ter esmagado a resistência judáica, os judeus, como outros semitas, mostraram a persistência dos gregos e a sua cultura sedimentada não se deixando romanizar. Berço de uma velha e turbulenta civilização, a Judéia sofreu muitas invasões, a mais possante de todas sendo a romana, quando, sob o Imperador Tito, se dá a diáspora do Povo Eleito. Mas mesmo no apogeu da dominação romana, o judeu permanece profundamente judeu e não se deixa levar do esplendor da civilização romana e falando a respeito de um grande líder daqueles dias, Judá, filho de Simão ben Gamaliel, o historiador Cecil Roth escreve que ele, sendo amigo do representante de Roma na Palestina, como então se chamava, e talvez mesmo do Imperador Marco Aurélio "fazia questão de que o hebraico se falasse na sua casa, considerando-o, ao lado do grego, a única língua apropriada para relações civilizadas" (in "Pequena História do Povo Judeu", trad. de Emanuele Corinaldi, São Paulo, Fundação Fritz Pinkuss/Congregação Israelita Paulista, 1 962. 1 2 tomo, p. 149. A língua hebraica sofreria empréstimos do aramaico, do persa e do grego, ensina John F.A. Sawyer no seu "A Modern Introduction to Biblical Hebrew" (Stockfield, Oriel Press, 1 976), p. 184. Mas não do latim...

3. Cfr. Mohammed Ali in "A Cultural History of Afghanistan. Publicação do autor, Kabul, 1964. E nos dias de esplendor a influência da civilização helênica era enorme e esse erudito comenta:

"Although Greek art and the Greek language suffered a lot in Aryana, the Greek way of life and script lasted for a much longer period. The Kushan language was transcribed into Greek writing, and even their coins for a considerable time were more or less poor imitation of Greek coins" (op. cit. p. 52).

E mais abaixo:

"It is certain that some of the people, especially those living in the cities were affected by Greek atmosphere; and many of them might have desired to copy the Greek way of life, partly because of fashion and partly because they thought it good in itself. Anyhow, it is quite certain that Aryana adopted the Greek form to a large extent, but not the Greek spirit, for in matters of spiritual values she was quite confident that she could outstay the Greeks - and she did" - ibidem p. 54 e 55.

4. Savj-Lopez, Paolo. Le Origini Neolatine. Milão, Ulrico Hoepli, 1976. 407 p.

5. Dubois, Jean et alii. Dicionário de Linguística. São Paulo, Editora Cultrix, 1978. Verbetes Superestrato, p. 576.

6. Op. cit. p. 19.

Sem poder dominar a sua admiração pelos romanos e sua cultura, mestre Savj-Lopez, citando trechos altamente laudatórios de Claudiano sobre Roma

"Haec est in gremium victos quae sola recepit,

Humanumque genus communi nomine fecit",

e aquela entusiástica exclamação de Santo Agostinho:

"Quis jam cognoscit, gentes in Imperio Romano quae quid erant, quando omnes Romani facti sunt et omnes Romani dicuntur?" (op. cit. p. 5), conclui que mesmo que

"I territori che cessarono di esser latini conservano tuttavia molte tracce della loro latinità d'un giorno" - ibidem p. 22.

Os grifos são nossos.

7. Op. cit. p. 19.

8. Op. cit. p. 16 e 17.

9. Op. cit. p. 17.

E Savj-Lopez que nesse passo citado frisa a influência esporádica e superficial do latim na Alemanha, não obstante tantas invasões e tantos encontros, não põe de lado o apego rático germânico, o mesmo que faria, séculos mais tarde, partir para o Pangermanismo e adotar a tremenda teoria da expansão vital - Lebensraumtheorie - que

uniria não apenas os povos germânicos, mas outros povos sob sua férula. Diz esse linguista:

"Alla lontananza, alla troppa differenza nel grado di coltura on d'era fatta meno agevole l'assimilazione, al vigore del senso etnico presso i Germani, un altro motivo si può aggiungere, che impedì la fusione: la insormontabile varietà d'indole tra i due popoli, documentataci dai giudizi asprissimi che quasi sempre gli scrittori romani - ove si eccettui Tacito nella sua *romantica e tendenziosa Germania* - hanno dato sulla natura dei Germani" - op. cit. p. 17.

10. Auct. cit. ibidem 18.

11. Baldinger, Kurt. Die Herausbildung der Sprachbäume auf der Pyrenenhalbinsel. Trad. espanhola: La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Península Ibérica. Trad. de Emilio Lledó e Montserrat Macau. Madrid, Editorial Gredos, 1963. 398 p.

É uma obra excelente, erudita e escrita de maneira muito corrente, acrescentando boa bibliografia que muito ajudará não somente ao linguista e especialista em romanística, mas a todo leitor interessado na origem das línguas romanas na Península Ibérica.

12. Op. cit. p. 7.

Expondo a sua metodologia, Baldinger escreve:

"El estudio aquí intentado no pretende, por dos razones distintas, ser una exposición de conjunto en el sentido hasta hoy corriente. Nuestro camino es el de la investigación y el de sus resultados; conduce desde la sólida base de los Orígenes hacia nuevos problemas o soluciones problemáticas; desde la sencilla comparación sincrónica de una oración escrita en los tres idiomas literarios de la Península Ibérica, hasta las complicadísimas cuestiones de substrato de una época oscura y remota. Este criterio metódico inicial supone, también en contraposición con todos los trabajos de este tipo realizados hasta ahora, el prescindir de un orden cronológico. El orden seguido será el de los problemas que han ido surgiendo en el curso de las investigaciones" - ibidem p. 7.

13. Dauzat, Albert. L'Europe Linguistique. Paris, Payot, 1953. 239 p. Especialmente o capítulo II, item III.

14. Porzig, Walter. El Mundo Maravilloso del Lenguaje. Problemas, métodos y resultados de la lingüística moderna. Trad. de Abelardo Moralejo. Madrid, Editorial Gredos, 1964. 507 p. Leia-se o capítulo V, de págs. 217 usque 273.

Sobre o assunto, entre outras coisas, ele observa:

"Una lengua común se basa en la mayoría de los casos en un determinado dialecto que aceptan las otras áreas dialectales como medio

general de entenderse junto al modo de hablar local. Las razones para que generalmente ocurra cosa semejante son en primera línea las necesidades del tráfico y de la administración, mas luego también de la literatura y de la ciencia, cuyo alcance debe traspasar las estrechas fronteras de un territorio dialectal. Pero en cuanto a qué dialecto especial ha de dar la base para la lengua común, son para ello esencialmente decisivos dos puntos de vista, a saber, primero, la hegemonia política del territorio dialectal en cuestión, y, segundo, el prestigio cultural de un dialecto" - op. cit. p. 230. Grifos nossos.

Como outros linguistas famosos, Porzig não aceita que se chame ao latim de língua morta, mas inicialmente que essa é uma afirmativa apenas tradicional na escola, já que

"... el latín no es, como se oye siempre, una lengua "muerta", sino que ha sido transmitida de generación en generación y hablada hasta el día de hoy. Sólo que, como todas las lenguas, ~~independientes-----procesos-cuya-causa-y-alcance-----~~ ha variado en el transcurso de dos mil años y sus dialectos, mientras tanto, se han desarrollado como lenguas independientes"... - op. cit. p. 277.

15.

Hollenberg, A. De natuurlijke inrichting der samenleving - als grondslag voor een nieuwe staatkundige en sociaal-economische orde. Heemstede, Uitgeverij de Toorts, 1941. 263 p.

16.

Op. cit. p. 189.

Ele completa o seu pensamento, dizendo:

"Door de gesproken en geschreven taal ontstaat en ontwikkelt zich de vreedzame gemeenschap, die gevormd wordt door de banden van rechten en plichten. In die literatuur leven de tradities en idealen van een volk voort. De taal draagt dus machtig bij tot de dooreenmenging van stammen en om tusschen de dooreengemengde stammen op een bepaald grondgebied, éénheid van geest, éénheid van idealen, een werkelijke geestelijke gemeenschap te doen ontstaan" - op. cit. p. 189.

Talvez uma postura um tanto romântica a respeito da língua e que não está isenta de reparos, pois vimos no correr do capítulo que existem povos, pertencentes a Estados diferentes, a falar a mesma língua, com absoluta divergência de ideias, de orientação política, de ideologias tão diversas que tudo os desune, nem mesmo a força extraordinária da língua comum. E não são precisos exemplos, que todos os encontram diariamente nos jornais do mundo inteiro...

17. Op. cit. p. 202.

18. Dauzat, Albert. L'Europe Linguistique. Paris, Payot, 1953. 239 p. Já várias vezes citado no presente ensaio.

19. A questão do créole haitien é das mais interessantes porque, a bem falar só o crioulo importa naquela pequena e densamente populosa república. Tem tido, nos últimos anos, muita proteção do Estado, mas, nem por isso é uma língua oficial. É a francesa que detém esse status, em um país onde, como afirma Pradel Pompilus no seu excelente "Manuel d'Initiation à l'Etude du Créole", são proporcionalmente poucos os que falam fluentemente as duas línguas. Diz Pompilus:

"S'il existe un bilinguisme en Haiti, c'est en tant que capacité de 150.000 à 500.000 Haitiens à parler le français et le créole. Il vaudrait mieux en tout cas parler de situation bilingue pour caractériser le contact de deux langues qui se compénètrent dans les villes et dans la campagne proche des villes" - op. cit. p. 8. O livro não traz qualquer outra indicação: editora, data, cidade onde foi impresso.

Pradel Pompilus explica que o francês é usado em um circuito extremamente reduzido e chega a dar como 3% o número dos que o falam, ou "7% suivant les estimations les plus optimistes" - ibidem p. 7.

Um linguista de renome, André-Marcel d'Ans dedicou-se ao créole haitien dando-nos um livro-padrão:

Le Créole français d'Haiti: Etudes des unités d'articulation, d'expansion et de communication. Haia, Mouton, 1968. 181 p.

Existe, igualmente, uma boa obra sobre o francês da Louisiana, devido a Marilyn Conwell e Alphonse Juilland, Louisiana French Grammar, I: Phonology, Morphology and Syntax, também publicado pela Mouton, da Haia, em 1963, 207 p., 2 mapas.

Não consegui qualquer livro, como os acima citados, sobre o francês quebequense, salvo referências de escritores e os testemunhos que dou.

Na tentativa de classificação das línguas românicas, ao estudar a extensão do francês e crioulos dele saídos, volto a referir-me ao assunto, dando, inclusive, pequenos trechos em créole haitien etc. Nos últimos anos, por sinal, têm sido publicados muitos livros em créole haitien, em especial depois da legislação que lhe deu ampla proteção como língua nacional da república.

20. Coseriu, Eugenio. O Homem e a sua Linguagem. Estudos de Teoria e Metodologia Lingüística. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença; São Paulo, Usp, 1982. 191 p.

21. Op. cit. p. 79.

22. Vendryes, J. Choix d'Etudes Linguistiques et Celtiques. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1 952. 352 p.
23. Op. cit. p. 46.
24. Ibidem p. 46.
25. Diez, Friedrich. Grammatik der romanischen Sprachen. Cit. pelo Prof. Silvio Elia no seu livro "Preparação à Linguística Românica", 2a. ed., Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S.A., 1 979, às págs.121. Por sinal vemos um erro grave quando se dá ali a 1a. ed. do livro de Diez como de 1 938, coisa que o professor Elia, em carta que nos dirigiu em 10 de outubro de 1 985, se apressa em corrigir: "Ao reler o capítulo da Preparação, dei com um absurdo de arrepiar os cabelos: a 1a. ed. da Grammatik de Diez como saída em 1 938! Diez faleceu em 1 876. A Grammatik foi publicada em 3 vols., 1 836-1 843. Isso se pode ler nesse meu mesmo livro, corretamente, na p. 5 da 2a. ed. Rogo-lhe, pois, fazer a devida correção".
26. Elia, Silvio in op. cit. p. 121.
27. Apud Silvio Elia in op. cit. p. 121.
28. Apud Silvio Elia in op. cit. p. 122.
29. Op. cit. p. 122.
30. Cfr. Pradel Pompilus in op. cit. págs. 69. Aí vem, na íntegra, a lei assinada pelo Presidente vitalício Jean-Claude Duvalier que manda seja o crioulo "utilisé comme langue-instrument et objet d'Enseignement", fixando-lhe um alfabeto, uma ortografia e dando outras providências, isso em 28 de setembro de 1 979. Ao enviar o projeto à Assembleia o Presidente reconhecia que: "L'usage du Créole, en tant que langue commune parlée par les 90% de la population haïtienne, est permis dans les Ecoles comme langue-instrument et objet d'enseignement". Como se vê os dados oficiais fazem subir a 10% os falantes de francês em todo o país, com o que não concorda o linguista citado anteriormente. Da mesma forma, a lei que disciplina o art. 35 da Constituição haitiana que permite o uso do crioulo e mesmo o recomenda "pour la sauvegarde des intérêts matériels et moraux des citoyens qui ne connaissent pas suffisamment la langue française", não estende muito as atribuições do crioulo quando lhe disciplina o uso.
31. Com respeito ao seixelhense e seu desenvolvimento, cabe-nos lembrar que, depois de 1 981, quando o crioulo substituiu o francês como língua oficial, o Governo tem estimulado a criação de uma literatura nacional puramente crioula. A correspondência é em crioulo e não mais em francês, e há revistas, jornais e livros totalmente escritos nessa jo

vem língua românica de segunda geração. Algumas revistas especiais, destinadas ao Exterior, como "Nation", comemorativa do "sizyenn lanniverser nou liberasyon", é trilingue e todos os artigos importantes são traduzidos ao francês e ao inglês. Respondendo a uma pergunta nossa sobre o desenvolvimento do crioulo como língua oficial, Mme Jeannette Julienne, dos Serviços de Informação do Ministério da Educação e Informação, depois de dizer que me enviava algum material, acrescentava em sua carta de 6 de julho de 1983:

"Ou'n demann nou pou rann ou larepons an Kreol, nou espere ki ou a va konpran byen".

E agradecia:

"Mersi bokou pou ou lentere dan nou langaz Kreol".

32. Meier, Harri. Ensaio de Filologia Românica. 3a. ed. Rio de Janeiro, Grifo, 1974. p. 11 e seguintes.

Meier acentuava que:

"O maior impulso para a revisão do conceito do Latim vulgar não há dúvida que veio da Geografia linguística" - ibidem p. 11.

33. Teyssier, Paul. História da Língua Portuguesa. Trad. de Celso Cunha. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1984. De págs. 7 usque 13 especialmente. Entre outras coisas, Teyssier escreve que "o latim imperial perdeu as oposições de quantidade" etc. - p.8.

__CAPITULO__ III__

ALGUMAS CLASSIFICAÇÕES DAS LINGUAS NEOLATINAS

- Do início da Romanística aos nossos dias.

Um repassar de autores e teses -

"Uma das dificuldades fundamentais é uma definição de língua. O termo tem sido utilizado de modos tão diversos, tanto por leigos como por linguistas, que não existe para ele um significado que mereça comum acordo, excepto quanto à sensação geral de que as línguas são, de alguma forma, mais distintas entre si que os dialectos: as línguas são diferentes espécies de linguagem, enquanto os dialectos são meras variedades de línguas. Ora, nada tão vago como isto poderá servir-nos como base de uma enumeração científica das línguas".

Gleason, Jr. H.A. Introdução à Linguística Descritiva. Trad. de João Pinguelo. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978. P. 466.

3.1. Filólogos, gramáticos e linguistas na classificação das línguas neolatinas.

A uma primeira olhada o assunto parece dos mais simples e sem problemas porquanto até mesmo as gramáticas mais simples, destinadas a alunos do curso ginasial, quando falam das origens da língua cuja gramática sistematizam, apresentam a relação das línguas novilatinas. Só aos poucos, depois de muito contacto com teorias linguísticas, com estudos recentes de Romanística, é que vamos ver que a questão da classificação das línguas neolatinas é algo que nada tem de simples e que, pelo contrário, está longe de ser concluído. Para uns é problema da filologia e o grande mestre português, J. Leite de Vasconcellos, ao tratar dele nas famosas e úteis "Lições de Filologia Portuguesa",¹ inclui-o, juntamente com o assunto dos crioulos, no campo da filologia. Os gramáticos tradicionais põe-no como mera introdução à gramática histórica, quando não o fazem anteceder às noções de gramática e suas divisões. Os linguistas preferem estudá-lo dentro de um campo específico a que chamam de Romanística e que parece ser a posição hoje predominante.

Na verdade, a nossa posição é menos rígida e preferimos incluir um assunto de tal magnitude segundo as circunstâncias nos âmbitos da filologia e da linguística e, em alguns casos, como parte introdutória da gramática histórica de uma determinada língua neolatina.

Tomo, à ventura, uma antiga e muito usada gramática da língua francesa, publicada em 1920, escrita por Larive & Fleury naqueles dias em que a Romanística se firmava nas universidades européias e que se dividia nas duas grandes escolas, a alemã e a francesa. Pois nessa obra, intitulada "La Troisième Année de Grammaire",² sem dar as fontes nem citar bibliografia, ao tratar em item especial das origens do francês, escreve que:

"10. - On appelle langue dérivée une langue née de l'altération d'une autre langue plus ancienne.

11. - Le latin, en se décomposant, a donné naissance à sept langues dérivées, appelées langues romanes ou néo-latines. Ces langues sont: le portugais, l'espagnol, le provençal, le français, l'italien, le valaque et le roumanche.

Le français n'est qu'un latin altéré, mêlé de mots germaniques, celtiques, arabes, italiens, espagnols, etc. " - op. cit. p. 5.

Entre algumas tentativas de conceituações boas, como a que faz de língua literária, e que a linguística moderna endossa plenamente, a gramaticazinha de Larive & Fleury cai nos sabidos lugares comuns a res-

peito das línguas saídas do latim, inclusive por desconhecer a classificação já aceite naqueles dias e que incluía o dalmato, extinto, o sardo e o catalão, e por continuar a chamar o romeno de vâlaquio, denominação arqui-velha e já sem razão de ser. Depois, incide na mesma ingenuidade por nós apontada em um grande linguista como Vendryes, um erudito celtólogo mas que continuava a insistir que o francês nada mais era do que um latim alterado, o que não é bem acurado. As línguas evoluem continuamente, sua dinâmica leva-as a se transformarem com o passar dos séculos e, muitas vezes, nem é preciso que se passem séculos.

A situação vista pelos nossos gramáticos não parece ser muito diferente. Tomo por exemplo da obra de Vaz Lobo, "Grammatica Histórica",³ publicada há meio século e os erros se repetem. O autor, que era bom latinista, traduzira as Odes de Horácio, organizara a edição da obra de Flávio Eutrópio, "Epitome Historiae Sacrae" e prometia um manual sobre "O Latim sem Mestre, em cinquenta lições", lembrando que o português "é a transformação do latim popular, através de 2.000 annos mais ou menos";⁴ incide nos lugares comuns a respeito do latim castrense, que era apenas uma das formas do latim vulgar, e não o próprio Vulgarlatein, mas traça um quadro rápido da evolução do português antes de falar das "línguas românicas, neo-latinas, ou romances";⁵ que, segundo ele, são nove: o português, o espanhol, o francês, o italiano, o provençal, o rético, o rumeno ou valáquio (como chama ao romeno), o sardo e o dalmático, não fazendo referência ao fato de este último estar extinto. Mas, coisa rara entre os gramáticos e filólogos pátrios, frisa que do galego-português é que saiu a nossa língua e chega a dar a entender que o galego deva ser comparado com o espanhol em questão de distância do português. Ora, seguindo-se o critério da inteligibilidade e da existência de uma literatura, o galego é uma língua à parte, ou um co-dialecto do português. A distância do moderno galego não é tanta quanto a do espanhol frente ao português, mas também não é hoje a mesma língua, como mostraremos em item sobre o assunto, ao comentarmos a obra de Frei Martín Sarmiento "Estudio sobre el origen y formación de la lengua gallega".⁶

Dentre os gramáticos nacionais, acredito que Cândido Juca (filho), na sua excelente e nunca assaz louvada "Gramática Brasileira do Português Contemporâneo",⁷ é um dos raros que apresenta uma classificação que se apresenta das mais atuais e que serão objeto do nosso estudo neste capítulo, além de incluir o galego como idioma independente, lição que, infelizmente, não tem sido seguido amudadamente por nossos autores.

Filólogos romanistas também não parecem acordes com as classificações que existem e os grandes linguistas sempre discordam.

Hans Krahe na sua "Indogermanische Sprachwissenschaft"⁸ está bem distante da classificação apresentada por outro linguista alemão, Heinz F. Wendt no seu "Sprachen",⁹ assim como a deste não concorda com a de Simeon Potter na sua obra "A linguagem no mundo moderno" ¹⁰ assim por diante.

O linguista brasileiro, Gladstone Chaves de Melo, também filólogo de peso, na sua obra-modelo, "Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa",¹¹ foi dos primeiros a incluir a questão da classificação das línguas românicas nos limites dos dois campos, o da filologia e o da linguística, no que andou acertado. Por sinal, a sua classificação proposta é das mais completas no Brasil e não só segue as pegadas de Krahe, como lhe acrescenta algo e será motivo de maiores considerações quando estudarmos algumas das classificações propostas por autores nacionais.

O que se nota porém é que, se bem alguns autores preferiram os critérios linguísticos gerais para a classificação das línguas e que se reduziriam a

1. Parentesco genético;
2. Os seus tipos estruturais; e
3. Distribuição política ou geográfica,

todos eles de "certa forma correlatos, mas, em princípio, são bem distintos", como ensina Yuen Ren Chao no seu livro "Língua e Sistemas Simbólicos",¹² e conquanto a separação língua-dialecto seja das mais sutis, como dissemos antes, o que parece prevalecer no critério de muitos linguistas é o político. A importância política de um dialecto saído do latim imperial e a sua extensão geográfica, o número de falantes como o faz, declarada e lamentavelmente o renomado linguista antemencionado que inclui no ramo românico da família indo-européia apenas o espanhol, classificado em primeiro lugar quanto ao número de falantes, o português, o francês, o italiano, o romeno e o catalão.

Do ponto de vista da linguística tanto é importante o espanhol, com seus milhões de falantes, quanto o friulano e o mirandês moribundo. Tanto merece estudos o franco-provençal, composto de vários parlars e patois, quanto o romeno, língua oficial de um Estado europeu e com rica literatura, tanto merece atenção o gascão, que muitos linguistas reconhecem verdadeira língua separada e não mero dialecto provençal, quanto o italiano ou o português.

De certo modo, mesmo os linguistas dão cabida a uma posição que a filologia românica, em seus primórdios vinha adotando - a da nacionalidade e da literatura. Uma língua merecia ser classificada como tal se era o instrumento literário de uma nacionalidade. Diga-se, de passagem, que esse foi um critério romântico e graças ao qual o catalão, por exemplo, se impôs como língua separada e não simples dialecto provençal nas classificações das línguas românicas daqueles dias e também graças a ele, "descobriram-se" línguas que os linguistas até então olhavam de soslaio. Houve um nascimento - ou renascimento em outros - de línguas literárias que haviam cedido passo a línguas de grande extensão. Foi o revival das línguas célticas, foi o nascimento de tantas línguas eslavas sufocadas, o cultivar de dialectos literários germânicos. Holger Pedersen que escreveu uma sobre-excelente história da linguística no século XIX,

"The Discovery of Language - Linguistic Science in the 19th Century"¹³, confirma alhures essa tendência, conquanto, lui-même, aumentando o número das línguas românicas, não consegue escapar ao critério político-geográfico-literário ao enumerar as românicas que mereciam reconhecimento: português, espanhol, catalão, provençal, francês, reto-romanche, italiano, dalmático e romeno.

Aos gramáticos, especialmente os que se voltam para a gramática histórica, importa mais uma língua ricamente documentada e da qual se possa citar e tirar exemplos livremente, do que uma onde esses exemplos e documentos são raros senão inexistentes. No correr de nossas pesquisas sobre um dos dialectos latinos, o mirandês, por exemplo, tive - mos dificuldade em conseguir alguns poucos e raros textos. As autoridades a quem nos dirigimos simplesmente não nos possuíam. Imagine-se no século passado, por ocasião dos primeiros estudos sistemáticos da gramática comparativa das línguas românicas e quando se fizeram as primeiras e ainda hesitantes classificações...

Os filólogos, por sua vez, amparam-se sempre em textos e, no momento em que propõem uma classificação das línguas românicas, essa classificação repousará sobretudo em estudos das línguas documentadas, das línguas com literaturas escritas e, sobretudo, daquelas que possuem literaturas antigas e com muitos textos, de fácil manuseio. O conhecido Dr. José Joaquim Nunes, cuja "Crestomatia Arcaica" é uma das melhores da língua, ao apresentar o português como uma das línguas românicas na sua obra "Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa",¹⁴ incide nesse erro, considerando apenas o italiano, o romeno ou valáquio, o ladino, o provençal, o francês e o espanhol como línguas-irmãs da nossa.¹⁵ Ora, quando a segunda edição do seu trabalho saiu, já se haviam feito novas pesquisas e o sardo, o dalmático, o franco-provençal constavam de todas as classificações, fossem as da Romanística alemã, fossem as da francesa. Dessas línguas cita - das mestre J.J. Nunes, como ele costumava assinar-se, sabia que todas possuíam literaturas escritas, algumas bem velhas como a provençal e o ladino ou reto-romanche, que delas é a de menor extensão geográfica e falada por menor número de pessoas, tornar-se-ia a quarta língua nacional na Suíça, mas já naqueles dias era protegida pelo Estado e cultivada ativamente no cantão dos Grisões e outros lugares suíços.

São, porém, os linguistas e sobretudo os linguistas dedicados à România, os que vão valer-se, ao mesmo tempo, dos métodos usados pelos estudiosos anteriormente citados e vão adotar critérios menos estreitos para classificarem as línguas

Por esta razão, preferimos neste modesto ensaio, estudar a contribuição dos gramáticos, dos filólogos e dos linguistas, antes de apresentarmos a nossa classificação, e seguir os critérios mais variados, seguidos por eles em muitas ocasiões.

3.2. A Romanística. Do seu início às primeiras classificações.

A classificação das línguas românicas é uma decorrência dos estudos indo-europeus, ou antes, da "descoberta" do sânscrito, como diz Georges Mounin na sua "História da Linguística - Das origens ao século XX".¹⁶ Desde tempos remotos tem-se pensado em uma grande língua-mãe, uma *Urspache* de onde as demais línguas tivessem saído. A hebraica teria sido a mãe das línguas, segundo pensamento durante muito tempo acalentado. Essa ingenuidade decorria do fato de ser o antigo hebreu a língua da Bíblia, os livros santos, o Livro por excelência. Outras correntes, faziam fluir do grego as demais línguas faladas na Europa enquanto os celtômanos, como ironicamente os chama Georges Mounin¹⁷, queriam que as línguas tivessem brotado da fonte céltica. Por sinal a grande ilusão céltica parece ter durado muito pois ainda em fins de 1800 havia linguistas que, erga omnes, defendiam a origem céltica do galego e do português, por exemplo, quando já eram sobejamente conhecidos e aceites os resultados das pesquisas dos romanistas alemães que primeiro haviam classificado as línguas neolatinas. Um magistrado britânico, o Juiz William Jones, que servia em Calcutá, é quem vai dar o sânscrito à Europa e, com isso, dar novos rumos aos estudos das línguas que hoje comumente conhecemos por indo-européias ou indo-germânicas ou ainda arianas. E dá origem ao método comparativo cientificamente usado, à gramática comparativa, à linguística comparada com vultos do porte de Friedrich Schlegel, Franz Bopp, Rasmus Rask e outros, já que seria precipitado dizer-se que Schlegel criou a gramática comparada, ou que Bopp seja o pai da linguística. Esses rótulos podem ter um escopo didático, para que se dêem dados mais precisos e datas às diferentes escolas e movimentos linguísticos, mas não correspondem à realidade. A gramática comparada foi o resultado do trabalho de muitos linguistas em várias partes do mundo e ninguém pode esquecer que, já na Idade Média, os judeus que viviam na Espanha, especialmente os filósofos e os talmudistas, que usavam indiferentemente o árabe dos senhores mouros da Península, o hebreu dos livros religiosos e dos seus estudos teológicos, que possuíam o latim e o grego e falavam o romance ou romances locais, já haviam notado semelhanças entre o árabe e o hebreu, entre este e o aramaico e assim por diante. Para alguns, a história do parentesco das línguas ainda remonta a mais tempo, à Antiguidade Clássica, mas até Adelung, essa classificação é "ainda pré-científica, e reflecte a um tempo os trabalhos dos séculos anteriores e a ideologia da época" etc.¹⁸

Falava-se porém das línguas puras e línguas mistas, das línguas nobres e ricas e das línguas pobres, perfeitas e imperfeitas, línguas flexivas e não-flexivas e assim por diante. Com os primeiros comparatistas, a situação muda e se tenta novo método de classificação das línguas, com o que iria muito ganhar o grupo das línguas românicas. Os métodos usados

por Franz Bopp no seu livro "Ueber das Conjugationssystem der Sanskritsprache, in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache" ¹⁹, vem, comenta com muita propriedade, o linguista Maurice Leroy em "As grandes correntes da Linguística moderna", ²⁰ mostrar o parentesco das línguas indo-européias e

"... onde, pela primeira vez, era formulado, com intuição genial, um conjunto coerente de doutrinas oriundo das aproximações do sânscrito com as línguas da Europa. Na verdade, alguém o precede ra nesse caminho: o dinamarquês Rasmus Rask; todavia, seu estudo intitulado "Pesquisas sobre a origem da antiga língua norueguesa ou islandesa" (Undersøgelse om det gamle Nordiske eller Islandske Sprogs Oprindelse), terminado em 1814, só foi publicado em 1818, dois anos após o de Bopp. Os dois pesquisadores trabalharam independentemente e chegaram ao mesmo resultado: Rask demonstrava, com mais rigor que Bopp, a identidade original das línguas germânicas, do grego, do latim, do báltico e do eslavo, mas se inferiorizava, diante de Bopp, por não conhecer o sânscrito: além disso, seu estudo, escrito em dinamarquês, não poderia ter a mesma repercussão". - op. cit. p. 33.

Seja como for, é a publicação da sua "Vergleichende Grammatik", em 1833, que vai fornecer o método aos romanistas. Ou métodos, para ser mais preciso. O ensinamento de Bopp estará presente na monumental "Grammatik der romanischen Sprache", de Friedrich Diez, em três vols., publicada em 1836-1843, e que seria a bíblia desses estudos. Embora envulhecida pelas novas descobertas linguísticas, pela introdução de novos métodos, a gramática de Diez é um marco do qual partem todas as demais classificações românicas, ninguém o duvida. Quando mais tarde, outros romanistas, que apresentam classificações mais completas, que apresentam uma geografia linguística mais completa, que não deixam de lado importantes dialetos como as quatro formas do romeno, é ainda em Diez que eles vão buscar uma primeira orientação. W. Meyer-Lübke, ao publicar a sua obra máxima, "Einfuehrung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft", segue as pegadas de Diez. Hans Krahe, sem citar Diez, apresenta na sua "Indogermanische Sprachwissenschaft", hoje obra clássica no gênero, uma classificação que não está muito distante da de Diez, apesar de o autor só citar Meyer-Lübke, mais completo e mais bem fundamentado. ²¹

Autores como Stolz, Debrunner e Schmid, que nos deixaram uma excelente "Geschichte der lateinischen Sprache", já citada em outro passo deste ensaio, mesmo no momento em que sugerem uma nova classificação das

línguas românicas, estudando-as no capítulo vii, "Das Verhaeltnis der romanischen Sprachen zum Lateinischen",²² não se afastam muito no arcabouço geral da classificação genial de Friedrich Diez, cujo pioneirismo é de ser sempre elogiado por todos aqueles que se dedicam aos estudos da România e seus galhos espalhados por todos os continentes.

Só os linguistas mais atuais é que se distanciariam da classificação pioneira de Diez e mesmo da completa de Meyer-Lübke, seja pelos mais novos critérios, seja pela apresentação de novos dialectos estudados à luz da moderna geografia linguística.

As primeiras classificações das línguas românicas têm, portanto, um interesse histórico e, como tal devem ser estudadas. Além disso, elas são um marco de onde partiriam as demais classificações, algumas incompletas e repetitivas, se bem que usando de uma outra terminologia, algumas que unem o catalão ao provençal, aquele como simples dialecto deste, outras que falam do catalão como língua-ponte; classificações que omitem o galego, outras que o elevam à categoria de língua independente, outras que o atrelam ao português, fazendo dele (proh dolor!) um mero dialecto lusitano. Há classificações que separam o romanche do friulano, outras que tratam este último como simples modalidade daquele, outras que falam de um grande grupo fragmentário chamado reto-ladino-friulano, outras que dão ao friulano o status de língua à parte; classificações que põem de lado o gascão e o franco-provençal; outras que os dignificam e assim ad infinitum.

A descoberta do parentesco das línguas indogermânicas, é certo, leva ao estudo científico dos dialectos saídos do latim vulgar ou latim imperial, semelhança já alertada por Dante (l. 265-l. 321) no seu "De vulgari eloquentia" quem, com uma intuição verdadeiramente genial se antecedeu aos linguistas que fariam a divisão dicotômica das línguas indo-europeias em dois grupos imensos, o Kentum e o Satem, além de ter mostrado o estreito parentesco dos dialectos italianos, da langue d'oc ou provençal ao sul da França e da langue d'oïl ao norte e, como ensina R.H. Robins na sua "Pequena História da Linguística",²³ ele

"... considera o aparecimento de diferenças dialectais (e, conseqüentemente, de diferentes línguas), ligadas a uma fonte comum, como resultado da ação do tempo e da dispersão geográfica dos falantes.

Dante distinguiu três famílias de línguas europeias: a germânica ao norte, a latina ao sul e a grega em partes da Europa e da Ásia. Reconheceu na área de influência latina três diferentes línguas, todas descendentes do latim preservado pelos gramáticos. Conforme demonstrou, é possível relacionar a maioria das palavras desses três idiomas com formas do latim" - op. cit. p.133.

Mais ou menos pela mesma época, os trovadores galegos, que sofriam profunda influência dos seus colegas provençais, notavam as semelhanças entre esses romances, que, na verdade, já o deixavam de ser e passavam à categoria de novas línguas, a proximidade entre o toscano, como se dizia, e o provençal, entre este e o galaico, entre o picardo e o castelhano, daí que muitos poetas das cortes européias do Meio-Dia chegavam a dominar tão bem duas ou mais dessas novas línguas e nelas escreviam e viriam a ser citados em duas literaturas. Dante parecia ter bom conhecimento do provençal, a língua literária por excelência, aquela que deu os primeiros frutos literários que se espalharam além-fronteiras. Muitos dos joglares que vicejaram nas cortes de Leão, Castela e Portugal eram fluentes nos diversos dialectos da península ibérica e conheciam bem o proensal. A nenhum deles escapou, decerto, o estreito parentesco entre esses romances, todos originados de uma língua imperial que reinara por boa parte da Europa. Apesar disso vai surgir uma corrente, profundamente impregnada do misticismo celta, envaidecida dos seus feitos guerreiros, da sua valentia por vezes cega e que estavam sempre a brigar com os germânicos como diz César nos "Commentarii de Bello Gallico",²⁴ esses mesmos povos que se encontravam fora do alcance da educação e da polidez, da instrução e da civilização da Gália Transalpina, como diz, com não pouco desprezo, o grande general da antiguidade romana e grande general das letras latinas em outro passo do seu mencionado livro,²⁵ que deixaram porém um rastro de atos de bravura, fatos reproduzidos em velhos cronicões se bem que muita coisa estivesse embruhada na lenda, de qualquer modo, verídicos ou não, que fizeram ferver a imaginação de pacatos monges, estudiosos das Antiguidades galaico-portuguesas e que viriam advogar para os seus povos e suas duas línguas uma comum remotíssima origem celta. O galego e o português tinham vindo dos idiomas celtas. Esse engano - ou, preferiria, ilusão, para não ferir a candura daqueles teimosos gramáticos de outrora, como eles aliás se chamavam - perduraria por muito tempo.

Só com Diez é que essa questão das línguas românicas assume um caráter novo e ninguém mais hesita em colocar o francês, o provençal, o italiano, o português, o espanhol e o valaúquio como línguas irmãs, que o método comparativo-histórico desse linguista consagrou definitivamente, como lembra, com justiça, Antoine Meillet.²⁶

Ninguém mais duvidava que se não pudessem relacionar a maioria das palavras desses idiomas com formas do latim...

3.3. Algumas classificações das línguas românicas e seus autores.

A crítica mais severa que se poderia fazer a Friedrich Diez é que ele só deu cabida em sua classificação às línguas reduzidas a es

crito. E as que ele cita são ao mesmo tempo nacionais, oficiais (com exceção do provençal) e com farta literatura escrita. O italiano, o valâquico ou romeno, o espanhol, o português, o provençal e o francês - esta é a ordem adotada por ele, partindo do Oriente, como diz - todas possuem ricas literaturas e quando ele publicou a sua gramática o provençal engatinhava os primeiros passos no renascimento literário que culminaria em meados e fins do século XIX com figuras universais com Roumanille e Mistral.

Posteriormente, o linguista G.I. Ascoli, com os seus "Saggi Ladini", publicados em 1873, defendeu para o ladino ou rético, as honras de língua, o que ampliaria a classificação.

Cinco anos mais tarde, o mesmo linguista, que havia passado vários anos a estudar um outro grupo de falares situado entre o francês e o provençal e até então olhados como meros patois ora do francês, ora do provençal, publicou os "Schizzi Franco-Provenzali", com os quais os eleva à categoria de língua. A bem dizer, não se trata de uma língua com alguns dialectos, mas uma fragmentação de dialectos, muito aparentados entre si, uma espécie de língua-ponte entre o francês e o provençal. Esse grupo de falares passaria a ser conhecido como a língua (sic) franco-provençal, cujo estudo, diga-se de passagem, é dos mais fascinantes dentro da fragmentação da România. Heinrich Lausberg apontava na sua "Linguística Românica",²⁷ a vizinhança linguística como um dos fatores que causam bastante confusão ao linguista no momento de estudar os limites entre as diversas línguas românicas e seus dialectos. No caso do franco-provençal essa vizinhança entre dois idiomas, ou sistemas de dialectos, como preferem outros²⁸, parece ser ainda mais estreita: onde termina o francês e onde começa o provençal? Há graus de intensidade nessa relação de vizinhança entre os diversos parlars até a atingir o máximo de uma mútua dependência. Mas o fato é que a proposição de Ascoli foi bem aceita e dois novos nomes foram incluídos na classificação primitiva de Friedrich Diez. As seis línguas neolatinas passaram a ser oito, com Ascoli.

Note-se que, a respeito do ladino, incluído por Ascoli, a situação é a mesma, porquanto, da mesma forma que o franco-provençal, o reto-romanche ou ladino, não é uma língua única, escrita, mas vários parlars até certo ponto distintos entre si, por mais que os defensores de uma vaga unidade reto-romanche digam o contrário.²⁹

Diria, com Monteverdi, que não se trata de uma língua com vários dialectos ou vários parlars, mas um sistema de dialectos chamado reto-romanche-ladino, mas me recuso a deixar que o friulano fique incluído nessa vaga denominação. Sílvio Elia, tendo que estudar a questão na sua "Preparação à Linguística Românica",³⁰ evitar chamar de língua reto-romanche, mas prefere usar "falar romanche"³¹ ou reto-românico. Existem vários dialectos literários do reto-romanche, todos eles com uma gramática oficial e um órgão disciplinador, uma espécie de academia da língua, que funciona como um gendarme linguístico, cuidando de sua pureza gramatical,

do seu léxico, das possíveis reformas ortográficas, enfim, um órgão que lhes empresta um caráter oficial ao dialecto. Se por um lado é bom, pois mostra um interesse dos maiores pela manutenção e vitalidade do instrumento de comunicação de cada grupo linguístico, incentivando-os a todos para se manterem separados e ativos, por outro lado evita uma tentativa de reunificação e até ajuda, sem o querer, a tarefa devastadora do idioma alemão que, a pouco e pouco, vai varrendo no cantão dos Grisões esse resto de marca românica, pois as novas gerações, apesar do apoio pretendido e dado, usam mais e mais o alemão e esquecem a sua língua materna, exatamente como vem acontecendo com as línguas célticas na Grã-Bretanha, impotentes para fazerem frente ao inglês, nacional e universal.

Será que, pelos seus traços fonéticos, pelo seu léxico e pela posição geográfica, não se poderia falar do reto-romanche e do friulano como um elo entre o galo-românico, especialmente os parlars franco-provençais e o grupo italo-românico? Ou mais precisamente, uma língua-ponte entre o franco-provençal e o italino, assim como o franco-provençal foi apontado por Vidos³², como um elo linguístico românico entre o francês e o provençal, um idioma de transição?

Os romanistas de então pareciam emprestar pouco significado ao sardo, que viam como simples dialecto do italiano, não haviam descoberto ainda o dalmata ou dalmático e fechavam os olhos para o galego, que sempre uniam ao portugueses.

E vem Meyer-Lübke, com a sua famosa e desde então seguida classificação das línguas românicas, que, com ele, passam para dez. Não exatamente dez, pois ele faz uma chamada para o franco-provençal, incluído na sua divisão do francês e considerado, na sua nomenclatura como francês sul-oriental.

Segundo esse linguista, são as seguintes as línguas novilatinas:

1. Romeno;
2. Dalmático;
3. Reto-romano;
4. Italiano;
5. Sardo;
6. Provençal;
7. Francês, com o Francês sul-oriental;
8. Espanhol, e
9. Português.

A sua enumeração vem de leste para oeste, como o fizera, em parte, Diez que as dividira em orientais, sul-ocidentais e norte-orientais. Meyer-Lübke prefere deixar as sul-ocidentais por último.³³

Como se vê, Meyer-Lübke endossa a classificação de Ascoli e inclui o reto-romanche e o franco-provençal, ainda que o chamando de francês sul-oriental, e apresenta o dalmático e o sardo. É a sua gran

de contribuição à classificação das línguas e à Romanística. Ele hesita em considerar o franco-provençal como um sistema independente de dialectos, e prefere jungi-lo ao francês, assim como muitos continuam a fazer com o galaico-português, para sempre unido ao português como uma possível língua galaico-portuguesa, ou como muitos africanistas preferem fazer com o kinyarwanda de Rwanda e o kirundi de Burundi, falando de uma só língua que se chamaria o kirundi-kinyarwanda, ou como alguns germanistas fazem com o flamengo vis-à-vis o holandês, ou ainda entre este e o afrikaans.

Das línguas acrescentadas por Meyer-Lübke uma delas tem uma história fantástica: é o dalmático, das raríssimas línguas no mundo de cuja extinção se tem comprovação pela morte de um indivíduo, de um falante único remanescente. Aqui a história se repete com o exemplo do còrnico que desapareceu no dia em que Dolly Pentreth faleceu, já muito velha, no dia 26 de dezembro de 1777. Ela era a última pessoa no mundo que tinha o còrnico como língua nativa. O dalmático teve um final semelhante, em 1898 quando morreu o último indivíduo que o falava como idioma natal. Mas até a maneira como morreu é diferente, envolvendo tudo em uma lenda bonita até demais para esse panorama fantástico que é a história das línguas e sua permanência sobre a terra. Gladstone Chaves de Melo conta:

"O Dalmático se falou na Dalmácia, região litorânea do Adriático, de Veglia a Ragusa, na atual Iugoslávia. Tendo ficado como ilha lingüística, sem um sentimento nacional que o sustentasse, foi perdendo terreno para o eslavo, até que se cingiu a um estreitíssimo território insular. Ai as novas gerações não mais aprenderam a língua românica: foram desaparecendo os anciãos, últimos donos do idioma, até que, em 10 de junho de 1898, morreu com 77 anos numa explosão de dinamite o derradeiro, o velhoto Udina, - e com ele se extinguiu a língua". - in "Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa", p. 125/126.

Em uma explosão de mina teria desaparecido o último falante do dalmático. Dando a mesma data, o linguista francês Vendryes lembra que um idioma românico desapareceu quando morreu, tragicamente, o seu último falante. Mas, para o celólogo a morte foi diferente:

"De même, un parler roman, le végliote, serait mort le 10 juin 1898, jour où Antonio Udina, âgé de soixante-dix-sept ans, est mort par accident en tombant dans l'eau. En se noyant, il a fait disparaître avec lui le dernier reste de sa langue maternelle" - in "Choix d'Etudes Linguistiques et Celtiques", p. 40.

E a parte de romance da lingüística românica. Morto em uma explosão de mina ou afogado, parece ter morrido com Antonio Udina um

dialecto latino que talvez explicasse muito da evolução do latim vulgar em terras encravadas no mundo lingüístico eslavo e que talvez pudesse explicar muito da extraordinária vitalidade do latim imperial por tão distantes terras, o seu choque com outras línguas, a questão do substrato e tantos outros pontos importantes para a linguística românica.

Seja como for, Meyer-Lübke foi o primeiro a incluir o dalmático entre as línguas românicas e essa glória lhe é unanimemente tributada por todos os que se têm dedicado ao assunto até hoje. Daí para diante nenhuma classificação deixou de citar o dalmático como a língua românica extinta.

O sardo é também uma contribuição inestimável de Meyer-Lübke para a classificação das línguas românicas. Ascoli, Savj-Lopez, P. E. Guarnerio e sobretudo Max Leopold Wagner vieram trazer notáveis contribuições aos estudos sardos, visto antes como dialecto do italiano e como tal classificado. Bem mais tarde, quando apresentaria a sua classificação das línguas românicas, Hans Krahe, que começa a enumeração pelo italiano, adotando o critério da proximidade com o latim imperial, coloca o sardo logo após o italiano, seguido do português e do espanhol. Guarnerio, cuja edição do "Le Lingue Neolatine" de Savj-Lopez, obra clássica da Romanística e quase tão importante para a questão da classificação quanto a obra de Meyer-Lübke "Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft" ou a "Romanische Philologie", de G. Rohlfs, demonstrou muita preocupação com o sardo e o corso, defendendo-lhes a autonomia no seu artigo "Il sardo e il còrso in una nuova classificazione delle lingue romanze".³⁴ Aliás, esse linguista era um excelente sardinólogo e deixou outros trabalhos sobre o sardo e foi o autor da proposição em se falar de um grupo independente sardo-corso, que muitas classificações adotam, vendo na língua nacional da Córsega um independente rebento do latim vulgar e não dialecto do italiano, como comumente considerado.

Ainda com referência ao sardo, muito antes de Meyer-Lübke ter incluído essa língua na sua classificação, estudiosos italianos de origem sarda, como Vissentu Porru que publicou um magnífico "Nou dizionariu universali sardu-italianu", em Casteddu, em 1832, antes portanto da gramática pioneira de Friedrich Diez, e Giovanni Spano, com a sua "Ortografia sarda nazionale, ossia grammatica della lingua logudorese paragonata all'Italiana", aparecida em Cagliari, em 1840 seguida de um "Vocabolario sardo-italiano e italiano-sardo", também publicado em Cagliari, em 1851-1852, reconheciam a autonomia do sardo e recusavam a denominação de dialecto italiano tout court. Os seus trabalhos porém foram antes encarados como manifestação de puro regionalismo, de defesa de um dialecto regional que todos falavam, e não como importante contribuição à linguística românica, o que na verdade é.

A inclusão por Meyer-Lübke marcou o início de novos estudos acerca do sardo, cujo significado para a România é inestimável pelo seu conservatismo na fonologia e na morfologia.

3.4. Ainda algumas classificações das línguas românicas e seus autores.

Se Meyer-Lübke conseguiu dar a mais completa classificação das línguas românicas até então, ele cometeu e repetiu alguns dos erros dos seus antecessores ao deixar de lado o gascão, que considerava um mero dialecto do provençal, ignorou o galego, que ele juntou ao português, e, pior ainda, deixou de lado uma língua de extraordinária vitalidade e que possui boa literatura desde a Idade Média, o catalão. "Portanto, para Meyer-Lübke, desde o início - ensina Silvio Elia - o catalão não passava de um dialecto do provençal".³⁵

Aliás, a inclusão do catalão tem sido um problema constante nas classificações, já que muitos linguistas ainda insistem, sem qualquer razão, a considerar o catalão como dialecto do provençal, se bem que já se tenha declarado a autonomia catalã faz muitos anos. Se a filologia e a linguística da Espanha relutavam em considerar o catalão uma língua à parte e uma língua nacional, isso se devia em razão dos clamores de autonomia política das províncias onde ele é falado. Durante os longos anos de domínio do Generalíssimo Don Francisco Franco, "caudillo de España por la gracia de Dios", como diziam as moedas do país e documentos oficiais, a linguística catalã foi sufocada e tudo se fez para que não se lhe reconhecesse a autonomia. Era a delicada questão política que, lamentavelmente, tem tido tanta influência em tantas classificações linguísticas e em tantos estudos. E as paixões políticas têm sido causadores de não poucos problemas e confusões para a linguística, da mesma forma que tem dado certo impulso a movimentos de revivescimento de línguas quase mortas ou a ponto de se estimarem prazos para a sua extinção.

Atualmente, ninguém mais discute a autonomia do catalão e o mesmo Meyer-Lübke se penitenciou da omissão, dedicando um ótimo livro ao catalão, "Das Katalanische. Seine Stellung zum Spanischen und Provenzalischen Sprachwissenschaftlich und historisch dargestellt", onde estuda a posição do catalão face o espanhol e o provençal e, comenta Elia:

"Do ponto de vista histórico, Meyer-Lübke via o catalão como um dialecto provençal que, em virtude da retirada dos árabes que, no séc. VIII, haviam invadido o Sul da França, tinha sido trazido à Espanha desde a antiga Septimânia dos visigodos. Linguisticamente, a linhou Meyer-Lübke uma série de fenômenos fonéticos (na maioria), morfológicos, sintáticos e vocabulares que, na sua opinião, revelavam maior afinidade do catalão com o provençal do que com o castelhano, o que seria demonstração cabal do galo-romanismo desse idio

ma da Ibéria oriental" - in "Preparação à Linguística Românica", p. 129.

Mas parece ter preferido, por questões metodológicas, manter a sua classificação primeira. Na terceira edição do seu livro, que é de 1920, isto é, dezanove anos depois da primeira, a classificação é mantida, embora cinco anos depois Meyer-Lübke nos desse o seu grande livro sobre o catalão.

Gerhard Rohlfs, meio século depois do livro de Meyer-Lübke, ainda se sentia preso a esse parentesco do catalão com a Galo-România, mesmo declarando-lhe a independência como língua literária, insistia que ele é uma dependência do provençal. Isto é, situava-o dentro dos idiomas que limitam a galo-românia e não se inclinam para o seu ibero-romanismo, como fazem outros tais como Menéndez Pidal e Harri Meier.

Savj-Lopez situa-o entre o provençal e o espanhol, mas nem por um minuto coloca-o sob dependência daquele, nem se preocupa de fazê-lo uma das línguas românicas faladas na Ibero-România.³⁶

O conhecido filólogo português J. Leite de Vasconcellos, por muito tempo a figura de maior prestígio da filologia e da linguística portuguesa, refere-se ao catalão como um co-dialecto, em uma posição que não parece ter ficado muito clara, pois ele enumera, lado a lado com o catalão, o gascão, o valão e o leonês.³⁷

Albert Dauzat, ainda em 1953, falava do catalão como "un rameau du provençal" e que

"s'est détaché vers le IXe. siècle, à la suite de la création, en 801, du comté de Barcelone par Charlemagne" - "L'Europe Linguistique", p. 57.

Ora, por essa época é que os demais romances se formaram em diversas partes da Europa, alguns um pouco antes, outros um pouco depois, mas isso não quer dizer que, já em 801 existisse um provençal plenamente formado e que o catalão se tenha dele destacado.

Curiosamente, é Dauzat quem, dando ainda relevo à questão da língua escrita e literária e à geografia linguística, como critérios principais para a sua classificação das línguas românicas, apresenta uma subdivisão bastante inovadora, que destoa das anteriormente questionadas na qual o romeno fica como a única língua latina oriental, pois praticamente ignora o dalmata que, para ele "fut parlé sur la côte adriatique, jusqu'au XVe. siècle au moins à Raguse, jusqu'au XIXe. plus au nord dans l'île de Veglia",³⁸ mas que

"L'italien, apporté par Venise, dès le milieu du moyen âge, s'était superposé, puis substitué à ces parlers parmi les populations côtières" - in op, cit. p. 51.

O galego, o friulano, o ladino, o gascão são os dialectos do latim imperial que mais têm sido objeto de discussão dos linguistas quando se trata da classificação das línguas românicas, juntamente com o catalão no passado.

Nessas classificações que chamaríamos de clássicas, o grande problema parece ter sido o de que critérios adotar. Infelizmente, o político tem valido muito. Às vezes no mau sentido, como quando se trata do gascão que, considerado por inúmeros romanistas como uma língua autónoma, se bem que estreitamente aparentada com o provençal, como o catalão, continua a ser elencada como um dialecto do ... provençal! Se prevalecesse o critério literário, então acredito que o gascão já devesse fazer parte das línguas românicas há muito tempo, pois são muitos os autores que escrevem em gascão e que lograram alguma audiência, fora dos limites linguísticos da Gasconha. Foneticamente distancia-se do provençal e aproxima-se do catalão.

A classificação de Dauzat, como se vê, tem a grande vantagem de, pela primeira vez, juntar aos idiomas autónomos o grupo galo-italiano que, na verdade, tem muito significado para a linguística românica, mas tem sido sempre relegado a plano inferior, isso porque esses muitos dialectos têm sido olhados como meros dialectos do italiano, injustiça feita ao sardo até pouco tempo.

Igualmente independente na sua classificação foi L. Homburger na sua obra "Le Langage et les Langues - Introduction aux études linguistiques",⁴³ que também traz uma inovação e das mais revolucionárias na Romanística - a separação do ladino do Alto Adige, dos dialectos romanches ou reto-romanches do cantão dos Grisões, na Suíça, e do friulano, coisa que nenhum linguista de nome tinha ainda feito.

Mas Homburger comete também alguns equívocos dos mais lamentáveis, em especial quando trata do galego, do franco-provençal, do catalão e do sardo. A sua classificação poderia ser das mais completas já levadas a cabo por um linguista interessado na România, mas a sua posição excessivamente conservadora, ainda apegada à classificação de Friedrich Diez e, em parte, de Meyer-Lübke, é responsável por omissões das mais flagrantes e que vêm destoar da sua posição inicialmente independente.

No capítulo II do seu livro, Homburger assim divide as línguas românicas:

1. Romeno,
2. Italiano,
3. Provençal, juntamente com o catalão, que Homburger considera "très proche du provençal et moins proche de l'espagnol, est parlé en Catalogne, dans les îles baléares et jusqu'en Sardaigne" ⁴⁴;

4. Francês;
5. Espanhol, que se constituiria de grandes e importantes dialectos como o aragonês, o andaluz, o leonês, o asturiano, o castelhano, entrando em domínios já contestados como o do leonês e do aragonês que muitos romanistas vêem como idiomas autênticos, não dialectos do espanhol - um nome vago e sobretudo político -, mas dialectos do latim imperial, tanto quanto o ladino ou o galego, ou o romeno etc., portanto co-dialecto do castelhano. Na sua discriminação contra o catalão L.Homburger lembra que "le catalan, au Nord-Est, est un dialect provençal";⁴⁵
6. Português, ao qual ajunta o galego. Quanto a esta posição é de lamentar a classificação de Homburger, que parece desconhecer as pesquisas modernas acerca do galego, o seu desenvolvimento separado, o seu revivescimento como língua literária e a sua tremenda tenacidade em não se espanholizar por completo, como aconteceu com alguns dialectos em Espanha. Homburger repete em vários passos que o galego nada mais é do que uma dependência do português, o que incompreensível porquanto foi o português que se desprende do galego, para formar e enriquecer uma nova língua e não o contrário. Mas esse linguista insiste em que "le galicien parlé dans le Nord-Ouest se rattache au portugais" (op. cit. pág. 59) e, mais adiante, tem esta observação que é de causar piedade, pela imprecisão:

"Le galicien, de la province espagnole au Nord du Portugal, est un dialecte portugais (sic); ce galicien-portugais ou portugais archaïque s'est développé dans le Nord de la Lusitanie, alors que le Sud était occupé par les Arabes et qu'il s'y développait un dialecte néo-latin indépendant. Après le départ des Arabes, les deux langues ont fusionné" - op. cit. p. 60. Os grifos são meus.

Mas a estranheza da classificação de Homburger não pára aí. Vai bem mais longe. Apegando-se estreitamente, servilmente à classificação pioneira de Friedrich Diez, Homburger considera apenas esses aí como as línguas "romances ou néo-latinas". Não se afasta da divisão dieziana, nem sequer na enumeração. Mas aí é que vem a contribuição e ao mesmo tempo a parte mais estranha da sua classificação: outros idiomas neolatinos que, por serem falados perto das fronteiras latino-germânicas são considerados quase que uns idiomas neolatinos de segunda classe. São eles:

1. O friulano que é o mais oriental e muito diferente dos dialectos da Suíça e do Tirol, que, apesar dos empréstimos eslavos, seria uma forma arcaica do grupo vêneto;
2. Ladino, falado no Alto Adige e nas Dolomitas, "est incontestablement une langue romane dont l'existence a été longtemps ignorée, et dont la présence a été diversement expliquée"⁴⁶ e
3. Romanche, o grupo de dialectos falado nos Grisões, cuja proximidade com o friulano e o ladino é muito grande, mas que possui boa tradição literária.

No capítulo final, voltaremos a essas línguas, em uma tentativa de reclassificação, sem esquecer a excelente contribuição de Homburger, malgré tout.

Com isso, esse autor nos dá nove línguas românicas, seguindo na esteira de Friedrich Diez, porquanto ignora, como aquele, o sardo, o dalmático, o franco-provençal, mas se aproxima da de Ascoli e da de Meyer-Lübke em parte, por aceitar o grupo reto-romanche, aqui desdobrado em friulano, ladino e romanche, posição mais de acordo com os modernos fundamentos da lingüística e da geografia lingüística. Mas continua a ignorar o sardo e o dalmático, o que me parece imperdoável, além das posições assumidas com referência ao catalão e ao galego. Ignora, igualmente, o grupo franco-provençal, afastando-se da lição de Meyer-Lübke e de Ascoli, e de quase todos os linguistas que se seguiram a esses dois.

A sua poderia ter sido das mais completas classificações já feitas das línguas neolatinas, se não se tivessem omitido os grupos lingüísticos sardo, franco-provençal, catalão, galego, galo-italiano e o extinto dalmato.

Como frisei antes, a sua grande contribuição foi ter trazido para a classificação das línguas românicas, o friulano, o ladino e o romanche separadamente, todos com autonomia lingüística e não jungidos a um vasto e altamente fragmentado grupo reto-ladino-romanche, como alguns dizem ou um grupo ladino-reto-friulano, segundo outros.

Esse autor confessa seguir a orientação de Diez, citando a "Grammatik der romanischen Sprachen", mas reconhece a importância de estudos posteriores como os de Ascoli, quem pela primeira vez reconheceu a autonomia dos dialectos reto-romanches e do franco-provençal, os de Gaston Paris, P. Meyer, Raynouard, Meyer-Lübke e tantos outros que, partindo da classificação de Diez, trouxeram novas contribuições com o que muito ganhou a Romanística.

Só que ignora as classificações posteriores e prefere prender-se a uma que, não obstante a sua alta valia e a sua importância para os estudos românicos, estava ultrapassada. A sua classificação é, portanto, em parte, profundamente tradicional, em parte altamente inovadora.

3.5. Outras grandes classificações

Linguistas britânicos e americanos, geralmente, incluem na lista das línguas românicas aquelas enumeradas por Meyer-Lübke ou com ligeiras alterações. Ronald W. Langacker, no seu livro "Language and its Structure"⁴⁷ segue de perto a classificação hoje clássica do mestre suíço, mas da daquele retira o franco-provençal e acrescenta o catalão e prefere chamar de ladino ao grupo de línguas reto-romanches.

Escreve Langacker:

"Latin of course survives in the modern Romance languages. In addition to French, Spanish, Italian, Portuguese, and Rumanian, which everyone has heard of, they include Provençal, Catalan, Ladin, Sardinian, and Dalmatian" - "Language and its Structure", p. 226.

Mais adiante, referendo-se às línguas românicas menos conhecidas e estudadas, ensina que:

"Provençal is a collective term for the dialects of southern France. During the early Middle Ages, it was a literary language and rivaled the Parisian dialect. Catalan is spoken in the eastern part of Spain, around Barcelona. Ladin, also known as Rhaeto-Romance and Romansch, coexists in Switzerland with French and Swiss German, extending as well into northern Italy. Sardinian is spoken on the island of Sardinia, oddly enough, while Dalmatian, extinct since the death of its last speaker in 1898, was centered in what is now Yugoslavia" - ibidem p. 226.

Deixa entender que o provençal é apenas um nome para designar alguns dialectos românicos, isto é, gascão entre eles. Não obstante ser um autor novo, dos nossos dias, ele não fala de occitano, tendência bastante acentuada entre os romanistas inovadores, mas prefere o velho termo, tornado clássico na Linguística Românica e que vem sendo usado desde a primeira classificação - provençal. Torna-se impreciso ante as modernas tendências da Romanística ao dizer que ladino vale por reto-romanche e que é falado também no norte da Itália, tirando a posição do friulano, que Savj-Lopez torna independente. Repete, quanto ao dálmata, a mesma história da sua extinção com a morte do seu último falante.

Comparada com a classificação apresentada por Homburger, estudada no item anterior, a de Langacker é falha pelo fato de repetir tout court o que vem sendo repetido desde os dias de Meyer-Lübke, mas ao privilegiar o ladino, vê-se que ele separa esse dialecto românico, ainda que, logo a seguir faça-o igual ao romanche, e ao friulano. Infere-se que ele vê o ladino como

a forma principal do grupo reto-ladino-fidulano.

Não traz nada de novo, porém.

Yuen Ren Chao em "Língua e Sistemas Simbólicos"⁴⁸, em livro recente em que estuda o problema da classificação das línguas, e não esquece as românicas. O seu trabalho vale pela formulação de critérios que ele julga bons para classificar as línguas do mundo e que abrange uma vasta área: a genética, a tipológica, a político-geográfica e os universais da língua, que são critérios usados por muitos linguistas que se detêm nas românicas. A seguida por esse linguista, porém, é das mais falhas pois ele repete Friedrich Diez quase um século e meio depois da publicação da "Grammatik der romanischen Sprachen" acrescentando o catalão e tirando o famoso provençal, coisa que nenhuma classificação havia feito. Explica-se essa lamentabilíssima omissão pelo fato de ele dar primazia ao critério político-geográfico e ao número de falantes, daí que não segue aquela divisão dicotômica oriental-occidental e começa pelo espanhol, a mais falada das línguas românicas.

O linguista Hans Krahe, cuja classificação no seu livro "Indogermanische Sprachwissenschaft" foi o ponto de partida para o nosso ensaio, por nos ter chamado a atenção para a diversidade de classificações das línguas românicas existentes e critérios adotados, sugere um critério em que o conservatntismo fonético e morfológico ocupam lugar de relevo e começa a sua classificação que muito se aproxima da de Meyer-Lübke, com a diferença que acrescenta o catalão e retira o grupo franco-provençal. Esta a sua classificação:

1. Italiano;
2. Sardo;
3. Português;
4. Espanhol;
5. Catalão;
6. Francês;
7. Provençal;
8. Reto-romanche, e
9. Dalmático.

Hans Krahe é dos poucos que fazem referência aos dialectos latinos outrora falados na África do Norte:

"Andere romanische Sprachen, wie das Dalmatische in Dalmatien oder die Fortsetzung des Lateinischen in Nordafrika, sind untergegangen" - in "Indogermanische Sprachwissenschaft - I: Einleitung und Lautlehre", p. 20.

Une o grupo franco-provençal ao provençal apenas, como outros linguistas preferem, mas não deixa de lado o catalão, que colegas seus querem ver como mero dialecto provençal.

Dado o prestígio de Hans Krahe no mundo da linguística indoeuropéia, a sua classificação desperta atenção por trazer o critério da proximidade das línguas românicas face ao latim imperial de onde saíram. É incompleta porém, sobretudo porque ignora o grupo franco-provençal e nem faz referência sequer ao gascão, que a Romanística hoje aceita como uma língua autônoma.

A lição de F. Stolz, A. Debrunner e W.P. Schmid parece⁵⁰ ser a mesma de Hans Krahe quando, na "Geschichte der lateinischen Sprache", em diversas ocasiões citada neste ensaio, também deixam de lado o franco-provençal. O caráter altamente conservador do sardo, na sua espécie lugaresa, é mencionado, da mesma forma que os quatro grandes dialectos do romeno, são ressaltados, coisa que alguns classificadores parecem esquecer. Só o sardo central, porém, merece entrar na classificação.

Escrevem esses autores:

"Die romanischen Sprachen werden eingeteilt in das Italienische, Rätoromanische, Provenzalische, Französische, Katalanische, Spanische, Portugiesische; vom Ostromanischen, das sich im nördlichen Teil der Balkanhalbinsel ausgebildet hatte, lebte heute nur noch das Rumänische (in vier Formen: Dakorumänisch, Mazedorumänisch, Meglenitisch, Istrorumänisch); eine Sonderstellung nimmt das Zentralsardische ein (s. weiter unten)." - op. cit. p. 126.

A curiosidade desta classificação é que o romeno fica isolado, como a única das línguas românicas orientais, já que o dálmato, por ser extinto, não é computado. E eles incluem o sardo central na lista das línguas orientais, como uma forma especial. Língua mesmo o romeno, e uma forma especial, o sardo. Só que ele não explica sobejamente porque é o sardo o representante dessa forma ou situação especial...

O italiano e o reto-romanche ficam a fazer parte de um grupo mais próximo, daí a enumeração adotada, enquanto o provençal e o francês são grupos constitutivos de outro bloco de línguas, ficando o catalão, o espanhol e o português em um outro bloco como aliás os hispanistas costumam fazer, a exemplo de William J. Entwistle no seu "Castellano, Catalán, Vasco y Gallego-Portugués",⁵¹ e como defendido por Kurt Baldinger em obra já citada anteriormente neste ensaio.⁵²

Deixa entender esta classificação que há dois grandes blocos: o das línguas românicas ocidentais - italiano, reto-romanche, provençal, francês, catalão, espanhol e português; uma língua oriental - o romeno e os quatro grandes dialectos; e uma língua de situação especial (oriental?) - o sardo central, ou mais precisamente, o logudorês.

De qualquer modo, é uma excelente classificação pelas inovações apotadas e serve para melhor explicar a complexidade do tema.

3.6. Classificações padrões da Romanística

Vimos seguindo até aqui os grandes romanistas alemães e franceses, e os anglo-americanos. Aqueles que deixaram algo de muito importante para o nosso estudo. Muitos deles apenas repetiram o que os pioneiros deixaram enquanto outros lograram acrescentar algo. Há línguas românicas que, desde a primeira classificação, vêm-se mantendo inalteráveis em suas posições, dentro de determinado grupo, mas outras enfrentam obstáculos e chegam a ser contestadas.

O que fizeram foi muito valioso para a Romanística, ninguém o duvida, mas as pesquisas continuaram e novas proposições foram feitas recentemente, como a de Lausberg e de Wendt, ambos alemães, a altamente política do linguista soviético Stépanov no seu artigo "La linguistique externe dans ses relations avec les structures internes",⁵³ e a altamente apreciável de Paolo Savj-Lopez, de inícios deste século, mas extremamente rica e completa que causam espanto. Esse linguista, hoje um tanto esquecido, adiantou-se, em certos aspectos, a muitos pontos que a linguística dos nossos dias consideraria relevantes, inclusive na delicada e conflitante questão do divisor entre línguas e dialecto, e o que seja um co-dialecto etc. Já citamos muitas vezes o seu livro, "Le origini neolatine", talvez das obras mais verdadeiramente acabadas da Romanística pela riqueza de informações sobre os dialectos saídos do latim imperial. Nesse particular da classificação, a contribuição de Savj-Lopez, nem sempre citada pelos romanistas, é inestimável e está a merecer ainda um estudo profundo. O tantas vezes citado por linguistas hodiernos, Erich Auerbach, na "Introduction aux études de philologie romane",⁵⁴ não traz, na verdade, nenhuma contribuição porquanto repete o que se tem dito sempre em questão de classificação das línguas românicas e citando Von Wartburg, enumera as línguas que aquele romanista considerou, não sem antes incidir nos mesmo erros de linguistas que o antecederam como a inclusão do friulano como uma variante reto-romanche, o galego como uma forma de português falado na Galiza, o gascão como um dialecto do provençal ou occitânico (sic), insiste no estreito parentesco do catalão com o provençal e omite impiedosamente o franco-provençal.⁵⁵

Começemos por Heinrich Lausberg com a sua "Linguística Românica"⁵⁶, em que dedica, no tomo I, longo artigo sobre a classificação das línguas românicas.

Lausberg adota critérios moderníssimos e distintos dando primazia ao geográfico, ao histórico, ao do espaço linguístico nacional, ao da língua escrita e a um que chamou de grau de parentesco por região que se dividiria por sua vez em três partes (duas românicas, a ocidental e a oriental com vários espaços parciais, e uma chamada de Sardenha).

Enumera dez línguas: português, espanhol, catalão, provençal, francês, reto-romanche, italiano, dalmático, romeno e sardo, exatamente a de Meyer-Lübke com o catalão e sem o franco-provençal. Mas ao estudar os grupos separadamente ele elabora a verdadeira classificação.

A geografia linguística em sentido lato, a história linguística e a geo-política estão muito presentes na classificação de Heinrich Lausberg. Separando a România ainda em oriental e ocidental ele segue os ensinamentos do pioneiro Diez e de Meyer-Lübke, seguido de Von Wartburg, mas deles se distancia ao deixar um lugar à parte para a Sardenha, assim nove grupos linguísticos estariam na România oriental e na ocidental, e um na parte especial. Mas acontece que, se ele seleciona dez grandes línguas românicas autônomas, na verdade essas dez línguas vão se desdobrar em pelo menos mais cinco, de onde o número total de quinze línguas neolatinas. Todas as línguas enumeradas por Lausberg, com o excepcional caso do sardo, são literárias, e uma, dalmata, é já morta. Difere porém dos autores a cuja orientação se filia, por preferir dois critérios de enumeração:

1. Enumera as línguas do ocidente para o oriente, começa do justamente com a mais meridional de todas, o português. Começa pois com a Península Ibérica, passando para o domínio do provençal e do francês, seguindo os Alpes e as Dolomitas, chegando à Península Itálica, aos Balcãs e finalmente a uma ilha, isto é, a Sardenha;
2. Ao estudar, porém, cada sistema linguístico de persi, Lausberg usa de uma enumeração caprichosa, pois começa da mais importante língua românica do ponto de vista literário, o francês, passando para o espanhol, o português, tendo nesse interim estudado o provençal e o catalão, isto é, caminha de norte para sul; seguindo a inda essa geografia caprichosa, estuda o italiano e, "imediatamente", como frisa, o sardo e o reto-romanche que ele chama de "lenguas vecinas del italiano",⁵⁷ para terminar pelas dos Balcãs.

Não atino exatamente porque tantas voltas pela geografia da România, nem porque duas posições. Acredito contudo que quis seguir uma diferente, partindo do ocidente em um dos critérios, pelo português; e ao estudar as línguas separadamente prevaleceu a importância literária e a antiguidade como línguas escritas.

Ao dividir as línguas por regiões, Lausberg assim procede:

- I. România ocidental com os seguintes espaços parciais:
 - a) Galo-România com o provençal, o franco-provençal e o francês;
 - b) Reto-România com dois grandes grupos: Ocidental, que se situa entre São Gotardo e Ortler, constituído do românico grisão, com três dialectos bem marcados - do Oberland bernês; obvaldico (sobreselvano); e grisão central; e engadino superior e inferior e mais ainda o dialecto de Vale de Münster. Contra-pondo-se a esse grupo Ocidental, há um Central, com

outras e mais elaboradas subdivisões, que é o ladino central com as suas duas variações dialectais, que veremos mais detidamente ao apresentarmos a nossa proposição de classificação. Um tanto independente dos dois grandes grupos altamente fragmentados, o Ocidental e o Central, Lausberg situa o grupo Oriental que é constituído do friulano. Com esta posição, o autor salienta em parte a autonomia do friulano;

- c) Dialectos do Norte da Itália, os mesmos que Dauzat, por exemplo, entre outros, coloca entre os dialectos galo-itálicos;
- d) Ibérico-România ou Ibero-România com o catalão, o espanhol e o português;

II. România oriental com os seguintes espaços parciais:

- a. Centro e sul da Itália, com grande número de dialectos;
- b. Dalmácia, com uma língua extinta que se dividia em dois grandes dialectos;
- c. Romênia, com os seus quatro grandes dialectos;

III. Sardenha, representada pelo sardo e seus dialectos, ou melhor, pela variedade dialectal sarda.

Apesar de Lausberg fazer referência directa a dez idiomas, ele estende o número das línguas românicas a quinze ou até mesmo mais, pois, ao privilegiar este ou aquele dialecto latino, ele enseja a inclusão desse dialecto na lista das línguas autónomas da România, que seriam:

1. Provençal, - Gascão,
2. Franco-provençal,
3. Francês,
4. Romanche,
5. Ladino,
6. Friulano,
7. Grupo galo-itálico,
8. Catalão,
9. Espanhol,
10. Português,
11. Galego,
12. Dálmato,
13. Romeno,
14. Sardo.

Quanto ao gascão, unido ao provençal, o autor comenta que existe uma particularidade nessa língua e que faz com que ela seja vista por muitos linguistas como língua independente. É o seu aval à autonomia do

gascão, com o que muito ganha a Românica. Aliás, ele frisa o estreito parentesco do gascão com o leonês e o aragonês, sobretudo com este, e afastando-se mais do provençal, o que vem pôr por terra a insistência daqueles que querem ver no gascão nada mais do que um dialecto provençal.

Escreve Lausberg:

"Al lado del provenzal ocupa una posición en cierto modo particular (entre el Garona y los Pirineos), el cual pasaba ya entre los trovadores (por ejemplo, Raimbaut de Vaqueiras, elrededor de 1200) por idioma independiente al lado del provenzal. En muchos rasgos característicos se halla más emparentado con el aragonés y el catalán que con el provenzal. Igual que el provenzal, también el gascón cae hoy en la zona dominada por el francés literario" - in "Lingüística Románica", tomo I, p. 64/65.

Como se vê, Lausberg não diz exatamente o seu pensamento sobre as línguas românicas, mas propicia nova classificação sobre a sua classificação, inclusive porque, junto com a bibliografia atualizada, ele cita, mui a propósito, textos nesses dialectos latinos, ensejando assim a comparação entre os diversos dialectos escritos.

Sob este aspecto, a sua é das mais completas classificações das línguas românicas já feitas.

Igualmente muito boa, por tentar abranger quase todos os dialectos mais importantes da România e já consagrados por classificações anteriores, por possuírem uma pujante literatura ou simplesmente por se terem diferenciado, com o passar dos anos, das línguas às quais se mantinham unidos, é a classificação adotada por Heinz F. Wendt na sua eruditíssima obra "Sprachen".⁵⁸

Comete alguns deslizes muito graves quando afirma que, na Galiza, se fala o português:

"Portugiesisch (75 Mill. in Portugal, Madeira, Azoren, in der spanischen Provinz Galizien, den portugiesischen Kolonien und in Brasilien" - op. cit. p.240/241.

Ignora também o franco-provençal, mas insinua que existe um grupo linguístico o dos "norditalienischen Dialekten".⁵⁹

A sua grande contribuição porém é salientar que existe um dialecto muito marcado, o moldávio, que é língua oficial de uma das repúblicas da União Soviética. Esta postura eminentemente política ou geo-política é raras vezes assumida pelos linguistas franceses, ou pelos alemães, mas é uma constante na linguística soviética. Além disso, divide os grandes grupos dialectais do reto-romanche em:

1. Westrätisch, ou Graubündnerisch, ou Rumauntsch;
2. Mittelrätisch, ou Ladinische; e
3. Friaulische.

Ou seja, o rético ocidental ou grisão ou romanche, com o rético médio ou ladino, e o friulano.

Nesse aspecto a sua é uma classificação que ajuda o linguista a tomar direções em favor de autonomias linguísticas, assim como o linguista anteriormente citado, Heinrich Lausberg o fizera sem emprestar, porém, esse alto grau de independência ao romanche, ao ladino e ao friulano.

Também Wendt não foge à clássica divisão de România oriental, Ostromania, e România ocidental, Westromania. Frisa igualmente que existe um grande número de dialectos românicos, "eine grosse Zahl von Dialecten".⁶⁰ Voltaremos, mais tarde, a Wendt por ocasião da apresentação de nossa classificação.

Quanto ao romanista soviético Gueörgui Stepanov, a sua classificação é, como frisei antes, eminentemente geo-política, privilegiando aspectos literários e nacionais sobretudo. Ele enumera, em seu artigo antemencionado, onze línguas românicas adotando um critério que considera a língua do ponto de vista

- a. Da comunicação oral quotidiana;
- b. Não se liga estritamente a nenhum grupo social determinado e se a comunicação escrita não oficial;
- c. Encontra-se realizada no seio dos grupos sociais muito diversos, pelo contrário, a comunicação oficial não tem curso senão em alguns destes casos: unidade administrativa incluída em um conjunto (região autónoma, parte da federação);
- d. Unidade administrativa independente (Estado unido ou multinacional);
- e. Sua utilização como língua de comunicação inter-étnica, para cumprir uma de suas funções sociais.

Esquecendo o franco-provençal, ignorando por completo o dalmato pelos motivos já sabidos e que fez com que outros linguistas também o ignorassem, Stepanov porém salienta o significado do sardo, do galego (separado do português), do catalão e do moldávio.

Como Wendt, ou mais do que Wendt, Stepanov lembra o moldávio, não considerando-o mero dialecto romeno da antiga Bessarábia, mas uma língua que, com o passar do tempo, evoluiu a ponto de tornar-se independente, ajudada ainda pela participação do Estado, que a tornou língua oficial e nacional da República Socialista da Moldávia. Mas divergindo de Wendt, encara o galego como língua à parte. O moldávio e o galego são, pois, a sua grande contribuição a uma classificação completa das línguas românicas.

Aí estão algumas das classificações de mestres estrangeiros que merecem a atenção dos estudiosos da matéria, antes dese chegar à de Savj-Lopez que, pessoalmente, considero a mais completa até hoje feita, não obstante ser esse linguista do início do século e ter apresentado a sua classificação ainda em vida do grande Meyer-Lübke, papa dos estudos romanísticos da época.

Como Lausberg, Savj-Lopez apresenta, formalmente, apenas onze línguas que ele prefere chamar de gruppi di lingue neolatine. Este linguista, com bastante inteligência da multiplicidade de dialectos, se refere a grupos de línguas e não línguas isoladas. Diga-se de antemão que a classificação que ele propõe é extremamente sofisticada e que será objecto de nossas considerações na última parte deste ensaio, porque a subscrevemos em grande parte, com algumas alterações.

Para ele, essa classificação é a comumente adotada e se defende assegurando que

"Ed ecco ora la classificazione dei parlari neolatini che oggi è di solito adottata, e che anche agli occhi di coloro i quali non convenissero teoricamente nelle tesi or ora sposate, ha nondimeno un qualche valore empirico. S'intende che va presa in un senso molto approssimativo e provvisorio, d'altra parte, pur da coloro i quali credono alla classificabilità dei dialetti" - in "Le Origini Neolatine", p. 216.

Características da classificação de Savj-Lopez:

1. Começa de Ocidente para Oriente;
2. Classifica os dialectos italianos cuidadosamente;
3. Dá certa autonomia aos dialectos galo-italicos, sem contudo fazer deles um grupo de línguas separado do universo italiano, como o faz Dauzat, já estudado;
4. Estabelece um grupo sardo-corso, independente, e não mais visto como dialectos do italiano (o corso sobretudo, que muitos linguistas consideram erradamente uma variante do toscano);
5. Apresenta, como Lausberg, uma grande divisão do grupo reto-romanche, que ele chama tout court de ladino e que vem a ser um conjunto de três línguas separadas;
6. Não ignora o dalmático, apesar de extinto;
7. Elenca os principais dialectos franceses, entre os quais está o valão, que muitos consideram um co-dialecto do francês;

8. Chama atenção para o franco-provençal, ou francês do oeste, com as suas características bem marcantes e enumera os seus dialectos;
9. Fala de um grande grupo provençal, mas infelizmente faz do velho gascão de tanta celebridade e independência, um mero dialecto provençal. É parte passível de crítica e que mereceria uma revisão pelo autor, quando deixou o texto definitivo dessa obra-memumemto;
10. Separa bem o catalão do provençal;
11. Enumera os principais dialectos do espanhol;
12. Ao separar os dialectos do português, neles inclui, por desgraça, o galego, no que merece reparos; e
13. Finalmente, ao citar o romeno, não se esquece de enumerar-lhe os quatro grandes dialectos.

Savj-Lopez deixa margem aos linguistas interessados na classificação dos idiomas românicos para prosseguirem nas pesquisas, do lugar onde ele terminou. Dá orientações, como por exemplo, ao lembrar a diversidade dos dialectos ladinos. "I dialetti ladini sono sensibilmente diversi fra di loro", acentua.⁶¹ Ora, outros linguistas tentam mascarar essa diversificação assegurando que apresentam características escritas próprias o que não é verdade. Falta-lhes a inteligibilidade. Um falante de ladino, a não ser que estudasse antes, não tem oportunidade de facilmente manter um diálogo com um conhecido romanche, se este lhe fala na sua língua regional, da mesma forma que não compreenderá o que está a dizer um friulano.

As suas observações sobre a inteligibilidade dos dialectos intermediários, e sem dúvidas se refere aos galo-italicos, é das mais sagazes. Ele desmitifica uma pseudo-unidade românica que jamais existiu, nem jamais existirá.

Tece críticas aos que sonham com a individualidade ladina, por exemplo.

"L'individualità linguistica del ladino è un'astrazione giustamente creata dai glottologi per un principio di metodo classificatore e di opportunità teoretica - ma praticamente non esiste un vero limite tra il sistema dei dialetti italiani e il sistema ladino" - op. cit. p. 227.

Separa o catalão, ainda que lembrando a sua afinidade com o provençal, e defende um grupo de dialectos galo-românicos ou galo-italicos. É dos primeiros a notar a existência de um falar que poderia ter tomado vulto, o judeo-espanhol, ou judesmo ou ladino, ou u ainda hebraico-espanhol, "diffuso soprattutto in Oriente, è un castigliano che arrestato nel suo sviluppo naturale conserva sostanzialmente la fonetica della fi

ne del secolo XV (come conserva un carattere arcaico il francese del Canada); ma molto ha perduto della sua importanza originaria, e svariatissimi elementi estranei vi si sono introdotti".⁶²

Há, não se pode negar, pontos falhos na classificação de Savj-Lopez, como os apontados em *passant*, mas parece que é das mais completas tentativas de classificar as línguas românicas desde a classificação pioneira de Meyer-Lübke e da primeiríssima de Friedrich Diez, a que serviu de modelo a todas as demais.

Savj-Lopez abandona a enumeração das línguas românicas vindas de Oriente para Ocidente, e em nenhum momento fala de línguas românicas, mas de grupos de línguas, o que é acertado, vez que não se pode falar de uma língua provençal, ou de um grande dialecto franco-provençal, mas sim de grupos de línguas ou dialectos. É importante também a sua definição de língua e dialecto, e o linguista lui-même não faz diferença entre língua e dialecto ao falar dos descendentes do latim imperial, apenas traçando diferenças quando se trata de língua escrita, mas mesmo essa demarcação sofisticada não tem muita razão de ser porquanto existiram, para só citar a Itália, dialectos ali que foram profusamente utilizados, em que existe uma farta e por vezes brilhante literatura como é o caso do napolitano, do vêneto, do milanês, do piemontês e outros.

No capítulo a seguir, ao estudarmos rapidamente a contribuição dos nossos linguistas, voltaremos à questão sempre actual e delicada dos dialectos.

Mas nenhum romanista poderá prescindir da leitura cuidadosa de Savj-Lopez, da classificação que ele apresentou e que, mesmo que ele nada mais houvesse escrito, a sua contribuição serviria para dar-lhe lugar seguro na história da Romanística.

Pondo fecho a este capítulo, cabe-nos apenas louvar o trabalho erudito e paciente desse linguista que nos deixou um livro-monumento, o "Le Origini Neolatine"!

Notas e referências ao

Capítulo III:

1. Leite de Vasconcellos, J. Lições de Filologia Portuguesa. 4a. ed. Com notas do autor, prefaciada e anotada por Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1966. 488 p.
2. Larive & Fleury. La troisième année de Grammaire. Paris, Librairie Armand Colin, 1920. 408 p. Trata-se da 70 a. ed. dessa excelente gramática, outrora muito usada nas escolas francesas no Continente e colônias de além-mar.
3. Lobo, Vaz. Grammatica Histórica. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1936. 200 p.

4. Op. cit. p. 7.

Esse gramático histórico diz mais:

"Ao tomarem os romanos posse de uma nova terra, deixavam alli suas legiões para lhes garantirem o domínio, impondo-se aos nativos e vencendo os demais povos que quizessem igualmente apoderar-se do paiz. Assim, nos lugares onde estabeçiam elles suas colonias, iam implantando paulatinamente a civilização romana. Os nativos, reconhecendo a superioridade dessa civilização, não tardavam em ir adoptando os costumes romanos; e a própria lingua falada pelos soldados, ia aos poucos sendo falada pelo povo, mesmo porque necessitavam della em suas multiplas relações, porquanto não se preocupavam os romanos em lhes aprender o idioma" - op. cit. p. 7.

Parece simples demais a hipótese aventada por esse bom gramático, que linhas mais abaixo confunde latim popular com latim castrense, o que é de lamentar profundamente por tratar-se de um homem que conhecia o latim, acerca do qual deixara uma gramática ou método de aprendizagem rápida.

Leia-se o que ele escreve sobre essas duas formas de latim, isto é, na forma de uma forma:

"O portuguez que hoje falamos, é pois, o latim popular ou castrense (de castra, castrorum, que quer dizer acampamentos), o latim dos guerreiros, falado pelos soldados e colonos, e modificado aos poucos em seus sons e formas, pelos habitantes do lugar, até chegar à bella lingua de que hoje nos servimos para expressar os nossos pensamentos. E, portanto, o portuguez, dialeto ou filho do latim, e como seus affins, chama-se lingua não-latina, novi-latina ou romanica" - ibidem p.7. Respeitamos a grafia da época.

5. Ibidem p. 29.

6. Sarmiento, Fray Martín. Estudio sobre el Origen y Formación de la

língua gallega. Buenos Aires, Editorial Nova, 1 943. 157 p.

7. Jucá (filho), Cândido. Gramática brasileira do Português Contemporâneo. 2a. ed. corrigida e ampliada. Rio de Janeiro, Epasa, 1 945. 400 p.
8. Krahe, Hans. Indogermanische Sprachwissenschaft. I. Einleitung und Lautlehre. 5a. ed. Sammlung Göschen Band 59. Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1 966. 110 p.
9. Wednt, Heinz F. Sprachen. Das Fischer Lexikon. Frankfurt am Main, Fischer Buchverlag, 1 966. 382 p.
10. Potter, Simeon. A linguagem no mundo moderno. Trad. de Antônio Ramos Rosa. Lisboa, Editora Ulisseia, 1 965. 235 p.
11. Melo, Gladstone Chaves de. Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa. 4a. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1 971. 338 p.
12. Chao, Yuen Ren. Língua e Sistemas Simbólicos. Trad. de Maria da Glória Novak. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1 977. p. 84.
13. Pedersen, Holger. The Discovery of Language. Linguistic science in the nineteenth century. Trad. de John Webster Spargo. Bloomington & London, Indiana University Press, 1 967. 360 p.
14. Nunes, José Joaquim. Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e morfologia. 8a. ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1975. 456 p.
15. Op. cit. p. 10.
16. Mounin, Georges. História da Linguística - Das origens ao século XX. Trad. de F.J. Hopffer Rêgo. Paris, Presses Universitaires de France, 1 970. Porto, Edições Despertar, s/d. 230 p.
17. Op. cit. p. 164.
 Eis o trecho que eu chamaria de irônico sobre a origem e classificação das línguas:
 "Os falsos problemas sobre o hebreu, língua mãe, e acessoriamente sobre o gaulês, língua mãe, vão mais ou menos rapidamente deixar a boca da cena. No entanto, os celtômanos terão em França a vida dura: a Academia Celta de França funda-se em 1 805, e propõe-se ainda "estudar e publicar a etimologia de todas as línguas socorrendo-se do bretão, do gaulês e do érsio", e Granier de Cassagnac sustentará ainda em 1 872, com uma certa audiência, a origem gaulesa do francês" - *ibidem* p.164.
18. *Ibidem* p. 165.
19. Cit. por Georges Mounin, in op. cit. p. 174 e seguintes.

20. Leroy, Maurice. As Grandes Correntes da Linguística Moderna. Trad. Izidoro Blikstein, José Paulo Paes e Frederico Pessoa de Barros. São Paulo, Editora Cultrix, 1 982.
21. Krahe, Hans. Indogermanische Sprachwissenschaft. I. Einleitung und Lautlehre. 5a. ed. Sammlung Götschen Band 59. Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1 966. p. 21.
22. Stolz, F. - A. Debrunner - W.P. Schmid. Geschichte der lateinischen Sprache. 4a. ed. Sammlung Götschen Band 492/492a. Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1 966. p. 124 usque 131.
Sobre a variedade e origem das línguas românicas, escrevem os autores:
"Die Verschiedenheit der Sprachen, die sich in dieser Einteilung widerspiegelt, hat mehrere Ursachen. Es ist von vornherein wahr - scheinlich, dass das Lateinische, das die römischen Beamten, Soldaten und Haendler in die ausseritalischen Provinzen mitbrachten, nicht ueberall genau dasselbe war, da sich ja schon in Italien die latei - nische Sprache ueber sehr verschiedene Sprachen gelegt hatte. Auch die Verschiedenheit der Zeit, in der die einzelnen Provinzen romani - siert wurden, duerfte einen Einfluss auf die Gestaltung der Sprachen ausgeübt haben" - op.cit. p. 126.
23. Robins, R.H. Pequena História da Linguística. Trad. Prof. Luiz Mar - tins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S/A, 1 983. 203 p.
24. Cfr. Júlio Cesar Commentarii de Bello Gallico, lib. I, I, onde o fa - moso general e escritor escreve sobre as continuas guerras entre cel - tas e germanos. Basta um pequeno trecho, onde o autor frisa, por e - xemplo que:
"... proximique sunt Germanis, qui trans Rhenum incolunt, quibuscum continentur bellum gerunt: qua de causa Helvetii quoque reliquos Gallos virtute praecedunt, quod fere quotidianis proeliis cum Germa - nis contendunt, quum aut suis finibus eos prohibent, aut ipsi in eo rum finibus bellum gerunt".
Em muitas outras passagens Júlio César se refere à belicosidade dos celtas.
25. César escreve que:
"... propterea quod a cultu atque humaritate provinciae longissime absunt" - ibidem, lib.I, 1.
26. Cit. por Georges Mounin, na sua "História da Linguística", por nós várias vezes citada, Ed. Despertar, às págs. 181.
27. Op. cit. p. 22 e 23.
Ensina Lausberg que "cuando la vecindad es susceptible de repartirse geográficamente, es que se trata de lenguas geográficamente vecinas" - ibidem p. 22.

28. E opinião de Monteverdi. Cfr. Silvio Elia:
 "Na verdade, como pondera Monteverdi, não se trata, propriamente, de nove línguas e sim de nove sistemas de dialetos. E que cada uma das línguas acima elencadas representa na verdade um conjunto de dialetos, e um desses, por motivos políticos, se tornou a língua nacional" - op. cit. p.121 e 122. Grifos nossos.(2a. ed.)
- 29.— Cfr. nota acima. Elia cita do livro de Monteverdi, Manuale di avviamento agli studi romanzi. Milão, Casa Edit. Dott. Fr. Vallardi, 1952. p. 79. (2a. ed. V. nota abaixo).
30. Elia, Silvio. Preparação à Linguística Românica. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S/A, 1979. 284 p. Este livro traz excelente bibliografia, muito útil aos estudiosos das questões aqui mencionadas.
31. Ibidem p. 133.
 Lamentavelmente esse linguista, que trata de precisar o termo romanche, inclusive dando a forma como é conhecida a língua entre os grísões, perde essa precisão às pág. 135, ao juntar tudo sob outras denominações: reto-românico, rético e ladino, como se todos esses grandes dialectos fossem uma única língua sob várias denominações...
32. Cfr. Silvio Elia, op. cit. p. 131:
 "Outro elo lingüístico românico, ainda segundo Vidos, é representado pelo franco-provençal, que faz a transição entre o francês e o provençal".
33. Cfr. Silvio Elia, op. cit. cap. 13: As Línguas Românicas, p.121.
34. Apud Savj-Lopez, Le origini neolatine. Milão, Ulrico Hoepli, 1976. p. 244.
35. Op. cit. p. 129.
36. Reconhecendo que o catalão é da mesma família provençal, isto é, tem traços que o aproximam do provençal, não lhe afirma a dependência a este. Pelo contrário, acentua-lhe a autonomia ao escrever que
 "L'affinità col gruppo provenzale è grandissima, sebbene anche in Francia il catalano se ne mantenga per certi rispetti distinto sensibilmente. Si è ancora recentemente espressa l'ipotesi contraria, ossia che il catalano sia autoctono nella sua sezione spagnuola, e precisamente nella parte montuosa; di qui si sarebbe a poco a poco esteso, mediante le incursioni continue dei Cristiani sul suolo moresco, verso mezzogiorno e sulla costa orientale, spingendosi poi fino alle Baleari" - "Le origini neolatine", ed. cit. p. 231.

37. Leite de Vasconcellos, J. Licções de Filologia Portuguesa. 4a.ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1 966. p.12.
Deixa o mestre português entrever que, autônomo quanto a outras línguas irmãs, o catalão seria uma língua intermédia entre o provençal e o espanhol e até aí tudo muito bem que esta é uma postura que alguns linguistas adotam. Seria portanto um co-dialecto do provençal em face do latim imperial. Mas acontece que ele não explica mais detidamente e simplesmente o elenca entre o gascão, o valão e o leonês. Ao apresentarmos as grandes classificações de autores luso-brasileiros, voltaremos ao assunto, que está a merecer reparos.
38. Op. cit. p. 51.
39. Op. cit. p. 55.
40. Op. cit. p. 60.
41. Op. cit. p. 153.
42. Op. cit. p. 156.
43. Homburger, L. Le Langage et les Langues. Introduction aux études des linguistiques. Paris, Payot, 1 951. 256 p.
44. Op. cit. p. 60.
45. Op. cit. p. 59.
46. Op. cit. p. 62.
47. Langacker, Ronald W. Language and its Structure. Some fundamental linguistic Concepts. New York/Chicago/San Francisco/Atlanta, Harcourt; Brace & World, Inc. 1 968. 260 p.
48. Chao, Yuen Ren. Língua e Sistemas Simbólicos. Trad. de Maria da Glória Novak. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1 977. 229 p.
49. Krahe, Hans. Indogermanische Sprachwissenschaft. I. Einleitung und Lautlehre. 4a. ed. Sammlung Göschen Band 59. Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1 966. 110 p.
50. F. Stolz - A. Debrunner - W.-P. Schmid. Geschichte der lateinischen Sprache. 5a.ed. Sammlung Göschen Band 492/492a. Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1 966. 145 p.
51. Entwistle, William J. Las lenguas de España: Castellano, Catalán, Vasco y Gallego-Portugués. Trad. de Francisco Villar. Madrid, Ediciones Istmo, 1 973. 443 p.
52. Baldinger, Kurt. La formación de los Dominios Lingüísticos en la Península Ibérica. Trad. de Emilio Eledó e Montserrat Macau. Madrid, Editorial Gredos, 1 963. 398 p.

53. Stépanov, Guérogui. La linguistique externe dans ses relations avec les structures internes. in Linguistique Générale - Système et Structure du Langage, obra colectiva do Instituto de linguística da Academia das Ciências da U R S S. Trad. do russo de M. Rygalov, E. Chtaler, A. Yatlova. Moscou, Editions du Progrès, 1 981. 67 usque 86.

54. Auerbach, Erich. Introdução aos Estudos Literários. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo, Editora Cultrix, 1 972. 278 p.

Auerbach apoia sobretudo em Von Wartburg para classificar as línguas românicas, que ele enumera a partir do romeno, isto é, de Oriente para Ocidente, e são além daquela citada: o dalmata, o italiano, o sardo, o reto-romano, o português, o espanhol, o catalão, o provençal que ele chama também de occitânico, uma das raras vezes em que encontro esta denominação, e o francês de que ele afirma que

"De todas as línguas românicas ocidentais, o francês é a mais distanciada de sua origem latina. Isso se deve a algumas peculiaridades fonéticas, a maior parte das quais já mencionei etc." - ibidem p. 97.

A área ocupada pelo franco-provençal ele chama de "dialetal claramente caracterizada no leste do país" - ibidem p. 97.

55. Op. cit. p. 74 usque 97.

Como vimos acima, para Auerbach, o franco-provençal nada mais é do que uma "área dialetal claramente caracterizada no leste do país, entre o Doubs e o Isère, nas duas margens do Ródano superior" - p. 97, o português é o galego que evoluiu e o catalão é uma parenta muito próxima do provençal (p.74), adotando conceitos simplistas que estão bem distantes da realidade linguística.

56. Lausberg, Heinrich. Linguística Românica. Fonética. Tomo I. Trad. de J. Pérez Riesco e E. Pascual Rodríguez. Madrid, Editorial Gredos, 1 965. 559 p.

57. Op. cit. 55.

58. Wendt, Heinz F. Sprachen. Frankfurt am Main, Fischer Bücherei KG, 1 966. 382 p.

Assim Wendt se manifesta sobre a origem das línguas românicas:

"Das von der lateinischen Schriftsprache (dem klassischen Latein) bereits ziemlich abweichende Vulgärlatein wurde durch die Sprechgewohnheiten der auf dem Boden des römischen Weltreiches lebenden, anderssprachigen Völker weiter umgestaltet. Dieses phonologisch und phonetisch voellig veraenderte Latein bildete besonders in lexikalischer,

weniger in struktureller Hinsicht die Grundlage fuer eine grosse Zahl von Dialekten, von denen sich einzelne durch politische, verwaltungstechnische, soziologische und andere Faktoren zu Schriftsprachen entwickelten" - p. 240.

59. Op. cit. p. 241.

60. Op. cit. p. 240.

61. Savj-Lopez, op. cit. 225.

E continua:

"E non si ha da fare soltanto con differenze formatesi a poco a poco per gli scambi interni o per influssi estranei, ma bensì con differenze originarie. Quando si parla di "ladino" o reto-romanzo, com' altri vuol chiamarlo - cioè romanzo della Rezia - si viene adunque a esprimere un'entità astratta - perchè quei dialetti non uscirò mai dal frazionamento dialettale - : un complesso di varietà, oltre una ventina, taluna delle quali usata negli atti pubblici o in una scialba letteratura provinciale, legati fra loro solamente dall' affinità di certi caratteri comuni" - p. 225-226.

62. Op. cit. p. 25.

CA_P_I_T_U_L_O _ IV _

A CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS NO MUNDO

LUSO-BRASILEIRO

- A contribuição dos filólogos e linguistas do Brasil e Portugal ao problema das línguas neolatinas e sua classificação -

"Outras línguas se desenvolveram do latim vulgar no orbis Românus. O conjunto de todas forma a família românica ou neo-latina".

Leite de Vasconcellos, J. Lições de Filologia Portuguesa. 4a.ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1 966. p. 11.

"Desde Diez que os romanistas têm feito as mais diversas tentativas e enviado esforços no sentido de classificar as línguas românicas".

Jordan, Iorgu. Introdução à Linguística Românica. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1 973. p. 29.

4.1. A classificação das línguas românicas e quem as fazia no Brasil e em Portugal.

Até relativamente pouco tempo atrás, não haviam ainda tomado impulso os estudos linguísticos no Brasil. Mesmo a filologia, que é bem mais velha e sólida nos nossos estudos humanísticos, era a filologia a que se limitava aos textos clássicos da Literatura Portuguesa. Quanto ao mais, eram as puras tarefas do gramático, ou como se dizia então, do vernaculista intansigente, voltado para "o que se deve e o que se não deve escrever ou dizer", o zelo exagerado da correção gramatical, a preocupação constante com a boa aplicação da norma gramatical, que, para ser boa de verdade, tinha de seguir quase que servilmente a sintaxe lusiada.

O Brasil, é mister dizê-lo, seguia atrelado à locomotiva portuguesa em questão de língua e a tal ponto que os autores portugueses desde os quinhentistas até os de final do século XIX, eram dados como exemplo de "boa linguagem", e boa linguagem para os gramáticos era a pura, simples e única sintaxe de Portugal. Não se havia descoberto ainda os tesouros da fala, nenhum estudioso se preocupava com esse fantástico instrumento que é a língua. O que se queria era a aplicação rígida da gramática portuguesa segundo os parâmetros de Lisboa que continuava, em certo ponto, a pequenina metrópole a dominar uma imensa colônia.

Em tal ambiente proliferaram os gramáticos e filólogos, sobretudo aqueles que, também, se intitulavam de filólogos. Mais comumente eram chamados de vernaculistas, um nome interessante para os gendarmes da língua oficial.

Mas tanto em Portugal como no Brasil tivemos bons, excelentes filólogos, verdadeiros arqueólogos da Literatura clássica portuguesa, que se devotaram a desencavar velhos textos, reconstituindo-os paciente e diligentemente, dando-nos edições críticas que, até hoje, são modelos de bons e sérios estudos.

O período em geral mais estudado era o quinhentista, mas havia os medievalistas, que se ocupavam das primeiras manifestações literárias de nossa língua.

Um ou outro filólogo adentrou na questão da língua galega e nas origens do português, havia os latinistas de polpa que traduziam e comentavam os grandes clássicos latinos e organizavam edições de obras de escritores portugueses escritas em latim. Havia mesmo os que se interessavam pelo provençal das cortes medievais, mas uma Romanística como já existia na Alemanha, em França, na Itália e mesmo na vizinha Espanha, isso não existia. Ou era apenas embrionária.

Até já bem avançado o século XIX, quando a Romanística tinha sólidas bases na Alemanha, ainda havia filólogos em Portugal que de -

fendiam as origens celtas do português...

Outros, possuíam dos dialectos uma idéa negativa, de falar inculto, de labregos, de contadinos, em contraposição à língua da gente culta, letrada e ilustre. Os diversos falares de uma língua, desde que não a língua padrão, rigidamente normativizada, eram postos a ridículos e uma prova disso são os romances de Camilo Castelo Branco em que aparece uma personagem portuguesa que esteve muitos anos no Brasil, o "brasileiro", o português de torna viagem, ou o brasileiro nativo, representado quase sempre por um mulato. Quando o genial e torturado solitário de Seide representava o seu falar, em diálogos ou monólogos, fazia-o de maneira ridícula, com o intuito mesmo de ridicularizar, porque o nosso "mulato" não falava segundo o figurino lisboeta.

Só com Leite de Vasconcellos é que começa, verdadeiramente, a linguística em Portugal, o estudo científico da língua, o desfazimento de tantos mitos, a quebra de tabus, o respeito pelos diversos falares locais o interesse também por uma Filologia Românica que não ficava na mera comparação mas ia bem mais além.

No Brasil chega ainda mais tarde, com mestre João Ribeiro, das mais extraordinárias cerebrações intelectuais que tem tido a nossa Pátria pela sua enorme curiosidade intelectual, pela vastidão do seu saber, pela probidade dos seus estudos.

Claro que antes existiram, aqui e lá, gramáticos e filólogos que se alertavam para coisas da Romanística, para as origens neolatinas, para os rebentos desse complicado e até hoje não completamente retrçado latim-imperial ou latim vulgar, que chamavam atenção para aspectos comuns da linguística românica e que se haviam abeberado dos ensinamentos de Diez e Meyer-Lübke e os repetiam, quando repetiam, sem se aprofundarem na questão.

Contribuição original só viria mesmo com Leite de Vasconcellos e João Ribeiro nos dois países.

Depois, o trabalho do linguista português fica antes no domínio da filologia a ponto de, em Portugal, como diz Gladstone Chaves de Melo, insistir-se no termo filologia em lugar de linguística.¹ Mas ele foi também um excelente linguista e abriu novos caminhos para a ciência.

Antes dos trabalhos pioneiros de linguística aqui e além-mar, eram os gramáticos, os autores de gramáticas históricas da língua portuguesa, em alguns casos excelentes filólogos enrustidos, os que apresentavam em suas obras uma classificação das línguas românicas. Era invariavelmente a de Friedrich Diez e, mais tarde, sempre a de Meyer-Lübke. Os que se aventuravam a alguma originalidade, incluíam o galego, mas sempre jungido ao português, galego-português ou galaico-português, ou alatinadamente, o galécio-português.

E não passava daí.

4.2. João Ribeiro, a Filologia Românica e a classificação das línguas neolatinas.

Mestre João Ribeiro anda meio esquecido dos linguistas atuais, mais interessado nos ensinamentos arrojados dos alienígenas do que em recolher a boa sementeira dos de casa. Depois, João Ribeiro era muito claro, escrevia primorosamente e mesmo as coisas mais complicadas ele dizia de maneira lhana, simples, com ar de quem conversa entre amigos, sem pedantismo, sem exhibições, sem hermetismo, e isso parece ser pouco conforme ao que muitos linguistas e pseudo-linguistas fazem hoje, como acerbamente os critica Gladstone Chaves de Melo.²

Quem foi João Ribeiro?

Basta dizer que esse filólogo era, ao mesmo tempo, gramático, crítico literário, historiador, poeta, enfim homem dos sete instrumentos. Deixou obra vasta, na qual se incluem gramáticas normativas, dicionários gramaticais, história da literatura brasileira, ensaios de crítica literária e estética, crônicas literárias, cursos de história geral e poesia. Era admirável esse homem que, nascido no interior de Sergipe, dominou na capital do País (à época o Rio de Janeiro) como árbitro incontestado, como mestre de gerações. Quanto sabia mestre João Ribeiro! Raimundo de Menezes, no seu "Dicionário Literário Brasileiro",³ enumera mais de quarenta títulos que esse erudito admirável publicou. Despretensioso e bom, João Ribeiro ia esparramando artigos por tudo o que era jornal do Rio e de outros Estados sobre mil assuntos, que tudo a sua curiosidade buscava e chegou a publicar mais de 500 no jornal O Estado de São Paulo e outros jornais. No dia em que for reunida toda a sua dispersa publicar-se-ão ainda muitos volumes com o seu nome glorioso.

Em uma época em que o estudo do alemão era escasso, em que raros brasileiros eram capazes de ler um texto alemão e muito menos conhecer o que estava escrito sobre filologia, literatura e filosofia, na língua alemã, João Ribeiro, seguindo nas pegadas de Tobias Barreto e Silvio Romero, conhecia a língua alemã muito bem e tinha até certa vaidade em citar trechos e textos nela, coisa, então pouco acessível ao leitor brasileiro. Essa sua devotada aproximação com a Alemanha culta e refinada foi muito benéfica para a filologia portuguesa em nossa terra, pois ele trouxe métodos de pesquisa e novos orientamentos para o que viria a ser a Romanística no Brasil. Os seus linguistas e filólogos prediletos eram os alemães e, por isso, teve que enfrentar a caçada e ironia dos seus contemporâneos, mais apegados à cultura e à língua francesa e considerando como exotismo essas investidas do nosso filólogos por campos não pisados antes.

E assim, graças a uma sólida cultura - ele foi um dos brasileiros mais eruditos do seu tempo - João Ribeiro conseguiu, não

sem muitos obstáculos, ser um pioneiro dos estudos românicos no País. Ou, como lui-mêmo preferia chamar, bem germanicamente, da filologia românica. O seu "Dicionário Gramatical",⁴ de 1906 (a terceira edição, inteiramente refundida e muito aumentada e que serve como padrão), é ainda hoje obra útil e muito seria, superior a muitos dicionários semelhantes, apesar de uma nomenclatura envelhecida que ninguém mais usa, a partir do título, pois o gramatical aí está por linguístico, que João Ribeiro não aborda apenas comuns assuntos de gramática normativa, mas de linguística geral, classificação das línguas, figuras de estilo etc.

Ele era um inovador que se rebelava contra a estagnação dos estudos linguísticos no País e queria dar-lhes outra dimensão. Sob pretexto de que se tratava de uma obra para corresponder às "exigências dos novos programas de ensino",⁵ João Ribeiro elenca assuntos que dizem respeito à gramática normativa, a meras questões do bem dizer gramatical, mas, rebelde, vai mais além e adota modernos métodos de estudo comparativo e histórico e traz para as suas páginas as suas descobertas da linguística europeia. E confessa:

"Resolvi não seguir a tradição d'aquelles livros, ao meu parecer, improprios; mas, sem desacreditar as doutrinas antigas aproveitaveis, ajuntei outras novas ou alumiei-as á luz com que se examinam hoje os factos da linguagem" - op. cit. p. 5, do prólogo. Grifos nossos.

Era o que ele na realidade era: um pioneiro e, ao analisar e prefaciá-lo o livro "Rudimentos de Filologia Românica",⁵ seu filho Joaquim Ribeiro lembra que, ao enveredar pela Romanística, ele foi o filósofo quem,

"... primeiro no Brasil divulgou os primeiros rudimentos de Filologia Românica.....
.....
Antes de João Ribeiro, ninguém, no Brasil, havia divulgado noções sobre esse ramo de estudos" - op. cit. prefácio p. 5.

E, mais abaixo, acentua que

"João Ribeiro foi um pioneiro. É justo, pois, salientar a significação de sua contribuição numa época em que não existiam Faculdades de Filosofia no Brasil" - ibidem p. 6.

Para o nosso ensaio, portanto, a contribuição de João Ribeiro tem, entre outras coisas, um carácter pioneiro, isso porque no seu livro "Rudimentos de Filologia Românica" ele apresenta uma classificação das línguas românicas, amparada em Meyer-Lübke.

Tanto no seu "Dicionário Gramatical" quanto nos "Rudimentos de Filologia Românica", João Ribeiro apresenta a sua classificação das línguas românicas, só que este segundo livro é uma espécie de montagem feita por seu filho Joaquim Ribeiro após consulta ao dicionário prefalado e outras obras do mestre. São os verbetes postos em um plano expositivo sistemático, de modo a seguir o pensamento do filólogo ao que tange à filologia românica.

Com uma série de notas suplementares, Joaquim Ribeiro continua a obra do pai, de modo mais completo e baseado em pesquisas recentes, acrescentando o que faltou.

Se pela definição dos diversos idiomas neolatinos, João Ribeiro se aproxima bastante das diretrizes traçadas por Meyer-Lübke, em moda entre os filólogos e linguistas daqueles dias (o livro de Meyer-Lübke "Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft", é de 1901, a sua "Grammatik der romanischen Sprachen", em 4 vols., publicada em Leipzig, é de 1890-1902, enquanto a tradução francesa dessa obra, "Grammaire des langues romanes", que lhe daria muita fama e um lugar indiscutível na linguística românica, é de 1890 a 1906 e devida aos seguintes linguistas E. Rabié (o tomo I), A. e G. Doutrepont (os tomos II e III) e A. Counson e A. e G. Doutrepont (o tomo IV e último). A 3a. edição do "Dicionário Gramatical", a mais completa, é de 1906), ao fazer a classificação pura e simples ele segue a de Friedrich Diez com algumas alterações que vamos estudar a seguir.

Por sinal, João Ribeiro cita amiúde o pioneiro da classificação neolatina, mas não a Meyer-Lübke. Para ele, Friedrich Diez "foi o fundador da filologia romana", e "o grande filólogo germânico" (Dicionário Gramatical, verbete Romanas, ed. cit. p.285).

Começa por lembrar que

"A denominação línguas romanas aplicada aos idiomas modernos que se originaram do latim, é uma criação da philologia alemã. Só antes da escola alemã o appellido de romana ou romance era usual na idade média para cada uma das línguas novo-latinas. O romance ou língua antiga era oposto ao latim, que só se usava nos documentos publicos" - op. cit. p. 285. V. verbetes romanas e romance.

Deu atenção aos idiomas nacionais e literários ao classificar as línguas novilatinas, que ele chama também de neolatinas, romanas e novo-latinas:

"Dos varios dialectos originados do latim, os que conseguiram preponderancia foram: o italia-

no, o francez, o provençal, o portuguez, o hespanhol e o valachio" - op. cit. p. 285. Verbete Romanas.

As línguas elencadas são todas línguas com ricas literaturas e uma antiga tradição escrita. Mas a sua classificação não segue a ordem adotada por Diez nem a de Meyer-Lübke. É antes arbitrária:

1. Começa por uma língua que os romanistas situam, ao lado do romeno e do extinto dalmato, na România Oriental;
2. A seguir, enumera duas norte ocidentais, o francês e o provençal;
3. Passa para as duas sul-ocidentais, o português e o espanhol; e
4. Volta afinal para os Bálcãs, com o romeno, que ele ainda chama de valáquio na boa tradição de Diez.

Ora, quando João Ribeiro escrevia o seu "Dicionário Gramatical", Ascoli já tinha demonstrado a existência autônoma do grupo de falares situados entre o francês e o provençal, e que é conhecido como franco-provençal, nos seus "Schizzi Franco-Provenzali", de 1878, e dera a luz os seus famosos "Saggi Ladini", em 1873, com os quais conquistara para a România o grupo de línguas reto-romanches.

Também Meyer-Lübke, na sua citada "Einführung", de 1901, enumerara como línguas românicas o romeno, o dalmático, o reto-romano, o italiano, o sardo, o provençal, o francês (que inclui o franco-provençal ou, como ele prefere chamar, o francês sul-oriental), o espanhol e o português, vindo de leste para oeste.

É arbitrária a ordem adotada por João Ribeiro. Se fosse a importância literária, a enumeração teria começado pelo francês, como alguns fazem, ou pelo provençal, como a mais antiga língua românica literária.

Não faz qualquer referência ao sardo nem ao dalmático, nem os coloca em verbete como faz com o reto-romanche, sobre cujo grupo as suas observações são muito restritas e superficiais:

"Reto-romano (roumanche) - É uma língua romana falada no cantão dos Grisões; língua quasi sem cultura literária e muito misturada. Está dividida em dous dialectos: o do norte ou rhenano, e o do sul (de Enagin ou ladino); esses dialectos ainda têm subdivisões" - op. cit. p. 284. Verbete Reto-romano.

Como se vê, a classificação de João Ribeiro nada tem de extraordinário, de inovador. Bem pelo contrário, é ultrapassada já para os dias em que foi feita, mas acontece que foi pioneira no Brasil, pois é com o "Dicionário Gramatical" que surgem as sementes de uma linguística românica. E como tal deve ser encarada.

Note-se que, se em certos aspectos João Ribeiro se adianta a outros coetâneos, como ao traçar uma sutil linha divisória entre a filologia e a lingüística e em outros momentos, voltando-se contra doutrinas antigas, criticando fortemente o provençalista Raynouard, apesar de o admirar, por ele quer fazer do provençal a língua mãe das línguas neolatinas, e voltando-se ainda contra nomenclaturas obsoletas, que muitos filólogos nossos teimavam em empregar, no que tange à delicada questão da classificação das línguas românicas, ele fica muito atrás das teorias que circulavam pelos grandes centros de cultura. E não é que essas descobertas não estivessem ao seu alcance: João Ribeiro fez várias viagens à Europa, detendo-se algum tempo em Paris e na Alemanha, que ele adorava. E justamente dessa culta Alemanha é que vinham as mais recentes pesquisas e descobertas no campo da lingüística românica. Ao estampar a terceira e mais completa edição do seu "Dicionário", em 1906, quantas alterações ele poderia ter feito!

Mas, no momento em que se tenta retomar o assunto, cabe e - xaltar a figura de mestre João Ribeiro, fazendo-lhe justiça.

4.3. Outras classificações brasileiras.

Foi Cândido Jucá (filho) quem, até certo ponto, me remeteu para a obra específica de Charles Fredsen⁷, admirável linguista francês que viveu entre nós a maior parte de sua vida, ou metade dela, e aqui morreu, sentindo-se profundamente brasileiro. Esse linguista, também grande poliglota e poeta, deixou-nos um ensaio muito elogiado por Cândido Jucá (filho) exatamente sobre a classificação das línguas, "Do Indoeuropeu ao Latim"⁸. Aquele polígrafo, que nos deixou uma boa "Gramática Histórica do Português Contemporâneo", diz valer-se da obra de Fredsen para fazer a sua classificação⁹, mas, uma dessas ironias da lingüística, o discípulo consegue fazer trabalho superior ao do mestre, e o ensaio que produz é bem melhor do que o ensaio que o sustentara.

Se ao classificar outras famílias, Fredsen consegue dar uma visão mais lata das línguas indogermânicas, quando classifica as românicas ele incide nos mesmos erros e omissões apontados em João Ribeiro. Pior ainda: Fredsen morreu em 1953, quando certos problemas da Lingüística Românica tinham sido resolvidos e não mais o eram. Erudito, versado em muitas línguas, esse linguista porém tem a inocência de, logo no item I do seu mencionado ensaio, dizer que "o latim é indoeuropeu", ou como chama no subtítulo: O Latim é língua indoeuropéia, fato que ninguém mais discute há mais de um século e vai para dois séculos... Depois, une o grupo céltico ao latino, chamando-o de família italo-céltica, com subdivisões, o que me

não soa nada didático. Ao referir-se às línguas românicas diz:

"... são em número de sete: o italiano, o rético, o provençal (inclusive o catalão), o francês, o castelhano, o português e o romeno. Alguns filólogos(sic) acrescentam à lista das línguas românticas(sic) o sardo, não o querendo considerar simples dialeto italiano" - op. cit. p. 63.

Ora, desde os dias de Meyer-Lübke ninguém mais ignora o sardo, sempre colocado como língua autônoma, como ninguém mais omite o dalmata, e o franco-provençal.

Em nota de pé de página, o autor observa que:

"O provençal não é nenhum dialeto do francês, mas língua à parte, como o demonstra Júlio Ronjat na sua monumental Grammaire Historique des Parlers Provençaux Modernes (Montpellier, 1930), Vol. I, Introdução" - *ibidem* p. 63.

Essa nota desmerece o artigo e não deveria jamais ter sido feita, mesmo porque ninguém considera o provençal dialecto do francês. A partir de Friedrich Diez, com a sua "Grammatik der romanischen Sprache", de 1836-1843, nenhum linguista jamais sequer sonhou com isso. Pelo contrário, para muitos, era o francês um filho do provençal. Unir o catalão ao provençal e omitir o grupo franco-provençal são coisas que só fazem tornar defeituosa a sua classificação.

A sua classificação ainda está bem próxima da de Diez e parece ter o autor usado um critério literário para ela desrespeitando igualmente a grande divisão Oriental-Occidental, isto porque começa pelo italiano e termina pelo romeno.

Mas como vamos comentar a classificação de Cândido Jucá (filho), é que resolvemos citar a de Fredsen.

4.4. Outras classificações brasileiras: Cândido Jucá (filho) e suas contribuições.

Ainda que existam outras classificações anteriores à sua e que merecem reflexões, como a do probo e sereno Prof. Júlio Nogueira, que veremos depois, ou a de Vaz Lobo, referida em capítulos anteriores, a classificação tentada por esse filólogo é das mais completas dos seus dias e ele parece ter lido o que exista então de mais moderno na Romanística, ou não teria tido coragem de insistir na autonomia do catalão, do franco-provençal e do galego.

Cândido Jucá (filho) também não segue a ordem adotada pelos romanistas citados anteriormente e desconcerta um pouco quando passa de um grupo para o outro. Se coloca o italiano junto do sardo, e o provençal lado a lado a lado com o catalão, e o francês com o franco-provençal, e o português com o galego, passa do italiano para o provençal, do português para o romeno e deste para o rético.

Não se trata in casu da ordem adotada pelos que seguem o critério meramente literário, nem o dos que adotam o critério da proximidade fonológico-lexical. Que ordem teria adotado Cândido Jucá (filho)? Que critérios?

Não consigo traçar, vez que ele vai muito além de Diez e mesmo além de Meyer-Lübke, que ignora, por exemplo, o famoso galego. Da mesma maneira, o nosso gramático e filólogo faz tabula rasa do dalmático ao qual sequer alude.

Faz referência também a línguas irmãs e língua mãe, que são meros modos de dizer, sem precisão científica, mas que também adotamos, por motivos quase que didáticos.

Diria que a sua grande contribuição é justamente a de ter colocado o galego em posição independente, não o amarrando ao português, mau vezo de todos - ou quase todos - os filólogos e gramáticos brasileiros e mesmo de alguns linguistas, o que é de lamentar.

É claro que, já muito antes de Cândido Juca (filho), Júlio Nogueira falara do galego como uma língua muito parecida com a portuguesa, mas de qualquer maneira outra língua.¹⁰ Mas depois parece arrepende-se pois, ao elencar as línguas românicas, não inclui nelas o galego e Cândido Jucá o faz.

Estudando ainda as origens do romance ibérico, o nosso autor referido faz referência a quatro línguas românicas da Península, que são o português, o galego, o andaluz e o castelhano, "já que o catalão é terreno conquistado pela expansão provençal".¹¹

A classificação sugerida por Cândido Jucá (filho) é a seguinte:

1. Italiano;
2. Sardo;
3. Provençal;
4. Catalão;
5. Francês;
6. Franco-provençal;
7. Espanhol;
8. Português;
9. Galego;
10. Romeno; e
11. Rético.

Mesmo afirmando seguir a classificação de Fredsen, ele se separa daquele porque não faz por exemplo restrição ao sardo, que aquele dissera que "alguns filólogos acrescentam à lista das línguas românicas, o sardo, não o querendo considerar simples dialeto italiano".¹²

Cândido Jucá (filho) separa o sardo do italiano, ainda que frise que "estritamente ligado a essa língua, encontramos o sardo, que se ouve na Sardenha".¹³

A sua classificação vai mais além da de Meyer-Lübke portanto. Ele não hesita afirmar o galego como língua, fato que iria ocorrer muitos anos mais tarde com dois outros mestres ilustres, Sousa da Silveira e Gladstone Chaves de Melo.

Não faz qualquer referência aos dialectos do grupo galo-italico a que se refere Dauzat e não toca sequer no dalmático. Ignora os idiomas românicos de segunda geração, os crioulos, para cuja existência alguns linguistas de nome já haviam alertado. Não toca sequer de leve no ladino ou judeo-espanhol, como o faz Savj-Lopez.¹⁴ Quanto ao gascão, ignora-o.

Sem a tocante humildade e serenidade de Júlio Nogueira, Cândido Jucá (filho) porém seguindo um tanto dissimuladamente os métodos comparativos e históricos em Linguística, ou em gramática histórica, como ele prefere, dá-nos uma classificação das melhores e que só seria suplantada, muitos anos depois, por Gladstone Chaves de Melo e Silvio Elia.

Em certo ponto o nosso filólogo antecedeu ao pensamento de um linguista famoso como Simeon Potter que na sua obra "A Linguagem no Mundo Moderno", já por nós citada em capítulo anterior, que considera o galego uma língua à parte.

Entre as contribuições e achegas desse mestre, nenhuma é, para nós, brasileiros, mais importante do que essa. O galego, considerado como língua autônoma.

Assim, sem a inclusão do dalmático, as línguas neolatinas para Cândido Jucá (filho) são onze, isto é, mais do que para Meyer-Lübke e levemente inferior às classificações hodiernas que, em geral, apresentam doze línguas. Mas mesmo a linguística soviética, que primazia a posição política na classificação das línguas, dá como onze as línguas românicas. Aliás, um dos mais modernos e atuais linguistas da URSS, Stépanov, em artigo citado antes, fala do galego como língua independente e tem ainda esta crítica contra as "fortes langues littéraires (no caso o galego) opposées à la maient les fonctions littéraires des langues tels le galicien etc."¹⁵

Uma língua pode ligar-se estritamente a outra sem, nem por isso, perder a sua identidade. O checo não é o eslovaco, ambos possuem inclusive, literaturas bem distintas, mesmo que linguisticamente estejam bem próximos, da mesma maneira que o flamengo não é o afrikaans, ainda que tão próximos um do outro. Da mesma forma o galego e o português.

Júlio Nogueira frisara antes a independência do galego na sua obra "O Exame de Portuguez",¹⁶ mas, ao elencar as línguas neolatinas, lamentavelmente, não colocou entre elas o velho idioma dos trovadores da Galiza, aquela terra que por tantos anos se recusou a ser moura e que, também por tantos anos, insistiu em ser céltica, mesmo quando tudo lhe dizia que isso era apenas uma lenda, e que ela não era mais do que latina, tão latina quanto Portugal, só que menos influenciada da civilização mourisca que, por séculos, dominou a Península Ibérica.

A contribuição de Cândido Jucá (filho) é, portanto, muito importante para nós, que defendemos a autonomia do galego. Ele foi dos primeiros, no Brasil, a salientar que galgo e português se foram uma língua no passado muito distante, não mais o eram no presente.

A sua lição teria seguidores, como veremos nas folhas a diante, ao estudarmos a classificação de Gladstone Chaves de Melo, das mais completas jamais feitas no Brasil, e a José F. Marques Leite, bem pouco conhecida e citada, mas igualmente valiosa.

4.5. Júlio Nogueira e a teoria do menor esforço.

A classificação apresentada por Júlio Nogueira não se distingue de tantas outras classificações feitas por filólogos brasileiros das primeiras décadas deste século.

Ele trata do assunto no seu livro já citado, "O Exame de Portuguez", de 1930, quinze anos portanto antes do livro de Cândido Jucá (filho). Mas acontece que esse gramático é o que existe de mais probo e modesto na explicação de certos fenômenos linguísticos. Sem uma grande bibliografia (nem sequer elenca uma no final do livro), sem arrojados, esse professor que foi do Colégio Pedro II era um grande leitor dos assuntos filológicos e parecia estar a par de tudo o que se publicara por ocasião da publicação do seu livro.

Era o que se pode considerar um erudito suave, sem exhibições de cultura inchada e pesadona, de falsa erudição como existem tantíssimos. Estuda sobretudo as origens do português, tendo o cuidado de estabelecer diferenças entre o latim vulgar e o latim bárbaro, citando muito os clássicos e discutindo as falazes teorias como a do celtismo português que eruditos portugueses como Antônio Ribeiro dos Santos, Cardeal Saraiva e J. Pedro Ribeiro tentavam impingir aos latinistas.

Suave e probamente, Júlio Nogueira mostra como se deu a passagem do latim imperial para o romance, e como se formou o português.

Lembra que

"Ella não é mais do que uma degenerescência do latim, sem um salto, sem um intervalo. Por isso assiste alguma razão aos que dizem, levando muito longe

o critério da evolução, que o latim não morreu: tomou apenas aspectos novos nessas diferentes línguas chamadas românicas" - op. cit. p. 25.

Nogueira já havia dado a lume uma tese sobre "O menor esforço na linguagem" e, ao estudar as línguas românicas, aproveitou a teoria para explicar muitos fenômenos. Assim ele explica muitas aproximações entre as línguas românicas, assim como a transformação do latim imperial nos diversos romances.

A lei do menor esforço vai ajudá-lo a dividir o português, por exemplo, em diversos períodos, desde o da indisciplina da linguagem adotada nos cancionários até a linguagem alatinada dos seiscentistas afetados.

E também a teoria da lei do menor esforço que serve para explicar a existência do galego-português, como ele chama, que, aos depois, vai cindir-se em duas línguas separadas, mostrando que, desde o início, a tendência era formarem-se duas línguas:

"A língua derivada do latim era quasi a mesma do lado da Galiza e da parte que havia de ser mais tarde o condado de Portugal. Denomina-se, por isso, o galego-português" - in op. cit. p. 25. Grifos nossos.

Aí reside a sua grande contribuição, que é a de mostrar a identidade do galego. O idioma falado na Galécia ou Galiza, não é um dialecto do português como muitos, erradamente, afirmam. É uma língua afim. Por sinal, Júlio Nogueira insiste em um item no estudo das línguas afins que ele define como

"...as que pertencem à mesma família e com ella apresentam semelhança de phenomenos mais ou menos apreciavel" - op. cit. p. 34.

Ora, uma das línguas afins é, justamente, o galego:

"Olhando para o passado, podemos encontrar a língua da Galiza, o galego, cuja semelhança com a portugueza levou um dos primeiros grammaticos, Duarte Nunes do Lião, a dizer: "erão antigamente quasi hua mesma, nas palavras e nos diptongos, e pronunciação que as outras partes de Hespanha não tem". Tratando deste assumpto, diz o philologo J. Leite de Vasconcellos no seu livro "Esquisse d'une dialectologie portugaise": "O gallego medieval differia muito pouco do portuguez; ha até casos em que é difficil estabelecer distincções entre estes dois idiomas" - ibidem p. 34.

Ele chama pois atenção para essa distinção entre o galego e o português, distinção retomada mais tarde por Cândido Jucá (filho).

Para Júlio Nogueira as línguas novi-latinas são o castelhano, o português, o italiano, o francês, o provençal e o romeno ou valáquio, isto é, a mesma classificação adotada por Friedrich Diez, sem tirar nem pôr, com exceção é claro da ordem, que é outra.

Esse gramático tem algumas observações que chamaríamos de ingênuas como

"A maior afinidade da língua portugueza, nos dias de hoje, é incontestavelmente com o castelhano, facto assaz notavel, pois ás pessoas que falam portuguez não é necessario estudar este idioma para comprehendel-o. A identidade do vocabulario apresenta-se innumeras vezes e a construção pouco differe. Pensamos que entre duas línguas actuaes não haverá exemplo de affinidades tão estreitas" - in op. cit. p. 34 e 35.

(Entre parênteses, sem que haja menospreço pela opinião desse gramático de polpa, diremos que se engana redondamente. A afinidade entre o afrikaans e o holandês, entre este e o flamengo, ou entre este e o afrikaans é tão grande quanto a do espanhol e do português, talvez até mesmo mais, da mesma forma que a entre o urdu e o hindi, ou a do pashto e o persa, ou a do tcheco e do eslovaco, para só citar algumas das mais conhecidas).

Não comentaremos outros aspectos da classificação das línguas românicas pelo professor do Colégio Pedro II. Estas bastam. As omissões são também as que João Ribeiro cometera, seguidas das de Charles Fredsen. Os filólogos da época estavam mais aferrados aos ensinamentos de Diez do que aos de Meyer-Lübke e deles apenas escapa Cândido Jucá (filho) e, bem mais tarde, Sousa da Silva.

4.6. Outras classificações.

Vaz Lobo, já anteriormente citado, outro gramático histórico da língua portuguesa, publicando a sua "Grammatica Histórica"¹⁷ seis anos depois da obra prefalada de Júlio Nogueira, apresenta a classificação de Meyer-Lübke, mas repete as observações de seu antecessor no que tange ao galego, que ele insinua que se trata de um idioma diferente do português:

"No periodo do romance era o gallego, o que mais semelhança tinha com o nosso dialecto" - op. cit. p.32.

Como não podia deixar de ser, repete as palavras de J. Leite de Vasconcellos, citando a Júlio Nogueira textualmente. Aliás, se-

gue-o tão de perto que lhe cita até aquela ingenuidade já referida entre a semelhança do português com o espanhol:

"Como vimos, das linguas romanicas, a mais parecida com o portuguez, é o espanhol; a semelhança é tão grande, que não precisamos estudar o espanhol para o comprehendermos, e nem os castelhanos precisam estudar a nossa lingua para nos entenderem" - op. cit. p. 32.

Sirva-se o que dissemos com referência a passo idêntico de Júlio Nogueira...

A seguir, temos a classificação de Ismael de Lima Coutinho o da "Gramática Histórica".¹⁸ Também esta não apresenta nenhuma novidade, salvo que, no desenrolar dos estudos sobre as origens do português, o autor, bom e probo gramático histórico, muito apegado à escola comparativista e aos métodos históricos, termina por considerar o galego, na esteira de J. Leite de Vasconcellos um co-dialecto do português¹⁹, após ter lembrado que, dada a independência política de Portugal, houve, com o passar do tempo uma diferenciação entre o galego e o português, o que vem implicar, em outras palavras, na não existência de uma interinteligibilidade entre ambos idiomas, facilitando, por conseguinte, a entrada do idioma da Galiza na lista dos idiomas românicos.²⁰

Quanto aos outros, Ismael de Lima Coutinho enumera-os como o fizera Meyer-Lübke, com duas ligeiras modificações: não inclui o franco-provençal, e inclui o catalão. Ora, Meyer-Lübke fizera exatamente o contrário, tanto assim que, mais tarde, como para penitenciar-se, escreveu excelente monografia sobre o catalão.

Afora pontos de geografia linguística, já ultrapassados hoje porque os grandes idiomas neolatinos que atravessaram as fronteiras da Europa se tornaram línguas oficiais de muitos países em Africa sobretudo, a contribuição de Ismael de Lima Coutinho é para o conhecimento dos variados crioulos portugueses e para o chamamento à atenção do mirandês, o guadramilês e o riodonorês como co-dialectos do português, isto é, elevando-os à categoria de línguas irmãs da portuguesa em face da origem comum, do latim imperial. Neste ponto ele segue de perto os ensinamentos de J. Leite de Vasconcellos.

Repete o que todos vêm repetindo sobre o desaparecimento do dalmata, sob forte pressão de elementos eslavos e venezianos e com a morte de seu último falante:

"A tenaz infiltração de elementos eslavos e venezianos na Dalmácia acarretou a morte do dalmático, que se falou até o século passado. Com o velhoto Udina, falecido em 1898, desapareceu, para sempre, esse rebento da latinidade" - op. cit. p. 46.

Jaime de Sousa Martins, no mesmo ano em que Vaz Lobo publicara a sua, lançou os "Elementos de Gramática Histórica",²¹ com revisão e sugestões do Prof. Ismael de Lima Coutinho, a quem o autor agradece a ajuda. Apresenta no quadro das línguas novi-latinas apenas as principais, mas frisa que "todas essas línguas arrastam consigo um número maior ou menor de dialetos".²²

Tem interesse a sua classificação porque ele separa os dialectos portugueses segundo a tradição de J. Leite de Vasconcellos e ao tratar da filiação do português ao latim ele traça uma linha reta entre o léxico, a morfologia e a sintaxe do português face à latina e mostra que, desde muitos séculos atrás o português vem recebendo vasta contribuição de muitas línguas, desde a hebraica e a árabe, até as aporções mais recentes do francês e do inglês. Estuda ainda as diferenças pronominais, morfológicas e sintáticas entre a língua de Portugal e a nossa.

Teve de fato Leite de Vasconcellos a maior influência nos estudos filológicos e linguísticos no Brasil. Várias gerações parece que não sabiam dar um passo sem afastarem do mestre português, que foi, em verdade, o ponto máximo nesses campos em Portugal e mesmo em língua portuguesa. Mas se ele era assim venerado, houve os que, por motivos nacionalísticos, se rebelaram contra a sua denominação de "dialecto" à modalidade do falar brasileiro, o que vem denotar uma certa inocência e desconhecimento da terminologia moderna de Linguística. A esse ponto voltaremos ao dedicarmos algumas linhas ao filólogo maior.

Aos poucos se delineia uma escola brasileira, que apresenta a classificação das línguas românicas que não se esquece nem do galego nem do franco-provençal e que vai chegar à sua plenitude com Gladstone Chaves de Melo, tendo começado com Sousa da Silveira, que alguns consideram o maior dos filólogos brasileiros modernos. É certo que ainda existem alguns que eliminam o sardo, não porque ele o tornem um simples dialecto do italiano, mas porque é um idioma ágrafo, prevalecendo pois a antiga classificação em que a literatura é critério de classificação. Ora, o franco-provençal é escassamente escrito, utilizado por alguns devotos cultores que, quase sempre, publicam as suas obras em pequenas edições e por conta própria, como, de resto, acontece na Sardenha e na Córsega. Para outros, o dalmate, por ser uma língua extinta, nem mais figura nas suas classificações, como é o caso do citado Sousa da Silveira.

4.7. Um professor de segundo grau que nos dá uma excelente classificação: Herbert Palhano.

Pouco se tem falado desse professor nortista cujos livros didáticos tiveram certa voga nas escolas secundárias do nosso País no início da década de 50. Era Herbert Palhano.

Vivendo na província, dando aulas em escolas de segunda categoria, pobre e obscuro, Herbert Palhano era um desses estudiosos originais de que nos fala Paulo Rónai no seu "Como Aprendi o Português e Outras Aventuras".²³ O seu apego à literatura medieval e à clássica portuguesa era in disfarçável. Como todos os intelectuais de então, Palhano mudou-se para o Rio, em busca de maiores oportunidades na vida do magistério e lá encerrou seus dias, ainda jovem, quando muito se poderia esperar de seu talento e erudição.

Gostando profundamente da sua língua, intransigente no uso do "bom português" um pouco na escola de Cândido de Figueiredo e Mário Barreto, gostando de ser professor, Herbert Palhano, que não tinha passado por nenhuma sala de Faculdade de Letras, mas era formado em Direito, conhecia gramática histórica como ninguém. Ele tinha uma teoria de que não se deve ensinar a gramática expositiva distintamente da histórica e da comparativa e ao justificar a sua obra "Literatura Portuguesa",²⁴ escrevia:

"Não existe uma gramática expositiva, uma gramática histórica ou uma gramática comparativa. A gramática é uma só e tem por objetivo a sistematização dos fatos da língua.

Há, no entanto, métodos diversos que se empregam no seu estudo: o método descritivo, que se limita a expor, sem procurar justificar à luz da história, os fatos linguísticos; o método histórico, que explica os fatos após estudar-lhes as origens e as formas que apresentam no decorrer dos séculos; e o método comparativo, cuja finalidade é estabelecer comparação entre vários idiomas derivados do mesmo tronco" - op. cit. p. 7. Grifo nosso.

A sua ligação maior era com Portugal do que com o resto do Brasil, mau vezo, aliás, seguido por muitos escritores e intelectuais do Amazonas e do Pará, que estavam mais a par do que se publicava em Lisboa, Paris, Roma, Londres e Madrid, do que no Rio e em São Paulo. Era uma espécie de "esnobismo literário", explicável à época, pelo atraso em que jaziam certos campos do saber em nossa Pátria. Assim que os livros de Herbert Palhano mais importantes, "A Expressão Léxico-Gramatical do Leal Conselheiro" e os "Estudos de Linguagem", foram publicados em Lisboa. Achan esgotados sem que se tenha pensado em fazer nova edição.

Mas o que aqui interessa particularmente é a tentativa de classificação das línguas românicas do professor amazonense.

A ordem adotada é um tanto caótica, pois ele enumera as línguas a partir do português:

1. Português,
2. Espanhol,

3. Francês,
4. Provençal, língua d'oc ou romão,
5. Italiano,
6. Sardo,
7. Dalmético,
8. Romeno ou valáquio, e
9. Rético, romanche ou ladino.

Ao estudar cada um desses grupos de línguas, Herbert Palhano sugere outras línguas ou sistemas de línguas. Por exemplo, é dos raros autores brasileiros que fala do judesmo ou judeu-espanhol

"usado também, em sua forma arcaica, na Península Balcânica, para onde foi levado pelos judeus expulsos da Espanha" - op. cit. p. 16.

Na lista do francês, distingue vários dialectos importantes, inclusive o valão, que tem características próprias e inclui o francês do sul ou franco-provençal, que ele não põe separadamente.

Ao estudar o provençal, usa ainda de um arcaísmo ao chamar esse sistema de línguas de romão, pouquíssimo usado pelos linguistas e comete parece-me um equívoco ao excluir o catalão das línguas autônomas fazendo dele um mero dialecto romão, da mesma maneira que o gascão. Mas chamando a atenção dos estudantes para esses importantes idiomas, como que sugere a sua inclusão. Por que teria deixado de lado essas línguas, ele que tanto se apóia em Gladstone Chaves de Melo?

Fala de um importante grupo galo-italico, seguindo orientação de Dauzat ao estudar o sistema de línguas italiano.

Cita Gladstone Chaves de Melo ao estudar o dalmático,²⁵ e divide o romeno em seus quatro grandes dialectos, não apresentando nada de novo.

Quanto ao retico, romanche e ladino, Herbert Palhano incorre nos mesmos erros de tantos outros linguistas, unindo esses grupos de línguas em um grupo unitário²⁶. Nisso reside, além de não ter separado o franco-provençal, o gascão e o catalão, o ponto falho de sua classificação.

Por outro lado, trata com deferência o judeu-espanhol e o grupo galo-italico, e não esquece o sardo.

Em passant, estuda o galego, que "representa a primitiva feição do nosso idioma",²⁷ mas, mais abaixo considera-o mero dialecto do português ao estudar os diferentes dialectos do português, quando, impensadamente, faz do mirandês e do rionorês dialectos do português, lição abandonada faz muitos anos, desde a publicação dos trabalhos de Leite de Vasconcellos.²⁸

Acredito, porém, que a sua classificação, com algumas alterações, é das que merecem a nossa atenção e aqui é discutido, em parte, para que se tire do olvido esse mestre.

4.8. Um mestre da filologia no Brasil e sua classificação:

Sousa da Silveira.

A classificação desse mestre, conhecido sintaticista e foneticista, autor de uma hoje clássica "Fonética Sintática", não teria maior importância se ele não fincasse pé e acrescentasse o galego entre as línguas autônomas neolatinas, coisa que muitos linguistas apenas o fazem com reservas, diria mesmo que a medo, enquanto outros o ignoram e outros o juntam em um grupo galaico-português que atualmente não tem razão de ser.

Sousa da Silveira é também um pioneiro e foi na sua obra "Lições de Português",²⁹ cuja primeira edição é de 1923, quando ainda vivia o grande João Ribeiro.

Ele foi da geração de Antenor Nascentes e Manuel Bandeira, e se formou em engenharia civil, que não exerceu, tendo sido professor a vida toda, até afastar-se do magistério por limite de idade. Amava a língua portuguesa, que conhecia em suas minúcias e era bom latinista. Até certo ponto foi um inovador no ensino do vernáculo e do latim, pois já preconizava naqueles dias o ensino através do texto e a maior prova disso são os "Trechos Seletos", de 1919, e "Algumas Fábulas de Fedro", de 1927. Situou-se no mesmo plano de Said Ali, a quem muito admirava a ponto de lhe ter dedicado reverentemente as "Lições de Português", chamando-o de "meu sábio mestre e amigo",³⁰ Mário Barreto e Silva Ramos. Foi dos primeiros a reconhecer a primazia da língua falada, até então tratada com absoluto desprezo pelos gramáticos", lembra Maximiano de Carvalho e Silva.³¹

Ele seria ainda o mestre de tantos grandes nomes da Linguística e da Filologia no Brasil como Gladstone Chaves de Melo, Silvio Elia, Serafim da Silva Neto, Rocha Lima, Matoso Câmara Júnior, Celso Cunha, Jesus Belo Galvão, Antônio Houaiss e tantos mais que ainda se referem com simpatia ao velho filólogo falecido em 1967. Faz poucos anos sob inspiração de Gladstone Chaves de Melo e outros fundou-se uma Sociedade dos Amigos de Sousa da Silveira, com sede no Rio de Janeiro.

Seu livro mais famoso, o já citado "Lições de Português", está dividido em quatro partes, que ele chamou de: Etimologia, Sintaxe, Estilística e Dialectologia, sendo a maior a primeira, justamente onde se encontra a sua classificação das línguas neolatinas.

Ao tratar aí da história da língua portuguesa, escreve:

"... o latim acabou por transformar-se em diversas línguas. A estas chamamos línguas neolatinas ou românicas.

As principais são o português, o galego, o espanhol, o catalão, o francês, o provençal, o franco-provençal, o italiano, o rético e o romeno..." - op. cit. p.17.

Ele começa pela línguas românicas do Ocidente, justamente o português, passando depois às línguas da Península Hispânica - o galego, o espanhol e o catalão. A seguir, classifica as dos grupos francês e provençal e do grupo intermediário, o franco-provençal. Depois, do rético, grupo isolado, o italiano e o romeno, estas duas chamadas românicas orientais. Claro que a sua ordem não é esta que venho analisando, pois coloca o rético entre o italiano e o romeno. Por que o teria feito?

Ignora o grupo itálico-gálico ou galo-itálico, como preferem outros, o sardo e o dalmático.

Também não faz referência ao gascão como língua autônoma, quando, nos dias em que foi publicada a sétima edição melhorada, com as corrigendas do autor de "Lições de Português", já havia excelentes estudos de romanistas alemães sobre a importância desse dialecto latino e já muitos filólogos e linguistas incluíam o gascão entre as línguas neolatinas autônomas.

Prender-se-ia à lição, por outro lado, dos que também consideram o sardo um mero dialecto do italiano?

Por que não faz qualquer referência ao dalmata?

Contudo, quando ele escreve que as línguas principais são estas e aquelas, deixa margem a que se incluam outras, além das que ele elenca em seu livro.

Ao não incluir o sardo, seguiria Sousa da Silveira o pensamento de Diez, para quem esse idioma não era mais do que um dialecto do italiano?

É difícil hoje dizer-se que critério seguiu o filólogo para assim classificar as línguas românicas.

4.9. A classificação de Marques Leite e o grupo linguístico luso-brasilho.

Adotando uma posição eminentemente política, o erudito José Florentino Marques Leite, postula para o português o nome de luso-brasilho, como outrora se disse galaico-português.

Esse autor, excelente latinista e helenista, forrageado em forte cultura clássica, sabedor com méritos do português, escreveu um livro que merece a atenção dos romanistas não só pela classificação das línguas neolatinas, mas como pela achegas a muitos dicionários e dicionaristas, entre eles o célebre Meyer-Lübke, no seu "Romanisches etymologisches Wörterbuch". O livro, polemicamente intitulado de "Língua Luso-Brasília e sua Base Greco-Latina", ³² que corrige muitos linguistas famosos, merece atenção daqueles que se interessam pela classificação das línguas românicas e que buscam uma visão mais moderna, que vá além da sempre citada classificação de Meyer-Lübke. Descontando-se o que tem de polêmico e agressivo nessa obra, a sua consulta é necessária.

Em dado momento a sua classificação é eminentemente política, como no momento em que defende o nome de luso-brasilio para o grupo linguístico português, que Marques Leite considera a sua quinta grande contribuição:

"Lançamento de uma denominação mais concordante com a realidade dos fatos históricos da Nação Brasileira chamando a língua que falamos de Língua Luso-Brasília" - op. cit. p. 29.

Expede algumas opiniões de porque assim proceder, quase todas elas eminentemente nacionalistas, que merecem a atenção dos ideólogos, mas que talvez não tenham tanto realce para linguistas, para afinal traçar as diferenciações entre o português de Portugal e o nosso, com efeito muito grandes. Voltaremos a elas na parte final deste trabalho.

Marques Leite, ninguém o duvida, é um homem altamente letrado e sabe o que diz. Tudo está documentado e demonstra ter do latim um conhecimento muito bom. Quanto à probidade intelectual, é de enaltecê-la e temos de confessar que ele desmitifica muito autor de nome e muito livro citado por todos. Mas o delírio de sua obra é o tom polêmico que vai da primeira à última página, tirando muito da aceitabilidade que ela poderia ter. As ironias me parecem descabidas em uma obra científica, os dardos, as setas e apodos contra escritores, professores de português, latinistas e vernaculistas pátrios. Fica aqui, pois, a nossa crítica maior, mas não injusta a um erudito que poderia ter feito bem mais pela linguística e pela filologia portuguesa se tivera um pouco mais de comedimento. Também merecem reparos as suas observações pouco científicas sobre a influência do Cristianismo na formação dos romances, falando de um "prisma linguístico cristão" (sic)³³, acusando os nórdicos de não poderem se enquadrar nesse prisma porque a "sua organização política e seus folares pouco têm de cristão nas primeiras origens" (sic)³⁴.

A sua classificação dá margem a algumas observações de muito interesse para o nosso ensaio, a começar da teoria de que as línguas neolatinas são o produto do latim vulgar, do clássico e do grego, o que não deixa de ter seu cunho de verdade no desenvolvimento que elas tiveram quando se repoliram e chegaram ao esplendor da maturidade literária, pelo menos a maioria delas. Mas enquanto à formação dos romances via latim clássico, vulgar e grego é preciso não tomar muito à letra essa teoria. Ele escreve:

"O latim clássico, o latim vulgar e o grego - pelo veículo latino - criaram onze línguas românicas, diferenciadas umas das outras pelas interações linguísticas e pelos contactos dos elementos colonizantes com os peregrinos, originando-se então variantes acidentais de início, que com o rolar do tempo se foram acentuando até o

grito de independência. O latim, entretanto, num grau evolutivamente superior de idioma organizado, teve fácil predominância, a qual nada mais é do que o elo românico" - op. cit. p. 15.

A seguir frisa ainda que os idiomas latinos ou neolatinos são onze e os enumera pela ordem decrescente do número de pessoas que os falam. Das muitas classificações estudadas e aqui analisadas, a de Marques Leite é a única que adota, a par do político, o critério da quantidade de falantes na enumeração das línguas românicas. Claro que, sendo o livro de 1958 (inference-se da dedicatória porquanto nenhuma data vem na capa ou na folha de rosto), os números são bem diferentes, tomando-se como exemplo apenas o caso do português, ou luso-brasilio, como autor prefere que, por ocasião do aparecimento do livro era falado por 85 milhões em Portugal e colônias ultramarinas, hoje flamboiantes repúblicas independentes e Brasil. Hoje, só no Brasil o falam cerca de 137 milhões...

Assim, as línguas românicas segundo Marques Leite são:

1. Espanhol ou castelhano (séc.X),
2. Luso-Brasílio (séc. XII),
3. Italiano (séc. X),
4. Francês (séc. IX),
5. Provençal (séc. X),
6. Catalão (séc. XII),
7. Franco-provençal (séc.X),
8. Rético (séc. XII),
9. Sardo (séc.XI),
10. Dálmata (língua extinta) até o século XIX.
11. Romeno (séc.XVI).

Alteramos levemente a sua enumeração quanto ao romeno pela data de sua criação apresentada pelo linguista. Segundo Marques Leite, que o coloca pelo número de falantes, logo abaixo do francês, o romeno nasceu por volta do século XVI e esta é a primeira observação a fazer, daí a alteração adrede feita na sua enumeração. Não é verdade. O romeno começa a ser escrito em uma forma mais ou menos estabilizada e que redundaria no pujante idioma moderno no século XVI. Nesse século, o romeno torna-se uma língua literária, mas desde o século XIII há documentos que mostram a evolução do romance falado na Dácia, segundo abalizado ensinamento de Al. Rosetti na sua monumental "Istoria Limbii Române",³⁵ já tantas vezes citada no correr deste ensaio. É a mais retardatária das línguas romances, a última flor do Lácio, e não a portuguesa como a cantava nosso grande poeta.³⁶ Confirma Sever Pop que os primeiros documentos em língua romena não aparecem senão no século XVI, mas fazia séculos que, naquelas distantes regiões, a semente lançada pelos romenos, germinava, brotava, criava raízes.³⁷

Em frequentes notas de pé de página, que se estendem das págs. 15 a 16, o autor comenta a autonomia do galego que

"é, hoje em dia, um dos falares integrantes do grupo dialetal espanhol, porém menos diferenciado do castelhano que o catalão, mais próximo, porém, que o português" - op. cit. p. 15.

Por aí agora ele vai, ora insistindo na autonomia do galego, ora declarando que ele não pode ser uma língua por não ter "a consagração de alguma obra literária" (sic)³⁸ que lhe marque o ponto de partida da separação com o português, o que me parece sumamente cândido partindo de um cientista rigoroso e tão sério quanto ele. A separação fez-se aos poucos, através dos séculos e não de estalo e na literatura galega do século XIX temos uma obra-pilar, os "Cantares Gallegos" de Doña Rosalía de Castro e muitas outras que atestam a existência literária do galego ao mesmo tempo que mostram quão distante ele ficou do português.

Amparando-se na obra-chave da classificação das línguas modernas que é "Les Langues du Monde" de Meillet e outros grandes linguistas europeus, Marques Leite frisa que o galego é distinto do português, que possui uma literatura escrita etc. etc, ele, desconcertantemente, pespega-o entre os "línguajares hispânicos" (sic). Semelhante equívoco cometerá ao desconhecer as origens leonesas do mirandês, fazendo tabula rasa dos estudos de Leite de Vasconcellos e tantas mais que fixaram a autonomia linguística desse dialecto românico, e o inclui entre os dialectos portugueses.

Ignora totalmente as línguas românicas de segunda geração, os crioulos, frisa a importância numérica do gascão, mas prefere deixá-lo como mero dialecto do provençal, deixa de lado o grupo linguístico galo-italico, e ainda que estabeleça uma boa divisão entre o romanche e engadinês, o tirolês e o friulês ou friulano, prefere juntá-los todos sob a denominação genérica de língua rética ou língua ladina, falha lamentável em que outros linguistas têm incorrido.

Apresenta alguns dados sobre o sardo, poucos, e diz do extinto dalmata o que todos vêm repetindo desde os dias de Meyer-Lübke.

A sua contribuição principal ficaria pois no estabelecimento de uma nomenclatura para o sistema linguístico português, para os dados em favor do galego (lamentavelmente, com essa riqueza de dados, faltou-lhe fazer o que mestre Sousa da Silveira fez: escrever, tout court, que o galego é uma das línguas neolatinas!), em ter salientado a autonomia do sardo e do franco-provençal, mas peca em excesso pelas contradições. Tão rígido com as tergiversações e falhas alheias, Marques Leite deveria ter tido, por isso mesmo, mais cuidado com as suas posições e jamais descambar, por exemplo, ao defender a existência de uma língua brasileira, que também defendemos e sabemos existir, com argumentos como estes:

"Nosso falar deverá ter uma denominação diferente como a nossa bandeira, como as nossas realizações: aço brasileiro, produção industrial brasileira, sistema rodoviário brasileiro, legislação social brasileira, auto-suficiência brasileira, Língua luso-brasília" - op. cit. p. 31.

E de se louvar o zelo nacionalístico do culto professor, incentivando-o mesmo, descabido, porém, em obra de cunho científico e que preten- de corrigir a apontar as falhas de antecessores.

4.10. E, afinal, as duas grandes classificações brasileiras:

Silvio Elia e Gladstone Chaves de Melo.

Silvio Elia e Gladstone Chaves de Melo são, sem favor, dois mestres da filologia e da linguística no Brasil e, como o autor do presente ensaio, ainda apegados aos velhos e tão caros ensinamentos humanísticos da filologia, mas sem quererem transformá-la em uma ciência de segunda classe em favor de uma linguística altamente abstrata, altamente matemática. Ambas se completam mutuamente, ambas são lindas, ambas são ciências, ambas se irmanam. Um bom filólogo pode vir a ser um bom linguista e vice-versa. Essa disputa inconsequente entre os defensores de uma ou outra ciência só traz prejuízo aos estudos sérios.

Ambos, Elia e Chaves de Melo, são excelentes conhecedores do idioma pátrio, gostam dos estudos a que se dedicaram por tantos anos, são professores desses que acreditam no que fazem e ambos possuem sólidos conhecimentos de filologia portuguesa e românica e de linguística geral. E o que também pesa muito em autores de livros de introdução à linguística, sabem escrever, isto é, fogem àquele estilo pesado e cansativo que alguns linguistas pretendem impor aos seus leitores e seguidores, como se escrever bem fosse incompatível com escrever cientificamente. Este é, por infelicidade, um mau vício em que incorrem tantos linguistas modernos que perseguem tanto a objetividade. Objetividade não significa secura, mas clareza meridiana e não vemos porque um bom estilista não pode ser, ao mesmo tempo, claro e preciso. Não que preguemos um estilo literário para estudos linguísticos, mas que estes sejam escritos de modo compreensível, claro, simples, que compreensividade, clareza, simplicidade não deixam de colaborar para a objetividade do tema tratado.

Não obstante a obra de Silvio Elia, "Preparação à Linguística Românica" ³⁹ ser muito posterior à de Gladstone Chaves de Melo, começaremos por ela, por uma questão de metodologia, uma vez que já a estudamos em passant ao comentarmos as primeiras classificações das línguas neolatinas, ao salientarmos a importância de Friedrich Diez e Meyer-Lübke para os nossos estudos.

Quando escrevemos que as classificações de Elia e Chaves de Melo, são as duas grandes classificações brasileiras é porque elas, apesar de não parecerem inovadoras, sobretudo a de Silvio Elia, deixam margem a que os estudiosos partam para maiores investigações e tirem outras conclusões. Senão, vejamos:

a. A classificação de Silvio Elia.

Mais minucioso na classificação dos dialectos românicos, mestre Elia, depois de explicar os critérios devidamente adotados por outros romanistas e discuti-los com serenidade e saber, parte para a distribuição geográfica das línguas românicas adotando uma posição que parte, por sua vez, do Ocidente para o Oriente na já tão falada grande linha divisória das línguas neolatinas.

Começa com o português, mas inclui no grupo o galego, não sem antes lembrar que esse "idioma é um codialeto do português"⁴⁰ Pelo menos, se lhe não reconhece a tão desejada autonomia, não o faz um dialecto do português, erro em que tantos têm caído.

Também não faz referência aí aos crioulos. Só mais tarde o fará, mas ao tratar dos dialectos do português, seguindo na esteira de Leite de Vasconcellos, cuja divisão adota, fazendo alguns comentários e insistindo em que "parece, pois, melhor considerar apenas o galego como co-dialecto do português"⁴¹

Depois, passa ao espanhol, quando lhe apresenta os dialectos e faz referência ao judesmo, o antigo espanhol dos judeus:

"Menção especial cabe ao judeo-espanhol falado pelos judeus sefarditas expulsos da Espanha em 1442 e ainda vivo em várias localidades da bacia do Mediterrâneo, particularmente em Monastir e Salonica nos Balcãs. Também é conhecido pelo nome de ladino que não se deve confundir com o rático). Trata-se de uma forma arcaica do espanhol, onde se notam caracteres da linguagem do séc. XV: conservação do f inicial, pronúncia do j como jê, sintaxe não evoluída" - op. cit. p.148.

Enumera o catalão e o provençal, separadamente, mas não considera o franco-provençal como um sistema autónomo, lição que seria também a de outro professor, Arthur de Almeida Torres nos "Estudos Linguísticos"⁴²

E dos raros linguistas brasileiros que alude à sugestão de Walther von Wartburg de que, melhor do que provençal "fora denominá-lo occitânico"⁴³ Frisa a posição singular do gascão, mas não aceita que se lhe dê status de língua. Se assim o fizéssemos, este seria um critério político.

Diria, muito mais tarde, respondendo a uma pergunta que lhe fizemos, que acharia que fazer do gascão um idioma românico era em parte uma decisão pessoal, já que muitos linguistas, entre eles Pohlfs, assim o consideram. Teria repensado a sua posição anterior?

Ao estudar o francês, nele inclui o franco-provençal:

"O francês propriamente dito é o francês do Norte. A. Sudeste temos o franco-provençal, que estabelece transição para o falar do Sul, o provençal" - op. cit. p. 135.

Recusando-se a aceitar o franco-provençal como língua, mestre Elia, porém, admite a existência de dois grandes grupos ligados ao francês e que ele chama de francês do norte, ou francês tout court, e francês do sudoeste ou franco-provençal. Este último teria como dialectos o lionês, o franco-condês, o savoiano.

Ao estudar o reto-românico, ou simplesmente réitico, falado na Suíça e na Itália, Elia admite que existem três grandes grupos: um ocidental, nos Grisões e que se chamaria romanche; um central, onde se fala o tirolês, e um oriental, composto do friulano, que é o mais denso.

No grupo italiano, inclui o corso e o galo-italico, defendido por Dauzat.

Ao estudar o sardo, não se esquece de lembrar o seu aspecto bastante arcaico, "o que o valoriza no âmbito dos estudos românicos"⁴⁴, mais ainda por ser ele um grupo intermediário entre o grande grupo oriental e o ocidental.

Inclui ainda o dalmático:

"... a única das línguas românicas morta. Falou-se em território da antiga Dalmácia, nas costas do Adriático, da ilha de Velha até Ragusa, hoje território iugoslavo" - op. cit. p.136.

Por fim, acrescenta o romeno com os seus grupos dialectais, já sobejamente conhecidos.

Discorda da linguística soviética que acrescenta o moldavo, uma forma de romeno falado na República Socialista da Moldávia porque isso importaria em um critério político, que lhe repugna:

"A linguística soviética pretende fazer do moldavo a 11a. língua românica e a 4a. da România Oriental. No entanto, essa pretensa língua românica não passa de romeno literário, escrito com alfabeto russo ligeiramente modificado, com algumas leves concessões a formas dialectais moldavas" - op. cit. 136.

E remete a Tagliavini, cujo parecer endossa.

Ora, aparentemente, a classificação adotada por Silvio Elia não difere de tantas outras e parece mesmo muito conservadora porquanto não inclui sequer o franco-provençal, hoje matéria pacífica. Mas, a uma segunda e mais detida análise, vê-se que ele dá margem a uma reclassificação, uma releitura da sua e que nos remeteria a estudiosos romanistas que aumentam o número das línguas neolatinas.

Eis alguns pontos a merecerem reflexão:

1. Aceitando, o que hoje ninguém mais põe em dúvidas, o catalão como língua independente, ele se filia ao pensamento de Rohlfis quando fala de um grupo pirinaico que incluiria o gascão, o aragonês e o catalão, com isso sugerindo que se poderiam incluir os dois não citados na enumeração, segundo uma postura pessoal;
2. Não inclui o franco-provençal, mas cita os autores que o fazem e lembra em várias passagens que se trata de língua ponte, momento de transição entre o francês e o provençal, o que na verdade é;
3. Mesmo não considerando o friulano aparte, deixa entender que esse romance, "mais ou menos contaminado de dialeto veneziano", ⁴⁵ frisando ainda que faz parte de um grupo bem distinto. Isso não o torna um simples falar rético, como insistem tantos. A sua não inteligibilidade pelos falantes do romanche, por exemplo, e a sua tradição literária fazem-no uma língua separada;
4. Sugere a persistência da linguística soviética em fazer do moldavo mais uma língua românica e isso remete à questão da cada vez mais difícil inteligibilidade entre um falante romeno e um moldavo, em uma distância talvez a mesma que existe entre o galego e o português, pequena sim, mas distância. Lembrando que existe um critério político para a classificação das línguas, que ele não segue, mas que outros linguistas o fazem; e
5. Não inclui o galego com status de língua, mas não o coloca entre os dialectos do português, nem o junte a este como uma língua galaico-portuguesa. Pelo contrário elogia a postura de Leite de Vasconcellos e Lindley Cintra, que tanto estudaram.

Estes os motivos porque o consideramos dos mais capazes e chamamos a sua classificação uma classificação humanística, por levar em conta esse mundo de pequenas coisas culturais que fazem a riqueza da filologia e da linguística, por tudo centrar no homem e pelo homem, nos seus interesses e idiossincrasias.

b. A classificação de Gladstone Chaves de Melo.

E a mais completa de quantas classificações por autores brasileiros teve oportunidade de estudar.

Mestre Gladstone Chaves de Melo é um dos mais acatados e brilhantes filólogos de nosso País e a sua obra mais importante, "Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa",⁴⁶ e se chamou em sua primeira edição "Iniciação à Filologia Portuguesa", publicada em 1951, pelo Centro de Estudos de Língua Portuguesa, presidido pelo Prof. Sousa da Silveira. Chaves de Melo era então professor da Faculdade Nacional de Filosofia e muito jovem. E a sua, sob certos aspectos, entre eles a exposição metodológica, a busca de um método para o estudo e o ensino da filologia e da linguística, uma obra pioneira.

Gladstone Chaves de Melo era então mais filólogo que linguista, mas tem o cuidado de salientar que as duas estão muito unidas:

"A palavra Filologia goza de merecido prestígio, decorrente inclusive de sua antiguidade muito maior. A Linguística nasceu da Filologia e dela não pode prescindir" - op. cit. p. 29.

O seu livro é um dos melhores manuais do assunto e serve tanto ao especialista, como ao leitor curioso que gosta de entreter os seus momentos de folga com estudos de Linguística e Filologia.

No capítulo IV da segunda parte que ele chamou de Perspectiva Histórica, o Prof. Chaves de Melo traça o vasto mapa das línguas românicas na Europa. Nada escapa à sua observação, fenômenos de bilinguismo, problemas de convivência de uma língua ou línguas locais com uma língua oficial, o sentimento regionalista como mantenedor do vigor das pequenas línguas locais, o desaparecimento de alguns dialectos dentro da România, o perigo de extinção de alguns, o robustecimento de outros e assim por diante.

Também Gladstone Chaves de Melo começa a enumerar as línguas neolatinas de Ocidente para Oriente e justamente pelo português, terminando com o romeno.

Não frisa que existem doze línguas neolatinas, mas diz que "depois do século VIII diversas línguas românicas"⁴⁷ surgiram, e que as doze principais são:

1. Português;
2. Galego;
3. Espanhol;
4. Catalão;
5. Provençal;
6. Francês;
7. Franco-provençal;
8. Reto-romano;
9. Italiano;
10. Sardo;

11. Dalmático; e

12. Romeno.

A sua primeira grande contribuição é que ele apresenta, sem rebuços, o galego como um idioma independente e defende esta posição:

"Entretantes, o galego-português do norte do Minho continuou a sua própria história e, penetrado de castelhanismos, frenado em seus movimentos, usado por uma população crescentemente bilingue, foi ficando distanciada da linguagem sul-minhota. Por isso, o que até o século XII era a mesma língua já são duas línguas diferentes no século XVI, dois co-dialetos, o português e o galego" - op. cit. p. 116.

E mais adiante volta a insistir:

"O português e o galego foram a princípio a mesma língua, transformação histórica do romance galaico-português. Como já vimos no capítulo anterior, com a independência de Portugal, proclamada no século XII, cindiu-se o primitivo território da língua, ficando a parte ao norte do Minho, a Galiza, com a Espanha..... foi sofrendo pelo tempo adiante cada vez mais forte influência do castelhano. Em consequência, aquilo que no começo do século XII era a mesma língua são dois idiomas no século XVI: galego e português" - ibidem p.123 e 124.

Faz alusão também ao critério político, frisando sempre que "o galego se fala na Galiza, província de Espanha".⁴⁸

Quando estuda o espanhol, lembra que existe um judeu-hispânico ou judeo-espanhol, falado pelos sefarditas.

Inclui o catalão e o provençal, separadamente, só que a esta acha que se deveria chamar melhor de occitânico, com o que vem estabelecer uma pequena confusão: occitânico é uma denominação muito abrangente, que tem de a unir todos os dialectos e falares do Sul da França, por motivos políticos e isso seria uma contradição, uma vez que Gladstone Chaves de Melo se manifesta em boa hora em favor da autonomia do gascão sobre o qual escreve:

"Aliás, rigorosamente, sobretudo pelo consonantismo, o gascão é uma língua autônoma, que tem como principal dialeto literário o biernês" - op. cit. p. 128, nota 55.

Depois do francês, estuda o franco-provençal, que considera como participando "dos caracteres específicos do francês e do provençal"⁴⁹ Afasta-se, pois, daqueles que, como Silvio Elia, não no incluem entre as línguas românicas autônomas.

F comenta:

"O franco-provençal, que não tem unidade nem jamais apresentou feição literária, foi reconhecido e definido pelo grande romanista italiano Ascoli" - op. cit. p. 125.

Ao estudar o grupo rético, ensina que são, na verdade, três grandes grupos, dos quais mais importante culturalmente são os dialectos falados nos Grisões, na Suíça, enquanto que o mais numero deles é o friulês ou friulano.

Além do italiano, não reconhece o sistema de línguas galo-itálico, como Dauzat, mas não deixa de notar que esse idioma "apresenta muitas e profundas diferenças regionais, algumas verdadeiras línguas autônomas"⁵⁰

Do sardo, a sua informação é bastante parca, pois fala apenas do lugodorês, o mais arcaizante dos dialectos daquela língua.

Sobre o dalmático, extinto ainda no século passado, repete os dados já conhecidos.

Quanto ao romeno, também não traz muitas informações, mas frisa que ele é falado em seus diversos dialectos não apenas na Romênia, mas na Macedônia, na Salonica, na Bucovina e em outros pontos "dessa tumultuada Europa danubiana"⁵¹

Divide, no final do capítulo os idiomas românicos em línguas de civilização, línguas literárias, línguas nacionais, enquanto que no capítulo seguinte empresta atenção às chamadas línguas românicas de segunda geração, esses crioulos surgidos das línguas neclatinas transplantadas para outras terras e cita muitos exemplos de crioulos portugueses, espanhóis e franceses e é o único dentre todos os autores por nós estudados que fala do haqitia, esse velho espanhol misturado de árabe e hebraico que os judeus levaram para terras do Norte da África como Argélia e Marrocos.

E, como se vê, a mais completa das classificações de autores brasileiros dentre os que estudamos até o presente. A sua contribuição é, pois, das melhores.

4.11. E, encerrando o capítulo, a rápida passagem por dois mestres portugueses.

Para encerrar o presente capítulo, gostaríamos de citar

dois conhecidos mestres portugueses, grandes sabedores da língua pátria, filólogos respeitabilíssimos até hoje citados por todos os que se dedicam a esses estudos: José Joaquim Nunes e José Leite de Vasconcellos.

O primeiro é autor de uma excelente "Crestomatia Arcaica", livro que vem servindo a muitas gerações desde 1906. Mas ele granjearia mesmo fama com o seu "Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa",⁵² dedicada ao Dr. Francisco Adolfo Coelho, pioneiro dos estudos científicos da língua portuguesa.

Na introdução do compêndio que o Dr. J.J. Nunes, como ele se assinava, apresenta a sua classificação das línguas românicas, depois de estudar eruditamente as origens dos românicos.

Trago a sua classificação apenas como homenagem ao mestre português, cujos esforços em prol da língua pátria foram imensos. Ela contudo não tem nada de inovador, pelo contrário, o autor está ainda aferrado a Diez e não segue sequer as novas descobertas de Meyer-Lübke, que já dera à luz as suas grandes obras quando saiu a segunda edição do "Compêndio".

Deu guarida apenas aos idiomas literários e esse parece ter sido o seu critério, já que ele não o declara.

Divide as línguas em dois grandes grupos: Oriental e Ocidental, e começa a enumeração pelo valáquio terminando-a pelo espanhol.

Escreve ele:

"Eis, pois, o que deu a cada língua a sua feição especial, tornando-as completamente diferentes umas das outras, e como da língua única, falada no vasto império romano, ou do românico saíram as latinas, que são, a principiar no Oriente e a vir terminar no Ocidente, para só enumerar as mais importantes dentre elas: o romeno ou valáquio, de que se servem os povos que habitam a bacia inferior do Danúbio, o italiano, em uso na península do mesmo nome, o ladino, que se ouve na Suíça oriental (cantão dos Grisões), o provençal e francês, falados pelos habitantes da antiga Gália, e finalmente o português e espanhol, em que se exprimem os povos que demoraram na Península Ibérica" - op. cit. p. 10.

Nada de novo. Só que ele ignora os estudos que já tinham sido feitos quando ele publicou a sua gramática e que estavam muito mais avançados por ocasião da segunda edição. É verdade que ele não é taxativo, não diz quantas línguas são, mas que existem várias e que aquelas são as mais importantes. Por que deixar de lado o sardo? E o galego? E o franco-provençal, para só citar estes, mais conhecidos?

O outro mestre citado, o Dr. José Leite de Vasconcellos, coevo de J.J. Nunes, era a figura mais respeitada e a mais aplaudida dentre as que tinham na Filologia e na Linguística os seus campos de atividade e estudos. Seria, também, o linguista mais influente de Portugal no seu tempo, nos meios acadêmicos: consultavam-no sobre arqueologia lusitana, achados pré-romanos, antiguidades romanas e dialectologia. Era um sábio, o velho linguista português, o maior sabedor dos mistérios da língua mirandesa que Portugal já teve! As obras que deixam sempre novos ensinamentos aos estudiosos fazem com que Leite de Vasconcellos seja sempre lembrado. E o nosso não menos erudito Serafim da Silva Neto dele disse: "A atividade do Dr. Leite de Vasconcellos é única e incomparável. Dominava todo o campo das ciências do homem; sabia que uma língua só pode ser integralmente estudada se a pusermos no seu lugar próprio, que é a Etnografia"⁵³

Mas, para os estudos que nos interessam no momento, no a fim de repassar algumas classificações das línguas românicas, a sua contribuição vem no seu volumoso "Lições de Filologia Portuguesa",⁵⁴ já anteriormente citado, em capítulo prévio.

A clarividência do mestre está patente nessa tentativa de classificação, possivelmente das melhores que tenho encontrado em autores estrangeiros, podendo ligar-se à de Lausberg, à de Wendt e uns poucos, estudados em capítulos anteriores.

Leite de Vasconcellos no capítulo "Origem e evolução da língua portuguesa", estuda a passagem do latim vulgar ao português e aproveita para estudar o desenvolvimento de outras línguas no orbis Romanus, como, latinamente, prefere chamar. E escreve:

"O conjunto de todas formas a família românica ou neo-latina. Os principais membros da família românica são: português, hespanhol (sic), francês, provençal, italiano, e rumeno, - todos eles providos de abundante literatura. Mas além d'êstes podem contar-se outros, que, se não apresentam tão rico pecúlio literário como os antecedentes, apresentam contudo caracteres glotológicos que lhes dão individualidade: o ladino, falado em parte da Áustria, da Suíça, e do Norte da Itália; o sardo, falado na Sardenha. Há também quem conte como tal um grupo glótico (Sueste da França; Val Soana e Vale d'Aosta; e Suíça Ocidental) que participa do francês e do provençal, e por isso se chama franco-provençal. Igualmente podemos considerar idioma românico distinto o dalmata ou dalmático, falado outrora nas costas da Dalmácia, e hoje extinto" - op. cit. p. 11 e 12.

Incluindo na sua lista o português, o espanhol, o francês, o italiano e o romeno, além do provençal, o único do grupo que na época em que Leite de Vasconcellos escrevia não tinha qualquer proteção oficial, nem era língua de Estado (hoje continua não sendo língua de Estado, mas goza da proteção dos órgãos da educação francesa), o filólogo dava acolhida apenas aos idiomas com farta literatura e adotada tinha a qualidade de língua literária como critério seletivo. Era ademais um critério linguístico, pois só privilegiava os idiomas que o eram dos Estados onde se falavam, com exceção do citado provençal. Mas ele vai além e inclui o ladino, o sardo, o provençal e o extinto dalmata. A sua enumeração comportaria, pois, dez idiomas românicos e seria igual a tantas classificações que por aí existem. Acontece que mestre Leite de Vasconcellos, não fica nos dois ou três critérios e parte para o da interinteligibilidade e acresce novas línguas: o gascão, o catalão, o valão e o leonês, além dos romances crioulos, como chama às línguas neolatinas de segunda geração, e não esquece de, um pouco adiante, de incluir o galego, esse português-galego na Lusitânia do Norte, como diz.⁵⁵

Falando de línguas românicas, mestre Leite de Vasconcellos, participa quanto aos grupos, os dois grandes grupos, Ocidental e Oriental, da orientação de Meyer-Lübke, e fala dos idiomas intermédios, co-dialectos e até dialectos dos idiomas elencados, denominação que vem sendo seguida pacificamente por muitos linguistas brasileiros, em especial com relação ao franco-provençal, ao catalão e ao leonês.

Assim, a lista de Leite de Vasconcellos seria: português, galego, catalão, espanhol, provençal, franco-provençal, ladino, sardo, italiano, francês, romeno, dalmático, gascão, valão, leonês, seguindo-se uma colocação aleatória, o crioulo caboverdiano, o crioulo haitiano etc. pois o grande mestre deixa margem a essa enumeração mais vasta. Note-se que o autor salientava a questão da interinteligibilidade como critério seguro para a inclusão dos crioulos como línguas autônomas.

E, com estas linhas sobre a classificação de Leite de Vasconcellos fica a nossa homenagem ao inesquecível linguista e filólogo, e se encerra o capítulo.

Notas e referências ao

Capítulo IV:

1. Chaves de Melo, Gladstone. Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa. 4a. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1971. p. 29. Para melhor entendimento do assunto leia-se o inteiro capítulo II do livro. Excelente sob todos aspectos.
2. Op. cit. p. 34.
O autor, aliás, alerta:
"Sendo a Filologia e a Linguística uma especialidade científica, deve a pessoa que, com vocação, deseja a elas dedicar-se buscar a formação adequada, para não se desviar por descaminhos. Isto que é verdade para qualquer especialidade, aplica-se particularmente à Ciência da Linguagem, por ser ainda nova entre nós e por constituir legião o número de charlatães e dos desorientados que se dispõem a ensinar" - ibidem p. 34.
3. Menezes, Raimundo de. Dicionário Literário Brasileiro. 2a. ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Livros Técnicos Científicos, 1978. 803 p.
4. Ribeiro, João. Diccionario Grammatical. 3a. ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1906. 331 p.
5. op. cit. Prólogo, p. v.
6. Ribeiro, João. Rudimentos de Filologia Românica. Notas suplementares de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Ozon Editor, s/d. Essa obra na verdade jamais a escreveu o velho e prantedado mestre. É uma montagem muito bem feita por seu filho, Joaquim Ribeiro, sobre verbetes do Dicionário Grammatical. Com inteligência e talento, o filho, que herdara o vasto saber do pai soube compilar um finíssimo e prestimoso manual de linguística românica, muito sistemático, de 191 p.
7. Fredsen, Carlos. Do Indoeuropeu ao Latim, in Revista Filológica, no. 3 ano I da II fase. Rio de Janeiro, Junho/julho, 1955. De págs. 55 a 71.
8. Art. cit. in revista cit. p. 55/71.
9. Jucá (filho), Cândido. Gramática Brasileira do Português Contemporâneo. 2a. ed. Rio de Janeiro, Epasa, 1945. p. 300.
10. Nogueira, Júlio. O Exame de Portuguez. 4a. ed. Rio de Janeiro, Livraria Editora Freitas Bastos, 1930. p. 34.
O Prof. Nogueira escreve:
"Olhando para o passado, podemos encontrar a língua da Galiza, o gallego, cuja semelhança com a portuguesa levou um dos primeiros grammaticos,

Duarte Nunes do Lião, a dizer: "erão antigamente quasi hua mesma, nas palavras e nos diphtongos, e pronunção que as outras partes da Hespanha não tem" - ibidem p.34.

11. Jucá (filho), Cândido, op. cit. p. 265.

Diz, textualmente:

"E aí estão no nascedouro e nos seus veros berços, os germes do Português, e do Galego, os do Andaluz, e do Castelhana, ou sejam as quatro línguas românicas da Península, já que o Catalão é terreno conquistado pela expansão provençal".

12. Fredsen, Carlos in art. cit. p. 63.

13. Op. cit. p. 298 e mapa na p. 299, com a precisa indicação de onde se localiza o sardo.

14. Savj-Lopez, Paolo. Le Origini Neolatine. Milão, Ulrico Hoepli, 1976. p. 25.

Eis o texto:

"Un'altra corrente neolatina nei Balcani e in tutto il Mediterraneo (com' anche in varii luoghi dell'Europa centrale e settentrionale, p. es. Londra, Amsterdam, Amburgo, Vienna, ecc.) fu portata dagli Ebrei, diffuso soprattutto in Oriente, è un castigliano che arrestato nel suo sviluppo naturale conserva sostanzialmente la fonetica della fine del secolo XV (come conserva un carattere arcaico il francese del Canadá); ma molto ha perduto della sua importanza originaria, e svariatissimi elementi estranei vi si sono introdotti".

15. Stépanov, G. La linguistique externe dans ses relations avec les structures internes. Linguistique Générale - Système et Structure du langage. Moscou, Editions du Progrès, 1981. p. 82.

16. Op. cit. p. 25 e 34, em passagem já anteriormente comentada, com apresentação do texto de Júlio Nogueira na íntegra.

17. Bobo, Vaz. Grammatica Histórica. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1936. 200 p.

18. Coutinho, Ismael de Lima. Gramática Histórica. 4a. ed. revista e aumentada. Livraria Acadêmica, 1958. 385 + vii de índices. Excelente manual, escrito em linguagem simples e desataviada de tecnicismos, como existem tantas.

19. Op. cit. p. 67.

20. Op. cit. p. 59.

Aliás h'a aqui algo que não logramos entender muito bem: qual a verdadeira posição de Ismael de Lima Coutinho? As p. 59 ele defende a autonomia do galego ou galeziano:

"Dada a independência política de Portugal, deveria necessariamente resultar, o que de feito resultou, - a diferenciação entre o português e o galego. A princípio pequena, foi-se acentuando no correr do tempo, até que o português se tornou idioma completamente autônomo do galego".

Já às fls. 67 não parece estar muito certo disso...

21. Martins, Jaime de Sousa. Elementos de Gramática Histórica. Sob a revisão técnica do Prof. Dr. Ismael de Lima Coutinho. 2a. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1 937. 156 p.
22. Op. cit. p. 17.
23. Rónai, Paulo. Como aprendi o português e outras aventuras. Rio de Janeiro, MEC-INL, 1 956. 270 p.
24. Palhano, Herbert. Literatura Portuguesa (Português Histórico). São Paulo, Editora do Brasil S/A, 1 954. 142 p.
25. Op. cit. p. 17.
26. Op. cit. p. 17.
27. Op. cit. p. 12.
28. Leite de Vasconcellos, Jose. Lições de Filologia Portuguesa. 4a. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1 966. p. 11 e seguintes.
29. Silveira, Sousa da. Lições de Português. 8a. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1 972. 312 p.
30. Vide dedicatória na pág. interna da folha de rosto.
31. Aut. cit. no estudo preliminar "Sousa da Silveira e as suas Lições de Português", fls. v.
32. Marques Leite, José F. Língua Luso-Brasília. Crítica - Divulgação - Atualização. São Paulo, Editora Anchieta Ltda., s/d. 303 p.
33. Op. cit. p. 15.
34. Op. cit. p. 15.
35. Rosetti, Al. Istoria Limbii Române. I - De la origini pînă în secolul al XVII-lea. Bucureste, Editura Științifică și Enciclopedică, 1 978. 936 p. Leia-se, a respeito, toda a parte introdutória desde a definição genealógica da língua romena até a definição de latim vulgar, de p. 77 usque 90.
36. Olavo Bilac citado por Sousa da Silveira às págs. 19 do seu Lições de Português, ed. cit.
Na verdade a última flor do Lácio é o romeno, mas como dizer isso?

37. Pop, Sever. Grammaire Roumaine. Berna, Editions A. Francke S.A, 1948. 457 p.

É um grande livro esse e as "Notions sur l'histoire et la langue roumaines", que serve de introdução é de ser lidas detidamente. Ali, vai-se apresentando o que é essa língua extremamente mestiça da mas que quis, pela sua estrutura permanecer fiel às suas origens latinas. O romeno é, com efeito, dos mais fascinantes idiomas que se falam na Europa pelo seu rico e interessante sistema linguístico, como acentua Pop.

Os primeiros documentos datam do século XVI, isto é, por essa época surge a língua romena literária, mas, lembra Pop que "A cause des bouleversements historiques auxquels durent soumises les régions danubiennes, les premiers documents de la langue roumaine n'apparaissent qu'au XVIe. siècle, et encore sont-ils écrits en caractères cyrilliques. Ces documents contiennent, quand il est question des régions situées au nord du Danube, des noms de personnes et de lieux en usage dès le XIIe. siècle" - op. cit. p. 13 e 14.

38. Op. cit. p. 15 e 16.

Para dar uma idéia da complicação que esse autor faz do assunto, basta que se leia o que abaixo segue:

"... porque entre os elementos que contribuíram para a formação do castelhano não pode faltar o galego. Deve-se lembrar que o galego foi a língua apropriada à poesia lírica, mesmo depois que a prosa dispunha de um idioma já formado. Afonso X, o Sábio, consolidador, por assim dizer, da prosa castelhana, em galego é que escreveu suas Cantigas e em galego compuseram os autores incluídos no Cancioneiro de Baena (1445), que abrange as obras de cinco reinados desde Pedro, o Cruel, até João II. No século áureo da Literatura Espanhola sucedeu um fato inverso, pois os autores portugueses, desde Gil Vicente, escreveram também em castelhano, misturando, às vezes, os dois falares. Por aí se vê e daí se conclui que o galego tanto é historicamente formador da língua portuguesa, como o foi também do castelhano. É na realidade galaico-português e galaico-castelhano" - ibidem p. 17, nota 4.

Há uma literatura e não há em galego, existe uma característica linguística própria ao galego ou não há?

Nesse passo, é difícil seguir o pensamento do autor, a quem continuamos a tecer elogios pela sua riqueza de dados, mas reconhecendo que existem pontos que nos parecem um tanto conflitantes.

39. Elia, Sílvio. Preparação à Linguística Românica. 2a. ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S/A, 1 979. 284 p.
40. Op. cit. p. 134. Repeti-lo-á às pags. 140 e 141.
41. Op. cit. p. 141.
42. Torres, Artur de Almeida. Estudos Linguísticos. Rio de Janeiro, Fapury, 1 978. p. 117.
43. Op. cit. p. 135.
44. Op. cit. p. 136.
45. Op. cit. p. 131.
46. Chaves de Melo, Gladstone. Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa. 4a ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1 971. 338 p.
47. Op. cit. p. 123.
48. Op. cit. p. 124.
49. Op. cit. p. 125.
 Por sinal Chaves de Melo apresenta uma geografia muito vasta ao franco-provençal quando afirma que ele é falado:
 "...nos altos vales alpinos italianos, desde o Grande S. Barbardo até os afluentes do Pô, na Suíça Romanda, e, em França, no sul dos Departamentos do Doubs e do Jura, nos Departamentos do Ain, do Ródano e do Loira, no norte do Dione, no Isère, na Sabóia e Alta-Sabóia" - ibidem 125.
50. Op. cit. p. 125.
51. Op. cit. p. 126.
52. Nunes, José Joaquim. Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia. 8a. ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1 975. 456 p.
53. Cfr. prefácio de Serafim da Silva Neto à 4a. edição dessa grande obra de Leite de Vasconcellos, às fls. xviii, e que é a mesma citada abaixo.
54. Leite de Vasconcellos, José. Lições de Filologia Portuguesa. 4a. ed. Enriquecida com notas do Autor, prefaciada e anotada por Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1 966. 488 p.
 É um livro ao qual o pesquisador deve voltar com frequência pela riqueza de nótulas sobre mil assuntos relacionadas à Etnografia, à Linguística, à Filologia e à Gramática da língua portuguesa e há ainda um excelente artigo sobre crioulos, ao fazer a recensão de um livro de Monsenhor Dalgado.
55. Op. cit. p. 16.

Biblioteca Universitária
UFSC -

- - C A P I T U L O - - V - -

TENTATIVA (APENAS) DE UMA NOVA CLASSIFICAÇÃO

DAS LINGUAS ROMANICAS

- O porquê de uma nova classificação -

"Dat er te allen tijde niets nieuws onder de zon zou zijn, is de verzuchting van een vermoeide geest. Er is integendeel steeds zoveel nieuws, dat er meer dan gewone moed toe hoort en geestelijke veerkracht om altijd door dat nieuwe te erkennen en met vreugde te begroeten. En zelfs wanner het nieuwe vaak niets anders is, dan het bekend vertrouwde in een nieuw kleet, waar bleef dan de steeds verrukkende fleur van het leven rond ons heen, wanner wij ook dit nieuwe niet dankbaar zouden aanvaarden".

Reichling, Anton. Verzamelde studies over hedendaegse problemen der taalwetenschap. 5a. ed. Zwolle, N.V. Uitgeversmaatschappij W.E. Tjeenk Willink, 1969. p. 7.

5.1. Das dificuldades de uma nova classificação.

Como vimos nos capítulos anteriores, os linguistas e filólogos que se dedicam aos estudos romanísticos não têm achado uma questão pacífica a da classificação das línguas românicas.

Entre outros problemas apontaríamos:

1. As classificações de Friedrich Diez e de Meyer-Lübke, aquela a primeira e a sobre a qual as demais seriam moldadas, e esta a mais completa até então, têm sido insistentemente seguidas, mesmo quando se sabe que tantos anos já se passaram e que já não é possível, por exemplo, ignorar um sistema de línguas como o franco-provençal, para só citar um dos casos que tanta tinta tem feito correr. Existe um conservadorismo na Romanística bem mais acentuado, por exemplo, do que o que existe na Germanística, onde ninguém duvida se o afrikaans ou holandês do Cabo é ou não uma língua germânica autônoma. Ali, nem se fala de língua germânica de segunda geração, uma espécie de crioulo que, evoluiu a tal ponto que hoje é uma língua de Estado e a pujante língua nacional e literária dos afrikaners. Fala-se, tout court, da mais nova língua germânica, uma evolução, em terras africanas, do holandês do século XVII. A Romanística, talvez por ter sido aquela que comportou mais estudos e a que primeiro se independizou como campo de estudos linguísticos comparativos, com exceção das línguas clássicas e a tal ponto que o desenvolvimento dos estudos românicos está muito próximo aos estudos indo-europeus, como bem o disse Van Hamel na sua "Geschiedenis der Taalwetenschap":¹

"De studie der Romaanse talen moest in het grote verband van de indogermanistiek wel een bijzondere plaats verkrijgen, daar zich hier het enige geval voordeed waarin een goed bekende moedertaal, het Latijn, met een gehele reeks van even goed bekende tochtertalen vergeleken kon worden" - op. cit. p. 45

Estudos posteriores a Meyer-Lübke demonstraram a autonomia de outras línguas românicas, mas os romanistas continuam a considerá-las mais dialectos? Por que? Será o critério literário tão prevalente assim? Será que só pode ser considerada língua autônoma um dialecto que possuir rica e vibrante literatura? Ou para sempre o critério político terá seu peso dominante?

2. Os critérios têm sido variáveis e muitos para que se considera uma língua como autônoma e, como tal, fazer parte de uma lista classificatória. O que é uma língua, o que é um dialecto? Quando uma língua pode ser considerada autônoma, quando será apenas dialecto de uma outra?

A questão língua-dialecto é das mais persistentes e das mais inconsistentes também. Há muitas aceções do que seja língua e muitas do que seja dialecto e o assunto é tão delicado que muitos linguistas preferem nem sequer tocar nele, nem ao de leve. De qualquer modo, tanto para língua (desde o entrincado conceito de De Saussure no seu "Cours de Linguistique Générale"³, até as explicações mais recentes de David Crystal no seu "A Linguística"³, em que comenta a definição de De Saussure, e Anton Reichling nas suas elaborada explicações de sistema linguístico nos seus "Verzamelde Studies over hedendaagse problemen der taalwetenschap"⁴), como para dialecto existem muitas teorias, muitas definições e muitas incertezas, principalmente devido ao limite que se lhes quer dar. Até onde vai um dialecto, onde começa uma língua eis uma questão que os linguistas não conseguiram solucionar.

Amparado em Benveniste, Hjelmslev, Mounin, Perrot e outros, o Prof. Artur de Almeida Torres nos seus "Estudos Linguísticos"⁵, apresenta uma definição bastante simples do que seja uma língua que ele considera "a linguagem particular de um povo"⁶, já dialecto seria "a variedade regional de uma língua"⁷, lembrando porém que este não "difere essencialmente da língua de que se formou".

Existem vários sentidos estritos e latos para definir a língua e o filósofo da linguagem Karl Kraus chega no seu volumoso "Die Sprache"⁹ a falar, entre outras coisas, do ser da fala, da essência da fala e de outras teorias para tentar definir o que seja não apenas a linguagem, mas a língua e que merecem, igualmente, a atenção dos linguistas pela contribuição que pode trazer quando se tenta compreender a língua, como elemento de comunicação escrita e falada dos membros de uma comunidade linguística.

Mario Pei no seu livro "Language for Everybody"¹⁰, depois de ensinar que a língua é algo mais do que "a system of communications; it is also a social convention which one must observe, under penalty of being misjudged"¹¹ e adverte afinal que

"Language is a set of rules tacitly agreed to and accepted by common consent of all the speakers" - op. cit. p.5.

Algumas vezes esse common consent desaparece, surgem variações. Mas a língua continua a existir. E o dialecto não é também esse set of rules? Os dialectos escritos, como o napolitano, por exemplo, são sistematizados, possuem uma gramática normativa e são escritos mais ou menos da mesma maneira por todos os que o tudo fazem para utilizá-lo como veículo escrito de suas manifestações literárias.

A língua nada mais é do que um dialecto mais evoluído, expandido, de maior extensão e, na origem, toda língua foi um dialecto, daí Jean Dubois et alii terem definido dialecto no seu "Dicionário de Linguística"¹² como:

"O dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua.

1. Empregado correntemente como dialeto regional por oposição a língua, dialeto é um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o status cultural e social dessa língua, independentemente daquela: quando se diz que o picardo é um dialeto francês, isso não significa que o picardo nasceu da evolução (ou, mais exatamente, da "deformação") do francês.

Nos países como a França, em que há uma língua oficial e normalizada, o dialeto é um sistema que permite uma intercompreensão relativamente fácil entre as pessoas que só conhecem o dialeto e as pessoas que só conhecem a língua; o dialeto é excluído então das relações oficiais, do ensino de base, e só se emprega numa parte do país ou dos países em que se usa a língua" - op. cit. verébe Dialeto, p. 184.

R. H. Robins na sua "Linguística Geral",¹³ dá uma definição de dialecto em que o critério número de falantes está presente. Ei-la:

"O Dialeto é uma abstracção da mesma espécie que a língua, mas como abrange menos pessoas ele permite que as formulações do linguista se aproximem mais da fala real dos falantes; na descrição de um dialecto, cada elemento abstraído cobre uma gama menos ampla de fenómenos realmente diferentes" - op. cit. p. 48.

Outros critérios levam em conta a língua escrita, como oposição a a questão regional e parece ser esta a orientação de Heinz F. Wendt no seu livro "Sprachen"¹⁴

"Der Schriftsprache zugrunde liegen meist ein oder mehrere Dialekte einer Sprachgemeinschaft. Dialekt kann als eine örtlich gebundene Sprechweise einer Sprachgemeinschaft definiert werden, die neben ihren örtlich gebundenen Sprechweisen ueber eine ueberregionale Schriftsprache verfuegt. Dadurch haftet dem Wort "Dialekt" heute neben seiner eigentlichen

Bedeutung einer landschaftlichen Faerbung der Sprache
eine soziale Wertung an" - op. cit. p. 6.

Os critérios são variáveis e muitos e a tendência de fazer oposição língua-dialecto, dialecto-falar, língua-jargão e tantas formas outras, tem apenas escopo diadático em muitos casos.

De qualquer modo temos de ter presente que:

1. A situação regional;
2. A inteligibilidade;
3. O número de falantes;
4. O desenvolvimento cultural;
5. O cultivo escrito ou literário;
6. As origens genéticas;
7. A união a um mesmo grupo linguístico;
8. A posição política

entre outros, são alguns dos critérios para distinguir um dialecto de uma língua. Mas isso também não é absoluto. Em linguística, nada há de absoluto, pois fala de perto ao homem e no Homem nada existe de absoluto, mas de essencialmente dinâmico e alterável.

Depois, temos de levar em conta que, línguas literárias hoje pujantes e estudadas por todo o mundo, foram dialectos desprezados outrora. Tomemos apenas um dos mais fantásticos exemplos que se tem na história da linguística: o inglês. Esse idioma, dos mais mestiçados que existem na Europa, foi evoluindo de uma língua altamente flexionada para a simplicidade de hoje, formando a sua caudal lexical de aportações latinas e normandas, sobre substrato germânico e influências célticas. Pois bem, na Idade Média a Corte inglesa se recusava falar o inglês, por considerá-lo um idioma grosseiro, vulgar, só para usos dos peesants e da classe baixa. A nobreza usava do francês entre si, os documentos ou eram redigidos em latim ou em francês. Os séculos passaram e, com esse passar, novos conceitos de civilização, nacionalidade e educação surgiram e o inglês, mercê de seus valentes filhos, do desenvolvimento político daquele país, das conquistas extraordinárias além-mar, dos homens de talento e sensibilidade que se recusaram, por sua vez, a aceitar um rótulo infeliz para a sua língua nativa, tornaram-na o mais pujante meio de comunicação linguística do século XX. Vejamos, em sentido inverso, o caso do grego que, nos seus vários dialectos, foi a língua culta por excelência da Antiguidade clássica. A Grécia, dominada pela Roma imperial, dominava-a pela cultura. Das terras da Sicília à Bactriana o grego era língua de cultura. Mais tarde, com a decadência da civilização helênica, o grego ficou reduzido a uma língua nacional, mesmo assim coagida pelo turco da Sublime Porta e estagnou-se. No século passado, passou a ser cultivado outra vez, mas já havia uma grande cisão entre o grego que o povo falava, ou dimotiki, e o grego literário dos sábios, o katharevousa, um compromisso com o grego antigo, uma artificialidade que impedia a Grécia de ser o fa-

cho de civilização que um dia foi. Havia duas línguas irmãs no reino, uma que se falava e outra que só se escrevia, ou se falava em momentos soleníssimos e raros. Diglossia ou dialectalização? Uma língua que se torna dialecto? As opiniões variam, mas o exemplo serve muito bem para mostrar a marcha das línguas e dialectos sobre a terra.

Daí que o aspecto cultivado literário tem muito que ver com o critério classificatório de uma língua, o orgulho que um povo tem de usá-lo e conservá-lo, em fazê-lo língua-padrão.

Além desses critérios, muita vez oscilantes, deve contar, e muito, o sentimento linguístico dos falantes. Uma língua jamais ascenderá ao status de língua culta e literária se os seus falantes não o desejarem, por mais que linguistas competentes a descrevam e a reduzam a escrito.

5.2. Das dificuldades de uma nova classificação: os critérios. II.

Como vimos no item anterior, não é fácil definir o que seja um dialecto ou o que seja uma língua. Existem casos em que a inteligibilidade é essencial. Quem fala, por exemplo, o francês pode entender mais ou menos facilmente o picardo, que é considerado um dialecto regional francês. Mas os linguistas falam muitas vezes de dialectos chineses quando a interinteligibilidade não é possível entre um falante de cantonês e um que fale o mandarim, a não ser através da escrita, que é uma. Da mesma maneira, os dialectos italianos nem sempre são inteligíveis a um falante de italiano, a língua-padrão, e isso não os faz uma língua ou línguas separadas. Com pouca adaptação, um falante de castelhano pode entender perfeitamente o aragonês, e este é uma língua pirenaica para todos os efeitos, ainda que a Romanística insista, por um critério eminentemente literário, a considerá-lo dialecto românico da Espanha. O afrikaans é perfeitamente entendido por quem fala o holandês ou o flamengo, mas aquele é uma língua autônoma, língua de Estado em que se desenvolve uma rica e brilhante literatura.

No seu livrinho "Svensk Språklära för Danskar"¹⁵ os autores Bertil Molde e Elias Wessén, referindo-se precisamente ao sueco, estabelece distinções que poderiam aproveitar, mutatis mutandis, na classificação de outras línguas: uma riksspråk, uma língua do reino, ou oficial, a língua-padrão, que é a língua escrita, skriftspråket e que é a língua literária, a litteraturens språk, que pode ser a língua falada de todos - allmänna talspråket - com a existência de falares populares locais, folkmålen. Uma primeira oposição seria a de skriftspråk e dialekterna, uma ou umas diferenciações da língua-padrão e que ficaria circunscrito a regiões. E não estaria escrito o dialecto. Pode acontecer, porém, que o dialecto venha a ser escrito e existem muitos casos. Uso restrito e inteligibilidade seriam suas características.

Seria o bastante? Claro que não, mas já seria um começo. Só que frisar que um dialecto, para sê-lo considerado como tão, não é escrito, é ir contra a realidade de muitos fatos conhecidos, e insistir na inteligibilidade também é falho: o milanês tem sido escrito através dos séculos e não é inteligível a um italo-falante e, nem por isso tem sido considerado uma língua. Falta-lhe um cuidado mais que esporádico, um cultivo mais intenso, uma fixação literária mais precisa, um fator cultural que o eleve, a vontade dos seus falantes em que ascenda ao status de língua, enfim, o sentimento linguístico dos falantes. O galego é compreendido pelos que falam o português, mas uma literatura diferente se desenvolveu nele e o Reino Espanhol o considera uma língua regional. Nenhum galego diria que fala o português, como nenhum português diria que fala o galego. Assim, nele não estaria presente o critério da inteligibilidade, mas o político, o literário e o sentimento linguístico dos falantes. Que critérios, pois, adotar?

5.3. Tentativa de apontar novos critérios para uma nova classificação das línguas neolatinas.

Pelo que vimos tentando mostrar desde as primeiras linhas deste ensaio, a apresentação de critérios rígidos para a classificação das línguas românicas é algo muito escorregadio.

O mais comumente aceite tem sido, sem dúvidas, o da língua literária, juntamente com o político e o da divisão geográfica. Serão critérios suficientes?

Amparando-me, teoricamente, em parte, em R.H. Robins¹⁶, apresentaria os seguintes critérios para separar uma língua de um dialecto, ou para fixar com mais precisão o dialecto:

1. Formas de fala diferentes, mas mutuamente inteligíveis sem aprendizado especial;
2. As formas correntes dentro de uma área politicamente unificada;
3. A autonomia geográfica de um dado território onde uma língua é falada;
4. A ascensão de um dialecto a língua por meio do Poder de Estado, isto é, o dialecto é guindado a língua por ser o instrumento da comunicação oficial da administração desse Estado;
5. Pelo amplo cultivo literário;
6. Pela fixação de formas mais ou menos estáveis;
7. Várias formas de falas dentro de um mesmo Estado com partilham um sistema de escrita e uma literatura comuns. Língua escrita versus dialectos;

8. A intercompreensibilidade poderia em alguns casos delimitar o dialecto, observando-se porém as exceções gritantes: o noruguês é perfeitamente compreensível de um falante dinamarquês, mas as separações políticas e literaturas separadas, fazem os dois dialectos nórdicos línguas autónomas;
9. O critério filológico, tanto quanto o literário, exercem papel preponderante na classificação de algumas línguas possuidoras de excelentes literaturas;
10. As origens genéticas vis-à-vis uma língua comum;
11. O sentimento linguístico dos falantes.

Afora esses, existiriam ainda outros critérios meramente illustrativos que incluiriam os critérios geográficos, quanto ao grupo nacional geográfico ou cultural ao qual esteja vinculada a língua e quanto ao número de falantes, que me parecem menos firmes e até mesmo mais perigosos do que os antencionados.

Partindo da vasta classificação apresentada por Paolo Savj-Lopez na sua obra tantas vezes aqui referida¹⁷, que foi, sem dúvidas, quem melhor classificou as línguas românicas até hoje não obstante algumas falhas graves, como a que comete ao fazer do galego um dialecto do português, e levando em conta descobertas mais recentes, trabalhos de linguistas modernos que estudaram isoladamente vários dialectos românicos, tentaremos uma nova classificação que, contudo, para as velhas línguas românicas não incluirá a não ser as que tenham sido motivo de muitos estudos e que conte com suporte teórico de, pelo menos, um grande estudioso romanista.

Seguindo ainda o pensamento de Monteverdi, preferimos não falar de línguas a se, mas de sistemas de línguas, já porque nenhuma língua neolatina é inteiramente una e inteiramente uniforme que possa ser considerada como um espécimen solitário e à parte. Mesmo Portugal que apresenta admirável unidade linguística, com o português falado em quase toda a extensão, com exceção do sítio geográfico onde persiste o mirandês e dialectos raianos, há vários dialectos na classificação famosa de Leite de Vasconcellos. Quanto aos outros a fragmentação dialectal é patente e, casos há, como o do sistema franco-provençal, em que essa fragmentação é das mais variadas a tal ponto que não existe um dialecto-padrão literário, o que tem feito com que muitos linguistas de peso recusem status de língua a esse grupo. Por outro lado, as línguas reto-românicas, devido ao status oficial que a Confederação Helvética lhes deu, são, frequentemente, tomadas como uma língua, o que é um absurdo e dos maiores, mas que persiste.

Haverá uma chamada para as línguas românicas de segunda geração, que engrossarão o caudal da România. Ninguém as pode ignorar.

5.4. A grande divisão das línguas românicas.

Em capítulo anterior estudamos a grande divisão das línguas românicas primeiro proposta por Friedrich Diez e que vem sendo mantida desde então, retomada e precisada mais tarde por Walther von Wartburg.

Apresentam os idiomas ditos românicos orientais características muito diferentes das dos chamados ocidentais, analisadas em passo anterior neste ensaio.

São eles:

1. Romeno;
2. Moldavo ou moldávio;
3. Dalmático; e
4. Italiano.

Dos quatro um é extinto, o dalmata ou dalmático; dois, o romeno e o moldavo, estão na Europa central, na região dos Balcãs e ambos são línguas nacionais, literárias, oficiais e coexistem com outras no seu mesmo território. O italiano fica na Península itálica e ilhas adjacentes, foi língua de dominação colonial e é língua nacional, oficial e literária. Em todo o território italiano coexiste com um ou mais dialectos locais e, aos poucos, desaparece como língua de influência dos lugares onde foi utilizado como língua da administração colonial (Eritrêia, Líbia, Somália etc.).

As línguas românicas orientais tanto são línguas balcânicas, como itálicas, como soviéticas, isto porque são faladas nesses blocos, mais políticos que linguísticos, mas, de qualquer modo, assim amplamente difundidos.

Delas todas, apenas uma tem encontrado resistência por parte de alguns linguistas em não considerá-la uma língua autônoma: é a moldava, por dizerem que se trata de uma modalidade do romeno, um dialecto daco-romeno, muito próximo do valáquio e tanto que as cores locais, as variedades regionais não chegam a fazê-la realmente distinta do grande romeno que, por sua vez, se divide em quatro grandes dialectos.

Apenas o moldávio se tornou língua oficial antes por uma imposição política do que se impôs sobre outros dialectos e línguas, como foi o caso do italiano, tornado a língua oficial de um Estado tardiamente surgido e, antes, a língua franca de vários ducados, principados, grão-ducados, pelo seu prestígio literário, pelo desenvolvimento de sua literatura, pelo cultivo intenso por parte de poetas, filósofos, romancistas, enfim, de todo um grande círculo de intelectuais e artistas.

Os linguistas que combatem a inclusão do moldávio como língua autônoma reconhecem que, aos poucos, ele se distancia do romeno, que já não é tão fácil a inteligibilidade entre um falante de romeno e um falante de moldavo. Mas revelam ojeriza pelo critério político. Mas qual o critério adotado, séculos atrás, para que o dialecto da ilha de França fosse oficializado?

Façamos um rápido apanhado sobre cada um desses idiomas, a começar pelo romeno.

5.4.1. O romeno. seus dialectos e sua posição dentro da România.

Segundo estimativas de 1983, a República Socialista da Romênia (237.500 kms², capital Bucareste), tem 22.600.000 habitantes, mas nem todos são romenos ou de língua romena. Existem importantes minorias naquele país que falam o alemão, o húngaro, o ucraniano, o cigano, o búlgaro e o idiche. Contudo o romeno é a língua oficial e predominante, e mesmo os grupos étnicos citados, falam ou entendem o romeno, que possui uma riquíssima literatura que já deu ao mundo uns poucos nomes como Mihail Eminescu, Tudor Arghezi e outros. Para padrões europeus, o índice de analfabetismo é ainda grande, e chega a 3,5% da população total segundo dados oficiais, mas quase 8% segundo outros. De qualquer maneira, bem menor do que o índice de Portugal, da Grécia e da Itália.

Mas a România (não se confunda com România, a extensão geográfico-linguística onde se falam as línguas neolatinas, nem se confunda o romeno ou românico ou rumeno com romaico, este o grego moderno popular, enquanto que românico se refere mais precisamente às línguas neolatinas ou românicas), onde se falam tantas línguas diferentes, não constitui um exemplo linguístico uniforme. O sistema linguístico romeno é formado de quatro grandes grupos dialectais:

a. Daco-romeno, o mais importante, de onde saiu o romeno padrão, chamado outrora até com certa insistência de valáquio, historicamente ligado ao Principado da Valáquia. Ocupa uma vasta extensão territorial e é bastante uniforme, apesar de muitas variações dialectais, isto dentro do que é a República Socialista da Romênia. Diz Savj-Lopez acerca do daco-romeno:

"... ossia rumeno della Dacia, parlato come si disse nel regno di Rumania, nella Bessarabia, nella Transilvania, nel Banato, nella Bucovina, oltre che sparsamente qua e là sulla contigua riva destra del Danubio, soprattutto nella Dobrugia" - "Le Origini Neolatine", ed. cit. p. 235.

Mas a variedade do daco-romeno falado na Bessarábia, que depois da última grande guerra se destacou da Romênia para formar uma república autónoma dentro do império socialista soviético, foi-se distanciando rapidamente, pois foram aproveitados os falares rurais, bastante diferen-

tes, para com eles fixar-se a nova língua literária que passaria a chamar-se o moldávio, o que veremos ao estudarmos essa nova língua neolatina.

b. Macedo-romeno é o segundo grupo dialectal mais importante, disperso em numerosas colónias de rumenos ou arumenos, como costumam chamar-se e que seriam um pouco mais de 300.000 falantes. São dois grandes grupos dialectais:

Aromenos do Norte, que se estendem pela Macedonia e territórios do Norte, Albânia, pequenas localidades de Gopesh e Mulovishte;

Aromenos do Sul, que se estendem pelo Epiro, Tessália, norte da Grécia e o Olimpo.

Sobre a importância linguística do aromeno, altamente arcaizante, escreve Al. Rosetti na sua "Istoria Limbii Române"¹⁸ e das más pesquisas sobre ele:

"Cercetarea științifică, pe teren, a graiurilor aromâne se impune ca o necesitate acută, pentru că ceea ce s-a făcut până acum este insuficient și nu prezintă destule garanții de rigurozitate științifică. În special, graiul grupurilor din Olimp și din Albania va trebui cercetat cu de-amanuntul" - op. cit. p. 67.

Aurelio Bauta, na sua "Gramática Rumana"¹⁹ dedica algumas linhas ao macedo-romeno ou arumano, inclusive apresentando pequenos textos literários e comenta:

"Arumanos o Macedo-Rumanos.- La segunda rama principal del tronco rumano es la de los Macedo-Rumanos, conocidos también con el nombre de Arumanos. Mucho más extendidos en otro tiempo (pues ocupaban la casi totalidad de la región montañosa de la península balcánica), hoy se hallan reducidos a islotes de población que pueden situarse en los montes del Pindo, en torno a éstos, en el sur de la península y en casi todas las ciudades de Albania, Epiro, Tesalia, Macedonia, etc.

.....
 "La sucesiva irrupción de núcleos servios, búlgaros, albaneses y griegos en las depresiones de esta zona montañosa produjo una compresión en la gente arumana y, por consecuencia, un depauperamiento acentuado. Actualmente se conservan en islotes mayoritarios en el sur de Albania, en el Epiro, en la Tesalia y en parte de la Macedonia. Según los cálculos que se han hecho, estos núcleos arumanos ascienden a 350.000 almas" - op. cit. p.364 e 365.

Existem gramáticas da língua aromena, dicionários e livros de textos, além de bons estudos etnográficos, por autores romenos e alemães especialmente.

c. Megleno-romeno ou meglenítico, falado a noroeste da Salônica e em franca diminuição. O linguista Pericle N. Papahagi foi quem melhor o estudou até hoje, publicando estudos etnográfico-filológicos e um grosso livro de textos e glossário, que Al. Rosetti cita na sua indicação bibliográfica - op. cit. p. 69.

Segundo Savj-Lopez esse dialecto tem "caratteri proprii, affini al daco-romeno".²⁰

Sever Pop na sua "Grammaire Roumaine",²¹ dá cerca de 15.000 pessoas que ainda o falam, e afirma que esse dialecto é "d'une grande importance pour les études sur l'évolution du roumain".²²

d. Finalmente, o istro-romeno, que parece prestes a extinguir-se, pois que "ridotto a ben poco numero di parlanti", comenta Savj-Lopez²³, enquanto que Pop lhe dá apenas 2.500 falantes, e diz que "c'est le dialecte roumain qui a subi le plus l'influence des parlers slaves et italiens de l'Istrie".²⁴

O romeno apresenta uma posição especial na România por ser a mais oriental das línguas neolatinas juntamente com o moldávio, o dialecto daco-romeno falado a leste e uma das três divisões do daco-romeno. Foi o último grupo linguístico romeno a ser definitivamente fixado e outrora escrito com um alfabeto saído do cirílico.

Apesar de alguns linguistas insistirem em que o macedo-romeno, o meglenítico e o istro-romeno, são dialectos do romeno, essa teoria não tem fundamento. O romeno sim se divide em quatro grandes grupos dialectais, dos quais o daco-romeno é o mais importante, subdividindo-se, por sua vez, em três importantes variações dialectais:

- a. Valáquio, que serviu de base para a língua literária da Valáquia, hoje o romeno propriamente dito;
- b. Moldavo, falado na Bessarábia e na Bucovina; e
- c. Transilvano, falado na Transilvânia.

O léxico da língua romena é dos mais complexos para uma análise rápida devido à grande cópia de vocábulos eslavos, gregos, magiares, alemães, turcos, albaneses, e nos tempos modernos, uma verdadeira invasão do francês literário e Dauzat, insistindo na grande influência eslava, comenta que os contactos frequentes e demorados entre romenos e eslavos

"a été considérable, et porte même, sans parler de quelques suffixes, sur des termes relatifs à la vie intellectuelle et morale" - in "L'Euro-pe Linguistique"²⁵

Mas o que não impede de, não obstante velhos substratos obscuros, permanecer o romeno

"... pas moins très latin, même par le lexique, mais plus encore par la phonétique et les formes grammaticales qui le rapprochent beaucoup de l'italien: roumain et italien représentent les deux groupes de langues romanes les plus voisins de leurs origines" - op. cit. p. 53.

A sintaxe romena é bem característica, inclusive porque coloca o artigo depois do nome, emprega o dativo para marcar a posse e apresenta outras características bem suas.

5.4.2. O moldávio ou moldavo, a mais nova língua oriental da Romênia.

E um dos três grandes dialectos em que divide o daco-romeno e era justamente o do leste.

Historicamente a Moldávia era um dos principados que se uniram para formar o que viria a ser o Reino da Romênia. Os dois principados, da Valáquia e da Moldávia, cuja independência foi reconhecida após a guerra da Criméia, com a adjunção de uma parte da Bessarábia, haviam sido causa de muita disputa entre o Império da Rússia e a chamada Sublime Porta, ou Turquia. Houve muitas trocas e cessões e em troca da Dobrudja, a Rússia ficaria em 1878 com pequena parte da Bessarábia, onde havia grandes comunidades de russos brancos. Ao tornar-se reino independente a Romênia, que se aliara com a França e a Inglaterra, incorporou a Bessarábia, a Bucovina, a Transilvânia, uma zona adjacente da Hungria de Timişoara a Arad, Oradea Mare e Satu Mare. Formava-se assim a grande Romênia, em uma época de nacionalismos exaltados e refazimentos de fronteiras depois de guerras incessantes naquela parte do mundo.

Durou pouco tempo aquela Grande Romênia pois, já em 1945 a União Soviética reclamava a parte eternamente em disputa, a Bessarábia e a Bucovina, como continuação de seu já imenso território. Foram incorporados como território da Ucrânia e depois transformados na república autônoma da Moldávia.

Havia uma como que fronteira natural indicada pelo Dniester e os dialectos aos poucos se distanciavam, a tal ponto que Dauzat comenta:

"Les parlers roumains du royaume présentent une grande variété et se classent en trois groupes: moldave, valaque et transylvain" - in "L'Europe Linguistique", p. 217.

Com a autonomia administrativa e política, a Moldávia buscou uma língua oficial e literária que saíria da variedade moldava. Os linguistas que ficaram encarregados de fixar a língua, foram aos parlers rurais, fortemente influenciado de ucraniano e com outros substratos eslavos e estabeleceram aquilo que a linguística soviética chamara de língua moldávia ou moldavo e que o Estado endossou, dando-lhe status de língua oficial.

G. Stépanov no seu artigo "La linguistique externe dans ses relations avec les structures internes",²⁶ considera o moldávio, ao lado do romanche, como uma língua que, quanto às funções, é língua de comunicação quotidiana, não se liga a nenhum grupo social determinado e faz parte da administração de um todo como região autónoma dentro da U R S S.

Em outras palavras, o moldávio é:

- a. O veículo de comunicação oral de todos os dias dentro de um determinado território;
- b. É a língua oficial de uma região autónoma para seu uso administrativo interno;
- c. Tem uma individualidade própria, que a separa do romeno da vizinha república;
- d. Faz parte de uma vasta federação onde o russo é a grande língua das relações internacionais; e
- e. É a língua literária de um povo chamado moldavo.

Há linguistas que não aceitam o moldávio como língua autónoma e entre eles citamos o nosso Silvio Elia que é taxativo:

"A Bessarábia, parte oriental da Romênia, foi, depois da última guerra mundial, destacada da Romênia e elevada à categoria de república socialista autónoma. É a atual República Socialista da Moldávia. A linguística soviética pretende fazer do moldavo a lla. língua românica e a 4a. da România Oriental. No entanto, essa pretende a língua românica não passa de romeno literário, escrito com alfabeto russo ligeiramente modificado, com algumas leves concessões a formas dialetais moldavas" - in "Preparação à Linguística Românica".²⁷

E frisa que "convém, portanto, superpor as razões de ordem linguística às de ordem política".²⁸

Mas essa não é a posição geral, pois mesmo os autores que parecem hesitar em considerar o moldávio uma língua autônoma não deixam de lembrar que essa forma de romeno existe como língua literária e é falada por um povo com individualidade própria, como o faz Heinz F. Wendt no seu livro "Sprachen"²⁹ que escreve:

"... dazu 2 Mill. in der Moldauischen SSR und in einigen Bezirken der Ukraine, die sich einer Variante des Rumänischen, des mit zyrillischen Buchstaben geschriebenen Moldauischen bedienen" - op. cit. p. 241.

Se Al. Rosetti na sua obra sobreexcelente que tantas vezes temos citado no correr deste ensaio insiste em que a língua "daco-romãna a avut un caracter unitar"³⁰, na verdade essa unidade daco-romena se rompe com o afastamento cada vez maior do moldávio e não resta mais que considerá-las línguas afins, como o português e o galego, mas de qualquer modo autônomas e cada uma enriquecendo a România.

5.4.3. O dalmático. a única língua românica extinta

Do dalmático ou dalmata tem-se muito pouco e o que dele se sabe é aquilo que os linguistas e romanistas vêm repetindo faz muito tempo desde que Meyer-Lübke o incluiu na sua classificação.

Algumas classificações já não incluem o dalmato por tratar-se de língua morta e Hans Krahe na sua "Indogermanische Sprachwissenschaft"³¹, tomo I, ao fazer a classificação das línguas românicas diz apenas que existiu uma língua dalmática que como outras manifestações românicas do Norte da África desapareceram:

"Andere romanische Sprachen, wie das Dalmatinische in Dalmatien oder die Fortsetzung des Lateinischen in Nordafrika, sind untergegangen" - op. cit. p. 20.

Para Erich Auerbach a língua é motivo de igualmente sucinta notícia:

"Nos Bálcãs, existiu até o século XIX uma segunda língua românica, o Dalmata, falado no litoral da Dalmácia e nas ilhas vizinhas do Adriático" - in "Introdução aos Estudos Literários".³²

L. Homburger no seu "Le Langage et les Langues"³³ e G. Stépanov no seu artigo classificatório nem sequer fazem referência ao dalmata.

Albert Dauzat, que nos deu um excelente livro de geografia linguística, este sempre louvado "L'Europe Linguistique", escreve apenas que

"Un dalmate roman fut parlé sur la côte adriatique, jusqu'au XVe. siècle au moins à Raguse, jusqu'au XIX plus au nord dans l'île de Veglia"
- op. cit. p. 51.

O dalmático, segundo Bartoli, tinha estreita relação com o italiano meridional, ou mais precisamente com os dialectos da zona abruzesepugliese, como ensina Savj-Lopez³⁴ quem tem a mais clara exposição sobre o idioma extinto de que tenho conhecimento, tendo inclusive apresentado um texto escrito e escrevendo entre outras coisas que

"In diretta relazione con la penisola va posto il dalmatico, ossia l'antico linguaggio neolatino della Dalmazia, che oggi può dirsi affatto spento, perchè sostituito dal veneziano imperante da secoli e secoli sulle rive adriatiche. Il dalmatico ci è rivelato in primo luogo da quanto sappiamo intorno al vegliotto - dialetto vivente ancora fino a pochi anni sulla bocca di un abitante dell'isola di Veglia, Antonio Udina, morto nel 1898" - in op. cit. p. 220.

Expõe outras teorias que merecem conhecidas sobre a origem e desaparecimento do dalmato e lembra que

"il dalmatico, malgrado qualche sua posteriore coloritura ladina, veneta e rumena, ci presenta l'immagine d'una România appennino-balcanica; che ha messa il primo infrangibile suggello latino sulla Dalmazia" - op. cit. p. 221.

Assim, o dalmático tem importância como um fato histórico apenas, pois não deixou monumentos literários e passou célere, como tudo na vida passa, quase sem deixar marcas, apesar de substratos e adstratos que não de perdurar em línguas e dialectos que se falam naquela região onde as línguas e os povos foram sempre muitos e variados.

Dividia-se, como se vê, em dois grandes dialectos:

- a. Ragusano, e
- b. Veglioto.

Para que se tenha uma noção do que era essa língua, reproduzimos uma cantiga popular de amor, colhida pelo grande glotólogo que foi Matteo Giulio Bartoli, que dedicou ao dalmático a mais completa monografia que se tem.

Está vazado na sua variedade dialectal de Veglia, aquela que desapareceu com Antonio Udina, tantíssimas vezes citado na história na história da Romanística:

Serenata

Ju ai venut de nuif in sta contruta
 e Di la mundi su la balconuta
 (ju vi la mur, la quarta inseruta)
 ziò che potaja favlur co la maja inamuruta.
 Mur, amure, blai che se prendaimo?
 Se no avaima rauba, stentaraime;
 se no avaima cuza ne cuzeta,
 noi do furme la vaita benedeta.

Este exemplo, citado por Giacinto Manupella na sua obra "A Língua Italiana",³⁵ dá para mostrar o que era o dalmático e quais as suas aproximações.

Por que desapareceu o dalmático?

Uma língua desaparece quando falta um sentimento linguístico dos seus falantes e que lhe permita prosseguir em sua marcha para o futuro. As línguas, como os homens, precisam de ter escopo, precisam de incentivo, precisam de incentivo, precisam desse sentimento forte que as mantenham de pé para que possam perdurar, mesmo quando pressionadas por outras línguas de maior extensão cultural. O galês sobrevive em Gales porque os nativos que o falam interessam-se pela sua manutenção, apesar da aborvente influência do inglês. Enquanto houver pessoas que sintam que as suas línguas minoritárias são importantes para a sua própria cultura, elas persistirão. Mas quando desaparece esse sentimento, elas perecem. E nenhum linguista do mundo as fará reviver. Assim aconteceu com o dalmático. Os dálmatas não sentiam esse sentimento linguístico, não tinham uma força nacional que os impelisse e simplesmente deixaram que outros idiomas tomassem o lugar do dalmático. Não adianta querer culpar pessoas e governos pelo mal que aconteceu à România com o seu desaparecimento. Chegara o seu dia, como chega o dos homens.

5.4.5. O grande idioma do Oriente românico: o Italiano.

É uma das grandes línguas de cultura do mundo, para muitos a língua da música, a bela língua das vogais claras, a língua de Dante e tantas outras denominações igualmente entusiásticas.

Se não chegou a ter a importância política do espanhol e do francês, deles não fica atrás pela riqueza literária.

O italiano não é falado apenas na República Italiana, mas em outros Estados como língua oficial: na velhíssima e pequenina República de São Marinho, no Vaticano, na Suíça (onde é uma das línguas oficiais lado a lado com o alemão, o francês e o romanche) e ainda no Principado de Mônaco e na Córsega. Foi, outrora, língua da administração colonial na Líbia, Eritreia, Somália e é amplamente falada pelos imigrantes italianos na Argentina, no Brasil, nos Estados Unidos, no Canadá, na África do Sul e outros países. Estimativas recentes dão mais de 60 milhões de falantes, sendo que, só na Itália, são 56.742.374 pessoas (inclusive os bilíngues na Península e nas ilhas da Sicília e da Sardenha), segundo estimativa de 1982.

Mas na Itália o problema da diglossia e do bilinguismo é dos mais sérios e, poderíamos mesmo dizer que, de aldeia para aldeia, um dialecto ou semi-dialecto é ouvido, entendido e falado. E dos países mais pluridialectados da Europa e muitos desses dialectos possuem velha tradição linguística literária e chegaram, antes da unificação do reino, a gozar de certo prestígio semi-oficial.

A questão dialectal é tão complicada que Giulio Bertoni no seu livro "Italia Dialettale",³⁶ divide o território em quatro grandes regiões dialectais e três subregiões:

1. Dialectos italo-galo-ladinos;
2. Dialectos vênéticos;
3. Dialectos centrais: a. Dialectos da Toscana;
b. Dialectos das Marcas,
da Úmbria e do Lácio;
c. Dialectos da Córsega.
4. Dialectos meridionais: napolitano, abruçês,
calabro-siciliano, pulhês etc,

É uma divisão altamente sofisticada, baseada em parte na geografia linguística e em uma pretensa afinidade genética, mas resistimos a considerá-los dialectos italianos, isto é, saídos do italiano, e sim dialectos românicos da Itália, em que vai grande diferença. Muitos surgiram ao mesmo tempo que o florentino, mas não necessariamente do florentino ou de uma língua em que os grandes poetas do alvorecer do italiano vazaram as suas obras. Já existiam, quando Dante começou a usar o toscano de Florença e que se tornaria mais tarde o idioma literário padrão em que se escreveu a Divina Comédia, em que Petrarca escreveu as suas "Rimas" e Boccaccio o seu "Decamerão".

A questão da classificação dos dialectos da Itália é das mais difíceis e não houve ainda uma posição pacífica.

Os chamados dialectos galo-italícos estão em uma posição intermediária entre o franco-provençal e o italiano e, em certos casos, mais próximos daquele do que deste. Existem linguistas que consideram os

dialectos galo-italícos como um grupo linguístico neolatino à parte. E Este, aliás, o pensamento de Albert Dauzat e é o que deixa entender mestre Savj-Lopez, quando, na sua classificação, lhes dá posição especialíssima, formando um grupo semi-autônomo.

O italiano é um dos casos interessantes na história da linguística em que o prestígio literário de um dialecto determinou a sua escolha como língua oficial. Foi o gênio insuperável de Dante, que sonhava com uma koinê italiana, isto é, uma língua que não fosse precisamente nenhum dos vulgares da Itália, mas um compromisso dos diversos dialectos, isto é, a língua culta italiana tomaria um pouco de cada dialecto o que de melhor ele possuísse, uma espécie pan-dialectal que jamais aconteceu pois ele, ao escrever o seu poema imortal, serviu-se sobremodo do florentino e contribuiu para que esse dialecto se tornasse a língua-padrão de toda a Itália e uma das línguas mais belas que se falam no mundo.

Efetivamente, algo do que Dante sonhou aconteceu e o italiano foi uma espécie de língua-união entre aquela miríade de dialectos falados na Península. Foi, de qualquer modo, uma koinê da Itália, que serve de traço de união entre tantos idiomas e dialectos. Houve um bilinguismo mais do que uma diglossia que permitia que um italiano falasse ao mesmo tempo, com igual ardor e zelo, o seu dialecto nativo e o idioma oficial de toda a nação, que, da porta da casa para dentro falasse com empenho o seu dialecto, aquele que aprendeu em criança, e, da porta para fora, e nos contactos com gente de outros dialectos, falasse sempre o italiano, que servia in casu como língua franca.

Preferimos, no caso italiano, não falar de diglossia mas sempre de bilinguismo.

Savj-Lopez dividiu os dialectos italianos em quatorze grupos, sendo que os quatro primeiros fazem parte do grupo de dialectos galo-italícos, que estudaremos separadamente em momento oportuno, uma vez que defendemos esse grupo como um sistema linguístico autónomo, seguindo o pensamento clarividente de Dauzat.

E esses dialectos vão do vêneto, que teve outrora significação literária, passando pelo istriano, toscano (e seus subdialectos), umbro-romano, marquejano, abrucês, pulhês, napolitano (dialecto de grande expressão literária por sinal), calabrês até o siciliano. Felizmente não une o corso aos demais dialectos, mas o deixa jungido ao sardo, em que dos mais esclarecidos e, possivelmente, pioneiros.

A divisão de Bertoni, das melhores já feitas, como que prepara o linguista para a consideração autónoma dos dialectos italo-gallo-ladinos, como ele chama, dando uma extensão bem maior ao grupo linguístico que Dauzat chama de galo-italícos, ou italo-gálicos.

E com essa divisão encerramos a explicação sobre o quarto idioma, ou sistema de idiomas, da România Oriental.

5.5. As línguas românicas do Ocidente.

A divisão de Diez e de Meyer-Lübke persiste e, seja por motivos didáticos, ou por uma simples questão metodológica, os romanistas de hoje continuam a falar de línguas românicas orientais e ocidentais.

Sabemos já que as orientais são quatro, logo as ocidentais são todas as demais, com línguas intermédias e um grupo sardo-corso, que fica entre o grupo de línguas orientais e o das ocidentais, isto pelo seu conservadorismo que, se não se aproxima de nenhuma daquelas fabulosas línguas românicas orientais, se não se aproxima de nenhum daqueles dialectos romenos arcaizantes como o macedo-romeno ou aromeno, fica entre aqueles e as línguas ditas ocidentais.

As línguas românicas ocidentais são em maioria, isso porque a influência romana se fez sentir mais intensamente na parte ocidental da Europa do que nos Bálcas, na parte dita oriental.

Mas, se as línguas orientais causam problemas por causa do moldavo que muitos linguistas não aceitam, por causa do dalmático extinto desde o século passado sem deixar uma literatura que o fizesse sempre vivo, como seria por exemplo o caso do romanche se ele hoje desaparecesse, as línguas ocidentais também trazem os seus problemas sérios porque existem dentre elas muitas subdivisões, aceites por uns e recusadas por outros.

Línguas pirenaicas, línguas hispânicas, línguas ibéricas, são algumas das denominações que continuam a causar celeuma no meio dos linguistas. Os romanistas ainda discutem teorias que fazem do aragonês uma língua autónoma assim como se mostram indecisos se o mirandês é uma língua à parte ou mero dialecto lexonês. Outros, discutem se o galego, hoje com pujante literatura regional, com muitos títulos traduzidos ao castelhano e ao português, é uma língua autónoma ou se é apenas um dialecto português.

Há mais hesitação quando se trata do grupo ocidental, do que quando se trata do oriental, isto porque este grupo inclui muito mais dialectos românicos do que aquele.

Depois, as línguas românicas ocidentais ocupam uma extensão geográfica muito maior do que as orientais. Elas vão das margens da Alemanha ao extremo sul da Península Ibérica, com muito mais países do que as orientais que estão esmagadas entre a Europa central, a Ucrânia e uma parte da Itália, já que nem toda Itália política está dentro da România Oriental.

A România Ocidental inclui a França com a sua tremenda fragmentação linguística, que vai do francês da ilha de França ao franco-provençal, e daí ao provençal, sem esquecer as ramificações dos dialectos galo-italícos, que tantas discussões têm causado.

Assim, a România Ocidental, como a denominados, tem uma paisagem linguística bem mais complexa. Mas bem mais sedutora.

Não há uma Occitânia una e bem retratada, mas um mundo do Provençal e do Gascão, como iremos demonstrar, enfim, uma sedutora complexidade.

5.5.1. O grupo sardo-corso em busca de uma posição na România.

Será que poderíamos considerar o sardo uma língua-ponte entre a România Oriental e a Ocidental?

O sardo, diferentemente do franco-provençal e do catalão, não é uma língua mestiça que divirja levemente de dois grandes grupos linguísticos. E, sim, uma língua intermediária, mas não implica isso que ela seja considerada uma língua-ponte.

Depois, é sabido que o sardo apresenta características extremamente conservadoras que a aproximam de um latim imperial tanto quanto o romance italiano. Mais ainda, o sardo se manteve livre de influências germânicas e árabes, não obstante muitos vocábulos árabes e moçarabes terem entrado no léxico sardo via influência siciliana. O sardo, especialmente em seu aspecto logudorês, um grupo de dialectos arcaizantes, permanece bastante ligado às origens do latim imperial ou vulgar.

Os seus dialectos do norte se aproximam dos falares da Córsega, pelo que alguns linguistas preferem ligar os dialectos do norte da Sardenha aos dialectos italianos, já que muitos consideram os diversos falares corsos como italianos.

Essa questão dos dialectos sardos tem sido das mais insistentes e das de mais difícil solução, em especial porque o sardo, nas diversas formas dialectais, não é uma língua escrita. Há bons poetas em sardo mas que publicam esporadicamente suas obras em sardo, desses que fazem seguir a cada poema uma tradução italiana com isso acentuando a sua posição dialectal. Além do mais, o sardo é visto apenas do lado logudorês ou logudorês, por ser a variedade dialectal mais conservadora, mais arcaizante. Heinz F. Wendt no seu "Sprachen" insiste nesse aspecto:

"Das auf Sardinien gesprochene Sardinische ist in einigen phonetischen Zuegen dem Latein noch sehr nahe. Der logudoresische Dialekt des Sardinischen hat z.B. den k-Laut in kentu 'hundert' (lat. centum) bewahrt. Es ist keine Schriftsprache" - op. cit. p. 24 l.

O sardo, porém, não se resume ao logudorês nem é verdade que seja "keine Schriftsprache". Não é oficial, nem é protegida pelo Estado infelizmente, mas muitos escritores de mérito têm usado o sardo como veículo de comunicação de seus sentimentos estéticos, entre eles o grande poeta Mario Pinna e Paolo Mossa, cujos poemas poderiam situar-se entre os mais belos que jamais se escreveram em uma língua românica.

Temos de ter em conta que o sardo é um complexo de dialectos mais ou menos diferentes entre si e Massimo Pittau, professor de Linguística Sarda na Universidade de Sassari, faz referência a vários dialectos que se agrupam em três zonas: a meridional, a central e a setentrional, mas dentre esses todos destaca o nuorês, que ele chama de o mais conservador dos dialectos sardos, sendo o nuorês uma variedade central e traça esta divisão que merece a atenção dos romanistas:

"Dal punto di vista propriamente linguistico non esiste uno stretto rapporto fra la località di Nùoro e l'intera sua provincia, al di là del Gennargentu, ricade nell'area linguistica campidanese. Un rapporto linguistico, ed anche assai stretto, invece, esiste fra la località di Nùoro ed i paesi - circa una quindicina - che fanno parte della zona detta "il Nuorese". In tutto il Nuorese infatti viene parlata quella varietà dialettale della lingua sarda, che è stata chiamata "dialetto centrale", il quale ormai è da mettere accanto alle altre varietà dialettali del sardo: il logudorese, il logudorese settentrionale, il barbaricino, il campidanese, il campidanese rustico" - in "Grammatica del sardo-nuorese".³⁷

Assim, não seria a variedade logudoresa a mais conservadora forma de sardo, mas, estribando-se no ensinamento de Pittau, mas sim o nuorês, que faria parte do sardo central.

Aliás essa já era a opinião de Wagner, o maior dos mestres em linguística sarda, que dizia que a mais pura forma de sardo e a mais conservadora era justamente a que ele chamara de sardo-central. Para esse mestre, o nuorês era o "dialetto il più arcaico di tutta la România".³⁸

O sardo não é, portanto, apenas o logudorês como muitos linguistas insistem, mas o sardo central. Como não está fixado oficialmente, muitos dialectos disputam a primazia entre si, cada linguista considerandi o estudado dialecto como o melhor e o mais conservador...

Contudo, apesar do cuidado de alguns estudiosos do sardo, o logudorês para sempre passará por língua-padrão, mesmo porque nesse dialecto é que poetas do quilate de Mario Pinna escreveram. Para que se tenha uma idéia do sardo escrito, damos abaixo um dos mais belos poemas já escritos nessa língua, o "Cantigu de soldadu mortu" (em dialecto logudorês), devido a Mario Pinna:

De sos veranos mios de una olta
 alvures fioridos, umbra amena,
 lughe de campu in manzanas serenas,
 abba in trainu dae nies isolta,

pastores chi torrades a sa vena
 de su monte chi s'anima cunfortat,
 seras de abrule chi attiazis sas penas
 de amore, eo bos giamo a boghe morta.

Boghe 'e defuntu chi 'enit dae attesu,
 boghe 'e defuntu dae sutta terra,
 non giames plus sas dies chi sunt passadas.

Cando piseddu fio, s'aia intesu
 ite crudele giogu est sa ghera,
 non giamala a boghe sepultada.

A uma primeira vista, o sardo logudorês tal qual representado no poema acima, se assemelha muito ao corso, com uma exceção gritante: este forma o plural como as línguas românicas orientais e não como as ocidentais, mas o tratamento das vogais parece idêntico. No léxico, existe muita semelhança entre o sardo e o corso, a tal ponto que P. E. Guarnerio propôs uma classificação que unisse o sardo e o corso e defendeu a sua teoria no artigo "Il sardo e il còrso in una nuova classificazione delle lingue romanze" (in Archivio glottologico italiano, XVI 491 sgg.).

Mas foi Savj-Lopez quem defendeu um grupo linguístico sardo-corso como sistema linguístico independente.

Giulio Bertoni é do mesmo parecer de que existe um grupo linguístico sardo-corso.

Bertoni divide a Córsega em duas seções linguísticas:

1. Meridional ou ultramontana, e
2. Setentrional ou cismontana.

Adverte, porém, que

"il vero dialetto corso, parlato da circa due terzi della popolazione, è propriamente il cismontano, entro il quale si può distinguere il capo-corsino parlato nell'estremità settentrionale (nell'ant. provincia di Capo-Corso" - in "Italia dialettale", p.147.

E afirma que existem caracteres pelos quais se pode dizer que o dialetto ultramontano pode ser ligado ao sardo, constituindo com isso um novo grupo de falares românicos.

Mostra a sobejas pontos de ligação entre o logudorês e campidanês e os dialectos corsos meridionais, e conclui que existem entre ambos os grupos "particolari affinità".³⁹ Depois estuda aspectos do corso vero ou cismontano com os dialectos sardos, concluindo que chamar ao grupo linguístico de sardo-corso não é mais do que tentar nova classificação, e não uma denominação arbitrária.

Em anos recentes, o corso foi considerado langue régionale e protegido pelo Governo francês, incentivado como língua literária da parte da população que ainda o fala.

Os linguistas mais conservadores o consideram um dialecto toscano, mas uma nova ortografia e o uso literário de formas dialectais mostraram que a inteligibilidade já não é assim tão simples para quem fala o italiano-padrão. Fonologicamente, o corso se distancia cada vez mais do italiano. De modo curioso, quando os nacionalistas corsos se voltam contra o domínio francês, afirmam a proximidade do corso e do italiano, frisando mesmo que a influência da cultura italiana foi fortíssima e que há um dialecto próprio, mas que o povo busca a seiva da língua e da cultura italianas. Escreve Mario Monterisi na sua "Storia di Corsica - dalle origini ai giorni nostri"⁴⁰:

"Benché l'istruzione non vi fosse mai stata molto diffusa, l'influsso della cultura italiana fu sempre potentissimo e contribuì a creare nei fieri Còrsi l'amore al bello e l'inclinazione alle arti ed alla poesia, il gusto dell'eloquenza.

Niccolò Tommaseo, nella sua raccolta di canti popolari còrsi, parlando del dialetto, dice: "Lingua che nel popolo serba ancora modi schietti e potenti che rammentano la parola di Dino e il verso di Dante" - in op. cit. p. 18.

Mas quando os escritores corsos serenam e se voltam às belas letras, ao esplendor de sua bela ilha, eles já não falam de uma influência italiana, mas de uma língua corsa, unicamente corsa, que neles existe aquilo que venho chamando de sentimento linguístico nacional, que vence qualquer obstáculo e que defende erga omnes a sua língua ou dialecto.

É o caso de Petru Santu Leca, que foi co-diretor do "Annu Corsu", onde publicou os seus melhores poemas.

Um de seus mais conhecidos poemas, por sinal, é chamado de língua corsa e dedicado a Paulu Arrighi e que começa:

"A chi ghjova di scrive in lingua corsa?

Chi pudaria capilla un sà leghje.

A centu si tu vantì la so forza,

Par statti à sente unu s'arregghje.

Ma si tu dici dopu ch'ella è dolce

Cume un calà di sole in la furesta,

O cume un cantu tristu à bassa voce,

Allora in giru à te più nimu resta.

Di parlà corsu ormai s'è persu l'usu.

Sò dighjà morte tante cose care!

E, duva andati sò la rocca e u fusu

Si n'andrà la lingua, à ciò chi pare.

E por aí vai defendendo o uso e o cultivo de sua língua, que falada normalmente já não o é entendida por aqueles que falam o italiano, o que põe em cheque o problema da inteligibilidade, a que se apegam tantos linguistas que insistem em considerar o corso mero dialecto toscano.

Como no caso do moldávio, o corso, saído do grupo dialectal toscano dele se afasta com o passar dos anos e apresenta as seguintes características:

1. Considerado langue régionale em um departamento onde co-existe com outra língua, oficial em país de multiplices línguas;
2. O governo francês reconhece que existe une langue corse, fá-la ensinar nas escolas primárias e permite que circulem revistas e jornais;
3. É o veículo de comunicação cotidiana entre os ilhéus não afrançesados e a língua única entre os habitantes do interior da ilha;
4. É a língua literária de uma boa parte dos intelectuais da ilha;
5. Distancia-se mais e mais do toscano através de uma grande fragmentação dialectal e de uma ortografia bem distinta da da língua italiana;
6. A inteligibilidade é menor hoje, devido aos aportes estrangeiros, influências da língua oficial (o francês) e a um isolamento das comunidades ilhoas;
7. Existe um firme sentimento linguístico corso que lutou para que o dialecto fosse reconhecido pelas autoridades francesas;
8. A Córsega é uma entidade aparte dentro de um Estado plur-étnico e plurilingual.

Não há, portanto, porque não ligar o corso ao sardo formando um grupo linguístico que se chamaria sardo-corso, um primeiro passa à autonomia linguística que, um dia, virá.

Quando se falar pois do sardo não basta dizer o que F. Stolz, A. Debrunner e W.P. Schmid disseram na sua "Geschichte der lateinischen Sprache"⁴²

"Aber deutlicher fassbar sind die Wirkungen der kussseren Schicksale der einzelnen Gegenden nach der Romanisierung: Das Logudoresische in Zentral sardinien ist offenbar fruehzeit nur noch in schwacher Verbindung mit den übrigen romanischen Sprachen gewesen" - op. cit. pag. 126.

Há muito mais que isso. Há bem mais do que o logudorês apenas mas um grupo linguístico que explica muita coisa para a România.

5.5.2. O grupo linguístico galo-italico, uma entrada necessária.

Paolo Savj-Lopez no seu livro "Le Origini Neolatine" dá acolhida especial ao grupo dialectal, como ele chama, galo-italico e que incluiria os falares do Piemonte, da Lombardia, da Emilia e da Ligúria e seus muitos dialectos e semi-dialectos. Entre todos esses dois existem que são escritos de longa data e contam com regular produção literária, o milanês e o romanholo, sem falar no turinês que teve seus momentos de esplendor literário.

Pela própria geografia, esses dialectos galo-italicos estão a meio caminho do franco-provençal e dos falares italianos e ladinos. A influência dos falares franco-provençais é patente em dialectos como o piemontês de Aosta que, politicamente, também fez parte da França e foi sempre área de disputa política e muita inter-influência linguística.

O grupo linguístico galo-italico participa dos caracteres específicos dos falares franco-provençais e dos ladinos e não apresenta uma unidade linguística como os diversos falares provençais, por exemplo, e a sua feição literária é fragmentária, não obstante o essor literário do milanês, o do turinês e o do romanholo. Só o milanês deu ao mundo um grande poeta, Carlo Porta e, em genovês, houve o nome de Edoardo Firpo, mas que não chegou a ter a repercussão de Porta, não obstante traduzido ao italiano e comentado e elogiado pelos bons críticos literários daquele país.

Monteverdi, que faz referência a um sistema linguístico a que chama de Italo-România, chama o grupo italo-gálico ou galo-italico de alto-italiano, em uma influência da romanística alemã e uma alusão à posição bem ao norte da Itália.

Seja como for, o grupo linguístico galo-italico pertence às línguas românicas do Oriente, faz o plural como o italiano e o romeno, conserva as surdas intervocálicas, nasaliza menos que o franco-provençal, mas no léxico essa distância é bem menor.

Mas esse grupo linguístico, que preferimos chamar de galo-italico, seguindo a denominação dada pelo grande e nunca assaz elogiado romanista Ascoli, o sábio a quem tanto a Romanística deve pelos seus profundos estudos sobre as línguas reto-romanches, sobre o ladino e tantas mais, não tem merecido a devida atenção dos linguistas.

Foi Meyer-Lübke quem deu "una descrizione dei dialetti italiani, fatta con intento sistematico", na sua "Italienische Grammatik", como ensina Giulio Bertoni no livro "Italia Dialettale", anteriormente citado.⁴³

Contudo a glória dessa divisão cabe a Ascoli: foi ele o sábio de gênio, quem alertou para a existência de marcados grupos dialectais na Itália e para um grupo intermédio, que é o galo-italico.

Giulio Bertoni faz justiça a Ascoli quando escreve:

"Un aureo schizzo, sobrio ed elegante, dei dialetti italiani è stato dato, sin dal 1882, dall'Ascoli nel volume VIII dell'Archivio glottologico italiano (pp.98-128) in un articolo divenuto giustamente celebre e intitolato "Italia dialettale". A questo titolo ci siamo ispirati per il nostro volume, quasi a testimoniare che la via da noi percorsa è, in fondo, quella medesima indicata dal genio dell'Ascoli" - in "Italia Dialettale", p. 199.

E adiante confirma que:

"I dialetti, che chiamo italo-gallo-ladini, sono quelli che l'Ascoli ha designati con la formula gallo-italici" - ibidem p. 203. Grifos nossos.

De qualquer modo, existe um grupo linguístico bem definido e que se não parece com os demais dialectos italianos, que servem como intermédio entre o franco-provençal e o italiano, e que tem muito do ladino, não resta a menor dúvida, mas que se não confunde com este.

Preferimos, pois, manter a denominação dada por Ascoli e que é, também, a que Dauzat adota, ao acentuar a existência desse grupo independente que se segue ao franco-provençal, como diz em "L'Europe Linguistique":

"Il faut rapprocher de ces deux groupes les dialectes gallo-italiens, qui occupent le nord-ouest de l'Italie (dialectes piémontais, lombards, liguriens) et qui offrent des caractères phonétiques analogues, auxquels il faut joindre le changement de ou (prononciation latine de l'u) en u: pour le rhéto-roman, ce phénomène ne se présente que dans l'ouest du groupe (romanche, où le son aboutit parfois à i - comme en gallois. - et ouest du Trentin" - op. cit. p. 55.

Mesmo que linguistas famosos como Hans Krahe, Heinz F. Wendt, Stolz, Debrunner e outros não tenham incluído o grupo linguístico galo-italico como um dos grupos que formam a România, em posição autónoma, desde Ascoli e Meyer-Lübke essa tendência vem-se arrastando e já é tempo de o incluirmos, com o que ganham as línguas românicas.

O antemencionado Giulio Bertoni, que mostrou os traços principais do grupo linguístico galo-italico, é insistente em dizer que existe uma autonomia linguística a que uma variegada literatura regional pode ajudar para que assuma o lugar de língua.

As características fonéticas principais, detidamente estudadas por Bertoni como a palatalização da vogal â, alterações condicionadas de â, casos de metafonese, palatalização da vogal y, desenvolvimento ô latino em u, influxo de l sobre a tônica, encontros de vogais, vogais átonas finais (sobre este fenômeno, Bartoli lembra que é um "fenomeno caratteristico, che abbraccia, in linea generale, la maggior parte del sistema italo-gallo-ladino è la caduta di ogni vocale finale, salvo -a", entre outros fenômenos), vogais átonas não finais, ingerência da vogal tônica sobre a vogal final, a nasalização, a simplificação das consoantes geminadas, o tratamento das consoantes simples intervocálicas, espécies de ç e g, rotacismo de -l em algumas seções do sistema e sucessivo desaparecimento em outras, desenvolvimento de l + consoante, o grupo gt, a conservação em determinados casos de -s, pronomes pessoais incorporados a formas verbais, desinência da 1.ª pessoa singular no presente indicativo, condicional em -ove, gerúndio em -an do, são algumas de suas características que lhe dão bastante autonomia vis-à-vis outros dialectos italianos e fazem com que olhemos o grupo linguístico como mais um dos grupos independentes românicos.

E são justamente esses dialectos, bastante separados do italiano, cuja inteligibilidade é de todo impossível sem um prévio estudo de alguns meses e que Bertoni como os dialectos italo-gallo-ladinos ao ensinar que

"Con la denominazione di "dialetti italo-gallo-ladini", intendiamo designare le parlate lombarde, piemontesi, liguri, emiliano-romagnole. Questa denominazione ci pare, più che suggerita, imposta dai rapporti che legano questi dialetti da un lato con il ladino, dall'altro con le parlate della Francia" - op. cit. p.55.

que pretendemos apresentar, em seu conjunto, como a fazer parte de um grupo linguístico especial na România, o galo-italico.

Apenas a título de curiosidade, para que se infira a distância do grupo galo-italico do italiano padrão e dos demais dialectos italianos, copiamos a seguir, dois sonetos, um em milanês e devido ao grande Carlo Porta e outro em romanholo, de autoria de Francesco Talanti.

45
 Texto em milanês:

I paroll....

I paroll d'on lenguagg, car sur Gorell,
 hin ona tavolozza de color,
 che ponn fà el quader brutt e el ponn fà bell,
 segond la maestria del pittor.

Senza idej, senza gust, senza on cervell

che regola i paroll in del descor,
tutt i lenguagg del mond hin come quell
che parla on sò umilisse servitor.

E sti idej, sto bon gust, già el savarà
che no hin privativa di paës,
ma di coo che gh'han felmma de studià:

tant l'è vera, che, in bocca de usciuria,
ei bellissem lenguagg di Sienès,
l'è el lenguagg pu cojon che mai ghe sia.

(Carlo Porta)

1 776-1 821.

46

E o texto em romanholo:

La nàsita d'Ròma.

Ròmolo e Rémo dōnca i s'alzè prèst
par fê, cōma avēn dèt, una zitè,
cun un palàz reël, ch'ul sa sōl Crèst
al mèla frēnch ch'u i gèt avnir a gustér.

Mò dōp e fò un mumēt par fêr e rēst:
al parēōn pri purèt, e Mōnt d'Pietè,
una culona par i manifèst,
e pu tant'ètri bēli antichitè.

E pu i faš'è dal ciè, cōm us custōma,
e ci casēn, ch'i srèb pu j istitùt
par cal bēl dōn ch'al vōr avé' e diplōma.

E a pinsēi! a fêr tōt sēnza un ajùt!
E acsè i vinciōn d'abril e nisë Rōma,
al zēncv dla sēra e trentasì minùt.

E, pois, uma entrada necessária a do grupo linguístico galo-italiano na relação das línguas românicas autônomas, precisando ele de ser mais estudado pelos romanistas do mundo inteiro de modo a se cultivar um campo que, lamentavelmente, vem sendo descurado, mas só que enriquece a România, pelos seus traços característicos.

5.5.3. O mapa geo-linguístico do reto-romanche e suas línguas independentes.

O mapa geo-linguístico do reto-romanche não é grande, mas sim fica terrivelmente comprimido entre o alemão, o italiano, o francês e, um pouco mais afastado, o serbo-croata e o esloveno. É fragmentário, como o grupo galo-italico.

Mas é bem distinto dos idiomas circunvizinhos da família latina e foram eles, esses idiomas chamados ora de reto-romanche, ora de rético, ou ainda de romanche e ladino, os que mais influência germânica receberam, seja no léxico, já de velha idade, seja na sua fonologia e até na sintaxe. O problema parece começar da própria denominação, que, só aos poucos, vai-se tornando uniformemente aceite, com a preferência ganha para a denominação reto-romanche ou reto-românica, como de uso entre os linguistas alemães (Hans Krahe, Stolz, Debrunner, Schmidt e Wendt) e de alguns franceses, entre eles Albert Dauzat, que fala de rhêto-roman ou ladin. Alguns ingleses entre eles Simeon Potter na sua "A Linguagem no Mundo Moderno"⁴⁷ prefere chamar o grupo todo de romanche ou reto-romano, ficando os linguistas italianos com a preferência por ladino para o grupo todo. O americano Ronald W. Langacker no seu livro "Language and its Structure - Some Fundamental Linguistic Concepts"⁴⁸ segue a escola italiana e prefere chamar apenas de Ladin, sem qualquer alusão ao nome porque é conhecido dos romanistas alemães, ou seja reto-romanche, Rätoromanische.

Desde os dias de Ascoli, que deu posição destacada na România ao grupo reto-romanche, os romanistas vêm-se preocupando não mais em negá-lo, o que é impossível, mas em forjar uma unidade que jamais existiu. As vezes, dominados por um critério eminentemente político, querem ver bem diferente do que é aquela miríade de idiomas mais ou menos separados entre si: falam então de uma língua romanche ou ladina e seus dialectos. E a confusão começa aí.

As línguas réticas, como as chama Silvio Elia na sua "Preparação à Linguística Românica"⁴⁹ se dividem em três grandes grupos: o ocidental, o central e o oriental.

O primeiro, encontra-se a sudeste da Suíça, no cantão dos Grisões e que ficou conhecido como romanche. São vários dialectos bastante distintos entre si e como as seguintes denominações:

1. Sursilvan
2. Sutsilvan
3. Surmiran
4. Ladino, propriamente dito ou engadinês que, por sua vez, se divide em engadinês alto e baixo; e
5. Ladino de Val Müstair.

Declarado em 1938 a quarta língua nacional da Suíça, Nationalsprache, e não Amtssprache, que seria a língua da administração, língua oficial, significando que as línguas da administração federal continuam a ser o alemão, a majoritária, o francês e o italiano, mas no cantão dos Grisons pode-se usar livremente o romanche em suas diferentes formas. Mas mesmo aí a predominância é a do ladino.

A questão mais importante é a da unidade linguística, que não existe e que o Estado, no intuito de evitar o surgimento de falsos regionalismos, ignorou, ao falar da língua reto-romanche, mas, ao mesmo tempo, com aplicando ainda mais a situação, não tentou forjar uma língua literária que atendesse a todos e sim permitiu que cada variante fosse a língua-padrão e literária no seu lugar e isso alerta Dauzat, não sem admiração:

"Mais les dialectes des Grisons (romanche), séparés en quatre groupes, n'ont pu s'accorder pour une langue littéraire; chaque type est enseigné dans les écoles de sa petite région: malgré un essai de renaissance littéraire, on conçoit que le nombre des personnes parlant ces dialectes aille en diminuant" - "L'Europe Linguistique", p. 54.

Dai que a Carta Magna do Cantão de Graubünden garante igual direito a todas as línguas ali faladas, que são o alemão, o italiano e duas formas distintas de romanche, o sursilvan e o engadinês e essa proteção data de 1794. Ora, com isso, o Estado reconhece duas línguas reto-romanches e não uma, o que vem complicar ainda mais as coisas.

Estimativas generosas dão o número de 50.000 falantes de línguas reto-romanches, que é por exemplo o número apresentado por Alexi Decurtins no seu estudo sobre "Il romontsch, in model per la sort da minoritads linguisticas e culturalas?"⁵⁰ Contudo, os falantes parece que diminuem de ano para ano, pois as novas gerações se bandeiam para o alemão, a grande língua de cultura e que apresenta maiores oportunidades no país e em outros países onde é falado, enquanto ficar preso a pequenos dialectos é manter-se isolado, segundo eles, esquecidos de que o uso do ladino ou do sursilvan ou qualquer outro dos dialectos reto-romanches é também uma porta aberta para o mundo latino e sua cultura milenar, sem que, nem por isso, devam ignorar a importância do alemão.

Depois, a fragmentação do reto-romanche, que Decurtins chama de variantes,⁵¹ é o que dificulta a sua manutenção e o seu aumento. Cada forma é bastante distinta uma da outra e a inteligibilidade na Grisonia muito escassa.

Do ponto de vista escrito, essas formas diferem muito e o linguista Martin Schkater na sua obra "J'apprends le Romanche, quatrième langue nationale",⁵² prefere estabelecer uma divisão mais didática, segundo a qual o grupo reto-romanche se divide em dois ramos:

1. O romanche engadinês ou ladino, que englobaria os dialectos da Alta e da Baixa Engadina, e o ladino de val Müstair;
2. O romanche renano que incluiria o sursilvan, no vale do Reno anterior; o sutsilvan, de Schams, Domleschg e o baixo vale do Reno anterior; e o surmiran em Oberhalbstein, Unterhalbstein e Bergün-Filisur.

Esse linguista faz referência a essa pluralidade de dialectos escritos, dando-lhes autonomia linguística uma vez que um dos critérios adotados é justamente esse da proteção e aceitação de determinado dialecto pelo Estado:

"Aujourd'hui, on compte dans les Grisons quatre langues écrites, englobant chacune plusieurs dialectes. Elles servent de base pour la rédaction de livres des classes primaires et secondaires" - op. cit. p.iv.

O romanche engadinês ou ladino é de maior desenvolvimento literário e aquele em que se publicam mais livros e periódicos e, segundo alguns linguistas, o que se acha mais próximo do italiano e do friulano, e o menos influenciado pelo alemão. Aliás, ele adota uma ortografia que o faz muito próximo do italiano escrito e de alguns dialectos galo-italícos. Vejamos, abaixo, pequeno texto de Jacques Guidon, extraído da antologia "Prosa Ruman-tscha":⁵³

"Che cha quai païsa, l'ajer. La gliend sül fuond chatscha il nas aint il tamfitsch, dschond tanter pèr cha, scha hoz l'ora nu giaja in gritta, schi mai pü. Un voul magliar ün pon fain, l'oter - sco'l solit il monch d'üna scua, schi nu vess propi brich da gnir. In gün nu'ls cuntradischa. Il tamfitsch schmacha süllas po vras ormas sco ün chavalgiant apocaliptic" - op. cit. p. 25.

Mas outros consideram o romontsch sursilvan a forma que mais se aproxima do italiano e a mais arcaizante, e aquela que apresenta os mais belos textos da Grisônia do ponto de vista do refinamento linguístico. Efetivamente, obras universais foram traduzidas ao sursilvano, como se pode ver da tradução de Donat Cadruvi do *Germançe* de André Gide "La Symphonie pastorale":

"La neiv che croda ad in curdar dapi treis dis ferma la via- Jeu haiel buca saviu serender a R... nua ch'jeu celebreschel dapi quendischns il survetsch divin duas gadas il meins. Oz endamaun ein mo trenta fideivels vegni ella caplutta de la Brévine.

Jeu viel seprofitar della peda ch'jeu haiel pervia
de quella fermonza sfurzada, per turnar anavos e
per raquintar co jeu haiel entschiet a s'occupar
de Gertrud" - in "La Sinfonia Pastorala".⁵⁴

Vê-se a uma simples leitura que, com um bom conhecimento do italiano e do francês é possível uma boa e quase completa compreensão do exto escrito sursilvano, o que nem sempre é possível de textos em sutsilvano e em surmirano, onde a influência dos dialectos suíço-alemães parece ter sido intensa e mais demorada. No surmirano, o consonantismo é mais acentuado que no sursilvano, por exemplo e um tratamento das palatais bem mais acentuado que nos outros idiomas romanches.

Todas essas formas de engadinês e romanche possuem bons escritores regionais e contam com traduções das boas obras universais, sobretudo as grandes obras de autores franceses.

Savj-Lopez chama o grupo de línguas ladinas, que incluiriam pois o engadinês ou ladino propriamente e o romanche, mas curiosamente ele prefere individualizar os dialectos romanches chamando-os de grisonês, e que não tem encontrado em outro romanista de peso. Vale apenas para manter maior diferença entre os famosos dois grupos que os linguistas suíços denominam de romanche engadinês e romanche renano.

Contudo, Savj-Lopez não dissimula a enorme disparidade que existe entre os dialectos ladinos e ensina que:

"I dialetti ladini sono sensibilmente diversi fra di loro. E non si ha da fare soltanto con differenze formatesi a poco a poco per gli scambi interni o per influssi estranei, ma bensì con differenze originarie. Quando si parla di 'ladino' o reto-romanzo, com'altri vuol chiamarlo - cioè romanzo della Rezia - si viene adunque a esprimere un'entità astratta - perchè quei dialetti non usciron mai dal frazionamento dialettale -: un complesso di varietà, oltre una ventina, taluna delle quali usata negli atti pubblici e in una scialba letteratura provinciale, legati fra loro solamente dall'affinità di certi caratteri comuni" - "Le origini neolatine", p. 225 e 226.

E mais abaixo:

"Nè le affinità sono sempre molto profonde: il vocabolario, per esempio, offre da distretto a distretto sensibili divergenze. E queste vengono ancor superate dalla discordanza fonetica: tanto che s'è potuto affermare da qualcuno non esistere positive caratteristiche fonetiche comuni per tutto il territorio reto-romanzo" - ibidem p. 226.

Talvez nenhum linguista tenha visto com tanta clareza a situação quanto Savj-Lopez, daí que ele só relutantemente aceita que se fale de um grupo linguístico, quando se poderiam falar de, pelo menos dois grupos distintos: três fazendo parte do sistema romanche engadinês e três do sistema romanche renano, tão diferentes eles são entre si.

Parece-nos, pois, incompreensível falar-se de uma língua reto-romanche, mas sim de um grupo linguístico a chamar-se grisonês que se dividiria em seis dialectos literários.

Esse grupo ocidental ficaria dentro do mapa geo-linguístico suíço, em contraposição com os outros dois grupos, o central e o oriental que já ficariam dentro do mapa geo-linguístico italiano, o primeiro no Tirol e o segundo no Friul.

O grupo central, é o que tem sofrido a maior pressão de outros idiomas de todo o vasto e complexo sistema linguístico reto-romanche: ele é falado por pouco mais de 12.000 pessoas, fica espremido entre as montanhas tirolezas, nos chamados Alpes Dolomíticos. De um lado, fica apertado entre o italiano e de outro o alemão, ambas línguas de grande cultura e possuindo ricas literaturas. Não gozam da proteção do Estado, que se preocupa mais com os dois idiomas internacionais e os próprios tirolezes abandonam-no rapidamente a favor seja do italiano, seja do alemão. O vocabulário está profundamente influenciado pelo alemão e por cima de tudo não constitui um falar uniforme: espalhando-se pelos vales do Trentino, à direita e à esquerda do Adige, ele ainda se divide em ocidental e oriental, fragmentado em diversos falares. Savj-Lopez enumera oito falares, o que causa verdadeira estupefação no romanista que, bem intencionado mas alheio à fragmentação dos dialectos reto-romanches, pensa tratar-se o tirolês de um idioma unitário que pudesse ser tratado literariamente como uma língua única e padrão.

O grupo oriental, o mais denso, o que conta com maior número de falantes e aquele que ocupa a maior extensão territorial que, no dizer de Savj-Lopez

"... dopo brevissima interruzione, si dilata a oriente verso la terza sezione, comprendente il Friuli dalle Alpi Carniche all'Adriatico, fino al bacino dell'Isonzo, con poche infiltrazioni o tedesche o venete" - op. cit. p. 225.

O friulano tem traços bem marcados e foi o que menos sofreu a influência alemã e mesmo o velho dialecto vêneto, de tradição literária há bons séculos, não conseguiu deixar-lhe marcas. O friulano está cerca- do do alemão, do eslovênio e do serbo-croata e do italiano oficial no Friul. O erudito D.F. Gregor no seu livro "Friulan, Language and Literature"⁵⁵, estima em 600.000 falantes de friulês, baseando-se em estimativas de 1959. Outros autores vão ainda mais longe e falam de um milhão de falantes, o que nos parece exagerado. A emigração é muito grande e os friuleses vão em busca de me

lhores oportunidades de trabalho, vão para a América do Sul especialmente a Argentina e para os Estados Unidos.

Mas se Gregor apresenta números tão elevados para o friulês, ele esquece o avanço, lento mas implacável do italiano e a saída de tantos filhos da região para outras partes do mundo. Aliás, esse linguista demonstra boa fé ao dar mais ou menos 23.000 falantes de tirolês, assim como afirmar que existe um bom número de falantes de friulano na Goritzia, a ponto de afirmar que "more Friulan is spoken in Gorizia than in Udine, because all the Slovenes of the area speak it, whereas few Gorizians speak Slovene".⁵⁶ Sabe-se que, com o incentivo às culturas e línguas regionais na federação iugo-eslava, o esloveno tem sido muito cultivado e nele se desenvolve presentemente uma rica literatura.

Também o friulano não é uma língua homogênea e conta com uma literatura regional muito boa, de poetas e prosadores e alguma coisa de teatro. O friulês tem uma velha história e Gregor ensina que

"Thus by the tenth century there had evolved in "Friuli" a unique form of Romance, owed to a unique set of circumstances. There was obviously never a single, homogeneous Ladin language. If Friulan is akin to Raeto-Romantsch dialects, it is because, like them, it was spoken by once Latin-speaking Celtic mountain-dwellers; if it is independent of them, it is because its parents were earlier forms of Latin" - "Friulan - Language and Literature", p. 26.

A história da língua friulesa remonta pois ao séc. X e isso a coloca entre as mais velhas da România. Gregor cita documentos que vão ao século XIII, até baladas e cantos à moda provençal da primeira metade do século XIV, para finalizar pudicamente, bem à inglesa, por condenar um soneto, too licentious for publication, "Ela four del nuestri chiamp", como mostra dessa literatura provençalesca. No século XV apenas uma insignificante frottola, que é uma espécie de madrigal, aparece como exemplo dessa literatura regional. Mas, lembra o eudito britânico,⁵⁷ do século XVII em diante, em Udine sobretudo, forma-se "a literary coterie for the practice of Friulan poetry". No século XIX surgem bons poetas e prosadores que aprimoram a língua literária friulana, espolham-lhe os plebeísmos, fazem-na mais leve e harmoniosa até chegar aos nossos dias, quando os poetas friulanos se esforçam em modernizar a literatura da terra natal e, comenta com ironia Gregor

"The new poets, determined to show that Friulan could reflect modern trends, including incomprehensibility (the "hermetic") as successfully as any language, continued none the less to find inspiration in Friuli itself" - op. cit. p.51.

Apesar da crescente influência do idioma oficial, há no Friul, diferentemente do Tirol, um certo orgulho dos seus filhos em utilizarem a sua língua e, mais interessante, nenhum deles se lhe refere como um dialecto, mas como a língua friulana. Aliás, um dos grandes poetas regionais que foi G. Malattia, segundo Gregor,⁵⁸ escreveu um longo poema em que o próprio título é já uma pergunta que inquieta a muitos friuleses: "Al Furlan èsel len ga o Dialet?" E o linguista citado se faz essa pergunta e reconhece que é difícil responder. Mas tudo o que ele demonstra no correr do livro, as obras citadas, os critérios adotados, tudo levaria a considerar o friulês como um verdadeiro idioma separado e que não se quadraria bem incluir entre aquele grupo que se chama arbitrariamente de língua reto-romanche. Aparentada sim, mas não simples parte dela.

Heinz F. Wendt apresenta uma outra divisão, com denominação bem específica e que mereceria maiores estudos e reflexões. Ele propõe que para as línguas que se falam na Suíça, ou rético ocidental, chamemo-lo(s) Graubündnerisch ou Rumauntsch, ou seja grisonês e romanche; para o rético central, que Savj-Lopez chama de tridentino, ele sugere o de Ladinische e finalmente, bastante separado dos dois anteriores, o Friaulische, ou friulês.

Eis o que ele escreve:

"... ferner das Rätoromanische mit den Dialektgruppen Westrätisch oder Graubündnerisch oder Rumauntsch (40.000, es ist seit 1938 vierte Landessprache in der Schweiz), das Mittelrätische oder Ladinische in Südtirol (17.000) und das Friaulische in Italien (1/2 Mill.)" - in "Sprachen", p.241.

Existem ainda os que querem à fina força considerar o friulano como um dialecto italiano, mas a moderna linguística discorda, e mesmo já Savj-Lopez, com a sua imensa visão linguística, ao escrever o seu livro mais famoso, rebatia essa tendência ultraconservadora que o quer ligar aos dialectos galo-italícos. O simples afastamento da fronteira oriental, palpável na existência do plural em s, própria do domínio ocidental, põe por terra a teoria dos que querem ver o friulano jungido aos galo-italícos, mas o aproxima da Récia, às vezes até muito como podemos comparar do poema de Andri Peer, escrito em romanche da Engadina Baixa e traduzido por Agnul di Spere⁵⁹:

Favrer

Las vias inglatschadas
e naiv aint ils 8gls.
Gnond our da porta,
büttast inavo teis chavels
cun Una ramanada dal cheu
ch' "una vampa choda

am va tras e tras.

Ais quai teiis mûd da'm salûdar,
chavalla?

Texto friulano:

Fevrar

Las vies inglâçades
e nêf tai vôi.

Lant fòur de puarte
tu butis indaûr i cjavêi
cun tune sgorlade dal cjâf
che une bampe cjalde
a mi va fòur par fòur.

Isal chest il tû mût di saludâmi,
cjavale?

Assim, ao invêz de falarmos de uma língua reto-romanche, proporí-
amos, estribando-nos nos autores citados que defendem a independência des-
ses grupos linguísticos, três grupos linguísticos distintos com seus respec-
tivos dialectos literários:

1. Grisonês ou rético ocidentâl ou romanche engadinês; romanche;
2. Tirolês ou rético central ou grupo linguístico tridentino; ou
ladino; e
3. Grupo linguístico friulês ou friulano.

Todos com as suas formas literárias ou dialectos literários.

5.5.4. O francês, a grande língua românica da Civilização Ocidental.

E a mais importante língua norte-occidental da primeira classifica-
ção das línguas românicas, a de Diez, uma das mais importantes que se falam
no mundo e, por longos e longos anos a grande língua franca, o veículo lite-
rário por excelência da Civilização Ocidental.

Como hoje o inglês, em tempos passados, o francês era a segunda
língua de toda pessoa culta, de todo viajante, de todo diplomata. Todo ho-
mem culto tinha duas línguas: a sua e o francês. Muitas cortes só usavam o
francês em seus momentos de pompa e luxo e houve momentos em que o francês,
refinado, chique, aristocrático, chegou a suplanar a língua nacional como

na corte de São Petersburgo, onde não apenas o czar e a Família Imperial falavam comumente o francês com a nobreza russa e, *c'est ridicule!* até entre si mesmos. Literatos do mundo inteiro pelo menos uma vez na vida escreviam cartas ou poetavam em francês e houve mesmo aqueles que abandonaram a própria língua pela língua que irradia luz e finesse desde Paris.

Mas o francês não é apenas a mais radiante língua românica, aquela que mais influência teria na vida literária ocidental, e sim aquela que apresenta os primeiros textos escritos, mal saída do seu período românico e já, aos poucos, encaminhando-se para tornar-se uma língua literária com a "*Chanson de Roland*", que Savj-Lopez chama de "*il più splendido poema dell'antica letteratura francese*",⁶⁰ composto no século XI por autor desconhecido. Com esse poema "*è assicurato il trionfo della lingua d'oïl*",⁶¹ comenta esse linguista.

O território que hoje conhecemos por França foi, desde priacas eras, um fervilhante laboratório linguístico, onde se encontravam línguas célticas, germânicas, latinas e ainda hoje falam-se ali o bretão, o flamengo, dialectos alemães dos quais o alsaciano é dos mais importantes, possuindo mesmo pequena literatura regional, o basco, as línguas d'oc, o corso, o catalão, os dialectos franco-provençais e outros além do francês, que continua a exercer um papel unificador, língua franca em um país plurilingual.

Inicialmente o dialecto de Paris, e da ilha de França, o francien, as suas origens literárias não foram das mais brilhantes e não podiam compor-se a outros dialectos d'oïl como o normando em que está vazado o poema de Rolando, o champenois, o picardo. Mas gozou da proteção oficial e, no momento em que a dinastia capetiana se instala em Paris, ela muda a fortuna do dialecto. Paris torna-se uma cidade grande, que se expande, de prestígio por albergar o rei e a Corte e já no fim do século XIII Paris se torna "*un foyer intellectuel*", para Dauzat.⁶¹ Com o edito de Villers-Cotterets, de 1539, que elimina o francês e os demais dialectos do uso administrativo, o francês passa a ser a língua administrativa e judiciária de todas as possessões reais.

Se só tarde ele se torna a língua oficial, os mais antigos textos romances, embrião das novas línguas, são os franceses, a partir dos "*Serments de Strasbourg*", que datam de 842 e são redigidos em picardo.

Caracteriza-se o francês por uma acentuada tendência ao monossilabismo, assim como pelo desenvolvimento dos derivados e de numerosos empréstimos ao latim erudito.

Igualmente não aceita nenhuma vogal sonora após o acento, que, por sinal, perdeu em intensidade e em musicalidade. O acento de palavra dá lugar ao acento de frase e o *e* mudo, que desaparece com frequência na pronúncia, contribui muito particularmente para a harmonia do francês e, comenta ainda Albert Dauzat sobre a beleza e precisão do seu idioma:

"Le bon français est prononcé avec netteté. Le caractère logique et bien construit des phrases, où les mots-outils (article, prépositions et autres particu-

les) jouent un rôle de précision, lui a donné cette clarté qui lui est depuis longtemps reconnue" - "L'Europe Linguistique", p. 59.

Mas a admiração pela beleza da língua francesa não fica adstrita aos filológicos que sofreram a influência linguística e cultural de Paris. Os alemães, que disputam aos franceses a clareza, uma pseudoclaridade sem igual e que os tornaria poetas e filósofos por excelência, que defendem uma logicidade muito grande para a sua língua alemã, são unânimes em considerar o francês uma das línguas mais perfeitas e mais policiadas que se falam no mundo, em um conceito que se forçosamente refoge à linguística, se apegando à filologia. Poderíamos citar muitos autores, mas preferimos um linguista, o que vimos citando amudadas vezes no curso deste ensaio, Heinz F. Wendt no seu nunca assaz elogiado livro "Sprachen". Ele tece comentários sobre a estética da língua francesa e dedica muitas páginas a estudar a estrutura linguística do francês, desde a sua ortografia às questões de "heutigen französischen Vokalphoneme",⁶² problemas do Akzent, em que se detém longamente, à morfologia, para terminar, como bom erudito alemão, na filosofia da língua e tem então estas observações que, acreditamos, merecem detida leitura e reflexão:

"Eine ästhetische Wertung dieser Sprache, die strukturell einen Typus ganz eigener Art zeigt und in dieser Hinsicht - konnte man ihre Geschichte nicht - sicher mit manchen Sudansprachen verglichen worden wäre, mag wegen ihres Rufs und ihrer Verbreitung hier angebracht sein. Es ist kein Zweifel: Die grosse Anzahl scharf umrissener Oral- und Nasalvokale; der Wechsel zwischen diesen Vokalen und gut ausgeprägten Konsonanten, der einen leichten Fluss der einfach gebauten Silben bewirkt, die Möglichkeit, die Silben durch den allein herrschenden subjektiven Akzent sowie durch Länge der Vokale hervorzuheben, machen das Französische zu einem von allen Völkern anerkannten sprachlichen Klangwunder" - op. cit. p. 253, sendo nossos os grifos.

Os catalães têm um provérbio, altamente orgulhoso, que diz "parlar clar i català", mas, para nós formados em parte na cultura de França e sua língua, o provérbio deveria ser ligeiramente: Falar claro e francês.

Contudo, o francês é fruto da persistente atenção da Academia Francesa, que, procedendo em parte como um gendarme, zela pelo aspecto estético dessa língua que, do ponto de vista escrito, permanece monolítica, firme, rígida e ao mesmo tempo extremamente bela e quase hierática e, no mo-

mento em que deixamos algumas linhas sobre o francês em uma tentativa de nova classificação, não podemos deixar de registrar a nossa admiração pelo muito que, através dele, pudemos alcançar no campo da estética literária e dos estudos gerais.

Como a Itália, a França tem muitos dialectos, alguns levemente diferenciados e que possuem velhas tradições literárias, como é o caso do picardo, isso sem falar do normando que nos deu o mais belo poema épico da langue d'oïl, que é a prefalada "Chanson de Roland". Quantas belas obras literárias foram publicadas em dialectos franceses e, mesmo com o avanço esmagador do francês, os dialectos ainda teimavam em manter uma certa independência literária.

Curiosamente, se a unidade política da França é das mais antigas na Europa, preparada desde o século XIII de Felipe Augusto a São Luís, efetiva no fim do século XV com Luís XI e realmente completada e aperfeiçoada sob o reinado de Francisco I, que dá início a uma centralização que prosseguiria pelos séculos em fora, a unidade linguística veio mais tarde. Somente depois da Ordonnance de 1539 é que o francês passa a imperar por todos os chamados territórios da coroa, com reservas para a Alsácia depois de reunião com a França em 1648. Eliminou-se o latim por decreto, diferentemente de outros países, onde ele foi desaparecendo pela força do romance, que, do povo foi passando aos letrados e intelectuais. E por que isso, se a França é o país de língua neolatina que apresenta os primeiros textos escritos em romance?

Isso porque a França era, como ainda o é, um cadinho de povos, costumes, tradições e línguas e todas essas línguas cultivadas com mais ou menos intensidade. A criação de feudos e ducados e marquesados em terras de línguas pertencentes a outros grupos neolatinos, como os franco-provençais e os provençais, por exemplo, era um forte impedimento para que existisse uma só língua unificadora, como aconteceu em Portugal antes de França e mesmo a Espanha. Só a firmeza de um soberano, Luís XIV, que obrigou os estados bearneses a pôr todos os atos públicos em francês terminou por consagrar o francês como língua de uma grande nação plurilingual. Mas como as línguas e dialectos de França tinham tradição literária - e nisso a França se avantajava a tantos países no mundo inteiro, levando a tocha da cultura e da liberdade de expressão acima dos outros países europeus - o Governo permitiu sempre que houvesse uma certa liberdade literária nas diferentes terras e regiões da França, inclusive autorizando os padres a pregar e ensinar o catecismo no dialecto ou idioma do lugar, ao mesmo tempo em que o francês tomava terreno como língua administrativa e oficial. Foi uma medida extremamente inteligente que permitiu, ao mesmo tempo, o crescimento do idioma centralizador e oficial, e o não-desaparecimento dos dialectos literários que existiam mesmo antes de o francês ser a langue de l'Etat. O frances destarte tornava-se língua oficial, mas não exterminava os outros dialectos e idiomas regionais, admirável posição que até hoje continua.

O francês tem muitos dialectos e segundo L. Homburger no seu "Le Langage et les Langues",⁶³ reconheciam-se quatro dialectos principais antigamente: o burguinhão, o normando, o picardo e o do centro, que viria transformar-se no francês literário. Os trovadores que poetavam em langue d'oïl, faziam-no em santongês, angevino, lorenês, poitevino, e reconheciam ainda o wallon ou valão como dos mais importantes. Aliás, o wallon, que ainda se ouve na Bélgica, chegou a ter bom movimento literário, com muitas poesias e contos populares e, inclusive, um teatro local. Fica bem ao norte apertado entre o flamengo, o alemão o lorenense. Existe ainda um grupo de dialectos no Condado Franco.

A França com uma população total de 54.273.200 habitantes (estimativa de 1982), descontando-se os estrangeiros que lá vivem e alguns representantes de minorias linguísticas que falam unicamente os seus idiomas e dialectos, conta com mais ou menos cinquenta milhões de francófalantes, sabendo-se que, hoje em dia, a língua oficial se introduziu mesmo nas mais distantes vilas e aldeias de regiões onde se falam outras línguas. Apenas na Alsácia e na Lorena havia nativos que, franceses por várias gerações, só falavam os seus dialectos franconianos e suábios, ou o alemão, enquanto o francês, por descuido das autoridades de Paris, ficava relegado a segundo plano. A situação mudou e o bilinguismo e mesmo o trilinguismo foi estimulado nessas regiões tão apegadas à França quanto qualquer outra região tradicionalmente francesa. A Alsácia e a Lorena formam um dos mais bonitos capítulos da moderna história da França pela tenacidade com que defenderam o seu francesismo não obstante de etnia germânica e dialectos germânicos.

Acontece que o francês não é falado apenas em França.

É uma das línguas oficiais mais difundidas do mundo. Na Europa, o Luxemburgo, o Principado de Mônaco, a Bélgica, a Suíça têm o francês como língua única ou uma das línguas oficiais. O Canadá e o Haiti têm o francês como língua oficial, àquele lado a lado com o inglês. Todas as ex-colônias e territórios que pertenceram outrora ao vasto império colonial francês, adotaram a sua língua como língua da administração, língua oficial junto a uma outra língua ou língua franca em países onde a fragmentação linguística assume proporções assustadoras. E ainda uma das línguas de cultura de outros Estados na Ásia e que estiveram sob domínio francês, mas não se tem um número correto de pessoas que têm o francês como língua única, principal ou secundária. Tomemos apenas dois exemplos: o Senegal e o Djibúti, ambos tendo o francês como língua oficial. Acontece que, naquele país da costa ocidental africana, a língua mais difundida é o wolof, que é falado pela imensa maioria da população e que serve de língua franca. Apenas nas cidades principais o bilinguismo está amplamente difundido, enquanto nas mais remotas aldeias do interior fala-se o wolof ao lado de outro idioma ou dialecto africano. No Djibúti, a situação parece ainda mais séria: apesar da longa dominação francesa as duas principais etnias do país, os issas e os afars continuaram a usar sempre os seus dialectos semíticos e camíticos e têm no árabe uma espécie de língua de con-

tacto. Saindo-se da capital e do contacto com a gente urbana, poucos falam ou entendem o francês. É preciso, portanto, muito cuidado para que não nos deixemos enganar por números ilusórios: nem sempre a população total de um país corresponde ao número de francófonos.

Como toda grande língua de cultura, o francês exerce, naturalmente, forte pressão sobre os idiomas de pequena extensão que se encontram nos domínios por ele abrangidos. Mesmo que exista uma legislação que proteja as línguas de minoria em França, essas têm cedido à pressão francesa. Diminui de ano para ano o número de falantes de corso, de catalão, de provençal, de bretão, de basco, de flamengo, lembra Dauzat, o que é de uma pena. É verdade que tem havido nos últimos anos o renascer de um forte regionalismo, a publicação de livros, jornais e revistas nas línguas regionais tem sido estimulada, e as diversas universidades locais abrem departamentos para o ensino dessas línguas e mais do que nunca elas foram olhadas com respeito pelos linguistas e encaradas com orgulho pelos seus falantes nativos, mas a busca de maiores oportunidades e uma má interpretação dos que praticam o bilinguismo ou o trilinguismo, de que é melhor bem dominar a língua oficial do que preocupar-se com um dialecto ou uma língua cujo alcance não vai além das estreitas fronteiras natais, faz com que as novas gerações abandonem a língua que aprenderam em criança e fiquem apenas com o francês. O autor teve oportunidade de conversar com velhos do sul da França, que tinham o provençal como língua materna (alguns, interessadamente, disseram que falavam como língua primária o occitano, tanto era forte neles essa designação regional politizada e polêmica), mas que evitavam falar com os filhos nela. Outros, chegavam a proibir os filhos menores de usar o seu dialecto. Só uns mais enfiados nas belezas literárias de seus velhos idiomas, estimulavam seus filhos a fazerem o mesmo. Ante a surpresa do autor que não podia entender como, em uma densa área de dialectos provençais, só as pessoas de certa idade eram capazes de falá-lo fluentemente, respondiam que desejavam melhores oportunidades para os filhos... Fenômeno igual vem ocorrendo nos High Lands, na Escócia, em Gales, na Irlanda, não obstante a tenaz defesa dos amantes das línguas célticas ali.

Dauzat observou esse fenômeno na Itália e escreveu com muita lástima que via pessoas abandonarem os seus dialectos em favor do italiano acreditando que, com isso, ascendiam cultural e socialmente, uma concepção distorcida do bilinguismo, mesmo se, como ele finaliza, "la vitalité sociale des dialectes a été plus longue en Italie qu'en France, parce que l'unité politique a été constituée plus tard".⁶⁴

Os patois cedem lugar em França mas isso não quer dizer que eles estejam a morrer. Uma campanha bem feita pelos patoisants, pelos regionalistas pode evitar que desapareçam, mas convivam lado a lado com os idiomas regionais e com o francês. Por que não?

Nos muitos países onde o francês é a língua oficial, mas não a majoritária, é difícil prever o seu futuro: em alguns, como no Burundi, cedeu, mas se implantou em outros, como na Costa do Marfim.

5.5.5. Um grupo linguístico em choque: o franco-provençal.

Apesar dos excelentes estudos de G.I. Ascoli nos seus "Schizzi Franco-Provenzali", que consagrou o franco-provençal como um grupo linguístico intermédio, ele ainda não está plenamente aceite por todos os linguistas que se têm preocupado da classificação das línguas românicas.

Friedrich Diez ignorou-o na sua "Grammatik der romanischen Sprachen", como ensina Sílvio Elia. O grande Meyer-Lübke, de quem derivam todos os estudos classificatórios, fala do franco-provençal, que chama de francos sul-oriental, mas prefere incluí-lo no domínio do francês.

Autores mais modernos, inclusive os alemães, também o ignoram e o tantas vezes citado Heinz F. Wendt passa por alto, ele que teve o cuidado de separar os grandes grupos reto-romanches, com muito poucos tinham feito antes. O britânico Simeon Potter na sua obra "A Linguagem no Mundo Moderno"⁶⁵ e que já foi aqui objeto de referência, não faz também qualquer menção ao franco-provençal. Hans Krahe, F. Stolz, A. Debrunner e W.P. Schmid, que haviam dado boas classificações, por nós comentadas em capítulos anteriores, ignoram o franco-provençal. Até linguistas que primaram pela minúcia como L. Homburger, dos raros que estabelecem profundas divisões entre as línguas reto-romanches, e Langacker e o recentíssimo John Lyons, ignoraram o franco-provençal.

Qual o motivo?

Três motivos principais poderiam ser apontados:

1. O franco-provençal é profundamente fragmentário, bem mais do que o reto-romanche, ainda que possua traços comuns entre si bem marcantes, como acentua Savj-Lopez, apoiando-se em Ascoli;

2. Além da fragmentação linguística da zona dominada pelos dialectos franco-provençais, ele mudam muito. Está certo que Lyons no seu livro "Linguagem e Linguística,"⁶⁶ adverte que

"As línguas mudam mais rapidamente em alguns períodos do que em outros. Até as línguas literárias mudam no decorrer do tempo" - op. cit. p. 174.

Ora, o franco-provençal vive pressionado entre o francês e os diversos dialectos d'oc. Os seus falantes mais e mais cedem ao influxo do francês e como que sentem vergonha de manter em pleno uso esses dialectos que lembram uma vida rural, uma conotação que lhes não parece boa, e os deixam pelo francês;

3. Os dialectos franco-provençais são escassa ou quase ~~na~~ da escritos, salvo manifestações esporádicas e diletantes.

Diez e os demais têm dado preferência nas suas classificações aos idiomas que contam com uma literatura, por menor que seja e inexpressiva. É um dos critérios mais seguidos.

Mas o mais interessante mesmo é que a linguística soviética, em geral tão aberta e receptiva à autonomia linguística de falares regionais, também parece ignorar o franco-provençal no momento em que classifica as línguas românicas. G. Stépanov no seu ensaio sobre "La Linguistique Externe dans ses Relations avec les Structures Internes"⁶⁷ que não hesitou em incluir na sua classificação o galego e o moldavo, não incluiu o franco-provençal o que causa certa surpresa, já que ele critica os linguistas tradicionalistas como Don Ramón Menéndez Pidal, um linguista-filólogo pela sua posição, justamente ele que frisara enfaticamente que todas as diferenciações devem ser aproveitadas e que:

"La différenciation de la langue étant un fait réel, il est parfaitement naturel que les linguistes opèrent avec les fragments de celle-ci: dialectes, styles, sous-langues, registres, codes, sous-codes, strates, sociolectes, technoclectes, semi-dialectes, localismes, variantes, sous-systèmes, idiolectes, et ainsi de suite. N'oublions pas toutefois que toutes ces "sous-unités" ne constituent guère de langue à part, mais qu'elles sont des éléments constitutifs d'une langue unique; le morcellement, fait de langage, intéresse, sans doute, à plus d'un titre le linguiste, lui permettant de voir une langue concrète dans ses productions en un temps, un lieu, un milieu déterminés" - in op. cit. p. 85. Os grifos são nossos.

Talvez nos trechos em destaque esteja a sua própria defesa para não incluir línguas como as do grupo franco-provençal, com o que privou a Romanística soviética de um passo adiante, ela que sempre considerou o galego como língua independente, quando linguistas europeus seguidores dos linguistas alemães, franceses e espanhóis insistiam em que se tratava de mero dialecto do espanhol ou, o que é bem pior, do português.

Felizmente o pensamento não é unânime e há os que defendem a autonomia do franco-provençal, já demonstrada de maneira científica por G.I. Ascoli e pelo seu grande discípulo e seguidor que é Paolo Savj-Lopez. Também Monteverdi incluiu o franco-provençal em um grande sistema a que chamou de Galo-România e que consistiria do francês, do franco-provençal e do provençal, sendo que neste, erradamente, incluiu o gascão, como veremos em item específico.

Seja como for, apesar das oposições, a independência do grupo linguístico está demonstrada pela linguística, di-lo Savj-Lopez.

A inteligibilidade do franco-provençal é praticamente inexistente para um falante de francês ou de provençal, sem um prêvio estudo e treino. O savoiaro, por exemplo, o falar mais difundido do domínio franco-provençal, ainda que em certos momentos se pareça com o picaardo e logo com o limusino, mostra bem a divisão que existe, o abismo que há entre o francês e o franco-provençal, o franco-provençal e o provençal, o franco-provençal e o gascão. Próximos sim, mas não necessariamente uma e só língua. Ademais da questão da inteligibilidade, que alguns negam como critério para classificação do franco-provençal, existe uma demarcação mais ou menos precisa da área de domínio do franco-provençal que incluiria não apenas o Delfinato, mas todo o Franco-Condado que alguns dizem fazer parte do pluridialectalismo francês, e ainda a Savoia e mais além, cantões suíços de Genebra, Vaud e Neufchâtel e ainda mais longe segundo um critério adotado pelo benemérito e grande G.I. Ascoli, endossado por Savj-Lopez que se limita a repeti-lo no seu livro "Le Origini Neolatine":

"In questa parte orientale bisogna tuttavia distinguere uno speciale territorio, che l'Ascoli chiamò franco-provenzale e delimitò nel modo che segue: "Questa serie di vernacoli si estende, nella Francia, per la sezione settentrionale del Delfinato (dipartimento dell'Isera); indi passa il Rodano in doppia direzione: verso ponente, per occupare una parte, e forse la maggior parte, del Lionese; e verso tramontana, per far sua la sezione meridionale della Borgogna (dipartimento dell'Ain); onde poi, come in colonna longitudinale, appar che s'incunei, non senza patire molti danni, tra il francese a ponente ed a levante, tanto da attraversare l'intera Franca-Contea e metter capo ben dentro al territorio lorenesse (sezioni dei dipartimenti del Jura, del Doubs, dell'alta Saona e dei Vogesi). Ma Francia è oggidì anche la Savoia, tutta franco-provenzale; e son franco-provenzali, nella Svizzera, i dialetti proprii dei cantoni di Ginevra, del Vaud, di Neufchâtel con un piccolo tratto di quel di Berna (tra il Jura e il lago di Bienna), della maggior parte del cantone di Friburgo, e della sezione occidentale del canton Vallese. Di qua dall'Alpi, finalmente, spettano a questo sistema i dialetti romanzi che sono proprii della Valle d'Aosta, e questo della Val Soana" - op. cit. p. 228 e 229.

Geograficamente, como se vê, ocupa uma vasta extensão, se se leva em conta que vai da França, passando pela Suíça e limites da Itália.

Quanto ao aspecto literário, que parece ser uma das barreiras para o olvido do franco-provençal nas classificações românicas, não é verdade que esse grupo linguístico seja ágrifo. Em várias passagens referimo-nos a uma literatura de ocasião, mas de qualquer modo existente. Mais curioso é que, em séculos passados, houve maior cultivo do franco-provençal do que hoje, prova de que o francês continua a sua avançada. Paul Aebischer que foi professor da Universidade de Lausanne, coligiu uma "Chrestomathie Franco-Provençale",⁶⁸ que consta de textos franco-provençais anteriores a 1630, apresenta-nos um bom número de poetas cortesãos ou não cujos poemas poderiam, sem favor, figurar em qualquer antologia francesa ou provençal e que mostram o quanto foi cultivado o franco-provençal, especialmente na sua forma savoiarda. Nicolas Martin, por exemplo, poeta savoirdo, músico em St. Jean-de-Maurienne, deixou-nos vários poemas reconstituídos mais tarde por A. Constantin no livro "La muse savoisienne au XVIe. siècle". São, em geral, poemas religiosos ou canções natalinas ou chansons amorosas, um pouco à moda provençal, um pouco à moda do rondeau francês, em que se fala muito de amor, de Deus, de desilusão, mas escritas em belíssimo e fluente franco-provençal da Savoia como esta

Chanson

Su su, meyna, a l'ovraz!
 L'yver s'en est alla,
 Est cessa la crue ora,
 La ney a decalla,
 Lyz glez est degalla
 Et l'enbroz a prey vollaz,
 Lyz soley est leva
 Ey chante la nitolla.

Perrot, pren ta poyretaz
 Et alin to do puar;
 Mermet et la Memmetaz
 Vindrant essarmentar.
 Nico et Joan Girar
 Chercheron quarque liauraz
 Per lier et emportar
 Encanet nostraz puouraz.

Apré trentaz dimenge
 Vole voz suvinir
 Que noz arin vendenge.
 Ni faillir d'i venir
 Aporta per cultra
 Pagnies, coppes, selliettes;
 Et per non pa faillir

Amolla le goettes.

Jorsina, joz t'avisoz
 Vin quan no tirarín,
 Et si en ren joz te doisoz
 Bin noz acorderín.
 Vin t'en, et noz ririn,
 Chanterín a plaisansi,
 Et quant noz trollierín,
 Noz berin a utransi!

E o texto 19 da crestomatia, que apresenta bons poetas e uns poucos trechos em prosa, e que merecem uma leitura atenta dos romanistas pela riqueza de informações que traz.⁶⁹

Resumindo, o franco-provençal é um grupo linguístico românico independente, ainda que esteja muito próximo do grupo galo-italico, já estudado neste ensaio, do qual tem muitos traços idênticos.

Albert Dauzat, que faz um estudo detido do franco-provençal, seguindo, como não poderia deixar de ser, as pegadas de Ascoli, conta como começa a decadência do franco-provençal além de apresentar os caracteres comuns do reto-romanche e do franco-provençal, pelo que, anos antes, Savj-Lopez era tentado a falar de um grupo que englobava o reto-romanche-o ladino-o franco-provençal e o grupo galo-italico:

"Lyon était sa métropole naturelle. Mais après sa déchéance de capitale de la Gaule, et l'écrasement des Burgondes, cette ville ne fut le foyer d'aucun Etat, d'aucune culture littéraire. Favorisés par la situation géographique, les dialectes se morcelèrent à l'infini, parallèlement au morcellement politique qui donnait le Lyonnais et le Dauphiné au roi de France, le pays de Vaud à Berne, la Franche-Comté à la Bourgogne puis à l'Espagne, tandis que Genève et la Savoie restaient indépendantes. A partir du XIII^e e. siècle, le français devient la langue juridique et administrative, puis littéraire et scolaire de Lyon, ensuite de la Bourgogne transjurane (Suisse romande actuelle) et de la maison de Savoie (qui la conservera pour ses possessions alpestres jusqu'au XIX^e e. siècle). Dès la fin du moyen âge, le franco-provençal se présente comme un agrégat de patois qui se différencient de plus en plus" - in "L'Europe Linguistique", p. 54 e 55.

Para as diferenças entre o reto-romanche e o franco-provençal leia-se o mesmo autor em comentários à pág. 55 do seu livro citado.⁷⁰

Eis, pois, em linhas gerais o que é o franco-provençal, uma língua independente, um grupo linguístico, como preferimos chamar pela sua pluralidade dialectal, que a ciência linguística declarou ser realmente um grupo autónomo, mas que o conservadorismo dos filólogos-linguistas tem, muita vez, negado essa autonomia, importante para o engrandecimento da România, assim como as demais línguas anteriormente estudadas neste ensaio.

5.5.6. A mais importante língua românica da Idade Média e aquela que teve a mais rica literatura: a provençal.

Continuando em nossa tentativa de classificação das línguas românicas chegamos àquela que foi a mais importante da Idade Média, a língua provençal, em que os trovadores trovaram as suas canções de amor, em que os fidalgos nas diversas cortes da Europa poetavam às suas amadas. Era a língua cortesã por excelência e até reis e príncipes gostavam de usá-la em seus raros momentos de ternura e amor.

O provençal espalhava a sua esplêndida literatura por toda a Europa e pela Inglaterra fria e afetadamente céltica. Quando a Itália, a Gália e a Espanha não possuíam uma língua sua literatura, já existia uma literatura provençal e um grande medievalista, W.P.Ker na sua obra "The Dark Ages",⁷¹ chega a ponto de dizer que o provençal com a sua poesia cortesã marca o início da literatura moderna:

"One chief agent in this change is not religious doctrine nor politics, but the new languages. The great historical fact belonging to the close of the eleventh century, besides the Crusade, is the appearance of French and Provençal poetry, which is the beginning of modern literature" - op. cit. p. 14.

- Esse mesmo autor tece comentários altamente elogiosos à literatura provençal, lembrando porém que "only the language is difficult to a modern reader".⁷²

São centenas as belas peças poéticas em provençal, e não se fez ainda um apanhado geral que mostrasse a sua influência, mas o que se sabe é que, fosse em uma corte portuguesa, ou em um grão-ducado italiano, ou nas cortes do sul da França, o provençal era a grande língua cortesã, a língua da poesia, a língua dos delicados entretenimentos nos serões dos castelos e palácios. Era a língua culta por excelência.

Como o grupo reto-romanche, existe no grupo linguístico provençal o mesmo problema de nomenclatura. Existe um idioma provençal? Ou dever-se-ia chamar apenas de langue d'oc? Em que dialecto foram escritas as obras dos trovadores? Para uns, essa língua era a lemosina ou limusina, enquanto outros falavam de provençal, nome genérico que passaria a ser adotado em todo o meio-dia francês. Mas Savj-Lopez ensina que não se trata de um dialecto, mas de uma língua "fortemente composita"⁷³, uma espécie de adaptação dos vários dialectos dependendo em parte da região e cidade de nascimento do poeta e fala de uma região vasta chamada Occitania. Muitos séculos mais tarde surgiria um movimento chamado occitânico, de violentas cores políticas, tentando a unificação linguística do Sul da França, uma unificação que jamais existira. Os seus seguidores foram buscar ao passado histórico uma denominação que nem sequer ficou muito clara não obstante César, nos seus "Commentarii de Bello Gallico" ⁷⁴ traçado uma fronteira precisa da Aquitânia e por várias vezes no seu livro ter-se referido a Aquitânia:

"Aquitania a Garumna flumine ad Pyrenaeos montes et eam partem Oceani, quae est ad Hispaniam, pertinet; spectat inter occasum solis et septentriones" - op. cit. lib.I, 1, p. 3.

Como se vê, a Aquitânia de César ocupava uma boa porção de território que chegava aos domínios de onde hoje fica a Catalunha e sua língua, tão próxima da provençal.

Erich Auerbach restaura a denominação de occitânica para esse grupo de línguas e ao falar dos seus domínios que ele dá como compreendendo

"a Gasconha (sic), o Périgord, o Limousin, uma garra de parte da Mancha, o Auvergne, o Languedoc e a Provença, o que equivale^a dizer que não ultrapassa o norte do Maciço Central; todavia, no princípio da Idade Média, ele se estendia mais longe para o Norte" - in "Introdução aos Estudos Literários", p.96 e 97.

Para esse romanista, o occitano engloba o gascão e o provençal e todos os dialectos que tanto podem pertencer àquele como a este, o que é patente exagero. Depois, a delimitação geográfica que ele apresenta não corresponde à extensão linguística do provençal.

Mas a confusão não é de hoje. Lembremos que Walther von Wartburg também comete este mesmo engano opinando que se deve denominar de occitânico a esse grupo linguístico, prendendo-se antes a uma velha denominação histórica e geográfica, mas não linguística, como se existisse uma única língua em todo o sul da França. Não podemos esquecer que Friedrich Diez também ampliou os domínios do provençal quando a ele uniu o gascão e o

catalão, e o clássico Meyer-Lübke mantém a mesma posição ao considerar o gascão e o catalão, além do languedociano meros dialectos do provençal. Estava tudo dentro do que Auerbach chama de domínio do occitano, nessa fictícia Occitânia de Von Wartburg que se ligaria à Aquitânia de Júlio César.

Joseph Anglade, um bom romanista, não foge à regra e na sua "Grammaire Élémentaire de l'Ancien Français",⁷⁵ também inclui em um só domínio todas as línguas e dialectos d'oc:

"La langue d'Oc comprend les dialectes gascons, limousins, languedociens, provençaux, etc." - op.cit. p. 11.

Contudo, é este mesmo Anglade quem na sua "Grammaire de l'Ancien Provençal ou Ancienne Langue d'Oc",⁷⁶ quem nos traça o melhor mapa geo-linguístico do provençal e demais línguas meridionais. Alerta, igualmente, para a grande divisão dialectal, a fragmentação linguística com os parlars d'Oc e para os diferentes nomes da língua, "divisée aujourd'hui en de nombreux dialectes, très différents les uns des autres"⁷⁷

De qualquer maneira vale a pena ler o que escreve Anglade afirmando as fronteiras do provençal, além de separar muito bem esta língua do grupo franco-provençal. Segundo ele

"La langue d'Oc, improprement appelée Provençale, est la langue de la partie méridionale de la France. Ses limites ne paraissant pas avoir guère varié depuis le moyen-âge. Elles sont fixées aujourd'hui par une ligne qui, partant du confluent de la Garonne et de la Dordogne, remonte vers le Nord, en laissant à gauche Angoulême, passe entre Confolens et l'Isle-Jourdain (Vienne), tourne ensuite vers l'Est, passe entre Ayguarde et Guéret, qui est du domaine de la langue d'Oc, descend vers Roanne, laisse à gauche Saint-Mienne, coupe le Rhône au-dessous de Lyon, descend au-dessous de Grenoble et va rejoindre la frontière italienne, où la frontière linguistique suit à peu près jusqu'à la Méditerranée la frontière politique" - op. cit. p. 3 e 4.

Reconhecendo a fragmentação e a dificuldade de inteligibilidade entre diversos dialectos, Anglade no momento de discutir as muitas denominações da língua d'oc, termina por, indiretamente, reconhecer também a autonomia do gascão e sugerir para o provençal a denominação de occitano, que foi posta em voga por Fabre d'Olivet nas suas "Poésies Occitaniques" e por Rochegude no "Parnasse Occitanien", denominação essa que ele não aceita para o velho provençal por carecer de uma consagração, mas que serviria muito bem "pour désigner l'ensemble des dialectes d'Oc".⁷⁸

Preferimos, porém, conservar a velha denominação provençal

mesmo porque ela se contrapõe muito bem a gascão como veremos mais adiante.

Por que toda esta celeuma em torno de uma denominação? Os linguistas alemães falam sempre de Provençalische, seja para o antigo idioma-compromisso dos trovadores, seja para o moderno de Mistral para cá. Jamais fazem referência a Occitanische, que *l'ne leur est pas inconnu* como insiste Anglade.⁷⁹ Não no usam porém e preferem atualmente fazer uma diferenciação chamando ao provençal dos trovadores de Altprovençalische, ou velho provençal, e Neuprovençalische, para o provençal moderno. Todos os autores por nós consultados faziam sempre referência a provençal, quer se tratasse do velho ou do novo provençal: Hans Krahe, F. Stolz, A. Debrunner, W.P. Schmid, Wendt. Dauzat, sempre tão inovador, fala porém de provençal, cujos traços linguísticos ele descreve, dizendo-o muito mais conservador que o francês por ter conservado no todo o vocalismo latino. Os autores italianos e espanhóis também são unânimes em falar em provençal, enquanto que alguns occitanistas querem impingir um occitano como língua geral do Sul de France, esquecidos da diversificação dialectal que por ali existe e que a linguística não pode ignorar. Se existe um projeto político que tenta uma uniformização dialectal, criar através de uma língua koinê chamada occitano, a realidade linguística é outra, muito outra.

Mas não vamos discutir bizantinismos, que a nada levam senão a pura perda de tempo.

A língua, ou para ser mais preciso, o grupo linguístico provençal é composto de muitos dialectos, às vezes diferentes de aldeia para aldeia, e quase tão fragmentados quanto os reto-romanches que já estudamos em item anterior.

Os dialectos mais importantes do provençal seriam os do Languedoque, os dialectos da Alvéria, o limusino, o de Rouergne, o de Quercy e tantos mais, todos eles, lamentavelmente, sofrendo mais e mais a influência do francês. Todos eles possuem uma literatura escrita, mas não existe sequer uniformidade ortográfica porquanto os seguidores do movimento felibrigino usam a chamada ortografia mistraliana, enquanto os occitanalisantes adotam uma outra ortografia que se aproxima bastante da usada pelos catalães, na Espanha. Existem livros em limusino, que tem grande extensão literária e geográfica, e existem livros nos dialectos dos parlars de pequenas aldeias. Por sinal, no gascão é isto muito comum, pela sua fragmentação, como declarava ao autor deste ensaio Madame Yvonne Ponsolle, a conhecida autora de *"Entre Bedis - Pêços de teatre en parla gascoun"*⁸⁰, em entrevista altamente esclarecedora da grande fragmentação linguística do gascão e outras línguas do Meio-Dia francês. Na verdade existe nos falantes dos diversos dialectos provençais aquele sentimento linguístico a que aludimos ao tratarmos dos critérios a serem adotados por quem pretende classificar as línguas românicas: eles não aceitam, tout court, uma uniformização que não tem razão de ser, que não é desejada, mas preferem, sobretudo, usar os seus dialectos como bem lhes apraz. Se isto causa proble-

mas ao romanista, por outro lado é prova de que existe uma vitalidade muito grande e que preservará os dialectos e línguas do meio-dia de se extinguirem, não obstante o avanço do francês.

Não podemos esquecer que tudo foi contra o provençal: o surgimento do francês e sua literatura flamboyante, a excomunhão papal, considerando o provençal uma língua herética, o agressivo avanço do idioma oficial, a debandada dos poetas para outras cortes, a união forçada dos pays du midi com os pays du nord, uma pretensa unidade linguística em o norte, a pressão contra os parlers du sud, tudo isso fez com que o o provençal cedesse lugar e, como diz Dauzat:

"La littérature d'oc, frappée à mort, s'étiola peu à peu, Incorporé à la France, dont il faisait partie géographiquement, le Midi se trouva dès la fin du moyen âge sous l'influence du français, qui fut acceptée du consentement unanime des populations, à l'exception d'une résistance passagère en Béarn au XVIIe. siècle. - La renaissance félibrénne au XIXe. siècle, qui a donné un poète de génie, Mistral, avec quelques autres de moindre envergure, mais qui n'a pas eu de prose en dehors des conteurs, n'a pas exercé d'action profonde sur les masses et n'a pu enrayer la francisation toujours plus rapide du Midi rural" - in "L'Europe Linguistique", p. 56.

O que separa afinal o francês do provençal?

E ainda Dauzat quem lembra que

"Par les formes grammaticales et l'évolution de la syntaxe, français et provençal sont aussi apparentés, comme pouvait le faire prévoir leur proximité géographique qui, même aux époques où l'unité politique n'était pas accomplie, provoquait de nombreux échanges commerciaux et intellectuels entre les deux pays, surtout par la vallée de la Saône et du Rhône" - op. cit. p. 56,

Diríamos que o que mais separa os franco-falantes dos franco-provençais ou dos provençalizantes, é o léxico cada dia mais distante. Se, sintaticamente, francês e provençal estão muito próximos, do ponto de vista do léxico, eles se separam muito. Um falante monolíngue do provençal não entende o francês, nem um francofalante consegue, sem um estudo prévio, compreender um provençal.

A interinteligibilidade não é tão fácil entre uma pessoa que fala o francês e uma que fala o provençal.

Uma coisa foi o provençal nos tempos passados e outra é o provençal dos nossos dias. De uma língua cortesã, que todos admirável, a uma língua que, mesmo os mais educados, chamam de patois, o provençal modificou-se tremendamente. Não importa que muitos linguistas digam que o provençal é falado por oito ou dez milhões de pessoas. Para os seus próprios nativos, o provençal precisamente se parece com um patois e, patois é para os franceses símbolo de incultura, conotação com o ambiente rural, com o camponês, que as novas gerações não mais aceitam.

Não é o número de falantes que engrandece o provençal mas a vontade de manter a integridade de sua língua, é o que conta. O provençal sobreviveu porque as pessoas que o falavam queriam que ele, se mantivesse vivo, reconhecido e falado.

Será que existe uma vitalidade no provençal, quando outras línguas desapareceram?

Possivelmente o fato de ter sido o provençal uma língua literária e de grande alcance cultural, fez com que ela fosse olhada como uma língua diferente na România, o que não impediu porém que ela, mais tarde, fosse vista como uma língua decaída. E que os felibres tentaram fazer renascer, literariamente, sem muito êxito pois que, depois de seu desaparecimento, também o entusiasmo pela língua provençal diminuiu. Desaparecido o felibrismo, diminuiu o interesse pela língua literária e mais e mais filhos do meio-dia escrevem seus poemas e romances em francês, ao invés de fazê-lo em provençal, em limusino, em gascão.

Se não existe mais aquela rica literatura que causava a admiração de todos e que atraía adeptos de tão longe, como o nosso Imperador Dom Pedro II, um felibrista que ia ao Sul da França conhecer Mistral e ouvi-lo, existe por outro lado uma estranha vitalidade que mantém o provençal atuante quando o bretão perde terreno, quando o lorreno se estiola e o basco decresce de ano para ano, quando o corso se torna um patois escassamente falado. Ainda se publicam todos os anos muitos títulos em provençal, livros de poesia, romances, peças de teatro, todos ou quase todos com a tradução francesa ao lado como se a submeter aquilo que se pensou em provençal à provação dos francófonos. Há nisso, parece, a intenção de fazer com que se compreenda o provençal, as suas manifestações estéticas, a sua contribuição à civilização do universal. Tudo isso, essa crença ingênua na universalidade de uma mensagem que não quer ficar restrita ao seu pequeno mundo, a insistência dos provençalistas, os bons autores que ainda escrevem em provençal, a luta contra a pressão cultural do francês e até mesmo aquela ingênua manifestação política que se confunde com a questão linguística do sul da França, tudo isso mostra uma certa, uma grande vitalidade, uma vontade de lutar contra o grande inimigo das línguas de minoria que é a perda do sentimento linguístico que fez com que desaparecessem velhos idiomas como o còrnico, o dalmata, o manquês e centenas de outros idiomas, alguns com incipiente literatura, outros ágrafos, mas que enriqueciam a nossa civilização.

Ensinado hoje nas escolas do Sul da França, o provençal continua a sua marcha como língua literária, entre altos e baixos. Publicam-se muitos livros ainda, há boas antologias modernas e um esforço geral para que ele continue cultivado. Mas sobretudo a vontade dos provençalizantes em evitar que se pense mal dessa língua. Em uma boa antologia, "Lou Prouvençau a l'Escolo",⁸¹ seus autores, Dourguin e Mauron, advertiam um tanto candidamente:

"La langue provençale est belle et encore vivante. Ce n'est pas un patois mais une langue. L'effort continue des générations en a fait un édifice collectif vaste, achevé dans ses parties. Ce magnifique moyen d'expression, parfaitement adapté au milieu et au génie des hommes qui y vivent, représente déjà une oeuvre d'art en soi. A ce titre il mériterait notre respect, notre amour et des soins réels, c'est-à-dire mesurables en crédits.....

.....
La seule attitude possible est d'intelligence et de sympathie. Il faut aider la langue à vivre et à être belle. Il faut concilier cette vie et cette beauté avec les exigences indiscutées de l'unité française et de la civilisation moderne. Or ces dernières mettent en péril la tradition orale de la langue provençale. Il faut donc parer aux défaillances de la tradition orale par une tradition de lecture" - op. cit. p.9 e 10. O primeiro grifo é nosso.

Assim, o provençal é uma língua importante, culturalmente, dentro da România mas que luta para não ceder mais terreno ao francês. O que lhe acontecerá na próxima centúria é muito difícil de prever. Talvez se já muito menos falado, mas ainda existe nos seus filhos aquele extraordinário sentimento linguístico, que não deixa uma língua perecer.

E, como dizia Mistral

"E Lou parla de nòsti maire
Poudrian nautre l'òublida?

E de esperar que não.

5.5.7. No domínio das langues d'Oc uma língua injustiçada: o gascão.

De longa data se reconhece a individualidade do gascão mas só recentemente a ciência linguística vem acentuando que não se trata de um simples dialecto do provençal como, por muito tempo, se insistiu, muito menos de um patois. Disputa tradição literária com o provençal e bons trovadores vinham da Gasconha.

Joseph Anglade na sua gramática do velho provençal, citada antes, conta que o troubadour Rambaut de Vaqueiras, que escrevia no início do século XIII, tendo escrito um descort, fê-lo compondo cada estrofe em uma língua diferente, entre elas o gascão.

Esse romanista frisa que

"... dès le XIII^e. siècle, certains dialectes avaient déjà des caractères assez différents des autres pour qu'on les considérât comme des langues étrangères: par exemple le gascon" - op. cit. p. 14.

A poesia em língua vulgar surgiu na Gasconha bem antes de outros lugares cobertos pelos falares d'oc, o que lhe empresta, pois, a tradição literária que serve, muita vez, para definir uma língua. E é por essa tradição literária que Heinrich Lausberg na sua "Linguística Românica"⁸² considera uma língua independente:

"Al lado del provenzal ocupa una posición en cierto modo particular (entre el Garona y los Pirineos), el cual pasaba ya entre los trovadores (por ejemplo, Raimbaut de Vaqueiras, al rededor de 1200) por idioma independiente al lado del provenzal. En muchos rasgos característicos se halla más emparentado con el aragonés y el catalán que con el provenzal. Igual que el provenzal, también el gascón cae hoy en la zona dominada por el francés literario" - op. cit. p. 64 e 65.

Nem todos os romanistas, porém, aceitam a independência do gascão e Dauzat, que deu acolhida ao franco-provençal, ao grupo galo-italico e viu as diferenças entre os parlars reto-romanches, ignora o gascão, da mesma forma que L. Homburger.

Os grandes mestres da Romanística como Diez e Meyer-Lübke não consideraram o gascão língua independente. Meyer-Lübke punha-o lado a lado com o catalão e o languedociano como dialectos do provençal. Monteverdi também o ignora e só Savj-Lopez na sua obra "Le Origini Neolatine", já citada, tece considerações sobre o gascão com o seu grupo de dialectos e lhe delimita as fronteiras, bem vastas pois ficam entre o Garona e os Pirineus e termina por dizer que:

"Il gascone si avvicina sensibilmente per taluni caratteri allo spagnolo" - op. cit. p. 229.

Savj-Lopez, que define às págs. 230 a posição dos grupos linguísticos gascão e franco-provençal, fala depois do outro grupo "ben più importante",⁸³ que é o provençal, com isso deixando-os portanto separados, e o repete ao falar das variedades provençais, mas, ao traçar o mapa das línguas românicas, põe o gascão entre o grupo linguístico provençal, o que é muito desconcertante. Por que teria o mestre adotado dois critérios e duas posições? Por que no bojo de seu livro insiste na independência do grupo gascão, como ele mesmo denomina (págs. 230) e mais adiante lhe tira essa independência?

Se a linguística soviética também ignora o gascão como língua autônoma, ela já está estudada suficientemente e o romanista alemão Rohlfs, ao falar de um grupo linguístico pirenaico, nele inclui o gascão, de cuja independência é um dos defensores, como lembra Silvio Elia na sua "Preparação à Linguística Românica".⁸⁴

Há uma aproximação maior entre o gascão e o catalão, do que entre o gascão e o provençal, motivo bastante para que aqueles que não aceitam a autonomia gasca, possam refletir mais cuidadosamente. Rohlfs insiste nessa proximidade e ele pode ser considerado como o grande defensor da sua independência, quando trata das concordâncias entre catalão e gascão em trabalho desse título, ensina Kurt Baldinger no seu livro "La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Península Ibérica".⁸⁵

Entre os nossos linguistas, Gladstone Chaves de Melo merece atenção por sua posição também pioneira, já que é dos primeiros a incluir-lo entre as línguas autônomas da România. Em nota de pé de página na sua excelente "Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa",⁸⁶ ele diz:

"Aliás, rigorosamente, sobretudo pelo consonantismo, o gascão é uma língua autônoma, que tem como principal dialeto literário o biernês" - op. cit. p.124.

Anglade que também aproxima o gascão do catalão, mesmo mostrando as diferenças entre os dois idiomas e as características do gascão conclui que apesar disso se pode falar de "une unité linguistique, au moins relative"⁸⁷ que faz com que todos esses falares sejam agrupados em um grupo que Rohlfs chama de pirenaico.

Não existe uma língua literária uniforme, não existe um gascão padrão, o que muito dificulta a sua fixação. São muitos os dialectos, mais ou menos separados entre si. Depois, como ensina Reine Cardaillac Kelly, muitos dialectos nas mais remotas aldeias e vilas já desapareceram: são dominados pela língua oficial e se não fosse o cuidado de alguns gasconisants, "most Gascon would have shared the fate of Dalmatian", ironiza essa linguista na sua obra "A Descriptive Analysis of Gascon".⁸⁸

Em resumo, apesar de sua fragmentação dialectal, existe alguma literatura em gascão e este idioma tem sido reconhecido pela Romanística como autônomo, graças aos esforços de Bourciez e Rohlfs, como acentua Reine Cardaillac Kelly:

"As early as the 1930's, such distinguished philologists as Edouard Bourciez and Gerhard Rohlfs had expressed the view that Gascon developed independently from neighboring Romance languages and that it should be regarded as a separate language. Sever Pop agreed with this opinion in 1950 despite the scanty evidence, both diachronic and synchronic. In 1960 W.D. Elcock referred to Gascon as "a very individual speech... a language different from Provençal". In the late 1960's, as various scholars continue to deplore the marked paucity of monographs, Gascon remains insufficiently known to most linguists" - op. cit. p. 5.

Existem algumas boas gramáticas do gascão moderno, e muitos todos que usam ou a ortografia dita occitana ou a mistraliana. Não obstante a sua tendência occitanista exagerada, merece atenção o livro recente de Robert Darrigrand "Initiation au Gascon",⁸⁹ que traz inclusive trechos de bons autores antigos e modernos, em prosa e versos e contos populares das diversas regiões onde o gascão é ainda falado.

Copiamos abaixo um bonito soneto de François Lartigue, extraído da citada gramática de Darrigrand e que mostra um gascão moderno, escrito com muita fluência por esse poeta morto tão jovem, quando muito dele ainda se esperava para glória da literatura da Gasconha:

La Hont

Plasenta, au còr d'un bòsc, que drom la hont perlida
Devath los vèrns sancers e los aubars bronchuts,
E l'ompra blura cai dreita deus pins branchuts,
Emparant l'escosor de l'estiu, esmalida.

Un petit senderòt pigalhat de cocuts,
En tot virabocà's menha a la hont polida,
Cada matin qu'i beu la bruna Margalida
E qu'audeish eishisclà's los roishinons aluts.

Lo corsatge badant, tau coma ua miugrana,
Pènusa, cabeder torclat, que pren la bana
Que gorgolheja en tot plenhá's plan doçament.

Qu'eishuga, sus son cap, dus gots d'aiga de ralha

E, davant la hont fresca e clara on se miralha,
Qu'alisoa sos peus espeluishats peu vent.

É hora de se fazer justiça, pois, a essa velha língua, que já teve os seus dias de esplendor como o provençal, incluindo-a entre as línguas românicas autônomas e, sobretudo, cultivando-a.

5.5.8. O catalão. língua-ponte.

O material bibliográfico sobre o catalão é, hoje em dia, imenso. Gramáticas, dicionários bilingues, manuais linguísticos, estudos dialetais, atlas linguísticos e uma literatura cada vez mais rica. Existem jornais e revistas de todos os tipos e, desde que o Governo real permitiu fosse o catalão usado como língua regional e protegida pelo Estado a situação melhorou ainda mais. O catalão, por sinal possui uma velha literatura. É falado na Espanha e em França, em ilhas pertencentes à Espanha e no Principado de Andorra onde é a língua oficial. Uma forma muito arcaica do catalão é falado na Sardenha também.

Já vão muito longe os dias em que os linguistas discutiam se o catalão era ou não uma língua autônoma ou se era apenas um dialecto do provençal, com o qual tem muita proximidade.

Diez não o considerou e para Meyer-Lübke o catalão era um dialecto provençal. Mais tarde, em 1925, escreveu um livro específico sobre o catalão, em que o situa precisamente. Os autores espanhóis entraram na discussão sobre as origens do catalão que, segundo alguns era um dialecto provençal importado para terras espanholas, enquanto outros defendiam que o catalão nasceu na Península Ibérica e um autor conhecido, como Monsenhor Antoni Griera defendia a teoria do galo-romanismo do catalão com argumentos que hoje são vistos apenas como exoticismo do romanismo, isto porque no seu livro "Afro-românico o Ibero-românico?", de 1922, desenvolvia uma tese em que sustentava que línguas como a portuguesa e a espanhola eram frutos da penetração da cultura latina pelo Sul, de origem africana, enquanto que, pelo Norte, e, portanto, galo-românica, viera outra corrente civilizadora, da qual o catalão é um exemplo. Haveria pois uma România meridional e uma România setentrional.

Silvio Elia ao estudar o catalão no seu "Preparação à Linguística Românica", comenta:

"Problema dos mais debatidos no campo da Filologia Românica é o da colocação do catalão no conjunto das línguas neolatinas. O nó da questão tem sido decidir se a sua posição deve ser entre os falares ibero-

românicos ou galo-românicos. Hoje a tendência é para uma solução intermediária, com meia vitória para cada um dos lados: o catalão seria um idioma de transição, uma espécie de "língua-ponte" entre o domínio linguístico galo-românico e o ibero-românico" - op. cit. p.128.

Nenhum linguista moderno porém deixa de considerar o catalão como idioma independente, ainda que alguns como Simeon Potter ainda se refiram à sua proximidade com o provençal, achando-os tão semelhantes "Que muitos costumam classificar as duas como uma única".⁹⁰

Wendt, pelo contrário, não apenas os separa mas ainda frisa que o catalão diferentemente do provençal "auch heute noch eine bedeutende Schriftsprache ist".⁹¹

A linguística soviética o inclui entre as línguas regionais como o galego, enquanto L. Homburger, que também o considera "très proche du provençal", e que a influência que parece ter havido da Provença sobre a região catalã se deve antes ao parentesco linguístico, dividindo os dialectos catalães em dois grupos distintos:

"... l'occidental qui réunit les parlers de la région restée chrétienne et l'oriental qui englobe ceux de régions jadis dominées par les Arabes" - in "Le Langage et les Langues", p. 60 e 61.

Lausberg, que se refere ao catalão antigo e ao moderno, lembra que foi difícil para este permanecer como língua literária todos estes séculos e que "a duras penas logra mantener (a posição) hoy frente al castellano"⁹² o que não parece ser muito verdadeiro porquanto o catalão é presentemente uma língua regional protegida pelo Estado, como se disse acima. Ele coloca o catalão entre as línguas ibero-românicas, deixando para a Galo-România o provençal, o franco-provençal e o francês.

Não é deste parecer Savj-Lopez que o inclui na família provençal, como diz ao estudar as variedades neolatinas no seu livro "Le Origini Neolatine".⁹³

A linguística, em especial a Romanística, está cheia desses bizantinismos que perduram pela tradição. Um outro de que é parte o catalão é o que considera como um todo o catalão, o valenciano, o aragonês e a forma balearica, sem falar do catação de Algher, na Sardenha. Ora, é sabido hoje em dia que o valenciano é uma forma dialectal muito diferenciado do catalão e o aragonês tem sido estudado recentemente como língua à parte e que, talvez em um futuro próximo, seja incluído entre as línguas românicas independentes.

Na sua obra famosa, "Curs Superior de Gramàtica Catalana"⁹⁴, o filólogo Jeroni Marvà, depois de apresentar o mapa geo-linguístico do catalão que ele divide em boa hora em rossilhonês, catalão oriental, catalão ocidental, valenciano, balear e algherês, ensina que

"L'extensió territorial del domini lingüístic català

comprèn 61.000 km², i reuneix en conjunt 1620 municipis, més de 50 ciutats, més de 560 viles i més de 4.000 llogarrets o poblats" - op. cit. p. 18.

Kurt Baldinger, que chama o catalão de língua-ponte, traça um perfil dos melhores dessa língua no seu livro "La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Península Ibérica", discutindo-lhe os caracteres galo-românicos, as influências espanholas, as aproximações com o provençal e com o gascão e o seu ensinamento é por demais precioso para quem quiser ter uma idéia, uma descrição de acordo com as mais recentes descobertas científicas, dessa língua pujante.

Afinal apresenta a sua teoria da língua ponte, concluindo que:

"No cabe duda de que el cat. es el idioma de la Península Ibérica que, por su desarrollo histórico y cultural, está más relacionado con la Galorromania, ocupa una posición puente, que se remonta hasta la época visigótica" - op. cit. p. 104 e 105.

Não importa que García de Diego chame o catalão de fala hispânico-pirenaica, que William J. Entwistle⁹⁵ considere uma língua(uma das) ibero-romance, ainda que bem próxima do gascão e do provençal e represente uma transição, ou que Monsenhor Griera o considere uma língua galo-românica e assim ad infinitum. Na realidade, o catalão é uma das línguas neolatinas que mais tem merecido estudos dos romanistas e é também uma das línguas mais uniformes da România, com delimitações precisas em dois grandes grupos dialectais, o ocidental que seria falado nos Vales de Andorra, zona oriental de Aragão, província de Lérida, parte ocidental da província de Tarragona e reino de Valência (parcialmente) e o oriental, do departamento dos Pirineus orientais, província de Gerona, província de Barcelona, parte NE da província de Tarragona e ilhas Baleares, segundo uma primeira classificação dialetal de Francisco B. Moll na sua "Gramática Histórica Catalana",⁹⁶ além do falar de Algher ou Alguer que "lleva largos siglos de aislamiento".⁹⁷ Esse mesmo mestre catalão salienta a "relativa uniformidad en comparación con la variedad que presentan los otros romances".⁹⁸

É isto o que Antonio M. Badia Margarit confirma na sua "Gramática Catalana"⁹⁹, condenando aqueles que querem ver o catalão jungido ao provençal já que

"... de una manera general, el mundo científico ha reconocido personalidad propia al catalán, que se considera hoy una lengua románica como cualquier otra de sus hermanas" - op. cit. p. 11.

A vantagem do catalão sobre o provençal e o gascão, por exemplo, para não falar do reto-romanche, é que existe uma língua padrão criada sobre o dialecto de Barcelona. Essa língua comum é de grande ajuda na unificação e enriquecimento da língua pois os escritores dos diversos domínios catalães têm um instrumento próprio, único, mesmo que alguns regionalistas, como não poderia deixar de ser, cultivem a sua forma dialectal mais ou menos intensamente. O mais distante seria, sem falar do alguerês que não é escrito já que existem apenas esporádicas manifestações literárias nele, é a forma valenciana, que alguns extremistas consideram uma língua à parte, a ponto de escreverem não uma gramática da língua catalã de Valência, mas uma gramática valenciana, como o faz M. Sanchis Guarner com a sua, publicada em 1950, antes portanto da proteção concedida pelo Estado ao catalão. A maneira que os cultores e defensores da unidade linguística literária do catalão acharam, como comenta Badia Margarit, foi a

"...aceptarse, en uso literario y científico, algunos rasgos dialectales valencianos y baleáricos, circunstancia que ha originado un estado intermedio entre el propio dialecto y la lengua común, que hoy cuenta ya con buenas gramáticas para orientación de los escritores" - op. cit. p. 15.

A literatura catalã conta com alguns nomes universais entre eles o mais famoso é, sem favor, Jacint Verdaguer, que nos deu um poema épico de grandes extensões e proporções, "L'Atlàntida"¹⁰⁰, cujas duas primeiras estrofes citamos abaixo:

"Vora la mar de Lusitânia, un dia
los gegantins turons d'Andalusia
veren lluitar dos enemics vaixells;
flameja en l'un bandera genovesa,
i en l'altre ronca, assedegat de presa,
lo lleó de Venècia amb sos cadells.

Van per muntar-se les tallantes proes,
com al sol del desert enceses boes,
per morir una o altra a rebolcons;
i roda com un carro el tro de guerra,
fent en sos pols sotraquejar la terra,
temerosa com ells d'anar a fons.

O catalão de Verdaguer não está muito distante do provençal de Mistral, mas estava livre de espanholismos e barbarismos como o de hoje. De qualquer modo é uma ponte entre o espanhol e o provençal, uma língua de ligação, e como tal ela tem sido estudada.

5.5.9. A grande língua imperial românica: a espanhola.

Inicialmente um dialecto da meseta castelhana, essa língua mais tarde conhecida como espanhol, viria a ser o veículo de comunicação geral e escrita de um dos mais vastos impérios já surgidos. É a mais falada das línguas românicas e umas das mais faladas do mundo moderno. Marië Pei, no livro "Language for Everybody", enumera a língua espanhola como a quarta mais falada do mundo, logo abaixo da hindustani (por sinal uma imprecisão porquanto são duas línguas, ainda que estreitamente relacionadas, hindi e urdu) e acima da russa.

Se o francês tem mais países como língua oficial, o espanhol é mais falado e penetrou mais profundamente no seio das populações de territórios que tiveram outrora outras línguas nativas, ou que ainda as possuem. Ela ocupa maior extensão geográfica coesamente, isto é, em área contínua: toda a América do Sul com exceção do Suriname, das duas Guianas e do Brasil, fala o espanhol, assim como toda a América Central, com exceção de Belize e da zona do Canal do Panamá. No Caribe temos ainda Cuba e a República Dominicana, e em Curaçao uma língua românica de segunda geração brotada do espanhol, o papiamentu. Em África temos os enclaves de Ceuta e Melilla e a Guiné Equatorial. Foi muito falada nas Filipinas mas cede terreno ao inglês. É a língua oficial de um pequeno território polinésio, a ilha de Pascoa, onde coexiste com o pascuense. Na Europa é falada no Reino da Espanha e em Gibraltar.

Aliás, Entwistle no livro "Las Lenguas de España: Castellano, Catalán, Vasco y Gallego-Portugués"¹⁰¹ chega a dizer que foi essa expansão e ação colonizadora do espanhol e do português que lhes deu grande importância, mas não podemos esquecer que nessas duas línguas desenvolveram-se extraordinárias literaturas que causam a admiração do mundo seja pela quantidade como pela qualidade.

Costuma-se tomar como ponto de referência para marcar uma época na história da língua espanhola o ano de 1.140, o ano em que, provavelmente, teria sido composto o "Poema del Cid". Mas o castelhano continuava a sofrer a concorrência do leonês e do aragonês dentro dos dialectos espanhóis. Só aos poucos, com as vitórias militares, as uniões dinásticas e políticas, ao mesmo tempo em que se estimulam mais e mais o uso do castelhano como língua escrita, ele vai-se fixando e, com isso, ganhando terreno sobre os demais dialectos hispânicos.

Entwistle considera a luta pela fixação ortográfica como um dos pontos altos do crescimento do castelhano como língua escrita e a gramática de Nebrija, que tem muitas hesitações e às vezes se perde ao tentar representar sons simples mediante combinações de letras, sistematiza a língua e lhe dá foros privilegiados. Findava o século XV. Daí para dian-

te o castelhano, aos poucos chamado de espanhol, só faz expandir-se. Diz Entwistle:

"La baja Edad Media fue testigo de la culminación del proceso que había comenzado en los siglos XI y XII, por el que "castellano" y "español" se hacen términos sinónimos. El castellano, originariamente un dialecto asentado junto a la frontera del vasco y más radical que la lengua de la mayoría de los hablantes de otros dialectos "españoles", se fue abriendo en abanico en dirección sur y suroeste hasta alcanzar los límites del portugués y del catalán en la línea media de la Península, avanzando luego más hacia el sur, como único responsable de las variedades del andaluz y del hispanoamericano" - op. cit. p.196.

Pressiona e afasta para mais longe o leonês e o aragonês. E Castela vai impondo as suas formas mais lógicas e desenvolvidas ao espanhol, como comenta Entwistle. Depois, é o que todos sabemos, a sua vitória sobre os demais dialectos, a sua oficialização, a sua transplantação para outras terras e, bem mais tarde, com a independência das antigas colônias estabelecidas em o Novo Mundo, ele se torna a língua de novos países, criando-se novas literaturas, algumas bastante expressivas.

L. Homburger define como seus principais dialectos aqueles que, por sinal, correspondem a antigas divisões políticas independentes e menciona:

1. Aragonês, ao Nordeste. Existem os que defendem até mesmo uma certa autonomia linguística para o aragonês, colocando-o como língua pirenaica, ao lado do catalão.
2. Asturiano, ao Norte;
3. Leonês, ao Norte;
4. Castelhana, ao centro, e
5. Andaluz, ao Sul.

Cada grupo dialectal desses contém diversos falares, ou sub-dialectos, mas a sua fragmentação é bem menor do que a do provençal ou do gascão ou mesmo do francês, por exemplo.

Mais ou menos a mesma é a divisão que Savj-Lopez apresenta dos dialectos espanhóis, mas prefere juntar o navarrês ao aragonês e se refere à força centralizadora do castelhano, já agora chamado de espanhol, que tende a esmagar ou varrer os demais dialectos, ou pelo menos, levá-los a uma recuada, deixando-os em limites estreitos e bem precisos.

E ensina que

"Il castigliano, ch' è la lingua dominante, quella cioè a cui senz'altro si dà il nome di 'spagnuolo', tende sempre più a cancellare le povere tracce dei

rimanenti dialetti, come già vinse l'aragonese che fu il solo usato con qualche indipendenza come lingua; e la sua opera é agevolata appunto dal non incontrare in essi resistenza, data la grandissima affinità comune" - "Le Origini Neolatine", p. 233.

O espanhol é por demais conhecido de todos para que se pense em mostrar-lhe as características. Merece destaque, porém, o seu som mais característico, como o chama Dauzat¹⁰², "la spirante dite iota", que é um som que não existe em português, nem era conhecido do velho galego, nem do catalão, o que fez com que os linguistas se indagassem

"...s'il ne fallait pas porter cette évolution à l'actif de l'influence arabe, qui a été plus importante en castillan que dans les deux autres langues" - "L'Europe Linguistique", p. 61.

O espanhol é mais sonoro, com as vogais finais átonas a, é e um acento bem marcado. Tem um tom muito uniforme, diferindo bastante do tom mais musical do provençal e do italiano.

O seu léxico recebeu grande cópia de palavras árabes que, nas regiões do Sul, deixou muitos nomes de lugares. O árabe foi marcante na vida do espanhol e poder-se-ia mesmo dizer que a sua influência no léxico foi tão grande quanto a que as línguas eslavas deixaram no romeno.

A ortografia espanhola é das mais precisas que uma língua possui na Europa e consta de poucas regras, imutáveis. Em poucos minutos um aluno, mesmo não sendo dos mais brilhantes, pode assenhorear-se das regras ortográficas da língua e escrever sem faltas, o que não acontece, por exemplo, com o português, o provençal, o francês menos ainda e mesmo o catalão que possui muita regularidade.

Chamamos no início deste item a língua espanhola de uma língua imperial e as razões é que:

1. O espanhol, originariamente um dialecto de pequena extensão, inclusive menos importante do que o aragonês, foi aos poucos estendendo o seu domínio por toda Espanha;
2. Como ensina Mario Pei em "Language for Everybody"¹⁹⁴ as línguas no seu período de maior desenvolvimento tendem a estender a sua esfera de influência e criar para elas mesmas "a wider zone or Lebensraum";
3. A grande força política que a Espanha desenvolveu, a busca de novas terras, a colonização de territórios em diferentes partes do mundo, gerou também essa busca de um Lebensraum linguístico, a que alude Pei;
4. Impondo-se como língua administrativa, impôs-se também como língua franca e língua das novas terras sob domínio de Castela;

5. Com os séculos criou raízes nos novos países e se tornou a língua literária única e serviu, mais tarde, para unir muitos novos Estados culturalmente, mantendo uma aliança que, se nem sempre é de sangue nem de harmonia política, é uma união linguística. Mesmo os países que seguem uma política mais chauvinista, eles dizem que a sua língua é a castelhana ou mesmo a espanhola...

É um império pela inteligência e pela língua, uma comunidade que se jamais foi política, apesar dos sonhos de alguns líderes, não deixa de ser uma imensa comunidade linguística. E Entwistle frisava esse aspecto não sem um certo tom admirativo. E essas qualidades vamos encontrar no português, a ser estudado nas próximas folhas.

5.5.10. De uma língua cortesã a apagada e discutida língua regional: o galego.

Como alguns dos dialectos românicos até aqui estudados, o galego faz parte de algumas classificações, mas é ignorado em outras. Por sinal, mais ignorado que incluído.

Há algumas tendências por parte dos romanistas com respeito ao galego e que poderiam resumir-se no seguinte:

1. Falam do velho galego que unem sempre ao português, falando pois de uma língua galaico-portuguesa (ainda);
2. Classificam o galego como um dialecto português ou espanhol;
3. Levados por critérios literários, classificam o galego como língua autónoma; e
4. Ignoram totalmente o galego.

Os linguistas-filólogos, mais conservadores, preferem falar de uma língua galaico-portuguesa, como se essa uniformidade ainda existisse. Há ainda um bom número deles, mas que, aos poucos, vão mudando de posição.

William J. Entwistle, na sua obra antencionada, ainda insiste em tratar de uma língua galaico-portuguesa, ou galego-portuguesa, mesmo reconhecendo em várias passagens que houve uma separação entre os dois dialectos românicos e que cada um seguiu vida diferentes: um como pujante língua oficial de um pequeno reino que conquistas fizeram poderoso e rico; outro como língua regional, relegada por muito tempo a plano inferior e só recentemente reabilitada. Destinos políticos diferentes separaram os dois co-dialectos e lhes deram destinos linguísticos diferentes.

Heinz F. Wendt, de maneira estranha e incompreensível, ao classificar as línguas românicas, uniu português e galego tão completamente que nem o cita. Para ele o português é falado em Portugal, Madeira, Açores "in der spanischen Provinz Galizien"¹⁰⁴ etc. com isso fazendo da língua da Galiza o português, o que é inconcebível. Além de tirar-lhe a autonomia, ainda lhe tira o nome, o que é fantástico. Não conseguimos entender, mesmo porque Wendt é autor de uma das melhores classificações, mas insiste em ignorar o galego. Dauzat incide, lamentavelmente, no mesmo erro quando, falando dos dialectos de Portugal afirma que eles

"...présentent cependant une certaine diversité, surtout ceux de la Galice d'où le portugais est sorti et qui fut rattaché politiquement à l'Espagne au cours du moyen âge" - "L'Europe Linguistique", p. 156.

Ora, o galego jamais foi dialecto de Portugal e seu idioma. Pelo contrário, do galego saiu a nossa língua.

Mais incrível ainda é o que diz L. Homburger, que não só ignora a autonomia galega, como torce a realidade dos fatos linguísticos quando afirma que o galego é um dialecto do português e que, depois da partida dos árabes, as línguas se fundiram, o que é verdadeiramente de pasmar. Vejamos o que escreve Homburger:

"Le galicien, de la province espagnole au Nord du Portugal, est un dialecte portugais; ce galicien-portugais archaïque s'est développé dans le Nord de la Lusitanie, alors que le Sud était occupé par les Arabes et qu'il s'y développait un dialecte néo-latin indépendant. Après le départ des Arabes, les deux langues ont fusionné" - "Le langage et les langues", p. 60.

Há igualmente verdadeira confusão quanto à posição do galego dentro da România, desde absurdos como o de Wendt, já comentado por nós, até à posição assumida pelo mestre dos mestres de Portugal, José Leite de Vasconcellos, que ora falava do galego como se se tratasse de uma velha e famosa língua neolatina, ora o considerava mero dialecto e, afinal, co-dialecto do português, pondo-o lado a lado com o mirandês, dialecto leonês e hoje praticamente uma nova língua autônoma, dentro da România, infelizmente, em vias de extinção por incúria do Estado português que lhe não quer emprestar proteção oficial. Por sinal, Leite de Vasconcellos, que nos deu a melhor classificação dialectal portuguesa seguida até hoje com ligeiras modificações, termina por declarar a independência do galego, ao lembrar que o português "está intimamente correlacionado com o idioma da Galeza, ou galego"¹⁰⁵ e ainda no seu livro "Lições de Filologia Portuguesa" que ele retorna ao assunto e escreve, como que em retratação:

"Conjunto com o português propriamente dito, temos o já referido idioma da Galiza, e além disso, em relação genética um pouco mais remota, o mirandês, o quadramilês, e o riodonorês, falados na raia transmontana. De todos estes quatro idiomas o mais importantes é o que apresenta literatura mais antiga, pois ascende à idade-média, é o galego" - op. cit. p. 20. Grifos nossos.

Apesar das oposições, a grandíssima maioria dos linguistas prefere encarar o galego como idioma separado, sejam eles alemães ou ibéricos, ou ingleses. Vejamos, à vol d'oiseau, alguns desses:

Harri Meier nos seus ensaios publicados em nosso País, ao tratar da grande divisão România Ocidental e România Oriental, insere capítulos sobre a Hispânia Romana, dando novas orientações sobre o estudos das línguas faladas na Península Ibérica e, ao salientar a posição galo-românica do catalão, trata separadamente o português e o galego. Ao concluir o seu belo artigo sobre "A Formação da Língua Portuguesa",¹⁰⁶ acentuando a posição mais conservadora do galego em relação à evolução mais rápida do português, diz:

"... vimos o Espanhol andar sempre de mãos dadas com os seus dialetos orientais e com o Catalão (muito contra a tese de Grier) e separar-se nitidamente do Português, do Galego e dos seus dialetos ocidentais" - "Ensaio de Filologia Românica", p. 27.

Mais adiante, no mesmo capítulo, acentua a diferença que existe entre a Língua da Galiza (sic) e do Norte de Portugal, e logo a seguir, fala da conservação das "complicadas fronteiras dialetais entre o Aragonês e o Catalão e entre o Galego e o Astúrio-Leonês".¹⁰⁷

Um linguista do porte de Simeon Potter, na sua obra "A Linguagem no Mundo Moderno", é do mesmo parecer e, ao dividir as línguas românicas em cinco grandes línguas nacionais e cinco línguas regionais, colocando o galego entre estas, considera-a uma língua autônoma ainda que "mais aparentado com o português".¹⁰⁸

Kurt Baldinger no seu "La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Península Ibérica", estuda inicialmente o galego-português como uma só língua que "muestra el típico doble aspecto conservador y revolucionário de una zona marginal",¹⁰⁹ estudando o que ele chama de rasgos profundamente revolucionários da fonologia galaico-portuguesa, mas depois, seguindo de perto o nosso grande Serafim da Silva Neto, ele separa os dois, lição que também é a de Dâmaso Alonso para quem o núcleo inicial do português é o galego, coisa que hoje ninguém mais discute.

Efetivamente o galego foi uma língua das cortes, uma espécie de língua da poesia, um provençal da Península Ibérica, em que até reis como Dom Afonso X de Castela poetavam em galego e Savj-Lopez, uma vez mais, diz que

"... vi fu anticamente nel Portogallo una bella fioritura lirica e che era usato il dialetto gallego da chiunque avesse voluto scrivere una canzone e il fatto è confermato dai documenti. Lo stesso re di Castiglia Alfonso X, or ora ricordato, scrisse in gallego le sue Cántigas" - "Le origini neolatine", p. 379.

Fosse pura imitação da poesia provençal ou não, o fato patente é que havia uma literatura rica e que até hoje causa admiração pela delicadeza dos sentimentos expressos naqueles poemas escritos em uma língua que, com o passar dos anos, se dividiria em dois grandes dialectos, um dos quais seria o português que, graças ao domínio colonial de Portugal viria a ser uma das mais importantes línguas do mundo e das mais faladas também. O outro ramo, o falado bem ao Norte de Portugal, teria um destino bem diverso, comenta Savj-Lopez, "cede di fronte al castigliano", estiolasse por muito tempo.

Em um livro hoje clássico, Frei Martín Sarmiento traça o elogio da língua galega e já naqueles dias, em fins do século XVIII, defendia a diferença entre o galego e o português, ou, pelo menos, reconhecia que existia uma diferença. Lamenta a quantidade de variações dialectais e acentua muitas vezes a proximidade que existe entre o português e o galego, mas afinal, com uma clarividência que espanta naqueles dias, ele diz que ambos seguiam caminhos separados:

"Esta semejanza de los dos dialectos, ha sido origen de muchas equivocaciones, pues no todos penetran los idiotismos que los diferencian. Es cierto que quanto más se retrocede á los siglos pasados, son mas parecidos dichos dialectos, hasta que coinciden en uno solo. Pero es innegable que quando Portugal estaba en posesión de los Moros, se hablaba ya en Galicia el idioma vulgar, aunque dudo que se escribiese..... se hizo como dialecto distinto, y es el que hoy llamamos Portugués; si bien aún tiene tanta semejanza con el vulgar Gallego, que hoy se habla, que no todos los saben discernir" in "Estudio sobre el Origen y Formación de la Lengua Gallega", Buenos Aires, Editorial Nova, 1943, p. 103 usque 105.

Com a influência da língua oficial e durante um período

em que as línguas regionais de Espanham foram duramente reprimidas, porque o Generalíssimo Don Francisco Franco queria fazer do reino uma terra monolíngue, o galego se foi aguando de vocábulos castelhanos e fenômenos linguísticos como a geida, a pronúncia do z como em espanhol e outros foram sendo frequentes em galego. Ele era a língua dos labregos e os señoritos não falavam entre o galego mas somente o castelhano. A criadagem era endereçada em galego e, quando alguns raros escritores apaixonados pela sua fala tentavam nela escrever, havia um como que verdadeira desordem ortográfica. Cada escritor usava o dialecto da sua região e usava da ortografia que lhe parecia a melhor. Faltava ao galego uma unidade normativa, regras que o sistemassem. Enquanto o galego falado se fragmentava, o escrito era um caos. Don Ramón Piñeiro López no seu pequeno mas lúcido ensaio sobre "A Lingoaxe i as línguas"¹¹⁰ se refere a essa anarquia reinante em torno do galego:

"O castelán escrito, o francés escrito ou o alemán escrito, teñen unha unidade que ningún diles ten na súa realidade oral. O galego escrito, en cambio, aínda non ten esa unidade normativa e máis ben refreixa a diversidade do galego falado. Iste retraso do galego con respecto desas línguas que vimos tomando de modelo comparativo non atinxe a nada sustancial, eu seña, a nada que teña que ver coa súa capacidade espresiva ou comunicativa. Trátase dun retraso técnico que se poderá superar nun prazo curto..." - op. cit. p. 26 e 27.

O autor dizia isto em 1967. Com a subida de Don Juan Carlos ao trono e a liberação das línguas regionais, estimuladas e protegidas desde então, a situação parece ter melhorado muito e existem hoje excelentes gramáticas normativas, dicionários bilíngues e muitos livros se publicam por ano, além de se fazerem traduções das grandes obras universais para o galego que, aos poucos, passa a ter uma forma padrão, baseada no dialecto da Corunha e altamente estimulado. Aos poucos ele vai sendo policiado e não é mais uma língua de labregos, como se dizia desprezivamente, mas desde poemas de amor, até obras de crítica literária, estudos de economia, teologia, linguística e filosofia são publicadas em galego.

Existem bons métodos para o estudo do galego comum e Ricardo Carballo Calero que já nos dera excelentes obras sobre a literatura galega, publicou uma excelente "Gramática Elemental del Gallego Común"¹¹¹

O galego moderniza-se e, acreditamos, existem poucos linguistas que digam ser ele mero dialecto do português ou que se trata de uma língua de labregos.

Em nenhuma classificação moderna das línguas românicas, pois, deve faltar a menção ao galego, falado por mais de 2 milhões de pessoas. E, agora, tempo de se evitar a continuação de uma injustiça que vinha sendo praticada por muitos romanistas.

5.5.11. Da pequena Lusitânia para o mundo: o português.

Como sobre o francês, o italiano e o espanhol, pouco há a dizer-se sobre esta língua falada por milhões, que todos conhecem ou já ouviram falar. É uma das grandes línguas do século XX, só no Brasil falada por mais de 135 milhões de pessoas e língua oficial de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Macau, outrora ouvida em alguns lugares da Ásia, em Timor, no Ceilão, na Índia etc.

O português, quando foi levado como língua da administração colonial, no início das viagens portuguesas no Oriente, já deixava antever o seu destino brilhante. Inicialmente um modesto dialecto do condado de Portugal, confundindo-se com o galego, a sua fortuna estava lançada pela política expansionista dos portugueses. Depois, o florescimento literário encarregar-se-ia ainda bem cedo de fixar aquela língua harmoniosa que sobre um fundo de baixo-latim, divergiu bastante do espanhol devido à influência de um substrato céltico, como ensina Dauzat.

Não sendo o português mais do que uma transformação do latim vulgar, o grosso do seu léxico é dessa origem. Mas desde o início, o português recebeu aportações de inúmeras outras línguas e, à proporção que se expandia, aumentava essa contribuição que atinge o ápice no Brasil, onde o encontro de línguas africanas guineanas e bantos e de línguas ameríndias, sobretudo do tupi e seus dialectos, lhe daria um vocabulário extremamente rico. Aliás, do ponto de vista lexical a língua portuguesa do Brasil é um exemplo fantástico de uma língua que, sem ter perdido a sua estrutura românica, adquiriu um vocabulário paralelo rico, extremamente rico, que faz pensar na situação do inglês. Extremamente dinâmico, o português do Brasil ou português-brasileiro não pára de criar novos vocábulos, fazendo com que a nossa língua seja, no presente, uma das mais ricas que falam no mundo.

O português-brasileiro aceita com muita facilidade empréstimos de línguas estrangeiras e, com a avassaladora influência da língua inglesa no mundo, a nossa língua tem incorporado ao seu léxico dezenas, talvez mesmo centenas de vocábulos dessa procedência e de outras línguas de contacto internacional.

Como o francês e o espanhol, o português deu origem ainda a vários crioulos, línguas românicas de segunda geração e que José Leite de Vasconcellos enumera na sua classificação dos dialectos portugueses, alguns hoje em franca decadência, outros crescendo e quase sobrepunhando a língua nacional como é o caso do crioulo caboverdiano e o crioulo guineense.

Em Portugal, o idioma possui vários dialectos que Savj-Lopez simplifica considerando-os do norte, do sul, dos Açores e da Madeira, mas cometendo o equívoco de fazer com que o galego seja um deles, já que ele diz que "col gruppo portoghese va unito il galiziano".¹¹²

Na questão dos dialectos, apesar dessa denominação um tanto preciosa para os falares portugueses, eles diferem bem pouco da língua-padrão, diferentemente dos dialectos franceses, dos italianos e mesmo dos espanhóis. A compreensão é perfeita, salvo se se trata do barranquenho, que é de origem estremenho-andaluz e dos falares raianos, aparentados ao leonês. Nenhum desses é dialecto do português, mas que se acham dentro dos domínios do português. No continente e nos dois arquipélagos, o português apresenta extraordinária uniformidade, apesar de mestre Leite de Vasconcellos dizer o contrário. Mas confessa que essas variações dialectais não são muito profundas, salvo a criolização do português em terras africanas; e outrora em Ásia:

"No que toca às diferenciações dialectais do português, devo dizer que elas não são muito grandes, excluindo os dialectos crioulos. Um habitante de Barroso entende, no geral, um *l*lhêu ou um Brasileiro, mas nenhum deles entenderá um indígena de Cabo Verde" - in "Lições de Filologia Portuguesa", p. 20.

Aliás, é a questão do português transplantado que mais nos interessa no momento em que situamos esse idioma dentro da România pela sua importância literária, pela extensão geográfica e pelo número de falantes.

No Brasil, por exemplo, o português modificou-se muito, enriquecendo-se com contribuições alheias ao mundo românico e ele se apresenta "visivelmente modificado, a retratar o espírito da nova sociedade", como comenta Clóvis Monteiro no livro "Português da Europa e Português da América"¹¹³, em que mostra o enriquecimento da língua em nossas plagas mas lhe não defende a autonomia como outros fazem ou, pelo menos, faziam sob impacto do indianismo e, bem mais tarde, sob a influência de mestre João Ribeiro que falara de um idioma nacional, isto é, um português-brasileiro que fosse respeitado e visto como tal já que, não só fonética, mas sintaticamente, existem muitas divergências entre a língua que se fala em Portugal e a nossa, e que acordos ortográficos e outros entre Lisboa e Brasília tentam mascarar. José Florentino Marques Leite no seu livro "Língua Luso-Brasília e sua Base Greco-Latina", comentado anteriormente, defende a existência de uma língua luso-brasília, lançando uma denominação

"mais concordante com a realidade dos fatos históricos da Nação Brasileira chamando a língua que falamos de Língua Luso-Brasília" - op. cit. p. 29.

Claro que as razões apresentadas por Marques Leite não deixam de ter interesse para o linguista, descontado o emocionalismo que o domina em a parte inicial do livro. Por sinal, os defensores da autonomia

linguística brasileira adotam todos uma posição extremamente passional e polêmica, ao invés de se limitarem a estudar fatos históricos e fenômenos da língua portuguesa transplantada para terras da América. Herbert Parentes Fortes, um dos grandes defensores da língua nacional, no seu livro também muito polêmico, "A Língua que Falamos"¹¹⁴, tecendo críticas acerbas aos autores que continuam ligados umbilicalmente a Portugal, escrevendo em português que nada se distingue dos escritores lá nascidos e tão distanciados da nossa realidade sócio, cultural, linguística, incentiva os brasileiros a pensarem em brasileiro e a escreverem em brasileiro. É preciso ouvir o povo e anotar o que ele diz e não ficar preso em gabienetes criando uma língua que só existe nos livros, romper com a sintaxe lusitana e usar a nossa, como a nossa gente faz. E, diz Parentes Fortes:

"E que as línguas, antes de se prestarem aos manejos conscientes da literatura, são e não podem deixar de ser toda a sua vida, redes inextricáveis de fenômenos de várias naturezas que se regem à revelia de nossas intenções" - op. cit. p. 59.

Mas, bem mais diferentes que o português-brasileiro são os dialectos portugueses das antigas colônias africanas. Com o tempo, a forte influência das línguas nativas, o quase total analfabetismo das populações rurais naqueles países, o português terminou por tornar-se crioulo, desaparecendo a interinteligência entre um falante de português e um de crioulo. Note-se que é muito maior a distância entre o crioulo cabo-verdiano, por exemplo, e o mirandês, o riodonorês e o quadramilês, estudados e classificados por Leite de Vasconcellos em pé de igualdade, salienta Luís F. Lindley Cintra nos seus "Estudos de Dialectologia Portuguesa"¹¹⁵, como co-dialectos do português e o português-padrão. Um português que viaje à ilha de Cabo Verde e não estude por algum tempo o caboverdiano, é incapaz de entendê-lo, tão diferente ele se tornou com o passar dos anos.

Glastone Chaves de Melo que eu saiba é dos primeiros filólogos brasileiros a dar acolhida aos crioulos em uma obra de introdução à filologia e à linguística portuguesa e chega mesmo a transcrever trechos em crioulo indo-português de Damão, além de dedicar um capítulo inteiro ao problema da língua portuguesa no Brasil (Vide "Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa", ed. cit. antes, nos capítulos III a VII, da parte denominada "Perspectiva Histórica", de págs. 121 a 157, que contém excelentes ensinamentos não apenas sobre a posição do português na România como sobre a evolução do português no Brasil, e também o capítulo I da Parte Especial, onde estuda a posição do português na família românica, trazendo boa informação acerca dos caracteres específicos do português e que o fazem bastante distinto das outras continuações históricas do latim imperial, desde o seu vocalismo, que é marcado por um conservadorismo muito grande até aspectos de sintaxe).

Eis, em rápidas pinceladas, o panorama da língua portuguesa que, saindo de pequeno país nas costas da Europa, se espraia por outros continentes, crescendo sempre e, em determinados casos, dando origem a outras línguas, como veremos no capítulo especial sobre os crioulos românicos, um deles já hoje língua de Estado e língua nacional, o seixelhense.

O português em terras de Portugal vem exercendo pressão sobre seus co-dialectos, que se estiolam e, dentro de mais algumas décadas terão desaparecido para sempre, mas em África sofre a pressão de línguas nativas faladas pela maioria da população. No Brasil diferencia-se, enriquece-se mas continua estruturalmente a mesma língua. Um dia talvez quando não houver coação oficial para que o povo escreva a língua que não fala, poder-se-á falar de uma autonomia linguística para o português-brasileiro, defendida por muitos linguistas e filólogos e sinceramente acompanhada pelo autor deste pequeno ensaio sobre a classificação das línguas românicas. Pode ser que isso nem aconteça, por causa dos eficientes meios de comunicação, pela força da televisão que ajuda a unir linguisticamente o País. Seja como for, o português, ao qual se une o português-brasileiro, é uma das línguas mais importantes do mundo, onde se criaram grandes literaturas e se desenvolvem novas civilizações que, no dizer do Presidente Senghor, ajudam a cimentar as bases da Civilização do Universal.

Uma língua belíssima, cantada em prosa e verso por gente daqui e dalém-mar e que, de Olavo Bilac mereceu um belíssimo soneto, onde ele, descontada a retórica, louva as belezas da nossa língua:

Última flor do Lácio, inculta e bela,
Es, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amot-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

(Cit. por Sousa da Silveira no seu livro "Lições de Português", p.19)

Notas e Referências ao

Capítulo V:

- Van Hamel, A.G. Geschiedenis der Taalwetenschap. Den Haag, Servire, s/d. 84 p.
- De Saussure, Ferdinand. Cours de Linguistique Générale. Paris, Payot, 1955. 331 p.
- Crystal, David. A Linguística. Trad. Isabel Hub Faria. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1973. 322 p.
- Reichling, Anton. Verzamelde Studies over hedendaagse problemen der Taalwetenschap. 5a. ed. Zwolle, N.V. Uitgeversmaatschappij/W.E.J. Tjeenk Willink, 1969. 111 p.
- Torres, Artur de Almeida. Estudos Linguísticos. Rio de Janeiro, Fahupe, 1978. 160.
- Op. cit. p. 105.
- Op. cit. p. 106.
- Op. cit. p. 106.
- Kraus, Karl. Die Sprache. München, Kösel-Verlag KG, 1954. 447 p.
3. Pei, Mario. Language for Everybody. What it is and how to master it. New York, Pocket Books, Inc., 1958. 340 p.
1. Op. cit. p. 4 e 5.
2. Jean Dubois et alii. Dicionário de Linguística. Trad. de Frederico Pessoa de Barros et alii. São Paulo, Editora Cultrix, 1978. 653 p.
3. Robins, R. H. Linguística Geral. Trad. de Elizabeth Corbetta A. da Cunha et alii. Porto Alegre, Editora Globo, 1977. 395 p.
4. Wendt, Heinz F. Sprachen. Frankfurt am Main, Fischer Bücherei, 1966. 382 p.
5. Molde, Bertil e Elias Wessén. Svensk Språklära för Danskar. Copenhagen, Ejnar Munksgaard, 1948. 102 p.
- Eis o que escrevem os autores sobre dialectos (claro que se referem precipuamente aos suecos):
- "D i a l e k t e r n a utgjorde alltså i äldre tid det språk, som talades i landet. Under det att riksspråket som sådant har en begränsad ålder, har bygdemålen, teoretiskt sett, en obegränsad ålder. De går direkt tillbaka på vårt fornspråk - eller rättare sagt: de har funnits till redan inom fornsvenskan - och de har utvecklats ur det gemensamma nordiska tungomålet före vikingatiden, urnordiskan. De utgör den naturgrund, varpå språkets kulturformer, riksspråket i tal och skrift, har vuxit fram" -op.

cit. p. 6.

16. Op.-cit. p. 54 e 55.

17. Savj-Lopez, Paolo. Le origini neolatine. Milão, Ulrico Hoepli, 1976. 407 p.

18. Rosetti, Al. Istoria limbii române. Bucureste, Editura Științifică și Enciclopedică, 1978. 936 p.

19. Rauta, Aurelio. Gramática Rumana. Prólogo de César Real de la Riva. Salamanca, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Universidad de Salamanca, 1947. 489 p.

20. Op. cit. p.235.

21. Pop. Sever. Grammaire Roumaine. Berna, Editions A. Francke S.A., 1948. 457 p.

22. Op. cit. p. 13.

23. Op. cit. p. 235.

24. Op. cit. p. 13.

25. Dauzat, Albert. L'Ennape Linguistique. Paris, Payot, 1953. 239 p. Leia-se o que esse linguista diz sobre as influências sofridas pelo romeno às págs. 52 e 52 da obra citada.

26. Stépanov, G. La linguistique externe dans se relations avec les structures internes. Linguistique Générale. Système et Structure du Langage. Obra coletiva. Moscou, Editions du Progrès, 1981. p. 76.

27. Elia, Silvio. Preparação à Lingüística Românica. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S/A, 1979. p. 136.

28. Ibidem p. 136.

29. Wendt, in ed. cit.

30. Op. cit. p.217.

31. Krahe, Hans. Indogermanische Sprachwissenschaft. I: Einleitung und Lautlehre. Berlim, Walter de Gruyter & Co., 1966. Coleção Göschen vol. 59.

32. Auerbach, Erich. Introdução aos Estudos Literários. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo, Editora Cultrix, 1972. 278 p. Veja-se, sobre o dálmata, a nota às págs. 95.

33. Homburger, L. Le langage et les langues. Paris, Payot, 1951. 256 p.

34. Op. cit. p. 220 2 221.

35. Manupella, Giacinto. A Língua Italiana. 20. vol. p. 256.

36. Bertoni, Giulio. Italia Dialettale. Milão, Ulrico Hoepli, 1972. A segunda parte toda de págs. 55 usque 168.

Pittau, Massimo. Grammatica del sardo-nuorese. Bolonha, Casa Editrice Prof. Riccardo Pàtron, 1 972. p. 2.

Op. cit. p. 7.

Op. cit. p. 147.

Monterisi, Mario. Storia di Corsica, dalle origini ai giorni nostri. Milano, Fratelli Bocca-Editori, 1 941. 166p.

Cfr. Ceccaldi, Mathieu. Anthologie de la Littérature Corse. Paris, Editions Klichsieck, 1 973. p. 358 e 359.

Stolz, F. - A. Debrunner - W.P.Schmid. Geschichte der lateinischen Sprache. Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1 966. Coleção G8schen, vol. 492 e 492a. 145 p.

Op. cit. p.199.

Op. cit. p. 55 e seguintes.

Cfr. Porta, Carlo. Poesie. A cura di Dante Isella. Arnoldo Mondadori Editore, 1 975. 1.066 p. Poesia no. 8 da edição citada. Aliás, em várias outras ocasiões o poeta faz referência ao seu dialecto.

Cfr. Pellicciardi, Ferdinando. Grammatica del dialetto romagnolo. La lènga dla mi tèra. Ravenna, Longo Editore, 1 977. p. 105.

Potter, Simeon. A linguagem no mundo moderno. Trad. de António Ramos Rosa. Lisboa, Editora Ulisseia, 1 965. p. 109.

Langacker, Ronald W. Language and its Structure. Some fundamental Linguistic Concepts. New York/Chicago/San Francisco/Atlanta, Harcourt, Brace & World, Inc., 1 968. p. 226.

Op. cit. p.135.

Decurtins, Alexi. Il romontsch, in model per la sort da minoritads linguisticas e culturalas? Chur, Bündner Tagblatt, 1 980.

Eis o que diz esse autor:

"In sguard ella situaziun dil romontsch, plidaus en Svizra e particularmein el Cantun Grischun da ca. 50.000 olmas, ei en quei senn buca senza muntada" - p. 2.

Op. cit. p.2.

Escreve ele:

"Las variaziuns screttas se distinguan zun pauc dil lungatg plidaus en las regiuns. Quei fa ch'ils Romontschs (Sursilvans, Surmirans e Ladins) sesentan lien da casa. Ina avischinaziun linguistica ei pusseivla e gievischeivla, astga denton buca daventar sin via artificiala e sfurzadamein"

- p. 2.

52. Schlatter, Martin. J'apprends le Romanche, quatrième langue nationale. Grammaire abrégée du Romanche de la Basse-Engadine. Trad. e adap-
tação de M. Viredaz. 2a. ed. Lausanne, Editions de la Jorette Lausanne,
1 973.
53. Cfr. Prosa Rumantscha, Prosa Romontscha. Antologia sem nome do organi-
zador. Zürich, Schweizer Verlaghaus Ag. 1 967. 316 p.
54. Gide, André. La Sinfonia Pastorale. Versiun romontscha da Donat Cadru-
vi. Oвра edida ed introducida da Alfons Maissen. Cuera, Revista Reto-
romontscha, 1 974. 60 p.
55. Gregor, D.B. Friulan, Language and Literature. Cambridge, The Oleander
Press, 1 975. p. 4. Diz ainda Gregor:
"Even then there will remain a few zones where Friulan is not spoken (re-
fere-se à regione Friuli): wedges of Slovene in the Julian Apes north
of Tarvisio, and islands of German in the Carnic Alps. Linguistically,
therefore, Friuli is an area of less than 3.000 sq. miles, with a popu-
lation of 800.000, most of whom speak Friulan" - op. cit. p. 3 e 4.
56. Op. cit. p. 4.
57. Op. cit. p. 40.
58. Op. cit. no prefácio, p. v, nota 1.
Gregor se pergunta:
"Whether Friulan is to be called language or dialect is a question
that may well be asked; and to answer it is both difficult and invidious:
difficult, because a moment's thought shows that every language is also
a dialect and every dialect also a language; invidious, because a dialect
is felt to be in some way subordinate" - ibidem p. v.
59. Cfr. Raetia '70 - Antologjie de poesie ladine-grisone resinte, com
trad. ao friulano por Agnul di Spere e ao italiano por Giorgio Orelli.
Ribis, 1 978. Apresentação de Domenico Zannier, possivelmente o organiza-
dor. p. 18 e 19.
60. Op. cit. p. 337.
61. Op. cit. p. 337.
- 61a. Dauzat, op. cit. p. 57.
62. Op. cit. p. 248.
63. Op. cit. p. 61.
64. Op. cit. p. 145.
65. Op. cit. p. 109 e 110.

66. Lyons, John. Lingua(gem) e Linguística - Uma introdução. Trad. de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982. 322 p.
67. Cfr. art. in op. cit. p. 76 e seguintes.
68. Aebischer, Paul. Chrestomathie Franco-Provençale. Recueil de textes franco-provençaux antérieurs à 1630. Berna, A. Francke S.A. Editeurs, 1950.
69. Op. cit. p. 76 e seguintes. Para alguns trechos em prosa veja-se de p. 93 em diante.
70. Op. cit. p. 55 e 56 de "L'Europe Linguistique".
71. Ker, W.P. The Dark Ages. New York, A Mentor Book, 1958. 236 p.
72. Op. cit. p. 15.
73. Op. cit. p. 349.
Eis o que diz esse romanista:
"Questa lingua invece, è di certo fortemente composta, ma ai principii della poesia lirica, dovè prender più di un tratto dei dialetti nord-ovest dell'Occitania. Inoltre la lingua del sud aveva già a mezzo il XII secolo grande unità, come mostrano i documenti dalle Alpi a Bordeaux. La lingua del secolo XII fu dunque solo parzialmente limosina e la grande fama poetica del Limosino provincia fece credere che fosse soprattutto limosina" - ibidem p. 349.
74. C. Julii Caesaris Commentarii de Bello Gallico. Edição anotada pelo Dr. Joaquim Freire de Macedo. Paris/Lisboa, Livrarias Aillaud, Bertrand, s/d.
Júlio César, logo de início, divide a Gália:
"Gallia est omnis divisa in partes tres; quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam, qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur. Hi omnes lingua, institutis, legibus inter se differunt. Gallos ab Aquitanis Garumna flumen, a Belgis Matrona et Sequana dividit" - lib. I, 1.
75. Anglade, Joseph. Grammaire élémentaire de l'ancien Français. Paris, Librairie Armand Colin, 1965. 248 p.
76. Anglade, Joseph. Grammaire de l'ancien Provençal ou ancienne langue d'Oc. Phonétique & morphologie. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1921. 448 p.
77. Op. cit. p. 5.
78. Op. cit. p. 10.
79. Ibidem p. 10.
80. Ponsolle, Yvonne. Entre bedis. Peças de teatro en parla gascon. Edição do autor, 1980. 295 p.

81. Douguin e Mauron. Lou Prouvençau a l'escolo. 6a.ed. Paris, Ed. Association Pédagogique 'Lou Prouvençau a l'escolo', Saint-Rémy-de-Provence, 1 976. 304 p.
82. Lausberg, Heinrich. Lingüística Románica - tomo I. Fonética. Trad. de J. Pérez Riesco e E. Pascual Rodríguez. Madrid, Editorial Gredos, S.A. 1 964.
Existe tradução em português, Linguística Românica. Trad. de Marion Ehrhardt e Maria Luisa Scheman. 2a. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1 981. 458 p.
83. Op. cit. p. 230.
84. Op. cit. p. 130.
85. Baldinger, Kurt. La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica. Trad. de Emilio Lledó e Montserrat Macau. Madrid, Editorial Gredos, 1 963. Veja-se capítulo especial onde estuda o catalão, de págs. 102 a 131.
86. Chaves de Melo, Gladstone. Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1 971. 338 p.
87. Op. cit. p. 19.
Escreve ele:
"Le gascon et le catalan ont évidemment dès le début de la langue la plupart de leurs traits distinctifs; mais ces traits ne sont pas encore tellement accusés et tellement nombreux qu'ils soient un obstacle insurmontable - comme ils le sont devenus aujourd'hui - à une unité linguistique, au moins relative.
Les caractères attribués au gascon par Luchaire sont au nombre de sept: 1o. Absence de v; 2o. Répugnance pour f; 3o. Répugnance pour r (simple) initial; 4o. Suppression de n entre deux voyelles; 5o. Mutation de ll médial en r; 6o. Mutation de ll final en t; 7o. Résolution de l final en u. Quoique cette division soit critiquable, on peut la tenir pour assez exacte. Dès le XIe. siècle on trouve quelques mots en langue gasconne dans les chartes latines" - ibidem p. 19.
88. Kelly, Reine Cardaillac. A Descriptive Analysis of Gascon. The Hague/Paris, Mouton, 1 973. 214 p.
89. Darrigrand, Robert. Initiation au Gascon. Per Noste, 1 974. 303 p.
90. Op. cit. p. 109.
91. Op. cit. p. 241.
92. Cfr. Lausberg, op. cit. p. 66.
93. Cfr. Savj-Lopez:
"Alla famiglia provenzale si fa appartenere il catalano. E parlato, en-

tro i termini politici della Francia, in quasi tutto il dipartimento dei Pirenei Orientali; e sul territorio politicamente spggnuolo lungo una striscia della costiera orientale, nella Catalogna e nella Valenza giù fino al fiume Segura - ossia, più precisamente, nelle quattro provincie ond'era costituito l'antico Principato di Catalogna (Gerona, Barcellona, Tarragona e Lerida) e in tre province del regno di Valenza (Castellón de la Plana, Valencia e Alicante). Inoltre nelle isole Baleari con le adiacenti Pitiusi e nel circondario d'Alghero in Sardegna, ove fu importato sotto il dominio catalano dal 1322. Un tempo sulla costa spggnuola discendeva fin giù nella Murcia, ma il castigliano tornò a respingerlo a nord" - op. cit. p.231.

94. Marvà, Jeroni. Curs superior de gramàtica catalana. Barcelona, Editorial Barcino, 1968. 467 p.
95. Entwistle, William J. Las lenguas de España: Castellano, Catalán, Vasco y Gallego-Portugués. Trad. de Francisco Villar. Madrid, Ediciones Istmo, 1973. 443 p. Leia-se, para melhor esclarecimento o capítulo 4, dedicado ao catalão, de págs. 109 usque 136.
96. Moll, Francisco de B. Gramática Histórica Catalana. Madrid, Editorial Gredos, 1952. 448 p.
97. Op. cit. p. 18.
98. Badia Margarit, Antonio M. Gramática Catalana. 2 vols. Madrid, Editorial Gredos, 1962. 478 + 542 p.
99. Sanchis Guarner, M. Gramática valenciana. Citado por Badia Margarit na sua Gramática Catalana, tomo I, págs.51 com vários comentários, entre os quais que
 "... el autor demuestra su vasto conocimiento de las hablas vivas valencianas y de la lengua clásica de la que proceden muchos ejemplos del libro; la posición del autor representa la adecuación del valenciano a la doctrina gramatical del "Institut", en un grado de superación de lo más específicamente dialectal" - ibidem p. 51 e 52.
100. Verdaguer, Jacint. L'Atlàntida. Poema. Barcelona, Editorial Selecta, 1971. 197 p.
101. Op. cit. p. 19.
 Diz ele:
 "El español y el portugués son, por su expansión y acción colonizadora, por su contacto con las razas africanas, americanas y asiáticas, las más importantes de entre las lenguas romances" - ibidem p. 19.

102. Cfr. Dauzat, op. cit. p.61.

103. Op. cit. p. 194.

E acrescenta:

"This phenomenon, as we have seen, is often accompanied by diversification" - ibidem p. 194.

104. Op. cit. p. 240 e 241.

105. Leite de Vasconcellos, J. Licções de Filologia Portuguesa. 4a. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1 966. p. 16.

106. Meier, Harri. Ensaio de Filologia Românica. Rio de Janeiro, Grifo, 1 974. Leia-se com bastante proveito o excelente artigo sobre "A formação da língua portuguesa", de págs. 5 a 34.

107. Op. cit. p.23.

108. Op. cit. p. 109.

109. Op. cit. p. 132.

110. Piñeiro López, Don Ramón. A lingoaxe e as línguas. Vigo, Editorial Galaxia, 1 967.

111. Carballo Calero, Ricardo. Gramática elemental del Gallego común. Vigo, Editorial Galaxia, 1 974. 330 p.

112. Cfr. Savj-Lopez op. cit. p. 234.

113. Monteiro, Clóvis. Português da Europa e Português da América. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1 959. 184 p.

Escreve esse autor:

" No meio americano, aonde fora transplantado pelos conquistadores, desenvolveu-se naturalmente o idioma dos lusos. E, com o correr do tempo, veio a apresentar-se sob vários aspectos, visivelmente modificado, a retratar o espírito da nova sociedade, que aqui se organizava, ao sabor da civilização européia. Não quer isso dizer que a língua permanecesse imutável do outro lado do Atlântico. Lá, como aqui, evoluiu; mas não é ra possível que, em territórios apartados, se subordinasse sempre a transformações idênticas" - p. 99.

114. Fortes, Herbert Parentes. A língua que falamos. Rio de Janeiro, Livraria Clássica Brasileira, Edições G.R.D., 1 957. 204 p.

115. Lindley Cintra, Luís F. Estudos de Dialectologia Portuguesa. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1 983. p. 126 e seguintes.

AS LINGUAS ROMANICAS DE SEGUNDA GERAÇÃO

- Algumas linhas sobre os crioulos -

Addendum ao

Capítulo V.

"Nasceram tais línguas das necessidades de comunicação experimentadas por indivíduos de diferentes proveniências linguísticas subitamente postos em contacto uns com os outros. É evidente que os crioulos não surgiram prontos do primeiro contacto entre europeus e não europeus, mas que se formaram gradualmente, a partir de idiomas de recusso, do tipo dos chamados pidgins ou línguas francas, praticamente improvisados com elementos das várias línguas em presença, de cada vez que as circunstâncias punham em contacto indivíduos que não falavam a mesma língua".

Morais-Barbosa, Jorge. Introdução aos Estudos Linguísticos CRIoulos. Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967. p.VII.

5a.1. O que são crioulos.

Só recentemente a linguística vem encarando a questão dos pidgins e crioulos com a devida atenção, evitando todo ranço de preconceito que parece ter animado, por muito tempo, esses estudos. E vê neles importantes manifestações da inventiva do homem, do dinamismo dos grupos sociais, das pequenas comunidades, em se comunicarem uns com os outros através de línguas de contacto. O mais importante é dizer algo e não manter o silêncio se não é o seu momento. Há momentos de silêncio e há momentos de falar.

Um pidgin, um crioulo merecem a maior atenção do linguista, pelo muito que o seu estudo pode significar para explicar fatos linguísticos das línguas de onde eles saíram e fatos novos surgidos dessa alteração e evolução. Todas as línguas são importantes para o linguista e por isso é de causar surpresa quando um linguista famoso como Mario Pei estabelece níveis de tratamento para as grandes línguas, as que possuem ricas literaturas, que são faladas por milhões e estudadas em muitos lugares, e aquelas faladas em pequenas e pobres comunidades, que são muitas vezes ágrafas ou escassamente escritas. E Pei diz que

"Here again we have extremists who advocate that the same treatment be accorded to Melanesian Pidgin, Haitian Creole, or the language of an obscure group in the Amazon jungles that is accorded to the great tongues of civilization" - in "Language for Everybody", p.15.

A linguística como ciência evoluiu muito e nenhum linguista dos nossos dias pensaria assim.

Foram as línguas transplantadas que deram origem aos pidgins e crioulos e é bom que se não confunda um crioulo com uma alteração de uma mesma língua no curso de séculos por causa do isolamento, como é o caso do alguerês ou do meglenítico, por exemplo. E iríamos mais longe, ao citarmos o caso do ladino ou judezmo ou judesmo, e possivelmente o do iídiche, que não consideraríamos crioulos já que a sintaxe não se alterou tão profundamente como a de tantos crioulos saídos de línguas românicas e que serão citados no correr deste ensaio em passant, já que este não é um trabalho específico sobre crioulos e pidgins e sim uma enumeração atual das línguas neolatinas.

Frederick Bodmer que escreveu um grande livro de divulgação sobre "O Homem e as Línguas - Guia para o Estudioso de Idiomas"¹ faz referência a vários crioulos, inclusive os saídos de línguas neolatinas e tem sobre sua origem uma teoria que pode parecer um tanto quanto simplista, mas que não está assim tão afastada da realidade linguística que esses línguas encobrem.

Bodmer diz que são as relações entre europeus e povos indígenas que dão origem a essas "línguas de contacto e cita apenas duas de origem românica, o Beach-la-Mar e o patois da ilha Maurícia, dando aqui a patois, de maneira muito imprecisa, o significado de créole. E ensina que:

"Cada uma delas tem tido o mesmo processo formador. Seja por desprezo, seja por uma crença mal fundada de que está facilitando as coisas para o nativo, o homem branco se dirige ao indígena no idioma simplificado das mães... ou das amantes. Algumas pessoas se servem desse modo de falar quando conversam com um forasteiro que não se acha familiarizado com a língua deles" - op. cit. p. 399.

E mais abaixo:

"Em toda parte a nova língua consta de vocábulos europeus mais ou menos deformados, colados entre si com um mínimo de gramática" - ibidem p. 400.

Lamenta ainda que

"Os linguistas ortodoxos têm dado pouca atenção a esses falares" - ibidem p. 400.

Talvez a coisa não seja assim tão simples. Existem muitas teorias sobre as origens dos falares crioulos, mas diríamos que a questão de um imperfeito aprendizado da língua transplantada ou da língua que se quer impingir no território colonizado seria um dos motivos mais relevantes. A lei do menor esforço, outro e finalmente o choque com outros dialectos e línguas que são familiares para os nativos que, de boa mente, preferem falá-los a adotar uma outra língua. Como precisam desta, falam-na de qualquer maneira sem se preocuparem se seguem o padrão ou não.

Note-se ainda que, em geral, o nascimento de crioulos está estreitamente ligado à escravidão ou ao férreo domínio colonial e os crioulos de que se têm notícia e que persistiram são quase todos de povos colonizados e, em sua grande maioria, de povos negros.

Os vocabulários da línguas crioulas são construídos, via de regra, com empréstimos da língua que lhe deu origem ou de outras, vizinhas, com as quais esse povos tenham permanente e direto contacto.

Por essa lei do menor esforço, o vocabulário se altera semanticamente e perde as características da língua de onde saiu. Robert A. Hall Jr., um especialista nessas línguas, cita muitos desses exemplos no seu artigo "Pidgins and Creoles as Standard Languages" 2, em que derruba muitos mitos e coloca os pidgins e crioulos nos seus devidos lugares.

E esse linguista é quem nos dá uma das mais completas e abrangentes definições de pidgins e crioulos, de maneira sucinta e perfeitamente compreensível para o não especialista. Diz ele:

"A pidgin language is, by definition, one whose structure and lexicon have been drastically reduced, and which is native to none of those who use it. A creole, likewise by definition, is a pidgin language which has become the native language of a speech-community" - in art. cit. p.142.

Os crioulos, assim como os pidgins, têm estruturas gramaticais descrevíveis e definíveis, mas que diferem bastante das línguas de onde provieram. Depois, uma característica, além da fonética fortemente alterada, é dos vocabulários que apresentam constantes mudanças de significado.

Aqueles que hostilizavam os crioulos, chamavam-nos de "mongrel jargon", "bastard lingo", "línguas de pretos" e outros termos igualmente pejorativos. A situação mudou muito desde então e já existem literaturas nos diversos crioulos, dilucida R.A. Hall Jr. e tem havido por parte de escritores nativos a tentativa, às vezes bem sucedida, de fazer traduzir as grandes obras da literatura universal nos seus crioulos.

Primeiro é uma literatura de sabor religioso, em geral traduções por missionários de textos bíblicos, ou pedaços do Novo Testamento, depois pequenas notícias locais que são distribuídas em folhas mimeografadas, cartas comerciais, pequenas notas semi-oficiais, e, comenta o linguista:

"Once a pidgin or creole has been used to a certain extent for semi-official purposes such as those just discussed, informal use of its written form is likely to take root and spread" - ibidem p. 150.

Joshua Whatmough no seu "Language, a Modern Synthesis",³ fala ainda de creolized language que, para ele, é "a language which is based on a pidgin variety of standard usage and has then become the only language of a speech community"⁴

São as grandes línguas internacionais e de antigos impérios coloniais que dão origem a esses pidgins e crioulos, mas pode haver casos de línguas comuns, não necessariamente línguas imperiais e coloniais, como foi o caso de falares na Polinésia e nos outros pontos do Pacífico que deram origem a crioulos e pidgins, como o malaio, hoje importante língua nacional e oficial de um Estado soberano.

O que é afinal um crioulo?

Fiquemos no crioulo, que é o que mais diretamente nos interessa neste momento.

1. São línguas de recurso;
2. Instrumentos de comunicação oral sobretudo;
3. Novas línguas que resultaram da mútua interferência entre dois ou mais idiomas;
4. Para a formação de um crioulo, em geral um dos idiomas é europeu e o outro ou outros não necessariamente, podendo ser asiáticos ou africanos;
5. São usados por nativos que já o falam desde a infância, diferentemente dos pidgins;
6. Tendem, com o passar do tempo, a suplantar o idioma-padrão ou oficial;
7. Sendo língua nacional de todo um povo, pode, por motivos de evolução literária ou por motivos políticos, tornarse língua oficial.

5a.2. Qual a posição de um crioulo?

Jorge Morais-Barbosa, citado em epígrafe neste addendum ao capítulo V do nosso ensaio, na excelente introdução ao livro "Estudos Linguísticos Crioulos",⁵ lembra que existem vários critérios para classificar um crioulo e assim os define:

1. É lícito considerar os crioulos como representando dialectalizações das línguas européias de origem;
2. Um outro critério, que nada tem de linguístico nem de propriamente científico, mas que pode ser cômodo, baseia-se na observação das áreas geográficas onde são faladas essas línguas. De acordo com ele, os crioulos falados em África, como os de Cabo Verde, da Guiné ou de São Tomé e Príncipe seriam considerados línguas africanas. Mas esse critério importaria em considerar por exemplo o francês, falado em muitos Estados africanos como língua oficial, como uma língua africana, assim como o francês, o inglês também o seria e mesmo o árabe;
3. Outro critério, dito tipológico, procura agrupar e classificar as línguas, não de acordo com a sua filiação histórica nem com a área onde são faladas, mas sim segundo as suas características estruturais. Constituiriam os crioulos um grupo tipologicamente definido?

Morais-Barbosa acha que futuramente isso será possível.

Preferimos porém olhar o lado genético, as origens do crioulo

lo nascido de uma língua românica, como uma sua continuação mais distanciada, um idioma românico saído de um filho do latim ou seja, uma língua neolatina de segunda geração. Essa era aliás a posição adotada por F. Adolfo Coelho que escreveu um excelente artigo sobre "Os Dialectos Românicos ou Neolatinos na Africa, Asia e América", incluído na coletânea de Moraes-Barbosa.⁶

Há linguistas que já admitem a independência de crioulos de origem francesa e que tomaram grande impulso nos últimos anos, sendo cultivados pelos nativos e usados como línguas de primeira instrução ou línguas intermediárias, como parece ser o caso do créole haitien, que goza da proteção do Estado e no qual se publicam livros e artigos com bastante frequência, ou o caso do martiniquês, também muito difundido. Do lado do português, há vários crioulos que se desenvolvem e começam a ser extensamente cultivados, aproveitando a onda de nacionalismo que varre todo o continente africano. Destes, o que tem logrado mais êxito é de Cabo Verde que conta já com alguns bons poetas e vem sendo incentivado. Do espanhol, o mais conhecido e estudado é o papiamento, falado em Curaçao e que será, possivelmente, uma língua autônoma e oficial quando aquela ilha se tornar independente.

Existe um que já é língua oficial, o das ilhas Seychelles, e que pode engrossar, portanto, o número das línguas românicas existentes no mundo.

5a.3. Os crioulos saídos das línguas românicas.

São muitíssimos e não daria nos limites deste modesto ensaio apresentar todos.

Muitos começam a ceder a pressões de outras línguas e alguns já estão moribundos se é que já não morreram. Novas línguas, novos impactos, novas orientações políticas e culturais determinaram o seu destino, como de resto tudo na vida. O nascer, o amadurecer e o fenecer estarão sempre presentes em tudo o que for humano que é esta a nossa triste condição sobre a terra: a de uma passagem, mais ou menos curta.

Alguns crioulos portugueses chegaram a possuir literatura, quase toda de feição religiosa ou folclore, antes mesmo de algumas das línguas neolatinas que estudamos como o moldávio e espécimens reto-romanches. Ou, pelo menos, tiveram mais difusão como línguas escritas do que velhas dialectos neolatinos, o que não deixa de ser interessante. Está neste caso o português do Ceilão.

Mas o português do Ceilão está agonizante, assim como o indo-português e o macaíta ou português de Macau. O cingalês, o inglês, o canôni e o chinês em sua variedade cantonesa, tomaram o seu lugar.

Francisco Adolfo Coelho foi dos primeiros que se preocupou seriamente com os crioulos portugueses. Aliás, ele foi primeiro em muitas áreas e isso lhe deve ser tributado. Estudou o dialecto caboverdiano com ajuda de um natural das ilhas e o português do Ceilão e conseguiu, para a época, a maior bibliografia crioula que se podia imaginar, e deles deu uma pintura perfeita. O mais importante, do ponto de vista da linguística era, com efeito, o de Cabo Verde que ele divide ou distingue duas formas:

"... o crioulo rachado, crioulo fundo, crioulo vejo, falado principalmente no interior da ilha e de que as notícias e documentos que publicamos dão conhecimento, e o crioulo em que a gramática portuguesa é menos ignorada, distinguindo-se quase unicamente pela pronúncia de algumas palavras ou sons e pelo acento geral" - in "Estudos Linguísticos Crioulos", p. 5.

Mas deu notícias sobre o crioulo de São Tomé, o da Guiné-Bissau, para depois estudar o crioulo cingalês ou indo-português, como ele prefere chamar e que foi, então, o mais largamente estudado e aquele em que mais havia publicações e há um século atrás era falado nativamente por mais de cinquenta mil pessoas, descendentes de holandeses e portugueses. Sobre esse crioulo ajunta a mais rica bibliografia que conhecemos sobre crioulos, trabalho de paciência que contou com a ajuda de um missionário e linguista, o Reverendo R.H. Moreton, a quem ele presta homenagem no seu ensaio. Cita alguns trechos bem expressivos, que mostram uma língua já fixada, mais distante do português de onde proveio do que o galego, o mirandês e em certos momentos do que o próprio espanhol.

Na sequência, faz alusão ao dialecto português de Malaca e ao macaista, este verdadeira jóia da România e, lamentavelmente, quase perdido se não já perdido a estas horas.

Mas esse linguista invulgar, curioso e interessado na área da socio-linguística, que à época não tinha sequer esse nome, vai mais a diante do domínio português e estuda os crioulos espanhóis e, como não podia deixar de ser, o papiamento, o mais importante e que hoje conta com boa bibliografia. O grande problema parecia ser, até alguns anos atrás, o estabelecimento de uma ortografia unificada, que servisse a todos, pois o papiamento vai da escrita mais conservadoramente espanhola, que o quer transformar quase que em variação dialectal do espanhol, até uma fantasiosa ortografia holandesa, que veste uma língua românica de segunda geração com roupas bem holandesas... Adolfo-Coelho cita a ortografia holandesa e nela copia largos trechos dos Evangelhos. A compreensão, mesmo para um falante de espanhol, não é nada fácil.

Hoje em dia já existem boas gramáticas em papiamento e sobre ele e bons livros. Um linguista de Curaçao, Johannes Maduro, publicou mu

tos livros sobre o papiamento sobre o qual ele exercia um policiamento que diríamos tocante. Um de seus livros mais apreciados era justamente um escrito assim à moda de Cândido Figueiredo, para dizer o que está e o que não está certo em papiamento: "Papiamentu, erornan di diccion i traduccion. Um guia pa esnan qu ta desea di papia i traduci corectamente".⁷ Defendendo o papiamento escreve Maduro:

"E menosprecio qu nos a lanta tende pa nos lenga crioyo fo'i na scol a pone qu hopi a lanta cu un cierto aversión pa nan idioma, p'e lenga qu tá nan patrimonio i - si lenga tá alma di un pueblo, manera nan sa bisa - pa nan mes alma antó!"
- in op. cit. p.1, do prefácio. Grifos nossos.

Mas os livros e publicações especializadas sobre o papiamento se multiplicam de ano para ano e existem bons métodos para o aprendizado sem mestre, como o delicioso livrinho de E.R. Goilo, "Hablemos Papiamento"⁸ para as pessoas de língua espanhola, como os existem para os que falam holandes ou inglês.

O papiamento vem despertando o interesse de linguistas e viajantes estrangeiros que se põem a estudá-lo e, por vezes um tanto apressadamente, dizem coisas curiosas sobre ele. Mas o que se não pode negar é a admiração que esse crioulo desperta em todos. Faz algum tempo, Irene Fell escreveu um entusiástico artigo sobre "Papiamento - The Historic Language of the Dutch Caribbean"⁹ em que, entre outras coisas observa:

"For a short time, Brazil became part of the Spanish Empire. When the Spanish invaded Brazil, Brazilians who spoke Portuguese came to the friendly ABC islands. Thus, we have the seeds of Papiamento: Arawak Indian, Spanish, Dutch, a mixture of African dialects and Portuguese, and later also English, and French. Although Dutch was the official language of Aruba, Curaçao, and Bonaire, a common language was needed for all to communicate. A lingua franca, Papiamento, combined all of these languages, although Spanish was the most important influence, and today Papiamento is almost 60% derived from Spanish. As a primitive language, ten se was not of great essence, and no verb conjugation were thought essential" - art. cit. p. 70 e 71. Grifamos.

Mais adiante, diz a mesma articulista:

"After the Second World War and the emergence of the jet age, the Caribbean became more accessible to North Americans. English words were added to the several other languages which make up Papiamento. What we really have

today is a beautiful, written and spoken language, developed from Arawak Indian, Spanish, Dutch, African dialects, Portuguese, and a smattering of English and French - ibidem p. 71. Grifos nossos.

Eis em rápidas pinceladas o que é o papiamento, já hoje uma língua literária que conta em seu ativo até mesmo traduções de Shakespeare.

Foi porém um crioulo brotado do francês aquele que primeiro atingiu o status de língua oficial: o seychellois, ou seixelhense, falado por toda a população das ilhas Seychelles, no oceano Índico e que tinha, até o advento do Presidente France Albert René, o inglês e o francês como idiomas de Estado enquanto que o crioulo era a língua nacional. O Presidente, moço ainda e bastante envolvido nos ideais nacionalísticos dos povos emergentes, não hesitou em, após uma comissão de linguistas, decretar que o seixelhense passava a ser além de língua nacional, a única língua oficial - auxiliada porém pelo francês e pelo inglês para contactos internacionais. A correspondência oficial é toda em seixelhense e existem já bons livros de poesia e de prosa, a educação é toda feita em seixelhense e, por fim, o país pôde dizer que tomava o seu próprio caminho na história dos povos independentes deste século, em parte graças à clarividência de um líder. O Presidente René, por sinal, no discurso comemorativo do sexto ano da sua tomada do poder, não escondia o seu espanto pelo muito que já se fizera. E falava na língua oficial da pequena república:

"Pandan sa 6-zan k'in pase depi sa zour de glorie
le 5 Zen, 1 977, i napa okenn dout ki nou'n fer en
kantite progre.

Dan lavi en nasyon 6-zan i pa long e nou deve fyer
sa ki nou'n akompli dan sa de-trwa lannen. Imenn
annan dimoun ki 'n etonnen ler zot ekzamin sanzman
ki'n arive dan nou pei pandan sa 6-zan. Nou prop
fanmiy ki'n pas destrwa lannen a letranze i vremen
frape ler i retourn dan son pei. Wi, frer e ser,
Seselwa, nou pann dormi pandan sa 6-zan" - "Nation",
revista comemorativa do "Sizyenm lanniverser nou li-
berasyon".

No momento, do ponto de vista de uma futura classificação das línguas neolatinas sob uma outra visão, que inclua os dialetos românicos de segunda geração, o seixelhense é a mais importante; pois já goza do status de língua oficial, e língua literárias, dois critérios juntos, o político e o literário.

Próximo deste status está o haitiano, no qual se tem publicado muitos livros e do qual existem bons métodos, entre eles o por nós citado na primeira parte deste ensaio, de Pradel Pompilus "Manuel d'initiation à l'étude du créole".¹⁰

O crioulo haitien é ensinado no Haiti como língua auxiliar do francês, que ainda é a oficial. Mas ele começa a ser incentivado pelo Estado, desde os dias do Governo do Presidente Jean-Claude Duvalier sobretudo. Existe uma plêiade de crioulistas que o defendem e estimulam o seu uso como língua literária do Haiti, a única maneira de se fazer chegar ao povo, já que mais de 90% por alto da população falam o crioulo como língua única. Só entre os mulatos existe um bilinguismo acentuado, ou em negros de boa posição social. Faz dois anos saiu a segunda edição de um excelente romance de Emile Celestin-Mégie, "Lanmou pa gin Baryè",¹¹ que teve boa acolhida no país e deu fama ao seu autor. A compreensão do haitiano é mais escassa para um falante do francês do que a do seselwa, já comentado, isso talvez devido ao isolamento em que o país viveu por tantos anos. Para os adversários do crioulo, o número de franco-falantes aumenta, o que faria decrescer o de crioulos, e afirmam que este se corrompe a cada dia, pelo que não se prestaria para substituir jamais o francês, o que não nos parece verdadeiro. Para eles, o crioulo haitiano não é mais que um dialecto mal falado da língua d'oïl, como explica Pompilus, "une variété régionale du français du Nord de la France".¹² Isso porque existem ainda aqueles que querem ver no crioulo haitien uma língua africana, de origem ewé com vocabulário francês. A polémica persiste e os que escrevem em crioulo afrancesam-no muito, daí que Pompilus se põe em guarda, pregando a sua conservação mediante o ensino em todas as escolas. Falado em todo o território daquela conturbada república, o crioulo se divide em dois grandes grupos, que Pompilus chama de variedades: a do Norte e Oeste e da região das Cayes. Multíssimos linguistas têm escrito recentemente sobre o crioulo do Haiti e a Constituição de 27 de agosto de 1983 trouxe uma modificação que se poderia qualificar de substancial para a história do crioulo e a sua marcha em direção à oficialização. No art. 62 está:

"Les langues nationales sont le français et le créole. Le français tient lieu de langue officielle de la république d'Haiti".

Pode parecer pouco se comparado com o que aconteceu nas Seixelhas, mas é já o primeiro passo e, do ponto de vista jurídico, ampara-se o crioulo, que passa assim a ter entrada nos tribunais, nas escolas, nas discussões políticas e ser livremente escrito. Daí para tornar-se língua oficial ao lado do francês é bem pouco.

Menos sorte quanto à proteção oficial tem o crioulo da Reunião e da ilha Maurícia, onde segundo alguns são extensamente falados por toda a população pluriracial e plurilingual, e segundo outros, decresce forçado pela língua oficial inglesa. Nas Antilhas são falados crioulos em Guadalupe, Martinica, Santa Lúcia, Dominica etc. Sofrem profunda influência do inglês oficial e não se possuem dados precisos sobre a sua evolução ou diminuição.

Mas voltemos ao caboverdiano, aquele dentre os crioulos com base lexical portuguesa que mais próximo se encontra de atingir o status de língua oficial. Ele começa a ser amplamente usado pelos poetas ilhéus e já existe muito trabalho publicado em caboverdiano, cuja ortografia está mais ou menos fixada, ainda com algumas indecisões que os anos corrigirão. Como digamos antes, foi o primeiro que despertou muita curiosidade dos linguistas portugueses. Mas por longos anos se falou com desprezo desse crioulo, como alerta Rodrigo de Sá Nogueira, na magnífica introdução ao livro de Baltasar Lopes da Silva, "O Dialecto Crioulo de Cabo Verde"¹³

Contudo, muitos anos antes da independência de Cabo Verde que, até certo ponto estimulou o cultivo do crioulo, Osório de Oliveira, no seu vibrante e emotivo livro "Psicologia de Portugal",¹⁴ termina o seu ensaio sobre "As Ilhas Crioulas",¹⁵ com um canto de louvor ao caboverdiano, cuja independência linguística ele defende, assim como defendera a do português-brasilho. Diz ele, que se não era linguista, tinha uma grande sensibilidade para os assuntos que tanto fascinam a linguística:

"Como língua falada, o crioulo não se fixou ainda. Mas, não é lícito considerá-lo uma língua, embora incompletamente formada? Os povos que o falam, o clima em que eles vivem, a fusão de locuções e termos portugueses e africanos são elementos bastantes para dar ao crioulo carácter especial. Resta que alguém o codifique, desenvolvendo o estudo que dele faz Pedro Cardoso e o que lhe consagrou outro caboverdiano, Baltasar Lopes da Silva, na revista 'A língua portuguesa'. Só depois desse trabalho realizado se poderá ver de que lado está a razão: se dos filólogos, que consideram o crioulo um simples dialecto colonial português, se do lado deste mero curioso, que, por intuição, sustenta que se trata duma verdadeira língua" - op. cit. 142 e 143.

Ninguém mais o duvida e ainda em dias recentes, Mesquita Lima, estudando a obra de Corsino Fortes, poeta de Cabo Verde, no ensaio a - penso ao livro de poesias "Pão & Fonema",¹⁶ afirma:

"... o crioulo é uma língua de intelligentsia que permite voos literários, poéticos ou filosóficos que ultrapassam o popular ou o folclórico. O que não estava era aproveitado e os intelectuais quase se não serviam dele, dada a situação colonial existente em Cabo Verde, com todas aquelas implicações nos níveis psicológicos onde se geram complexos de povo dominado. Não preciso de insistir mais neste ponto, pois parece-me que Pão & Fonema é um exemplo

vivo, flagrante, daquilo que afirmo. De resto, parece que, hoje, alguns cabo-verdianos já discutem Marx em crioulo" - op. cit. p. 91.

Falta apenas que um governante de coragem e muita visão pense em imitar o gesto do Presidente René das Seixelhas. Sendo já uma língua literária, faltaria apenas o impulso político para lhe dar um outro status, o de língua oficial.

E concluo estas breves linhas sobre os idiomas neolatinos de segunda geração, citando mestre Leite de Vasconcellos quem, já tantos anos atrás, defendia o estudo dos crioulos como de muita importância para a linguística, para a psicologia da linguagem e para a filologia, porque

"eles revelam-nos operações notáveis no desenvolvimento da fala humana, e conservam por vezes formas obsoletas dos idiomas de que descendem" - in "Lições de Filologia Portuguesa", p. 317.

Notas e Referências ao

A d d e n d u m ao Capítulo V:

1. Bodmer, Frederick. O homem e as línguas. Guia para o estudioso de idiomas. Trad. de Aires da Mata Machado Filho et alii. Porto Alegre, Editora Globo, 1960. 606 p.
2. Hall Jr., R.A. Pidgins and Creoles as Standard Languages. In Socio-linguistics. Selected Readings. Ed. by J.B.Pride & Janet Holmes. Harmondsworth, Middlessex, Penguin Education, 1974. p. 142 - 155.
3. Whatmough, Joshua. Language, a Modern Synthesis. New York, Mentor Book, 1957. 240 p.
4. Op. cit. p. 54.
5. Morais-Barbosa, Jorge (organizador). Estudos Linguísticos Crioulos. Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Lisboa, 1967. p. xi e seguintes.
6. Op. cit. de págs. 1 usque 234.
7. Maduro, Antoine J. Papiamentu - Erornan di diccion i traduccion. Un guia pa esnan qu ta desea di papia i traduci corectamente. Corsou, Edição do autor, 1966. 34 p.
8. Goilo, E.R. Hablemos Papiamento. Aruba, De Wit Stores N.V., 1974. 88 p.
9. Fell, Irene. Papiamento - The Historic Language of the Dutch Caribbean. In Trade Wind. vol. 4, no. 4. July-August 1982. p.71 - 74.
10. Pompilus, Pradel. Manuel d'initiation à l'étude du Créole. Port-au-Prince, Ed. do autor, s/d. 75 p.
11. Celestin-Megie, Emile. Lanmou pa gin Baryè. 2a. ed. Port-au-Prince, Les Editions Fardin, 1984. (Esta editora, por sinal, tem muitas outras publicações em crioulo, edições simples e baratas). 215 p.
12. Op. cit. p. 3.
13. Silva, Baltasar Lopes da. O Dialecto crioulo de Cabo Verde. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. É o melhor estudo sistemático da língua caboverdiana. Traz excelente vocabulário e muitos trechos de leitura. 391 p.
14. Oliveira, Osório de. Psicologia de Portugal. Lisboa, Edições 'Descobrimento', 1934. 197 p.

15. Op. cit. de p. 117 usque 143. Sobre o belo ensaio "Afinidades de Cabo Verde", onde o autor cita vários poetas crioulos.
16. Fortes, Corsino. Pão & Fome. Contém o estudo análítico de Mesquita Lima. 2a. ed. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1980. 96 p. O livro tem alguns poemas em crioulo e, por sorte, não tão ideológicos e propagandísticos quanto alguns que por aí andam impressos e que nada mais são do que programas políticos em forma de verso.

E, AFINAL,

ALGUMAS OBSERVAÇÕES PARA UMA PROPOSIÇÃO

"Os distintos povos, as distintas culturas e as distintas línguas são as realidades concretas que correspondem à unidade ideal que nós chamamos Humanidade. A Humanidade realiza-se a través dos povos, a través das culturas, a través das línguas. Ou seja, a través da pluralidade. Reparemos bem nisso: a través da pluralidade, da diversidade e do cambio continuo. Porque é assim como a vida leva a cabo a sua constante e grandiosa atividade creadora".

Piñeiro López, Don Ramón. A língua e as línguas. Vigo, Editorial Galaxia, 1967. p.35.

"A forma da redação escolhida, deixou o autor livre da necessidade de dizer um pouco sobre tudo".

Аpresjan, Ju. D. Idéias e Métodos da Linguística Estrutural Contemporânea. Trad. de Lucy Seki. São Paulo, Editora Cultrix, 1980. p. x.

NO correr do presente ensaio, sobre assunto dos que parecem um tanto esquecidos mas que jamais perderam a sua importância e atualidade, Por uma Nova Classificação das Línguas Neolatinas que, como se diz em subtítulo, apresenta uma visão metodológica, se tenta, de maneira modesta, sem querer épater le bourgeois, reconsiderar alguns aspectos da classificação das línguas românicas, ainda extremamente conservadora e apegada ao que foi feito pelos grandes mestres da Romanística, que são Friedrich Diez e Meyer-Lübke. Mas, depois deles, quantas águas já correram...

Mudaram os critérios, que deixaram de ser eminentemente literários para dar-se também grande significado ao critério político, importante no seu tempo.

Talvez, em dados momentos, se tenha uma visão um tanto romântica de assuntos tão delicados. Mas já o notável Savj-Lopez falando do choque entre latinos e germânicos, propendendo para os latinos, como não poderia deixar de ser, defendia-se dizendo:

"È una visione alquanto idillica, la quale certamente un pò esagera e un pò altera la verità dei fatti storici" - "Le origini neolatine", p. 280.

Sempre haverá um pouco de visão idillica em todo trabalho feito com devoção e com carinho.

Não será diferente no momento em que estudamos uma nova classificação das línguas românicas. Pode haver muito das preferências do autor, das suas simpatias, da sua eleição de longa data, mas todo trabalho científico tem muito da eleição, preferência e simpatia do seu pesquisador e, se assim não fora, seria um trabalho de computador, sem a participação do homem que é todo pesquisador, por mais neutral que seja.

Defendemos, pois, nesta nova tentativa de classificação das línguas românicas um novo humanismo, que é o que pregamos em vários livros nossos.

Entendemos por humanismo na Linguística essa posição perene e central do homem nos seus estudos. O seu sentimento linguístico deve ser levado em conta e isso analisamos em capítulos anteriores.

Evitamos, de propósito, fazer sugestões que não pudessem estar amplamente amparadas em autores de nomeada e, mesmo aquela que, para alguns, é a menos sustentável, que a de incluir o moldávio entre as línguas românicas, ela tem por amparo a linguística soviética e o fato, que nos parece preponderante, de ser a língua de Estado da Moldávia. O que diz contra isso, se lhe foi já dado status de língua autônoma? A marcha da história não pára e querer manter uma postura extremamente conservadora, que

rendo que a linguística adote padrões de início do século não nos parece sensato.

Pode ser que o critério político não seja dos mais felizes mas é, sem dúvidas, dos mais eficientes e rápidos. O prestígio literário ajuda muito, mas é a força do Estado que vai ratificar o que os livros dizem. O italiano, dialecto de Florença, deve ao seu prestígio literário o ter sido feito a língua da Itália, mas não esqueçamos que havia outros dialectos literários, como ainda existem até hoje e que, sem terem tido a ventura de receber a proteção de casas reinantes, de dinastias, de governantes, jamais lograram uma ascensão oficial. E sempre assim e sempre assim será.

Não que com isso estejamos a defender a ingerência total do Estado na classificação das línguas, mas que ajuda não restam dúvidas. Foi assim como dizemos que aconteceu com o francês, com o espanhol e com o português, para só citarmos as mais importantes línguas românicas do presente. Assim o feito em data recentíssima com um idioma neolatino de segunda geração, o seixelhense, seselwa, bem distante lá nas ilhas das Seychelles. Um dia será a vez do caboverdiano e de outros.

Os critérios que adotamos, todos devidamente explicados no ensaio, são os que os mestres usaram e com proveito.

O fato de uma língua ter literatura escrita e ter defensores entre seus filhos, poetas e prosadores, é um meio caminho. Irá ajudar muito os dirigentes do país onde ela é falada no dia em que tudo estiver maduro e possa assumir o status de língua oficial.

Estudamos, igualmente, o porquê de algumas línguas românicas menores perderem terreno para grandes línguas internacionais e o porquê de se extinguirem, como aconteceu, lamentavelmente, com o dalmático. Cada língua que se perde, cada dialecto que desaparece, que deixa de ser falado é uma perda muito grande para a Humanidade, é um empobrecimento do homem que já tem tantas coisas que o empobrecem. Que perda para a Civilização do Universal é a extinção de uma língua, mesmo que falada por algumas centenas de pessoas...

A România parece estar sendo atingida por essa perda. Daqui a alguns anos, talvez na primeira década do século XXI já não existam alguns dialectos franco-provençais ou gascões ou provençais ou rético ou ladinos. Talvez o mirandês deixe de ser falado, talvez o corso se torne um verdadeiro patois e não seja cultivado. As grandes línguas de civilização se encarregam de destruir as pequenas línguas. Mas nenhuma língua desaparece se existe a firme vontade de seus falantes de preservá-la. Ainda faz poucos anos os manqueses se decidiram a reviver - ou revitalizar a sua, na pequenina ilha de Man. E ela escapou do desaparecimento. O hebraico reviveu, diríamos que milagrosamente, mas os mesmos judeus que

tanto fizeram pelo hebraico, deixam fenecer o judesmo ou ladino ou judeu-espanhol, cada dia menos falado.

São fenômenos que a sóciolinguística tenta explicar, mas sem muito êxito.

Para a nossa tentativa de classificação das línguas neolatinas, seguimos a vários mestres famosos e, mais de perto, ficamos com a classificação de Savj-Lopez que precisa ser melhor conhecida no Brasil.

A S S I M,

PROPOMOS que sejam considerados grupos de línguas, e não línguas, tout court. Monteverdi prefere chamar de sistemas de línguas. Mas é uma questão de terminologia. Esses grupos podem congrega dois ou mais dialectos semelhantes e podem situar-se dentro de uma mesma posição geográfica ou não.

Evitamos uma rígida separação entre dialectos e línguas, e ao falarmos em grupos linguísticos, tínhamos em mente aqueles bem separados uns dos outros, em que a mútua compreensão não era assim tão simples. A interinteligibilidade entre dialectos assume papel muito importante em uma classificação. Ninguém, por mais boa vontade que tivesse, poderia considerar o romanesco, outrora falado em Roma e hoje quase desaparecido, como um grupo linguístico, isto porque ele tanto se parece com o italiano-padrão que deste é uma variante, ou, se se queira, um dialecto, com alguma literatura e uma tradução completa da "Divina Commedia".

Aceitamos a clássica divisão entre Ocidente e Oriente, não só porque é impossível não levar em conta as suas características bem marcantes, como por ser ela tradicional e seguida sem discrepância pelos romanistas desde os dias de Friedrich Diez.

Na divisão dos dialectos de grandes línguas literárias como o francês, o espanhol, o português, o italiano etc. seguimos a divisão tradicional feita por especialistas sem entrarmos em mais profundidade, mesmo porque aqui não pñ o lugar certo para isso e sim em um estudo sobre dialectologia românica, o que é matéria específica e das mais complexas que exigem uma vida inteira de estudos e pesquisas de campo.

Adotando uma posição moderna em quanto à nova classificação das línguas, soubemos casar esse processo inovador com o tradicionalismo de algumas posturas que a Romanística vem adotando por um século e que continuará ainda a adotar e um desses processos é o da divisão oriente e ocidental.

Em nossa tentativa de classificação vimos do Oriente para o Ocidente. Vimos do grupo linguístico romeno para o grupo linguístico português.

Separamos os dialectos galo-itálicos, dando-lhes uma autonomia de resto reconhecida por eminentes linguistas como Giulio Bertoni e seguimos a lição de Savj-Lopez ao falarmos dos dialectos sardo-corsos, também estudados por Bertoni, como vimos em capítulo precedente.

Deixamos separados o grisonês, o ladino e o friulano e essa é uma de nossas contribuições, pois trazemos o que alguns mestres fizeram mas permanece pouco conhecido dos romanistas brasileiros.

Salientamos a autonomia dos falares franco-provençais e separamos o gascão do provençal, lição que vem dos dias de Gerhard Rohlfs e aceite pacificamente por quase todos os seus discípulos.

Deixamos separado o galego, lição já seguida no Brasil desde os dias de mestre Sousa da Silveira. Em Portugal, há muitos defensores dessa separação, como Lindley Cintra e o pioneiro Leite de Vasconcellos, mas ainda existem os ultraconservadores que querem vê-lo jungido ao português o que é inconcebível por muitos fatores e um dos mais recentes e não menos importantes é o que o considerou como língua regional.

Também, como parte de nossa modesta contribuição, vai o estudo superficial embora dos crioulos de origem românica. Não se pode ignorar que existe um crioulo que é língua nacional, literária e oficial de um pequeno Estado. Isso não o faria a 18a. língua da România, juntando-se às outras 17 já defendidas por linguistas eméritos e por nós elencadas possivelmente por primeira vez na Universidade de Santa Catarina?

PREFERIMOS nada concluir.

As línguas são extremamente dinâmicas e a Linguística acompanha esse dinamismo. É arriscado fazer conclusões finais em Linguística e pretensioso também. Sempre surgem novos dados. Quem sabe, no momento em que concluimos este ensaio o caboverdiano já tenha sido elevado à categoria de língua da República de Cabo Verde, desejo aliás de todo um povo, mas ainda não cumprido por causa de uma pretensa união comercial e cultura com o Mundo Luso-Brasílio?

FICAM, portanto, observações que pretendem ser o primeiro passo em futuros estudos nossos sobre o mesmo tempo, com mais atenção aos crioulos e com elas

ponemos ponto final a

Por uma Nova Classificação das Línguas Neolatinas.

PEQUENA ANTOLOGIA. SOBRETUDO EM VERSO,

DE TRECHOS LITERARIOS NA MAIORIA DAS

LINGUAS NEOLATINAS ESTUDADAS E EM

VARIOS CRIoulos.

1. — Romeno

Cînd pleci departe (de vechiul oras)

luminile se pierd în zare
noaptea se hrănește cu noi
și ca un nou cîntec de dragoste oceanul murmură în depărtare
cu toții (ușor, ascultă, sora?): este prima noapte de
drum către țara visată

frații mei se tînguiesc de moarte
ca niște melci pierduți pe un colan
de ce vă tînguți, frații mei, de moarte
ca melci marii pierduți pe un colan?

peștii marii: melci de mare, soici de pe colan...

Trecho de Iordan Chimet, um dos melho-
res estilistas romenos, extraído de "Lamento
pentru peștișorul Baltazar".

2. Dălmato

Serenata Dalmatica (Co ritornello)

Oh! maja inamuruta,
Oh! maja inamuruta
Ven su la balconuta
Oh! maja inamuruta!

Se no avai me cuza,
Oh, maja inamuruta
Blai che se prendiamo?
Oh, maja inamuruta,
Blai che se prendiamo?

No avai me cuza ne cuzeta
Ma noi do furme la vaita benedeta!
Oh, maja inamuruta!

Ju ai venit de nuif în ata contruta
Per favlur co la maja inamuruta
- Di la mundi! Di la mundi

Su la balconuta
Ziô che potaja favlur co la maja inamuruta!

Se no avaiame cuza ne cuzeta
Noi do furme la vaite inamuruta,
Oh, maja inamuruta!

Balada escrita por Newton
Sabbá Guimarães no dialeto da Ilha
de Veglia.

3. Italiano

L'infinito

Sempre caro mi fu quest'ermo colle,
E questa siepe, che da tanta parte
Dell'ultimo orizzonte il guardó esclude,
Ma sedendo e mirando, interminati
Spazi di là da quella, e sovrumani
Silenzi, e profondissima quiete
Io nel pensier mi fingo; ove per poco
Il cor non si spaura. E come il vento
Odo stormir tra queste piante, io quello
Infinito silenzio a questa voce
Vo comparando; e mi sovvien l'eterno
E le morte stagioni, e la presente
E viva, e il suon di lei. Così tra questa
Immensità s'annega il pensier Mio:
E il naufragar m'è dolce in questo mare.

Giacomo Leopardi, em um de seus
mais famosos poemas, extraído de
"Canti".

4. Sardo

Lamentos pro sa mamma morta.

Ah, mios ammentos, ammentos de una olta
 Cando mamma in via fia,
 Memoria de giola, de sas gentiles dies...

- Passant tottu:

Sas fozzas cum su bentu,
 Sa virde gala cum s'attunzu,
 Sa lughe cum sa notte
 S'erva creschet et s'erva siccat...
 Passant tottu! Passant tottu!...

- Ma una die...

Ben sa lughe
 Lughiat sa luna
 S'ischidat su eranu...

Ite virde est sa terra,
 Virde est su campu
 et est in festa sa terra!
 Naschent rosas et lizzos in sos giardinos
 - et sunt fioridos sos giardinos -
 Ma eo solu bido piantu et disaventuras!
 Crudele sorte mia, luttu eternu!
 - Sa mamma est fritta sutta tumba trista.
 Ah, ammentos, ammentos de una olta,
 Ammentos de su istante perdidu,
 Ammentos de sa mamma morta!

Elegia por Newton Sabbá

Guimarães, dos "Alguns poemas sardos
 e italianos". 1964. Dialecto logu
 dorês.

5. Corso

U nidu

Quandu iungu a lu paese.
 Tutti l'anni a statina,
 Vadu a vede, u primu iornu,
 Di bon'ora la mattina,
 Li me morti tant'amati
 Ind'a tomba apparecchiati.

Poi, lu core sollevatu

Da preghera e da li pianti,
 Mi ne tornu in casa meia
 Più tranquillu assai ch'avanti
 E mi sto guasi beatu
 Cu i ricordi d'u passatu.

Ma quest'annu a me la sorte
 Ha cuncessu una sorpresa.
 Sopr'a tomba d'a m'Ermiqila
 L'annu avanti aveva appesa,
 Cume pegnu d'u me amore,
 Una crona di dolore.

Or fra e perle e fra le viole
 Dall'imbernu un po' sibiadite,
 Vidi un nidu chi pareva
 Messu apposta cun le dite:
 Quellu logu benedettu
 Ageleti aveanu sceltu.

Quellu logu di riposu,
 Di silenziu e di tristezza,
 Per dui mesi voi empiste
 D'un cuncertu d'allegrezza
 Per la me surella amata:
 Fu quell'epuca beata.

Ella v'ha sentitu fa
 Branu a branu u vostru lettu;
 Ella v'ha sentitu di'
 Quant'amore avete in pettu;
 Ella ha gosu l'armunia
 Di la vostra cumpagnia.

Senti puru li cinini
 Rompe l'ove e mette e piume,
 E piulà tutti festosi
 Ricevendu lu manghiume;
 L'ha sentiti grandi e belli
 Lascià u nidu da per elli.

E turnatu allora u dolu
 E u silenziu di la tomba;

Ed è morta un'altra volta
 La rimpianta me culomba;
 Agellini, in primavera
 Qui turnate, Ella vi spera!...

Antonio Bonifacio, um
 dos maiores poetas em língua
 corsa.

6. Gallo-italico

Seugn Èd primavera...

Ti't ses coma la dossa primavera
 che bagna d'or l'erba e ij fior...
 Ah, i goi' da rimirar sorridend tramolo d'amor
 el to corp Èd reussa ch'a respira,
 - reussa fioria e carèssanta -
 la pi bela an mes a tante reusse
 è coma na rijada sclin-a,
 la toa caviara bionda
 è'l sole e la reussa'd seugn dl vita mia,
 E Arlete bela ti't ses la mia primavera!

Newton Sabbá Guimarães

1 964.
 Piemontês.

Buon cuore

Bravo! E fo par la rata d' Porta Sré
 Ch'un andeva davanti un ragazzol,
 Ch'e' sudeva calchend int' un cariol
 C'ui era so un bravol sprupusité.

Mè ch'a so pen d' bon cor e d' carità
 Avè sobit pieté d' che povar fiol:

Am cavè la gabana e 'e camisol
E via d' burida ch'am mitè a calché.

E a dseva: "T'è un patron dh' l'è un bel ebrè;
Com' al fat a mandèt insena iquà
Cun un baval icsé sprupusité?"

"E' patron un ha dett: valà, valà,
Che us pò scumettar ch'at incuntrarè
Un quelch pataca ch'ut aiutarà"

Olindo Guerrini

Romanholo.

7.

Grisonês

Not

Eu chamin jent
tras s-chür naira not
cha meis mans sun meis ügls
e meis peis van tscherchond
alch tschaint da's pozzar.

Eu viv jent il mumaint
illa praschunia da l'uossa,
sainza proget ne dovair,
sömgiond cun mai stess,
battond truois
chi battan be pacs,
palpond, scha scuvriess unsanua
alch s-chazi amo mà stat scuviert
e ch'eu tuorness cull'alba chi chatscha
a'l muossar a ma schlatta
chi's sfruscha la tschierpl' our dals ügls.

Duri Gaudenz

Romanche ladino.

Spievel

An bela notg e siemi tger
 rampunge da glats fon eir agler
 tgavels e sanc, digls spels! - Snavour!
 chels trogls, - sa morder or da spir amour!

U betg? - am para trogl pitost
 igl bel uman, chel paratost,
 tgi or da spir perfiditad
 sa gheglia, pecla e sasdat!

Sasdat? - o, glez fiss veira cagna,
 ma ras'el betg an odi pagna
 sur tera, mar e continent?
 Hm, segn da zont intelligent!

Gion Peder Thöni, extraïdo do
 livro "Pass ainten la neiv", em
 Romanche de surmeir.

Nus eassan is puspe egnea...

Nu eassan is puspe egnea
 su egna sava veiadaint
 an egn on nov, mo el e gea
 a nign da nus ancunaschaint.

Nus vagn vurdo da quella sava
 bagn ènc egnea sen gis passos,
 vagn vieu egn iert - forz'egna grava
 ca's schagn sper veia anavos.

Uss vardan tànts, sco'gl e ascheia,
 cun nova spränz' agl avagnir;
 tier tge c'la magna, nossa veia,
 savagn ni tei ni jou oz gir.

Gion Mani

Do livro "Anturn igl Bravegn".
 Romanche sutsilvano.

8. Friulano

Sere in montagne

No sai lafè plui gran malincunie
che di ciatâsi soi, in un paîs
di montagne, sul fâ de avemarie,

lontans di ciase, lontans dai amis
e dal tresiet, capitâz su in malore
fra i grebanos, svojâz, radrôs, scunîz.

O spietî sore un clap che suni l'ore
di gnot, e 'o polsi un flât, e 'o ciali il cret
de Mariane che al slûs come un bore

ancimò a lunc sul cil lampît e net.
Qualchi stele, né si né no 'e trimole
ad alt cum t'un lusignament cujet.

Fra i sterps di rôl e di noglar vengole
l'ultime bavesele, svintulant
un bon odôr di fen che mi console;

e a fil de bave s'intive, di quant
in quant, la vôs de But, clare, lontane,
che dismonte la grave ciantuzzant.

La pâs di cheste sere mi travane,
mi si disgote a got a got tal cur,
intant che si distude la Mariane,

intant che un pôc a la volte al ven scur.

Ercole Carletti,

natural de Udine e um clâssico
moderno do friulano.

9. Francês

Mort de Marie

Comme on voit sur la branche, au mois de mai, la rose
 En sa belle jeunesse, en sa première fleur,
 Rendre le ciel jaloux de sa vive couleur,
 Quand l'aube de ses pleurs au poitrⁿ de jour l'arrose:
 La grâce dans sa feuille et l'amour se repose,
 Embaumant les jardins, et les arbres d'odeur,
 Mais, battue ou de pluie ou d'excessive ardeur,
 Languissante elle meurt, feuille à feuille ^{de} close.

Ainsi, en ta première et jeune nouveauté,
 Quand la terre et le ciel honoraient ta beauté,
 La Parque t'a tuée, et cendre tu reposes.

Pour obsèques reçois mes larmes et mes pleurs,
 Ce vase plein de lait, ce panier plein de fleurs,
 Afin que, vif et mort, ton corps ne soit que roses.

Pierre Ronsard, quinhentista,
 autor de excelentes sonetos.

Autre rondel de l'adieu

Mourir, c'est partir un peu!
 Le dernier mot du problème
 N'est pas sur la lèvre blême:
 Regardez vers le ciel bleu.

Ce qui survit dans l'adieu,
 C'est le meilleur de soi-même
 Mourir, c'est partir un peu!
 O la douceur de ce vœu:

Si l'on quitte ceux qu'on aime,
 C'est avec l'espoir suprême
 De les retrouver en Dieu...
 Mourir, c'est partir un peu!

Louis Tiercelin
 poeta contemporâneo.

10.

Franco-provençal

Noël

L'angoz Gabriel fut tramey
 De Baradi a la bellaz
 Comme sajoz et cortei.
 Sen mena gran garanellaz
 La slua, disant: "Pucellaz,
 No sse pour quand tu me vey:
 Je t'aportoz la navellaz
 Qu'en ton ventr'a fruit beneyt.
 Quant je toz dbz, se me crey!"
 Noël ply de trenta vey!

La viergiz rogeysseyt
 En brogean suz loz messagoz;
 Apré loz musa noz vey
 Ly declara son coragoz:
 "Comme se farit l'ouvragoz?
 Je ne nuz jamay envey
 De cogneitre personagoz;
 Virginita j'ai promey,
 Pucellaz suy et sarey!"
 Noël ply de trenta vey!

L'angoz, comme bin aprey,
 Respondit et ly va dire:
 "Le Sainct Eprit orendrey
 Descendra en la maniriz
 Que cachera la lumieriz
 Du mysteroz un po toquey,
 Et naftroz sen grand fumieriz
 De tey un saint que je crey
 Fioz dé Dieu motra du dey".
 Noël ply de trenta vey!

"Mariaz, regardaz et vey
 Elizabet, ta cousinaz,
 Qui esteyt, ey n'a pa trey mey
 De conceyvre enfa indignaz;
 Consideraz un po sa minaz

Et son ventre , comme crey!
 La graciz de Dieu benignaz
 Ouvret en celui qui creyt
 Possible li et que qui seyt."
 Noé ply de trenta vey!

La viergiz jognit loz dey
 Die viagoz bin me de trenta,
 Disant: "Angoz, te me vey,
 Je suy du Seignour serventaz.
 Lua ssey Dieu, je n'ay pas crentaz
 Que celui lez m'abuyseyt!
 D'estre grossaz suy contentaz,
 Ma que nion ne me toucheyt!
 Comme ti a dict, inse seyt".
 Noé ply de trenta vey!

Estre uz but de noz mey,
 La viergiz fiert en palliolaz
 En Bethleem, ou Belley,
 Mein vallein de parpalliolaz.
 Ey n'y aveyt losaz ne tiollaz,
 Uz couvert de lour logey,
 Palliz, bry, piez, ne malliolaz
 Ne couvertioz quin qua seyt,
 Per loz gardaz de la freyt.
 Noé ply de trenta vey!

Noé ply de trenta vey
 A Jesus fioz de sa mare,
 La quallaz, comme je crey,
 Lo consiut sen gin de pare:
 Lo saint Eprit fit l'afare.
 Viergiz fut comme atre vey;
 Joseph ne fut que compare
 Du grand seignour Rey des reyz,
 Un solet Dieu en trey.
 Noé ply de trenta vey!

Nicolas Martin,
 poeta e músico savoiardo
 do século XVI. Dialecto
 da Savoia.

11. Provençal

La Camargo

Desempièi Arle jusqu'à Vènço,
 Escoutas-me, gènt de Prouvenço!
 Se trouvas que fai caud, ami, t'outis ensèn,
 Sus lou ribas di Durençolo
 Anen à santo-repausolo!
 E, de Marsiho à Valençolo,
 Que se cante Mirèio e se plagne Vincèn!

Lou pichot barquet fendié l'aigo,
 Sèns mai de brut qu'uno palaigo;
 Lou pichot Andreloun menavo lou barquet;
 E l'amourouso qu'ai cantado
 Em'Andreloun s'èro avastado
 Sus lou grand Rose? e, d'assetado,
 Countemplavo lis oundo em'un regard fousquet.

E ié disié l'enfant remaire:
 "Ve! coume es large dins sa maire
 Lou Rose!... Jouveinet, entre Camargo e Crau,
 Se ié farié de bèlli targo!
 Car aquelo isclo es la Camargo,
 E peralin tant s'espalargo
 Que d'ou flume arlaten vèi bada li sèt grau."

Coume parlavo, dins lou Rose
 Tout resplendènt di trelus rose
 Que deja lou matin i'espandissié, plan-plan
 Mountavo de lahut: di velo
 L'auro de mar gounflant la telo,
 Li campejavo davans elo
 Coume uno pastourello un troupèu d'agnèu blanc.

O magnifiqui souloumbrado!
 De frais, d'aubo desmesurado
 Miraiavon, di bord, si pège blanquginous;
 De lambrequo antico, bistorto,
 I'envertouiavon si redorto,
 E d'ou cimèu di branco forto
 Leissavon pendoyla si pampagnoun sinous.

Marrit oustau

Dins lou marrit oustau
i'avié plen de lagremo

De vièi crime trespiravon i paret

Chasco porto se barravo sus
lou crid d'uno vido perdudo

Te fau dire toun noum coume s'eres coumplice
à-n-uno meno d'ajudo-bouchié
rascladuro de chourmo e cafard de pouliço

Toucant la lindaniero un gadoui d'aigo negro
moute pourris ço que soubro de jour.

Reinié Mèjean, grande poeta
provençal vivo. Extraïdo do
livro "Lou tems clar".

12. Gascão

Soulitut

La noèyt eschenye de luère
ey premude per la herou;
qu'y mestréye lou hourouhou.
La noèyt ey negre, hère...

Segu l'ase de Mountastruc
qu'a engoulit la lue;
que la bebou en la lague,
que la bebou, l'arruc.

Que noun soubre ni tros ni migue:
mès nabeyente s'ou parsâ,
en ff, prabe en-lâ, en-ça
la Soulitut amigue...

Andreu Pic
poeta bearnès

Sense paraulos

En silenci
 de tos gouels berts
 qu'es hounec era mío tristesso.
 Dab paraulos n'as cap boulut
 parla dera tuo doulou
 ara ouro deds adius.
 Que m'as auèitat en silenci,
 enta dide-m que souffríos
 e qu'arregretaus d'ana-s'en.
 E que perderí et sanc e'ra bigou
 en ton silenci.
 Silenci de pèiro e de caudio,
 aimado, qu'es boutèc entre nousautis dus,
 silenci que-s planh,
 silenci que maco.
 Praube! S'em poudíoi endubia
 de separa-s sense 't silenci...

Poema de Newton Sabbá Guimarães
 traduzido ao gascão dos Pirineus
 por Madame Yvonne Ponsolle, poeta
 e dramaturga.

13.

Catalão

El pa

Panem nostrum quotidianum

El nostre pa, Senyor, de cada dia
 avui damunt la taula ens ha mancat
 i, sense pa, una amarga saboria
 en totes les viandes hem trobat.

La llum, que al cel encara resplendia,
 no ens arribava al cor, erm i glaçat;
 sentiem que el menjar ja no ens nodria
 perquè ja no hi trobàvem la bondat.

Feixuga és nostra vida i miserable
sentint la fam al cos i a l'esperit;
sofrint l'eixorca grapa del diable
talment un cranc que sè'ns arrapa al pit.

Oh Pare nostre, no Us volem deixar!
Torneu, Senyor, que Vós sou nostre pa!

Joan Llongueres,
poeta catalão moderno.
Do livro: "Sonets".

14.

Espanhol

Los heraldos negros

Hay golpes en la vida, tan fuertes... Yo no sé!
Golpes como del odio de Dios; como si ante ellos,
la resaca de todo lo sufrido
se empozara en el alma... Yo no sé!

Son pocos, pero son... Abren zanjas oscuras
en el rostro más fiero y en el lomo más fuerte.
Serán tal vez los potros de bárbaros atilas;
o los heraldos negros que nos mahda la Muerte.

Son las caídas hondas de los Cristos del alma,
de alguna fe adorable que el Destino blasfema.
Esos golpes sangrientos son las crepitaciones
de algún pan que en la puerta del horno se nos quema.

Y el hombre... Pobre... pobre! Vuelve los ojos, como
cuando por sobre el hombro nos llama una palmada;
vuelve los ojos locos, y todo lo vivido
se empoza, como un charco de culpa, en la mirada.

Hay golpes en la vida, tan fuertes... Yo no sé!

César Vallejo
poeta peruano moderno.

15. Galego

Malenconia

A tarde ven, toda malenconia,
a luz esvaíse pol-o ar diáfano,
ouro divino as ponlas tecen
do piñeiral lonjano.

Min'alma, ou, como ela é triste,
sintindo a vida latejar en aí,
querendo ser con plenitú d'esencia
n'un eterno vivir!

E vagamente espertan os desexos
de loitar cal os héroes que foron.
Emergen do meu peito apaixonado
o senxamios d'os soños.

Vaise já pôr o sol, silencio mudo.
Noite benta, tñ sejas p'ra vencer!
O vento canta o trunfo perdurante.
Ou trunfo, tamén t'eu canatarei?

Xohán Vicente Viqueira,
poeta galego moderno que usa uma
ortografía portuguesa.

Escravidude

Escravidude, o teu nome
é coitelo de dous fíos:
a túa propia escravitude
pola forza do cariño
ou a quea sofrera quen
deixando o seu albedrío,
vencellárase ós teus xugos
con cadeas e con grilos.

Manuel Arce e Valladares, poeta galego
moderno. Do libro: "Desdo fondo canta
o río".

16. Português

De tarde

Naquele "pic-nic" de burguesas,
 Houve uma coisa simplesmente bela,
 E que, sem ter história nem grandezas,
 Em todo caso dava uma aquarela.

Foi quando tu, descendo do burrico,
 Foste colher, sem impsturas tolas,
 A um granzoal azul de grão-de-bico
 Um ramallete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima duns penhascos,
 Nós acampámos, inda o sol se via;
 E houve talhadas de melão, damascos,
 E pão de ló molhado em malvasia.

Mas, todo púrpuro, a sair da renda
 Dos teus dois seios como duas rolas,
 Era o supremo encanto da merenda
 O ramallete rubro das papoulas!

Cesário Verde, poeta português, em "O Livro de Cesário Verde".

Textos em crioulos:

1. Tchuva Crioulo caboverdiano

Sbô perguntá vente
 pa lume dnha casa
 Oiá sol dnha fogon sem cuspe
 c'se gorfe molgode na boca

E Sbô perguntá rosha
 pa gente dnha raça
 Nem mar nem céu
 nem Criste ca sabê

Boca ta nascê na bô pulse braçode
 E Deus já morré
 três

cinq
 sete vez
 Na goela dnôs silence fogode

 Diâs-hâ pove sabê
 c'ma bô! tchuva
 Eum "bode motche capode"
 isto é
 O poço mais raso das nossas lesões.

Corsino Fortes

Poeta caboverdiano atual
 Do livro: "Pão & Fonema"

2. Solitid (Crioulo haitiano)

On ti kay
 klisê
 pinyin
 pay-lagé

On ti tab
 on ti ban
 on ti lanp
 tèt gridap

Lan on kwin
 atê

on nat

sou nat lan

on pil ranyon

Epi sou pil ranyon-an

on nèg dèk onstonbrê

kab janbê

sou lòt bò

gran rivyè

POU KONT LI

Rudolph Muller, poeta
 haitiano atual. Do Livro
 "Zinglin"

3. Konsonm mwens bann keksoz enporte (Crioulo seixelhense)

Dezyenmman mantalite ki nou bezwen sanze se nou latitid anver prodwi ki nou enporte. An plizyer fwa mwan menm e lezot responsab i'n koz lo nesesite pou nou konsonm mwens bann keksoz enporte. Nou'n koz lo lenz, nou'n koz lo manze, ensi-d-swit.

E pa mank lekou, a sak fwa serten parmi nou menm Seselwa i'n plenyen. Ki nou pe rode? Nou anvi fer dimoun met vilen lenz?

Nou pa oule dimoun manz bon manze? E napa ki zot pa dir.

Son rezon akòz nou dir sa i senp e en pti pe bonn volonte i si fi pou fer nou konpran.

De um discurso so
Presidente France Albert René.

4. E buki aqui ta trata di Alonso de Ojeda, un di e hombernan cu a juda descubri, conquistá i cimentá civilizaciôn na un parti di América i esun di promer cu a fiha su bista riba un isla chiquitu den Lamán Caribe sin cu lo é por a imagin'ê, cu un dia e isla aqui lo pot a jega na bira un di e perlanan mas briyante di West India.

Grandi e pueblo mester ta i grandi e hombernan cu a cimentá binti naciôn, prosperidad i grandeza di cuanan den poco tempu tin cu asombrá mundu, si loque nos ta mira i experimentá no ta engaño.

Do livro "Alonso de Ojeda",
de Constantino Bayle S.J. Trad.
ao papiamento por E.R. Goilo.

ET

DEO

GRATIAS

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA NO PRESENTE ENSAIO

1. Aebischer, Paul. Chrestomathie Franco-Provençale. Recueil de textes Franco-Provençaux antérieurs à 1 630. Berna, A. Francke S.A. Editeurs, 1 950. 150 p.
2. Amisio, Edmondo de. L'idioma gentile. Milão, Fratelli Treves, Editori, 1 920. 440 p.
3. Anglade, Joseph. Grammaire de l'ancien Provençal ou Ancienne langue d'Oc. Phonétique & Morphologie. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1 921. 448 p.
4. Anglade, Joseph. Grammaire élémentaire de l'ancien Français. Paris, Librairie Armand Colin, 1 973. 248 p.
5. Apresjan, Ju. D. Idéias e métodos da linguística estrutural contemporânea. Trad. de Lucy Seki. São Paulo, Editora Cultrix, 1 980. 297 p.
6. Ali, Mohammed. A Cultural History of Afghanistan. Ed. do Autor, 1 964, em Kabul. 255 p.
7. Arce e Valladares, Manuel Xosé. Desde fondo canta o río. Vigo, Salnés, 1 966. 75 p.
8. Arens, Hans. La lingüística. Sus textos y su evolución desde la Antigüedad hasta nuestros días. Trad. de José María Díaz-Regañón López. 2 tomos. Madrid, Editorial Gredos, 1 976. 1.097 p.
9. Arquint, Jachen Curdin. Vierv Ladin. Grammatica elementara dal rumantsch d'Engiadina bassa. Tusan, Lia Rumantscha, 1 964. 308 p.
10. Auerbach, Erich. Introdução aos estudos literários. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo, Editora Cultrix, 1 972. 278 p.
11. Bodmer, Frederick. O homem e as línguas. Guia para o estudioso de idiomas. Trad. de Aires da Mata Machado Filho et alii. Porto Alegre, Editora Globo, 1 960. 606 p.
12. Battisti, Carlo. Avviamento allo studio del latino volgare. Bari, Leonardo da Vinci Editrice, 1 950. 349 p.
13. Badia Margarit, Antonio M. Gramática catalana. 2 vols. Madrid, Editorial Gredos, 1 962. 478 + 542 p.
14. Baldinger, Kurt. La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica. Madrid, Editorial Gredos, 1 963. 398 p.
15. Bentes, Abraham R. Os sefardim e a Hakitia. Belém, Mitograph Ed., 1 981. 308 p.
16. Bertoni, Giulio. Italia dialettale. Milão, Ulrico Hoepli, 1 975. 249 p.
17. Borba, Francisco da Silva. Introdução aos estudos lingüísticos. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1 970. 316 p.
18. Bouzet, J. Manuel de grammaire Béarnaise. Billère, Edicions de l'Escole Gaston Febus, 1 975. 96 p.

19. Caesar's Commentaries on the Gallic War. Trad. de Edward Brooks, Jr. Philadelphia, David McKay Company, 1 895. 252 p.
20. Calinescu, G. Istoria literaturii române. Compendiu. Bucureste, Editura Pentru Literatură, 1 963. 429 p.
21. Câmara, Jr., Joaquim Mattoso. Dicionário de linguística e gramática. Petrópolis, Vozes, 1 984. 266 p.
22. Carballo Calero, Ricardo. Gramática elemental del Gallego común. Vigo, Editorial Galaxia, 1 976. 330 p.
23. Carré Alvarelllos, Leandro. El idioma Gallego en la Edad Media. Vigo, Artes Gráficas Galicia, S.A., 1 973. 48 p.
24. Carré Alvarelllos, Leandro. Diccionario Galego-Castelán. 4a. ed. La Coruña, Editorial Moret, 1 972. 1.045 p.
25. Carroll, John.B. O estudo da linguagem. Trad. de Vicente Pereira de Sousa. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1 973. 268 p.
26. Carvalho, J.G. Herculano de. Estudos lingüísticos. 1 o. vol. Coimbra, Atlântida Editora, 1 973. 327 p.
27. Carvalho, J.G. Herculano de. Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno lingüístico e a análise das línguas. II tomos. Coimbra, Atlântida Editora, 1 974. 672 p.
28. Ceccaldi, Mathieu. Anthologie de la littérature corse. Paris, Editions Klincksieck, 1 973. 814 p.
29. Ceccaldi, Mathieu. Dictionnaire Corse-Français. Paris, Editions Klincksieck, 1 974. 546 p.
30. Celestin-Magie, Emile. Lannou pa gin Baryè. 2ème ed. Port-au-Prince, Les Editions Fardin, 1 984. 215 p.
31. Cintra, Luis F. Lindley. Estudos de dialectologia portuguesa. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1 983. 216 p.
32. Chao, Yuen Ren. Língua e sistemas simbólicos. Trad. de Maria da Glória Novak. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1 972. 229 p.
33. Chimet, Iordan. Lamento pentru pestisorul Baltazar. Bucureste, Editura pentru literatură, 1 980. 126 p.
34. Coseriu, Eugenio. Licções de linguística geral. Trad. de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S.A., 1 980. 130 p.
35. Coseriu, Eugenio. Tradição e novidade na ciência da linguagem. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/São Paulo, Edusp, 1 980. 377 p.

36. Coseriu, Eugenio. O homem e a sua linguagem. Trad. de Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/ São Paulo, Fdusp, 1982. 191 p.
37. Couceiro Freijomil, Antonio. El idioma Gallego. Barcelona, Casa Editorial Alberto Martín, 1935. 503 p.
38. Crystal, David. A linguística. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1973. 322 p.
39. Darrigrand, Robert. Initiation au Gascon. 2e. éd. Per Noste, 1974. 303p.
40. Dauzat, Albert. Phonétique et grammaire historiques de la langue française. Paris, Librairie Larousse, 1950. 305 p.
41. Dauzat, Albert. L'Europe Linguistique. Paris, Payot, 1953. 239 p.
42. Decurtins, Alexi. Il romontsch. in model per la sort da minoritads linguisticas e culturalas? Chur, Ligia Romontscha, 1980. 14 p.
43. Delteil, Josèp. Nòstre Sènher lo segond. Tolosa, I.E.O., 1973. 123 p.
44. Díaz-Plaja, Guillermo. Historia del Español. Buenos Aires, Ciordia & Rodríguez, Editores, 1955. 163 p.
45. Dolf, Tumasch. Istorgias. (Texto em surtsilvano). Tusàn, Leia Rumàntscha, 1954. 87 p.
46. Dourguin, C. e Ch. Mauron. Lou Prouvençau a l'escolo. Saint-Rémy-de-Provence, Association Pédagogique 'Lou Provençau a l'escolo', 1976. 304 p.
47. Dubos, Jean et alii. Dicionário de linguística. Trad. de Frederico Pessoa de Barros et alii. São Paulo, Editora Cultrix, 1978. 753 p.
48. Elia, Sílvio. Orientações da linguística moderna. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1955. 245 p.
49. Elia, Sílvio. Preparação à linguística românica. 2a. ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S.A., 1979. 284 p.
50. Entwistle, William J. Las lenguas de España: Castellano, Catalán, Vasco y Gallego-Portugués. Trad. de Francisco Villar. Madrid, Edición Istmo, 1973. 443 p.
51. Fabra, Pompeu. Gramàtica catalana. Barcelona, Institut d'Estudis Catalans, 1931, 137 p.
52. Falcucci, F.D. Vocabolario dei dialetti della Corsica. Firenze, Ilicosa Reprints, 1972. 473 p.
53. Flavio Eutropius. Breviarium historiae Romanae ab urbe condita usque ad Valentem et Valentinianum Augustos. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1932. 128 p.

54. Fortes, Corsino. Pão & Fonema. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1980. 99 p.
55. Fortes, Herbert Parentes. A língua que falamos. Rio de Janeiro, Edições G.R.D., 1 957. 205 p.
56. Fourvières, Xavier. Lou pichot tresor. Avignon, Aubanel, 1 975. 774 + 264 p.
57. Fourvières, Xavier. Grammaire Provençale. Avignon, Aubanel, 1 975. 230 p.
58. Gleason, Jr. H. A. Introdução à linguística descritiva. Trad. de João Pinguelo. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1 978. 535 p.
59. Ganzoni, Gian Paul. Grammatica ladina. Grammatica sistematica dal rumauntsch d'Engiadin' ota per scholars e crschieus da lingua rumauntscha e tudas-cha. Samedan, Lia Rumaunetscha, 1 977. 235 p.
60. Goilo, E. R. Hablemos Parlamento. Aruba, De Wit Stores, N.V., 1 974. 88 p.
61. Gregor, D.B. Romagnol language and literature. Harrow, The Oleander Press, 1 972. 352 p.
62. Gregor, D.B. Friulan language and literature. Cambridge, The Oleander Press, 1 975. 360 p.
63. Grandgent, C.H. Introducción al Latín vulgar. Trad. de Francisco de B. Moll. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1 952. 384 p.
64. Greimas, A. J. Semiótica e ciências sociais. Trad. de Alvaro Lorenzini e Sandra Nitrini. São Paulo, Editora Cultrix, 1 981. 193 p.
65. Hamel, A.G. van. Geschiedenis der taalwetenschap. Den Haag, Servire, s/d. 84 p.
66. Hall, Jr., Robert A. Linguistics and your language. New York, Anchor Books, 1 960. 265 p.
67. Herrero, Victor José. Introducción al Estudio de la filología latina. 2a. ed. Madrid, Editorial Gredos, 1 981. 423 p.
68. Hjelmslev, Louis. Omkring sprogteoriens grundlaeggelse. Copenhague, Bianco Lunos Bogtrykkeri A.S., 1 943. 113 p.
69. Hollenberg, A. De natuurlijke inrichting der samenleving. Heemstede, Uitgeverij de Toorts, 1 941. 263 p.
70. Homburger, L. Le langage et les langues. Introduction aux études linguistiques. Paris, Payot, 1 951. 256 p.

71. Iordan, Iorgu. Introdução à linguística românica. Trad. de Júlia Dias Ferreira. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1 973. 607 p.
72. Jota, Zélio dos Santos. Dicionário de linguística. Rio de Janeiro, Presença, 1 981. 357 p.
73. Jucá (filho), Cândido. Gramática brasileira do português contemporâneo. 2a. ed. Rio de Janeiro, Epasa, 1 945. 400 p.
74. Julii Caesaris, Commentarii de Bello Gallico. Edição anotada pelo Dr. Joaquim Freire de Macedo. Paris, Lisboa, Livrarias Alaud, Bertrand, s/d. 311 p.
75. Kelly, Reine Cardaillac. A descriptive analysis of Gascon. The Hague-Paris, Mouton, 1 973. 214 p.
76. Ker, W.P. The dark ages. New York, Mentor Book, 1 958. 236 p.
77. Krahe, Hans. Indogermanische Sprachwissenschaft. I. Einleitung und Lautlehre. Sammlung Götschen, vol. 59. Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1 966. 110 p. Existe tradução espanhola:
78. Krahe, Hans. Linguística Indoeuropea. Trad. de Justo Vicuña Suberviola. Madrid, Instituto 'Antonio de Nebrija', 1 953. 167 p.
79. Krause, Karl. Die Sprache. München, Kösel-Verlag K.G., 1 954. 447 p.
80. Kretschmer, P. Introducción a la lingüística griega y latina. Trad. de S. Fernández Ramírez e M. Fernández-Galiano. Madrid, Instituto Nebrija, 1 946. 254 p.
81. Langacker, Ronald W. Language and its structure. Some fundamental linguistic concept. New York/Chicago/San Francisco/Atlanta, Harcourt, Brace & World, Inc., 1 968. 260p.
82. Lausberg, Heinrich. Linguística românica. 2 vlc. Trad. de J. Pérez Riesco e E. Pascual Rodríguez. Madrid, Editorial Gredos, 1 965. 559 + 390 p. Existe tradução portuguesa:
83. Heinrich Lausberg. Linguística românica. Trad. de Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schermann. 2a. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1 981. 458 p.
84. Larive & Fleury. La troisième année de grammaire. Paris, Librairie Armand Colin, 1 920. 408 p.
85. Leroy, Maurice. As grandes correntes da linguística moderna. Trad. de Izidoro Blikstein, José Paulo Paes e Frederico Pessoa de Barros. São Paulo, Editora Cultrix, 1 982. 239 p.

86. Lhomond. De viris illustribus urbis Romae a Romulo ad Augustum. Paris, Aillaud, Alves & Cia., Rio de Janeiro, Paulode Azevedo & Cia., 1 920. 408 p.
87. Llongueres, Joan. Sonets. Barcelona, Editorial Estel, 1 938. 128 p.
88. Leite, José Florentino Marques. Língua luso-brasília e sua base greco-latina. São Paulo, Edições Anchieta Ltda., 1 958. 303 p.
89. Lobo, Vaz. Grammatica historica. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1 936. 200 p.
90. Lovera, Romeo. Grammatica della lingua Romana. Milão, Ulrico Hoepli, 1 976. 215 p.
91. Lyons, John. Introdução à linguística teórica. Trad. de Rosa Virginia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo, Editora Nacional e Edusp, 1 979. 545 p.
92. Lyons, John. Lingua(gem) e linguística. Uma introdução. Trad. de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckemus de Souza. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1 982. 322 p.
93. Malmberg, Bertil. Los nuevos caminos de la lingüística. Trad. de Juan Almela. México, Siglo Veintiuno Editores, S.A., 1 974. 251 p.
94. Malet, A. Historia romana. Los orígenes, las conquistas, el imperio. Buenos Aires, Librería Hachette, S.A., 1 961. 189 p.
95. Martinet, André. Elementos de linguística geral. Trad. de Jorge Morais -Barbosa. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1 975. 223p.
96. Martinet, André. Conceitos fundamentais da lingüística. Trad. de Wanda Ramos. Lisboa, Editorial Presença, São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1 976. 471 p.
97. Meier, Harri. Ensaaios de filologia românica. Rio de Janeiro, Grifo, 1 974. 285 p.
98. Melo, Gladstone Chaves de. Iniciação à filologia e à linguística portuguesa. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1 971. 338 p.
99. Mistral, Frédéric. Mirèio. Pouèmo provençau. Com trad. francesa ao lado, do grande provençalista Louis Bayle. Lausanne, Editions Rencontre, s/d. 497 p.
100. Moll, Francisco de B. Gramática histórica catalana. Madrid, Editorial Gredos, 1 952. 448 p.
101. Marvà, Jeroni. Curs superior de gramàtica catalana. Barcelona, Editorial Barcino, 1 968. 467 p.

102. Monestier, Jean. Florilège des poètes gascons du Médoc. Bordeaux, Ecole Jaufré Rudel, 1 975. 131 p.
103. Monterisi, Mario. Storia di Corsica. Dalle origini ai giorni nostri. Milão, Fratelli Bocca, Editori, 1 941. 166 p.
104. Muller, Rudolph. Zinglin. Port-au-Prince, Les Ateliers Fardin, 1 979. 59 p.
105. Miras, Francisco. Compendio de Gramática Gallega-Castellana. Ed. fac. simil. Madrid, Akal Editor, 1 978. 148 p.
106. Manuppella, Giacinto. A língua italiana. 2 vols. Lisboa, Publicações Europa-América, 1 953. 2o. vol. 323 p.
107. Martins, Jaime de Sousa. Elementos de gramática histórica. 2a. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937. 156 p.
108. Melo, Gladstone Chaves de. A língua do Brasil. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1 971. 209 p.
109. Molde, Bertil e Elias Wessén. Svensk språklära för danskar. Copenhague, Ejnar Munksgaard, 1 948. 102 p.
110. Monteiro, Clóvis. Português da Europa e Português da América. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1 959. 184 p.
111. Mounin, Georges. Introdução à linguística. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1 976. 166 p.
112. Murrell, M. e V. Ștefănescu-Drăgănești. Romanian. Teach yourself books. London, The English University Press, 1 970. 428 p.
113. Nazari, Oreste. I Dialetti italici. Milão, Ulrico Hoepli, 1 978. 364 p.
114. Nelli, René. La poésie occitane. Ed. bilingue. Paris, Editions Seghers, 1 972. 366 p.
115. Niculescu, Alexandru. Outline history of the Romanian language. Trad. de Andrei Bantaș. Bucureste, Editura științifică și enciclopedică, 1 981. 187 p.
116. Nogueira, Júlio. O exame de português. Rio de Janeiro, Livraria Editora Freitas Bastos, 1 930. 365 p.
117. Nunes, José Joaquim. Compêndio de gramática histórica portuguesa. Fonética e morfologia. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1 975. 456 p.

118. Nouvel, Alain. L'occitan sans peine. Chennevières sur Marne, Assimil, 1 975. 439 p.
119. Pellicciardi, Ferdinando. Grammatica del dialetto romagnolo. La lengva dla mi tèra. Ravenna, Longo Editore, 1 977. 182 p.
120. Pic, Andreu. Proses e povesies. Librie de l'Escole Gastou-Febus, 1 976. 202 p.
121. Pei, Mario. Language for everybody. What it is and how to master it. New York, Pocket Books, Inc., 1 958. 340 p.
122. Piñeiro López, Ramón. A lingoaxe e as lingoas. Vigo, Editorial Galaxia, 1 967. 52 p.
123. Pedersen, Holger. The discovery of language. Trad. de John Webster Spargo. Bloomington & London, Indiana University Press, 1 967. 360 p.
124. Pompilus, Pradel. Manuel d'initiation à l'étude du créole. Port-au-Prince, edição do autor, 1 982 (?). 75 p.
125. Ponsolle, Julo. La fount de l'or. Edição do autor, 1 963. 16 p.
126. Ponsolle, Yvonne. Entre bedie. Pècos de teatre en parla gascon. Biblioteco dera Scolo dera Pireneos, 1 980. 295 p.
127. Pittau, Massimo. Grammatica del sardo-nuorese. Bolonha, Casa Editrice Prof. Riccardo Patron, 1 972. 210 p.
128. Palhano, Herbert. Literatura portuguesa. 1a. série do curso colegial. São Paulo, Editora do Brasil S.A., 1 954. 142 p.
129. Pop, Sever. Grammaire roumaine. Berna, Editions A. Francke S.A., 1 948. 457 p.
130. Porta, Carlo. Poesie a cura di Dante Isella. Arnoldo Mondadori Editore, 1 975. 1.066 p.
131. Porzig, Walter. El mundo maravilloso del lenguaje. Problemas, métodos, y resultados de la lingüística moderna. Trad. de Abelardo Moralejo. Madrid, Editorial Gredos, 1 964. 507 p.
132. Potter, Simeon. A linguagem no mundo moderno. Trad. de Antonio Ramos Rosa. Lisboa, Editora Ulisséia, 1 965. 235 p.
133. Pride, J.B. e Janet Holmes.(org.). Sociolinguistics. Harmondsworth, Middlesex, Penguin Education, 1 974. 381 p.
134. Prosa Rumantscha/Prosa Romontscha. Antologia sem nome do organizador. Zürich, Schweizer Verlagshaus AG., 1 967. 316 p.
135. Rauta, Aurelio. Gramática rumana. Prólogo de César Real de la Riva. Consejo Superior de la Investigación Científica. Universidad de Salamanca, 1 947. 489 p.

136. Raetia '70. Antologije de poesie ladine-grisone resinte. Sem nome possevelmente de Domenico Zannie, que faz a apresentação. S. Danie le del Friuli, Ribis, 1 978 (?). 189 p.
137. Reichling, Anton. Verzamelde studies over hedendaagse problemen der taalwetenschap. Zwolle, N.V. Uitgeversmaatschappij W.E. J. Tjeenk Willink, 1 969. 111 p.
138. Regnaud, Paul. Eléments de grammaire comparée du grec et du latin. 2a. parte. Morfologia. Paris, Armand Colin & Cie. Editeurs, 1 896. 376 p.
139. Ribeiro, João. Diccionario grammatical. 3a. ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1 906. 331 p.
140. Ribeiro, João. A língua nacional e outros estudos linguísticos. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Petrópolis, Editora Vozes, Ltda. 1 979. 276 p.
141. Risco, Vicente. Historia de Galicia. Vigo, Editorial Galaxia, 1 952. 193 p.
142. Robins, R.H. Pequena história da linguística. Trad. de Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S.A., 1 983. 203 p.
143. Robins, R. H. Linguística geral. Trad. de Elizabeth Corbetta A. da Cunha et alii. Porto Alegre, Editora Globo, 1 977. 395 p.
144. Rónai, Paulo. Como aprendi o português e outras aventuras. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1 956. 270 p.
145. Rosetti, Al. Istoria limbii române. I. De la origini pînă în secolul al XVII-lea. Bucureste, Editura științifică și enciclopedică, 1-978. 936 p.
146. Sarmiento, Fray Martín. Estudio sobre el origen y formación de la lengua gallega. Buenos Aires, Editorial Nova, 1 943. 157 p.
147. Sapir, Edward. A linguagem. Introdução ao estudo da fala. Trad. de J. Mattoso Câmara Jr. 2a. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1 971. 262 p.
148. Savj-Lopez, Paolo. Le origini neolatine. Milão, Ulrico Hoepli, 1 976. 407 p.
149. Saussure, Ferdinand de. Cours de linguistique générale. 5a. ed. Paris, Payot, 1 955. 331 p.
150. Seignobos, Ch. Histoire de la civilisation ancienne. Tomo I: Orient, Grèce et Rome. 3a. ed. Paris, Masson et Cie., Editeurs, 1 902. 368 p.

151. Schlatter, Martin. Ich lerne Romanisch, die vierte Landessprache. Grammatik des Unterengadiner-Romanisch. Scuol, ed. do autor, 1 947. 80 p. A mesma obra em trad. francesa:
152. Schlatter, Martin. J'apprends le Romanche, quatrième langue nationale. Grammaire abrégée du Romanche de la Basse-Engadine. Trad, de M. Viredaz. Lausanne, Ed. de la Jorette Lausanne, 1 973. 100 p.
153. Scheitlin, Walter. Il pled puter. Grammatica ladina d'Endiadin'ota. Samedan, Union dals Grischs, 1 972. 240 p.
154. Silva Neto, Serafim da. Fontes do latim vulgar. 3a. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1 956. 257 p.
155. Silva Neto, Serafim da. Manual de filologia portuguesa. 2a. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1 957. 434 p.
156. Silva Neto, Serafim da. Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil. 2a. ed. Rio de Janeiro, INL/MEC, 1 962. 273 p.
157. Sousa, Arlindo de. A língua portuguesa no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1 960. 271 p.
158. Sousa, Frei João de. Vestígios da língua arábica em Portugal. 1 981 (nenhuma outra indicação). 160 + 32.
159. Silveira, Sousa da. Licções de português. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1 972. 312 p.
160. Stépanov, Y. (org.). Linguistique générale. Système et structure du langage. Moscou, Editions du Progrès, 1 931. 348 p.
161. Stolz, F. - A. Debrunner - W.P. Schmid. Geschichte der lateinischen Sprache. Sammlung Göschen, vol. 492/492a. Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1 966. 145 p.
162. Silva Neto, Serafim da. História da língua portuguesa. 2a. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1 970. 651 p.
163. Teyssier, Paul. História da língua portuguesa. Trad. de Celso Cunha. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1 984. 113 p.
164. Tavares, José Pereira(org.). Antologia de textos medievais. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1 957. 325 p.
165. Thöni, G.P. Rumantsch-Surmeir. Grammatica per i gl idiom surmiran. Coira, Ligia Romontscha, 1 969. 365 p.
166. Todd, Loreto. Pidgins and Creoles. London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1 974. 106 p.
167. Torres, Artur de Almeida. Estudos filológicos. Rio de Janeiro, J. Ozon Editor, 1 964. 162 p.
168. Torres, Artur de Almeida. Estudos linguísticos. Rio de Janeiro, Fahupe, 1 978. 160 p.

169. Vasconcellos, J. Leite de. Licções de filologia portuguesa. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1 966. 488 p.
170. Vasconcellos, J. Leite de. Filologia barranquenha. Apontamentos para o seu estudo, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1 981. 217 p.
171. Velleman, A. Dicziunari scurznieu da la lingua ladina, cun traducziun Tudaïs-cha, Francesa ed Inglaïsa. Samaden, Engadin Press Co., 1 929. 928 p.
172. Viana, A. R. Gonçalves. Estudos de fonética portuguesa. Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1 973. 270 p.
173. Vendryes, J. Choix d'études linguistiques et celtiques. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1 952. 352 p.
174. Verdaguer, Jacint. L'Atlàntida. Poema. Barcelona, Editorial Selecta, 1 971. 197 p.
175. Whatmough, Joshua. Language, a Modern synthesis. New York, Mentor Books, 1 957. 240 p.
176. Wendt, Heinz F. Sprachen. Frankfurt am Main, Fischer Bücherei K.G. 1 966. 382 p.